
DAVID POWLISON
BOM
e
BRAVO
Como santificar
a ira, a irritação,
a reclamação
e a amargura


DAVID POWLISON
BOM
e
BRAVO
Como santificar
a ira, a irritação,
a reclamação
e a amargura

“Bom e bravo, escrito por Powlison, ocupa agora seu legítimo lugar como número um nas minhas recomendações sobre o tema ira – para não mencionar que este livro é a resposta cristã mais sábia e completa que já li ao subtema do ódio a si próprio.”

Tony Reinke, DesiringGod.com; apresentador do podcast Ask Pastor John; autor de Newton on the Christian Life: To live is Christ

“Se existe um conselheiro neste planeta qualificado para se aproximar de você e mostrar-lhe a verdade sobre sua própria pessoa e sobre o Senhor que o ama, esse conselheiro é David Powlison. Há décadas ele tem sido a voz principal de conselhos repletos de graça, falando de uma posição de profunda sabedoria e exegese criteriosa. Se você, ou algum conhecido, tem problemas com ira, este livro é para você. Em outras palavras, todos deveriam adquiri-lo.”

Elyse Fitzpatrick, autora de Counsel from the cross

“Recomendar algo que tomou quinze anos da vida de ‘sal e luz’ do doutor David Powlison é um privilégio. Como pastor anglicano de uma paróquia localizada na periferia de Charleston, SC, em constante luta com a ira e em contato direto e pessoal com ela na nossa comunidade, os ‘recursos de Deus’ e as experiências contidos nas páginas de Bom e bravo são muito relevantes para mim. Eles me possibilitarão ensinar aos outros como ‘reformular a ira’ biblicamente.”

Dallas H. Wilson Jr., pastor, St. John’s Chapel, Charleston, Carolina do Sul

“David Powlison não trata a ira como uma doença a ser curada ou como um vício a ser superado. Afinal de contas, a Bíblia às vezes descreve tanto Jesus quanto seu Pai celestial como estando irados. Não espere encontrar panaceias reconfortantes nestas páginas. Pelo contrário, aqui você encontrará esquadrinhamentos bíblicos e a esperança do evangelho que possibilitarão que você seja bom e bravo.”

D. A. Carson, Professor pesquisador de Novo Testamento, Trinity Evangelical School, Deerfield, IL; cofundador da The Gospel Coalition

“Este livro é Powlison da melhor qualidade: equilibrado, perspicaz e rico em nuances. Powlison delineia nossa ira (tanto a boa quanto a má) não fazendo uso de versículos isolados, mas com base no evangelho e na amplitude e profundidade da narrativa bíblica. Este é um daqueles livros que não apenas lemos, mas que também adquirimos exemplares para presentear os amigos.”

Paul Miller, Diretor de seeJesus, autor de A loving life

“É raro encontrar conhecimento que seja biblicamente preciso e, ao mesmo tempo, aplicável à vida em grande parte daquilo que já foi escrito sobre a ira. O doutor David Powlison é uma exceção impressionante. Ele maneja seu discernimento na escrita com cuidado e sabedoria, como um pastor que usa o cajado para direcionar e defender as ovelhas amadas pelo Pastor mais importante. Sua compreensão da Palavra de Deus e do coração da humanidade é incrivelmente clara, convincente, condenatória e, ao mesmo tempo, consoladora.”

Joseph Vincent Novenson, Pastor sênior de ensino, Lookout Mountain Presbyterian Church, Lookout Mountain, TN

“Bom e bravo é o melhor livro que já resenhei sobre a essência da ira. David Powlison capta as nuanças do coração, e seu entendimento criterioso e meticuloso da ira de uma perspectiva bíblica é uma contribuição significativa para o movimento de aconselhamento bíblico. Ele nos mostra que, tendo Cristo como exemplo e o evangelho como guia, nós podemos perdoar, ser motivados a mostrar misericórdia e até mesmo aprender a amar nossos inimigos. Eu recomendo este livro a qualquer pessoa que já tenha sentido ira, que ame alguém que lute com ela e, sobretudo, àqueles que não acham que têm problemas com esse sentimento. Minha oração é que este livro seja tão útil para você quanto foi para mim.”

Garrett Higbee, Diretor-executivo, Biblical Soul Care Ministries

“David Powlison ajuda-nos a pensar com clareza sobre nossa ira, independentemente da forma que ela tenda a tomar. Este livro é apropriado para todos e segue um estilo de aconselhamento interativo. Esteja você já ciente ou não do seu problema com a ira, este livro é uma necessidade. Bom e bravo é um recurso excepcional para todos – de pais e professores a pastores e missionários.”

Gloria Furman, obreira transcultural; autora de The pastor’s wife e Missional motherhood

“O que mais se destaca no aconselhamento e na escrita de David Powlison é que ele está disposto a sujar as mãos para aplicar o evangelho aos problemas básicos da nossa vida. Suas discussões não apenas lidam com a realidade das nossas lutas, mas com a realidade da sua própria busca por ajuda – a uma profundidade que a maioria de nós não tem capacidade ou coragem o suficiente de encarar. Contudo, por mais preocupantes que sejam os problemas abordados, as verdades do evangelho que ele nos revela são reconfortantes e realistas. Ele esquadrinha seu próprio coração a fim de ajudar-nos a trazer a restauração do evangelho ao nosso coração.”

Bryan Chapell, Pastor da Grace Presbyterian Church, Peoria, IL

“Este é o livro mais completo, bíblico, revelador e prático sobre a ira que já li. Os conceitos são explicados com clareza e uma abundância de ilustrações, provenientes tanto do registro bíblico quanto do nosso próprio cotidiano. É evidente que o autor tem vasta experiência na área e que está consciente dos conflitos pessoais e interpessoais que desencadeiam as reações de ira em nós. É difícil imaginar alguém que não poderia ser ajudado por este livro.”

Miguel Núñez, Pastor sênior, International Baptist Church of Santo Domingo; presidente, Wisdom and Integrity Ministries

“Bom e bravo capta, com destreza, a maneira como cada um de nós precisa santificar nossa ira, transbordando em sabedoria prática para que isso aconteça. Este livro vai muito além da gestão da ira, reorientando-nos a todo o instante para os propósitos redentores que Deus tem para esse sentimento com relação às transgressões reais e, ao mesmo tempo, desvendando as mentiras que alimentam a fúria destrutiva e as lamúrias insensíveis. Há muito tempo eu não lia um livro tão perscrutador e reconfortante.”

J. Alasdair Groves, Diretor de aconselhamento, CCEF New England

“Bom e bravo oferece um olhar abrangente sobre a ira positiva e a ira destrutiva. De modo especial, aprecio como David considera as formas dissimuladas de ira, como a indiferença, o distanciamento e o desprezo, que são tão pecaminosas e destrutivas quanto as formas mais agressivas, como a raiva e a intimidação. Incentivarei meus clientes que estão vivendo relacionamentos destrutivos a estudar este livro a fim de obter mais consciência do que está por trás da ira que os domina.”

Leslie Vernick, Assistente social clínica licenciada; coach de relacionamentos; palestrante; autora de The emotionally destructive marriage e The emotionally destructive relationship

“Nos círculos cristãos, com muita frequência nossa abordagem às emoções tende a ser simplista e negativa: ‘Sentir raiva é ruim. Deixe disso’. É por isso que sou tão grato pela sabedoria robusta e libertadora de David Powlison, encontrada em Bom e bravo. David ensina-nos como o evangelho da graça de Cristo emancipa nosso coração de modo que até mesmo a conturbada emoção da ira pode refletir, de maneira bela e produtiva, o amor santo de Cristo.”

Bob Kellemen, Professor catedrático de Aconselhamento Bíblico, Crossroads Bible College; autor de Gospel-centered counseling: How Christ changes lives

“Luto contra a ira pecaminosa todos os dias. Este livro é uma excelente fonte de ajuda para entender meu problema, discernir minhas motivações, examinar as mentiras nas quais costumo acreditar e diagnosticar as raízes profundas do pecado que me levam a explodir em raiva ou a recuar em desdém insensível e cheio de ódio. No capítulo sobre ira contra Deus, Powlison convida-nos a tomar uma atitude corajosa de sinceridade que nos coloca no caminho do arrependimento, o cenário doce e escarpado da vida de todo cristão.”

Barb Duguid, autora de Extravagant grace

“Acho que já senti ira santa antes, mas não com muita frequência. A maior parte dos meus episódios de ira está bem longe de ser santa. Neste livro, repleto de sabedoria e com aspecto extremamente prático, David Powlison usa sua habilidade de compreender o coração humano – uma habilidade que desenvolveu durante toda a vida – para ajudar-nos a lidar com um dos maiores problemas do mundo: a ira e tudo o que conduz a ela.”

Philip Ryken, Presidente, Wheaton College

“David Powlison ajuda-nos a ver que a ira não é um problema a ser resolvido, mas uma resposta humana natural à injustiça, às coisas que acreditamos ‘não ser certas’. O problema que enfrentamos é como reagir ao que ‘não é certo’ sem pecar. Powlison incentiva-nos a admitir nosso problema com a ira pecaminosa, expõe suas raízes e ensina-nos a ‘expressar, do jeito certo, o tipo certo de ira’. Eu precisava deste livro. E, se for parecido comigo, você também precisa dele.”

Juan R. Sanchez, Pastor sênior, High Pointe Baptist Church, Austin, Texas

“Ao longo dos anos, as obras de Powlison têm sido recursos extremamente úteis para o ministério pastoral. Bom e bravo não é diferente; este livro fornece um discernimento perspicaz sobre uma emoção humana muito prevalente. Do leigo ao pastor experiente, ele auxilia todos aqueles que procuram encontrar a raiz da ira. Ao fazer isso, Powlison leva seus leitores, com argúcia e brandura, aos braços da misericórdia divina.”

Stephen T. Um, Ministro sênior da Citylife Presbyterian Church, Boston, MA

“Com a humildade e a sabedoria que lhe são características, David Powlison produziu um rico recurso para a compreensão da ira. Ele nos leva além do nosso reflexo de reprimir e arrepender-nos desse sentimento e mostra-nos como ele pode passar a refletir os propósitos amorosos de Deus em Cristo. O ‘descontentamento construtivo da misericórdia’ é uma expressão sobre a qual meditarei por muito tempo.”

Winston Smith, membro do corpo docente, Christian Counseling and Educational Foundation

“Todos nós lutamos contra o pungente dissabor de emoções e desejos provenientes do grande leque da ira. Esse problema nos frustra, entristece e, muitas vezes, escraviza. Precisamos de um guia sábio e compassivo para nos mostrar a misericórdia da Palavra de Deus. David Powlison é um homem de paz, e suas palavras neste livro transpiram sabedoria e apontam para a graça que o próprio Cristo oferece para a mudança. Uma vez que a ira é um problema de todos, todos nós precisamos deste livro.”

Heath Lambert, Diretor-executivo da Association of Certified Biblical Counselors; pastor associado da First Baptist Church Jacksonville, FL

“David Powlison nunca é simplista. Esta análise biblicamente rica e psicologicamente criteriosa coloca a ira sob a lente do microscópio e mostra-nos como ela pode ser complexa. Ela também nos mostra como relacionar a ira aos grandes temas das Escrituras: a graça, a redenção e a restauração de todas as coisas. Leia este livro e entenda por que a ira é muito mais relevante do que você imaginava. Leia este livro e aprenda a irar-se e, ao mesmo tempo, a ser bom.”

Steve Midgley, Diretor-executivo, Biblical Counselling UK

“O livro Bom e bravo, de David Powlison, representará uma obra seminal na área do cuidado bíblico. Ao oferecer uma compreensão conceitual sólida da ira ao leitor e sugerir-lhe ideias bíblicas valiosas para a mudança, este livro contém verdades que o capacitam a abordar a luta da ira em suas variadas formas com mais eficácia. O estilo e a sabedoria de Powlison são sempre profundos e revigorantes. Este livro não é uma exceção.”

Jeremy Lelek, Presidente, Association of Biblical Counselors

“Este é o oposto de um livro de autoajuda; é um livro de ‘Deus-ajuda’. Aqui encontramos reflexões claras, incisivas e penetrantes sobre o que Deus diz sobre a ira – e sua santificação pela graça – na Bíblia. O destaque vai para o tratamento dispensado por Powlison à natureza exemplar da ira de Deus, às numerosas formas pelas quais nossa ira fica aquém da ira divina e ao engano encontrado nas defesas cristãs da ira contra Deus. Repetidas vezes, este sábio compassivo da santificação nos conduz de volta àquele que venceu nossa ira – e sua própria ira – na cruz.”

Eric L. Johnson, Professor “Lawrence and Charlotte Hoover” de Cuidado Pastoral, The Southern Baptist Theological Seminary


DAVID POWLISON
BOM
e
BRAVO
Como santificar
a ira, a irritação,
a reclamação
e a amargura

Bom e Bravo – Como santificar a ira, a irritação, a reclamação e a amargura, de David Powlison © 2020 Editora Cultura Cristã. Título original Good and Angry – redeeming anger, irritation, complaining and bitterness Copyright © 2016 by David Powlison. Traduzido e publicado com permissão da New Growth Press, 728 W. Davis Street – Burlington NC 27215, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2020

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

P888b

Powlison, David

Bom e bravo / David Powlison; tradução Giuliana Niedhardt. – São Paulo : Cultura Cristã, 2020.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: Good and angry

ISBN 978-65-5989-156-6

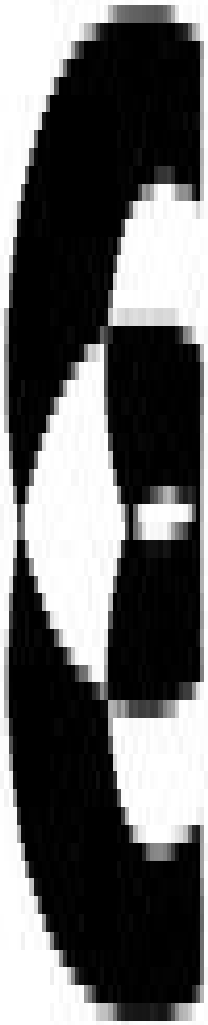
1. Aconselhamento 2. Pastoreio 3. Vida cristã I. Niedhardt, Giuliana II. Título

CDU-262

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação

confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTĂ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Dedico este livro a Mark e Karen Teears, a Barbara Juliani e à New Growth Press. Obrigado. Graças à persistência, humildade e prestimosidade de vocês, conseguimos fazer com que este livro fosse publicado.

Nós testemunhamos um milagre da graça que faz os anjos se regozijarem!

Sumário

Agradecimentos

Introdução

SEÇÃO 1: NOSSA EXPERIÊNCIA

Pessoas iradas

Você tem um problema sério com a ira?

Isso se aplica a você?

SEÇÃO 2: O QUE É IRA?

“Sou contra”

Todo o seu ser fica irado

Natureza, convivência… e a natureza humana

O descontentamento construtivo da misericórdia – Parte 1: paciência e perdão

O descontentamento construtivo da misericórdia – Parte 2: caridade e conflito construtivo

Bom e bravo?

A melhor ira, o melhor amor

SEÇÃO 3: COMO MUDAR

Um espelho para sua ira

Ele dá maior graça

Oito perguntas: desconstrua sua ira para se reconstruir

SEÇÃO 4: COMO RESOLVER OS CASOS DIFÍCEIS

“Nunca conseguirei superar”

Iras do dia a dia

Você fica irado consigo mesmo?

Ira contra Deus

Palavra final

Notas

Agradecimentos

Sou grato porque minha fé foi moldada, e ainda é alimentada, por homens e mulheres que entendem que viver como cristão é viver como um ser humano honesto, sábio e humilde. Toda capacidade humana, toda atividade humana, todas as esferas da vida humana devem ser “muito boas” – tal como já fomos pela criação à imagem de Deus, tal como nunca somos porque caímos e tal como voltou a ser na pessoa de Jesus. Porque ele se importa, sua ira é como deveria ser, e sua misericórdia diz a palavra final em todos aqueles que o amam. Porque ele se importa, refaz tudo o que é humano – até mesmo essa coisa difícil, incontrolável e destrutiva a que chamamos de ira – a fim de que nos tornemos semelhantes a ele.

Introdução

Todos nós temos experiência em primeira mão com o tipo errado de ira. Nós fizemos críticas. Nós as recebemos. Vimos e ouvimos outros ficando irados uns contra os outros. É possível que, todos os dias, em algum momento, você seja afetado por alguma forma do tipo errado de ira – seja ela proveniente de si mesmo ou de outra pessoa.

Muitas vezes, ela é branda: frustração, reclamação, irritação. Muitas vezes, ela é velada: pensamento crítico, agressão passiva. Muitas vezes, ela é entranhada, oculta da consciência: aparece disfarçada de brincadeira, anestesiada por distrações, ocupações ou substâncias entorpecentes. Por vezes demais, ela é intensa: amargura, hostilidade, violência. Não surpreende que, quando o apóstolo Paulo lista os pecados mais comuns, metade da lista diz respeito à família da ira (Gl 5.19-21).

No entanto, o tipo certo de ira é um grande bem. Ele diz: “Isso é errado” e age de modo a proteger os inocentes e indefesos. Ele diz: “Isso é errado” e nos estimula a lidar com problemas reais. Deus, que é bom e faz o bem, expressa a boa ira por uma boa causa. Jesus é bom e fica irado – a serviço da misericórdia e da paz. Ele pode e quer nos perdoar pelo nosso tipo errado de ira. Ele pode e quer nos ensinar a sentir o tipo certo de ira.

Mas é difícil separar o tipo bom do tipo mau, não é? E é ainda mais difícil mudar quando a ira que sentimos é do tipo mau. Por que problemas comuns como este são tão difíceis de resolver?

Todos nós estamos no mesmo barco. É difícil sentir a ira do tipo certo. A menos que de alguma maneira você tenha se anestesiado quanto à condição humana, cada um de nós luta contra a ira. Meu principal objetivo neste livro é ensiná-lo a lidar com sua ira de maneira mais eficaz e sincera. A sua (e minha) luta contra a ira durará a vida inteira, mas pode ser algo positivo. Podemos aprender a lidar com ela de uma maneira diferente.

Este livro não ensina a “resolver” problemas com a ira. A palavra resolver sugere que podemos alcançar um resultado final. Isto é, que algumas respostas e

algumas mudanças de comportamento bastam para acabar com os problemas. Ela sugere que o tipo ruim de ira é simplesmente um mau hábito. Porém, a ira não é um problema a ser resolvido. É uma capacidade humana, como o sexo, a felicidade e a tristeza. É uma reação humana complexa a um mundo complexo. E, como todas as capacidades e respostas humanas, às vezes ela funciona bem; porém, muitas vezes é expressa da maneira errada. A ira gera problemas. No entanto, sentir e expressar o tipo certo de ira da maneira correta é um bom objetivo.

Não posso prometer uma técnica, uma ideia ou uma estratégia infalível. (Quando se trata de ira, nada é infalível.) Não vou sugerir clichês motivadores para reformular aquilo que você diz a si mesmo a fim de equilibrar seu humor. Não vou fornecer técnicas de relaxamento e respiração profunda para ajudá-lo a manter a calma. E definitivamente não vou incentivá-lo a entrar em contato com seu verdadeiro eu e dizer ao mundo como você se sente.

Contudo, prometo que há maneiras sábias e verdadeiras de refletir sobre a ira e lidar com ela. Há maneiras de tratar a ira que produzem o bem. Há maneiras de tornar-se mais pacífico em muitas situações e de expressar uma ira mais pura em situações que a exigem. Há, até mesmo, maneiras de errar bem: quando aprendemos a encontrar misericórdia e a nos levantar depois de cair.

O que você traz à mesa?

Iremos abordar assuntos difíceis. Você vai participar? Refletirá a fundo sobre o assunto? Será sincero? Tomará atitudes construtivas? Afinal de contas, estamos falando sobre ira. Ela é a emoção sombria e turbulenta da destruição.

Iremos examinar tanto incidentes isolados que deixam um gosto amargo logo depois, quanto vidas inteiras que azedam por causa de amargura acumulada. Contemplaremos a ira vulcânica, mas também irritações momentâneas. Descobri que muitas vezes a maior parte daquilo que aprendemos vem das pequenas coisas: das decepções, frustrações, discórdias e queixas do dia a dia. E aquilo que aprendemos é transferido para as grandes coisas. É como aprender a andar antes de aprender a caminhar sobre a corda bamba.

Se você estiver disposto a participar da conversa, verá que este livro fala sobre a sua ira.

Você escolheu este livro por algum motivo. Numa atmosfera construtiva, na nossa busca por sabedoria viva e verdadeira, por que não deveríamos tratar de coisas grandes? Podemos falar abertamente e pensar com cuidado sobre as coisas que realmente importam.

A ira tem muita importância.

Errar na ira é errar na vida.

Compreender a ira é compreender a vida.

Considere a leitura deste livro como uma conversa sincera sobre algo que realmente importa. Estamos sentados à mesa da cozinha para um bate-papo longo, franco e demorado. Uma boa conversa inclui pausas para pensar – às vezes, pausas grandes. Às vezes, é necessário voltar mais tarde e terminar aquilo que você não conseguiu expressar em palavras.

Este livro está dividido em quatro seções. A primeira seção o ajudará a fazer perguntas e a explorar sua experiência pessoal com a ira. A segunda seção responderá à pergunta: o que é ira? A terceira seção abordará como a ira destrutiva se transforma em algo construtivo. A última seção analisará casos difíceis.

Três sugestões

Permita-me sugerir três coisas para a leitura deste livro. Cada uma delas é uma maneira diferente de aproveitar seu tempo enquanto lê.

Primeira, leia com uma caneta em mãos. Já desde o início, vou pedir que você

pare por alguns instantes e se posicione com relação a algo. Vou fazer afirmações. Então, você deverá escrever com calma o que acha. Dar exemplos. Eu lhe farei perguntas. Pondere, explore e reflita com calma. Anote suas respostas. Mantenha a caneta em mãos, assim você poderá registrar a ideia central sobre o que estiver pensando, sobre o que estiver se perguntando ou sobre aquilo com que estiver lutando. Traga sua vida real para a discussão. É claro que, como o escritor, cabe a mim falar primeiro nas páginas impressas. Porém, seus detalhes pessoais farão a história ganhar vida. Cada capítulo termina com uma seção intitulada “Personalizando”, que lhe dá a oportunidade de interagir com o que leu e de reagir.

Segunda, leia o livro com um marca-texto em mãos, além da caneta. O que chama a sua atenção durante a leitura? Reserve um tempo para grifar uma frase em cada página ou em cada seção. Ao final de cada capítulo, volte e releia aquilo que destacou. Em seguida, escolha a frase que mais saltou aos seus olhos e considere as seguintes perguntas:

Por que você a escolheu?

O que ela significa para você?

Como sua vida mudaria se essa frase se tornasse uma realidade a seu respeito?

Se você tem dúvidas ou discorda dela, coloque isso em palavras.

A caneta e o marca-texto o ajudarão a reparar em algum aspecto, parar por um momento e considerá-lo para que possa responder a essas perguntas.

Terceira, preste bastante atenção sempre que se perguntar: Mas e quanto a…? As perguntas “Mas e quanto a…?” (MEQA) são muito importantes. Elas são pontos de conflito que você encontra naquilo que escrevo. A sensação é de que alguma coisa que você deseja saber ainda não foi dita. Suas principais dúvidas vêm à tona quando você pergunta: MEQA…? Suas perguntas colocam em foco as percepções e experiências de vida às quais precisa dar sentido. Este livro é o produto de centenas de perguntas MEQA que fiz sobre a ira ao longo de muitos anos.

As perguntas MEQA podem gerar um problema. Elas nos distraem se forem feitas em voz muito alta ou na fase muito inicial do processo. Paramos de escutar. A conversa não flui. Não permita que suas perguntas MEQA tomem o controle. Anote-as e guarde-as para mais tarde.

Este livro convida você para uma refeição vagarosa. Se, no meio dos aperitivos, você exclamar: “Mas e os pãezinhos? O que tem de sobremesa? Quem vai lavar a louça?”, não conseguirá saborear a entrada. É possível que uma pergunta importante que surgiu na sua mente durante a leitura do capítulo 2 só seja respondida no capítulo 8. Talvez você discorde veementemente de algo que leu no capítulo 5 e só encontrará uma explicação satisfatória, ou, pelo menos, uma sugestão plausível que vale a pena considerar, no capítulo 17.

O tema da ira irrompe com grandes perguntas. Pode ser que, enquanto estivermos atrás de uma breve resposta, ela acabe se tornando uma resposta às suas grandes perguntas. Portanto, tome nota das suas perguntas MEQA e prossiga a leitura.

Se levar a sério este livro, você sentirá o tipo correto de ira com mais frequência. Porém, sem dúvida continuará errando. Talvez você já conheça sua tendência, isto é, saiba se sua ira é branda, velada, entranhada ou intensa. Talvez você já tenha aprendido maneiras sábias de lidar com o erro de maneira construtiva. Porém, independentemente do ponto em que se encontrar no processo de enfrentamento da ira, Deus é misericordioso. Ele não é surpreendido pelos nossos pontos cegos. Ele não é surpreendido pelos nossos erros. Deus é misericordioso. Ele vem ao nosso encontro de bom grado. Ele opera com paciência e persistência. Ele é misericordioso e não desistirá de você. Ele conclui a boa obra que começou.

Tenho certeza de que você crescerá em autoconhecimento ao ler este livro e refletir sobre ele. Estou certo do que terá ainda mais consciência da sua necessidade da misericórdia, da força e da proteção de Deus. Você crescerá em conhecimento sobre seu Pai, seu Salvador, seu Espírito vivificante. O próprio Jesus assegurou isso e selou com seu sangue. Peça, e ele o dará. Busque, e encontrará. Bata, e ele abrirá a porta e o receberá. Evidentemente, não há um roteiro. Você crescerá de maneiras impossíveis de prever. Às vezes, você se sentirá consternado e desencorajado diante da aparente dificuldade do caminho.

Se não tiver sabedoria, peça a Deus. Ele não o censura por precisar de ajuda (Tg

1.5). Às vezes, você se sentirá contente e encorajado porque a ajuda do Senhor foi surpreendentemente direta e imediata. E eu sei que, no final, você estará repleto de alegria. “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6).

<< PERSONALIZANDO >>

1. Houve algum momento nesta introdução em que você se perguntou: Mas e quanto a…?

(As perguntas ficarão mais difíceis daqui para frente.)

2. Volte nesta introdução com seu marca-texto e destaque a frase que mais chamou sua atenção. Por que você a escolheu?

SEÇÃO 1:

NOSSA EXPERIÊNCIA

Os próximos três capítulos têm como objetivo dar-lhe uma ideia da destrutividade da ira e do seu potencial construtivo. Eles visam a ajudá-lo a pensar com clareza sobre suas próprias tendências. Enxergar-se com mais nitidez é uma preparação para o processo. Então, as explicações e soluções apresentadas adiante farão sentido para sua luta real.

Capítulo 1

Pessoas iradas

Talvez você se identifique com George Banks no filme O pai da noiva. Ao conversar com o noivo da filha, George (interpretado por Steve Martin), a descreve da seguinte maneira:

Annie é uma pessoa muito intensa, e pessoas intensas tendem a reagir de maneira exagerada às vezes. Annie vem de uma longa linhagem de pessoas que reagem de maneira exagerada. Eu: perco o controle facilmente. Minha mãe: uma doida. Meu avô: as histórias a seu respeito são lendárias. Porém, a boa notícia é que essa característica tende a diminuir proporcionalmente a cada geração, de modo que seus filhos podem ser normais.

Pessoas intensas, pessoas que reagem de maneira exagerada, pessoas que perdem o controle. Sob a atuação de Steve Martin, esse comportamento parece hilário e um pouquinho irritante, mas, ainda assim, muito humano.

No entanto, na vida real a ira é a reação que destrói casamentos e desintegra famílias. Ela estimula a fofoca e atira nos colegas de classe. Ela divide igrejas, transforma amizades em inimizades e explode em violência no trânsito. Ela é a substância de todos os tipos de ressentimento e amargura. O fato de alguns reagirem de maneira menos acalorada não significa que não ficam irados. Afinal, a ira também está no DNA da reclamação, do ressentimento, da irritabilidade e do bate-boca. Esse problema é como um par de chinelos: um mesmo tamanho serve em todos os pés. As questões cruciais da ira se aplicam a cada um de nós.

Este livro é para todos, pois todos sentimos ira. Se você sempre foi teimoso, briguento e instável, saiba que aparece nestas páginas. Se uma vida repleta de

decepções e desilusões o transformou numa pessoa amargurada, este livro é para você. E, mesmo se tiver uma personalidade mais tranquila, saiba que você também está representado aqui. Ao expressar a ira, alguns explodem, alguns incubam, alguns aparentam letargia – mas todos a sentimos. E, se não sentimos, é porque nos anestesiamos ou nos desligamos da realidade.

Eu, por exemplo, nasci calmo. Não é mérito meu ter um temperamento comedido por natureza. Passei muitos anos acreditando que não tinha problemas com ira. Para mim, as pessoas iradas eram incompreensíveis e um pouco intimidadoras. Eu me perguntava por que elas se permitiam ficar tão alteradas por nada. Porém, com o tempo uma das duas coisas aconteceu: ou eu me tornei uma pessoa pior, ou eu passei a me conhecer um pouco mais. Ressentimentos não expressos, distanciamento defensivo, julgamento, irritabilidade moderada, postura crítica, fuga de conflitos diretos, indiferença a males reparáveis – estas são apenas as variedades menos dramáticas do meu problema com a ira, como descobri. Minha tendência pessoal nunca foi partir para a ofensiva em guerra declarada e irascível. Eu me especializei mais em manter uma distância segura de conflitos – e, se necessário, travar uma simples guerra fria.

Por que eu, dentre todas as pessoas, haveria de escrever um livro sobre ira? Meu interesse pelo assunto aumentou à medida que passei a perceber que eu também (do meu próprio jeito tranquilo) sou parte do problema, não simplesmente um observador ou vítima da ira dos outros. Ao mesmo tempo, minha intenção é ajudar outras pessoas, sejam elas as que operam em modo explosivo, as que vivem em profunda amargura e as que são mais parecidas comigo. Todos nós precisamos de ajuda.

Já conheci muitas pessoas iradas. Durante meu último ano de faculdade, trabalhei como segurança do Club Casablanca aos sábados. Em inúmeras ocasiões, precisei lidar cara a cara com clientes extremamente grosseiros. Certa vez, um bêbado ficou tão furioso quando eu o escoltei para fora do bar que ameaçou voltar com uma arma e me matar. Fui embora imediatamente. Não esperei para saber se ele estava falando sério.

Trabalhar em hospitais psiquiátricos por quatro anos também foi, para mim, uma lição constante sobre amargura e hostilidade. Quarenta horas por semana trancado dentro de enfermarias resultou num aprendizado e tanto sobre os aspectos sombrios da alma humana. Muita ira vem à tona numa ala psiquiátrica. E ela tem muitos companheiros infelizes: a confusão, a mágoa, a ilusão, a

autopiedade, o medo e – os mais tristes de todos – as falsas esperanças, as esperanças destruídas e a simples falta de esperança. Fiquei familiarizado com um poço de sofrimentos aos quais nenhum de nós está imune.

Sim, já conheci muitas pessoas – incluindo aquela que vejo quando olho no espelho – para as quais a ira causa mal, não bem. Agora, depois de mais de quarenta anos atuando no ministério de aconselhamento, reuni material suficiente para montar um "hall da fama" – um rol de amargura, destrutividade e pura infelicidade – ao qual intitulei "Pessoas iradas que conheci". Veremos vários exemplos a seguir.

Pistoleiros domésticos

A ira não é simplesmente uma emoção intensa que arde dentro de nós. Ela é interpessoal. Ela afeta os outros. Certa vez, aconselhei um casal que protagonizou um tiroteio em sua própria casa na periferia. Willy, no andar de cima, com uma pistola; Brenda, no térreo, com um fuzil. Eles haviam discutido. Um bate-boca comum, de todo dia. Porém, as coisas esquentaram mais do que de costume, e as palavras agressivas se transformaram numa Terceira Guerra Mundial. Uma série de tiros foi disparada pela escada, vindos tanto de cima quanto de baixo. A briga conjugal resultou em marcas de bala nas paredes, vizinhos aterrorizados e sirenes de polícia à porta da casa. Conversar comigo foi uma obrigação imposta pela justiça por terem cometido um crime doloso. Por algum motivo, eu nunca me esqueci dessa história.

É provável que você nunca tenha participado de um tiroteio. Eu também nunca. Porém, o marco no processo de compreensão da minha própria ira foi o dia em que eu simplesmente aproximei uma revista do rosto.

Isso aconteceu por volta de dez horas da noite. Eu e minha esposa, Nan, havíamos acabado de colocar nosso filho temperamental de 2 anos na cama. A pia estava transbordando de louças sujas do jantar. A bagunça deixada pelo bebê era tanta, que a sala parecia ter sido varrida por uma catástrofe natural. Um cesto cheio de roupas limpas precisava ser esvaziado e a roupa guardada.

Alheio a tudo isso, eu me esparramei no sofá para ler a última edição da National

geographic. Nan aproximou-se alguns minutos depois e falou: “Sem dúvida, seria muito bom se alguém me ajudasse com a arrumação”. Eu aproximei a revista alguns centímetros do rosto e mergulhei na leitura.

Na minha mente, observei: Estou com raiva. Mas não disse uma única palavra. Porém, por dentro eu exclamava a plenos pulmões: Foi um dia comprido. Preciso de uma pausa. Se ela tivesse pedido com mais educação, tudo bem. Não estou com vontade de fazer isso agora. Poderíamos fazer isso amanhã. Vá embora e não me incomode. Por que isso está acontecendo comigo? Contudo, por incrível que pareça, certa sensatez também se intrometeu nos meus pensamentos: Você está com raiva. O amor é paciente, mas você está sendo impaciente agora. O amor é gentil. Você está sendo grosseiro. O amor dá. Você está sendo egoísta. Sua retração é uma forma de ódio. Naquele momento, fui tomado por aquilo que é verdadeiro, por palavras sopradas por Deus de um modo muito pessoal. Então, caí em mim e me levantei do sofá.

Iniciar um tiroteio é uma maneira de repelir o outro e proteger o próprio território. Grudar o rosto na revista é outra maneira de fazer o mesmo. Porém, naquela noite fiz as pazes com Deus, que é paciente, bondoso e generoso. E também fiz as pazes com Nan: pedi perdão pelo meu egoísmo e lavamos as louças juntos.

O vulcão

Explosões de ira não são apenas acontecimentos isolados. Posturas dissimuladas podem tornar-se uma característica que molda a vida das pessoas. Helen tinha 60 e poucos anos. Era uma mulher tão consumida pelo ódio que, quando se apresentou a mim, suas mãos e voz tremiam. A ira havia destruído seu casamento, intimidado e indisposto seus filhos, causado diversas demissões e afastado todos aqueles, que, algum dia, procuraram ser seus amigos.

Ela me contou sobre desgostos que havia sofrido há muitas décadas. Por exemplo, anos antes ela fora a responsável pelas questões referentes ao áudio da igreja. Seu problema era que o pastor costumava pregar de 32 a 35 minutos, excedendo os 28 minutos máximos para que o sermão coubesse na fita cassete com capacidade para meia hora de gravação (sim, isso foi há muito tempo). A

amargura de Helen e as fofocas que ela espalhava (tinha dezenas de queixas semelhantes contra dezenas de pessoas igualmente difíceis) acabaram dividindo a igreja.

No dia em que a conheci, sua ira parecia recente e intensa, como se todas as ofensas tivessem ocorrido segundos antes, não cinco, 25 ou cinquenta anos atrás. A raiva fervilhava ininterruptamente, como algo quase incontrolável, à beira de uma explosão. Ela era o "vulcão Santa Helen" (apelido irônico que seu filho lhe dera e o motivo pelo qual ele mantinha distância – e, consequentemente, a sanidade). Infelizmente, ela sofreu todo o distanciamento que causou, toda consequência negativa e todo relacionamento destruído. E, como se não bastasse, transformou esse sofrimento em mais uma boa razão para ter raiva de todas as pessoas terríveis com as quais a vida havia lhe castigado.

Você provavelmente não é tão intolerante ou destrutivo quanto Helen. Ela estava pronta para explodir a qualquer instante, sem necessidade de provocação. No entanto, ela é apenas uma versão extrema de um problema comum.

Quando algo pequeno mexe conosco, isso diz muita coisa sobre nós mesmos. Eu não precisei premeditar quando aproximei aquela revista do meu nariz. Simplesmente tomei a atitude. Se um lampejo de sensatez não tivesse se apoderado de mim e me feito levantar do sofá, aquele pequeno ressentimento – e outros dez mil que certamente o seguiriam – poderia ter agido em mim de modo a destruir meu casamento. O tipo ruim de ira não simplesmente desaparece de uma hora para outra. Ela supura a vida inteira. De igual modo, a ira boa, construtiva, que soluciona problemas – como a misericórdia – não simplesmente aparece de uma hora para outra. Ela deve ser cultivada ao longo de toda a vida.

O iceberg

A ira é a emoção "acalorada" por meio da qual descarregamos nosso desagrado. Todavia, algumas das formas mais nefastas desse sentimento podem ser frias como o gelo. Jimmy tinha 16 anos. Ele se sentou na cadeira ao meu lado, bastante tranquilo – na verdade, bastante entediado. Seus pais achavam que ele precisava conversar com alguém, mas ele não estava muito interessado em falar comigo. Após um tempo, conseguimos passar da fase constrangedora de silêncio

e respostas monossilábicas. Abrindo-se um pouco, Jimmy contou várias histórias sobre como havia sido maltratado pela família, pelos colegas, pelos professores, por Deus e por toda a droga do universo. Ele recitou, com detalhes, toda a injustiça, parcialidade, traição, decepção, ofensa e coisas bobas cometidas contra ele. O jovem guardava consigo uma ficha criminal do mundo todo.

Jimmy desempenhou ali todos os papéis com perfeição: vítima do crime, denunciante prejudicado, promotor, juiz draconiano, júri unânime, público indignado e carrasco resoluto. A maioria das suas histórias era até razoável, mas nenhuma das ofensas parecia particularmente ultrajante. Eram coisas que acontecem a todos. Porém, duas coisas no jovem chamaram a minha atenção.

Primeira, ele falava em tom monótono e invariável. Suas emoções pareciam zeradas. Era como se ele estivesse lendo um roteiro de telemarketing. E aquela ladainha maçante de queixas era mais assustadora do que um acesso explícito de ira. Em determinado momento, eu perguntei: “Você sente raiva?” (Eu o estava convidando a dizer o óbvio. Queria que isso saísse da sua própria boca. Nossa conversa poderia tomar um bom rumo se admitíssemos a existência de, pelo menos, uma coisa digna de ser discutida.) Jimmy pareceu surpreso por um instante. Então, recuperou a calma e respondeu, sem rodeios: “Não, eu não fico com raiva… eu revido”. Sua ira era fria, não quente. Podia ser mais bem comparada a um “assassinato premeditado, a sangue-frio” do que a um “crime passional”. Ele não estava disposto a desperdiçar energia emocional com a gentalha e a escória que a vida lhe impunha.

Segunda, Jimmy vivia num universo do qual ele era o protagonista. Tudo girava em torno de um ser extremamente importante e extremamente ofendido. Cada cena no seu filme, cada página do seu livro, cada notícia do seu jornal diário gravitava em torno dele mesmo – mas ele nunca era o agente ou a causa de nada. Cada pessoa, cada acontecimento, cada lugar e cada objeto existiam apenas à medida que afetavam seu prazer ou desprazer. E, uma vez que quase todos os personagens da história haviam dedicado a própria vida a tornar Jimmy infeliz, ele se sentia no direito de levar adiante esse modus operandi de vingança fria e apática.

Fiquei aterrorizado diante daquela paranoia lógica e impassível. Ali, eu vi a ira no seu modo genocida: eficiente, decidida e tão natural quanto colocar o lixo para fora ou exterminar insetos.

Você provavelmente não é tão frio e vingativo quanto Jimmy. Eu também não sou. Mas convenhamos: aproximar a National Geographic do rosto? Esse foi um momento de frieza. Alguma forma de hostilidade caracterizada por calma ou indiferença está sempre à espreita em todo relacionamento. Todas as reações e emoções humanas, por mais complexas que sejam, apresentam variações sobre os temas de amor e ódio. A princípio, a distância e a indiferença não se parecem com ira, mas, quando pressionadas, fazem com que a ira venha à tona.

O poço de ira, o sofrimento… e a possibilidade de esperança

A ira tem um papel significativo numa série de problemas inter-relacionados. Não obstante, de um modo quase inimaginável, o tipo certo de ira pode desempenhar um papel fundamental na solução desses problemas. Esclarecer isso é o objetivo deste livro. Permita-me contar uma história.

Certa tarde de inverno, há muitos anos, eu estava no supermercado comprando alguns produtos para o jantar. Uma jovem mãe entrou no estabelecimento ao mesmo tempo que eu. Ela estava empurrando o carrinho no corredor à minha frente, acompanhada do seu filho de 4 anos de idade. Era difícil precisar a idade dela. Eu diria 25, mas talvez tivesse 30 e poucos anos. Marcas de expressão já se formavam em seu rosto. Seus longos cabelos loiros estavam despenteados, e ela estava vestindo uma jaqueta com estampa de exército e seus tênis estavam desgastados. Trazia um semblante levemente agravado. Não parecia muito presente, como se, por dentro, estivesse preocupada com outros problemas – angustiada, impaciente. Era o tipo de olhar que inquieta e preocupa quem vê.

O menino começou a criar confusão no corredor de guloseimas. Ele queria uma barra de chocolate, mas a mãe se recusou a comprá-la. Ele choramingava:

— Mas eu quero...

Ela o interrompeu:

— NÃO!

O garoto se lamuriou um pouco mais, e a jovem gritou:

— Quantas vezes eu preciso falar? NÃO. NÃO. NÃO. Não quero ouvir mais nada. Se você não parar…

A ameaça terminou aí. Ela parou de empurrar o carrinho e olhou para fora, pela fachada de vidro da loja. Eu também parei, preocupado com a continuação daquela cena. O menino ficou amuado por um tempo, mas voltou a reclamar, puxando a jaqueta da mãe:

— Mas eu quero chocolate.

Ela o xingou.

— Você é um [censurado], e eu não sei por que ainda me dou ao trabalho de te trazer comigo.

A jovem desviou o olhar. Em seguida, fitou a criança com ódio. Depois, voltou a contemplar ao longe, muito longe, em direção a nada específico. E o filho choramingou de novo.

— Mas eu quero chocolate.

Ela se virou e lhe deu um tapa no rosto. O menino começou a chorar. A mãe olhou para o corredor de guloseimas, para a fila do caixa, para o estacionamento. A impressão que tive é que ela estava se segurando para não gritar ou matar a criança.

De repente, a jovem virou-se e inclinou-se um pouco. Aproximou-se bem do rosto do menino, em postura ameaçadora, com o dedo indicador direito em riste a poucos centímetros do nariz dele.

— Se você não calar a boca agora, eu vou sair desta loja e te deixar aqui. Você me ouviu? Eu não quero ouvir mais nem um pio nem olhar na sua cara. Se você disser mais uma palavra, eu juro por Deus que vou entrar no carro e nunca mais voltar. E eu não ligo se não vir você nunca mais.

Ela se virou como se fosse andar. Depois de alguns passos bruscos, porém, voltou-se um pouco, deu um puxão no braço do menino e disse:

— Cale a boca e venha.

A jovem pôs-se a empurrar o carrinho novamente pelo corredor do supermercado. A criança a acompanhava, resmungando, com o olhar voltado para baixo, observando a rodinha de aço emborrachada que trepidava no piso de linóleo. Ela não parecia estar com medo de ser abandonada. Caminhava atrás da mãe, a uma distância razoável, um pouco para o lado – devagar o suficiente para irritá-la, mas não o bastante para tirá-la do sério.

Aquelas duas pessoas tinham muita ira dentro de si.

Aquilo me irritou.

Fiquei irado com a mãe. Ela estava abusando do filho. O que ela fez era completamente errado. Fiquei com raiva do menino. Ele estava atormentando a mãe. Aquilo era completamente errado. Senti ódio dos males passados que devem ter transformado a vida daquela mulher num pesadelo tão tenebroso e infernal. Senti ódio de todas as coisas que são erradas: namorados que não se importam, pais que estragam a própria vida, traficantes de drogas, pobreza. E fiquei com raiva das escolhas que ela havia feito em resposta à vida difícil que tinha de enfrentar.

A ira que eu senti parecia pura e construtiva em comparação com minhas irritações mais frequentes. Eu não odiava a mãe e o filho. Eu simplesmente me importava, ainda que fosse impotente para intervir. Eu estava com raiva – eu detestava o que os dois estavam fazendo – de uma maneira que me levava a querer ajudar. Eu queria poder protegê-los, estender-lhes misericórdia e ajudá-los a mudar. Foi um daqueles raríssimos momentos em que a ira parece ser motivada por amor, não por interesse próprio. Todavia, as boas intenções não serviram de nada naquele dia. Não consegui pensar numa maneira de interferir.

Trinta e cinco anos mais tarde, este livro é parte das consequências daquele incidente. Ele foi uma das perguntas MEQA que me levaram a lidar com a ira de modo mais refletivo e construtivo.

Essas três iras identificadas na história do supermercado em nada se parecem com os assuntos abordados em livros de autoajuda. Metade desses livros ensina técnicas de distanciamento para que as pessoas mantenham a calma diante das irritações da vida. A outra metade incentiva os leitores a defender-se, a assumir a própria ira para que se sintam empoderados. Ambos os conselhos até parecem plausíveis – às vezes, mais ou menos – quando o problema com que estamos

lidando não é tão irritante assim ou quando as coisas com as quais estamos irados podem ser consertadas.

Sem dúvida, se respirarmos fundo e imaginarmos uma praia quando estivermos presos no trânsito, o mundo parecerá um lugar melhor. Sem dúvida, se verbalizarmos nossas expectativas num tom não exigente, é mais provável que as pessoas nos deem aquilo que desejamos. Sem dúvida, devemos reconhecer o que estamos sentindo.

No entanto, aquela cena no supermercado nada tem a ver com coisas irritantes, tampouco com maneiras de lidar com a realidade que dão à pessoa mais daquilo que ela deseja ou que a faz sentir-se melhor. Aquela cena tem a ver com males. Com coisas erradas e destrutivas. Com coisas que precisam ser endireitadas. O que é preciso fazer para endireitá-las não é óbvio, mas o tipo certo de ira é certamente parte da solução. Superficialidades, pensamentos positivos, técnicas de atenção plena, autoafirmação ou remédios – nada disso é capaz de fazer o que é realmente necessário. Nenhuma dessas iras que mencionei pode ser explicada ou resolvida pela indústria da autoajuda. Entretanto, é desse tipo de ira que a vida é feita.

Pense sobre o que podemos observar nessa história. Farei algumas suposições, mas acredito que são plausíveis.

Primeira, a ira do garoto era de um tipo que conhecemos muito bem: “Eu quero as coisas do meu jeito. Quando isso não acontece, faço um escândalo. Sinto pena de mim mesmo. É muito injusto não receber o que quero na hora que quero. Eu manipulo as pessoas para obter as coisas do meu jeito e até as intimido se for necessário. Eu castigo quem se opõe à minha vontade”. Esse tipo de ira surge quando você quer algo e não consegue. A ira resmunga e se zanga. A ira persiste. A ira faz escândalo. A ira é astuta e estratégica.

Todos nós estamos familiarizados com o tipo de ira do menino: já estivemos na pele dele, e, na hora, nossa atitude pareceu justificada. Isso acontece quando um desejo identificável é frustrado, e a ira brota de dentro para atacar o que quer que esteja obstruindo nossa vontade. É uma maneira de conseguir o que queremos, de castigar quem se opõe a nós ou de expressar nosso descontentamento. O garoto tinha um problema de adulto. Por um lado, nunca seria capaz de amar a mãe enquanto a estivesse usando. Por outro lado, estava se tornando igual a ela.

A ira da mãe era do mesmo tipo, mas não tão simples. Dentre outras coisas, o sentimento era este: “Quero que meu filho fique quieto e não me envergonhe. Ele está me incomodando; portanto, estou com raiva”. Com os anos, porém, sua ira havia se transformado num mal mais complexo. Havia mais história por trás daquilo. Havia mais acontecimentos atuais emaranhados no sentimento. Na sua agressão, havia o desespero de um futuro sombrio. Sua ira veio como uma torrente de sentimentos confusos, motivações cegas e más experiências. Era hostilidade pura, mas também desespero, medo, hábito, arrependimento, mágoa, decepção, consequências de más escolhas, ausência de bons modelos, provocações acumuladas, situação financeira complicada, relacionamentos mutuamente destrutivos, mentiras, opções de vida lamentáveis, ressentimentos guardados, objetivos fúteis – e, talvez, uma ressaca.

Sua ira era parcialmente do tipo certo: muitas coisas que lhe haviam acontecido no passado eram injustas. Contudo, estava sendo expressa de uma maneira totalmente errada, de uma maneira que representa a essência de uma vida sem “esperança e sem Deus no mundo”, como diz Efésios 2.12. Seu ódio contra o próprio filho era universal em escopo e escala: “Neste momento, esta criança representa todas as más escolhas que já fiz, todas as coisas ruins que já sofri e toda a vida que nunca terei. O problema não é simplesmente que ele quer um chocolate… é que ele existe, que eu existo. Estou com ódio de tudo”. Muitos desejos, muitos enganos e muitos medos estavam por trás daquela autodestruição tão complexa. A jovem não podia lidar de maneira construtiva com a malcriação do filho já que a mera existência dele era um motivo de ressentimento e ela mesma não nutria qualquer esperança para si.

A maioria de nós já vivenciou, pelo menos um pouco, esse sentimento mais sombrio e obscuro que observamos na mãe. Muitas vezes, a ira traz em si muito mais do que acontecimentos atuais. Muitas vezes, a ira obedece a mais do que um único desejo.

Talvez você tenha vivido um período da sua vida imerso em ira e sofrimento. Talvez você esteja passando por isso agora. Ninguém quer que a vida seja infernal. Talvez você se odeie justamente por ser odioso, mas não vê saída. Não sabe por onde começar. Como lidar com suas reações raivosas?

A maioria dos leitores provavelmente nunca chegou a esse ponto, mas é possível que você tenha sofrido por causa do poço de ira de outra pessoa. A mãe e o filho estavam atacando e ferindo um ao outro no corredor do supermercado, e você

sabe muito bem como é ser tratado assim. A raiva provoca sofrimento nas suas vítimas. É difícil prosseguir quando se vive à sombra de um vulcão. Como se pode avançar de modo construtivo sem retaliar, recuar ou fugir?

Talvez você esteja tentando ajudar alguém imerso num poço desses. Se você já estendeu a mão para pessoas problemáticas antes, deparou-se muitas vezes com desesperança. Muitos indivíduos infelizes que lutam com esse problema não sabem por onde começar e não veem saída. Pessoas como a mãe no supermercado costumam justificar e defender justamente aquilo que as está destruindo. Como é possível tirá-las desse emaranhado? Para os que estão de fora, é difícil saber por onde começar ou avistar qualquer possibilidade de progresso. Uma compreensão da ira e uma solução para ela devem ser tão profundas quanto o problema em si.

E é preciso que se aprofundem ainda mais. A história é também sobre um tipo qualitativamente diferente de ira – um tipo positivo. Não estou tão acostumado ao tipo de ira que senti aquele dia no supermercado. Ele me pareceu certo. Eu deveria sentir aquilo muito mais vezes. Era um sentimento inextricavelmente mesclado com amor. Era um tipo de ira que se importava. Sua intenção era fazer algo construtivo, ainda que pequeno, em meio à erupção de males. Eu odiava tanto o que a mãe quanto o que o filho estavam fazendo um contra o outro. Mas era um ódio amoroso. Ele parecia ser justo: “Essas atitudes são erradas e injustas e devem parar”. Ele parecia misericordioso: “Quem me dera fosse possível restaurar o que foi quebrado!” Ele despertava uma espécie de impulso redentor: “Como as coisas que estão tão erradas agora podem ser endireitadas?”

Tudo isso faz parte do amplo e profundo problema da ira, o qual desejo abordar junto com você neste livro.

Pessoas como eu e você

A ira se sobressai quando usa uma roupagem ofensiva e dramática – quando se apresenta violenta, persistentemente amargurada, gélida ou debatendo-se em dor e confusão. Contudo, a diferença entre as iras antes descritas e a ira que eu ou você sentimos é apenas de grau, não de tipo. Todos temos mais semelhanças do que diferenças. Assim, posso me irritar quando alguém perturba a paz de meu

conforto e conveniência pessoal. Posso me irritar com um atendente incompetente. Posso me irritar quando alguém não se dá ao trabalho de me entender direito e decide, em vez disso, fazer caricaturas das minhas crenças e atitudes e desprezar-me com base naquilo que imaginou ser minha realidade.

Você agora sabe algumas coisas sobre mim e sobre as pessoas que conheço. Eu também sei algumas coisas sobre você, mesmo que não nos conheçamos pessoalmente.

A primeira coisa que sei é que você também sente ira. É claro, você não é exatamente como a Helen, como eu ou como outros membros da nossa galeria de ladinos. No entanto, repito que as diferenças são provavelmente uma questão de grau. É provável que você se identifique com essas pessoas, mesmo que o seu modo de viver tenha outro tom, ritmo ou intensidade.

Segunda, eu sei que sua ira é, por vezes, justificada. Outras pessoas fazem coisas erradas. Vivemos num mundo que nos apresenta provocações significativas. Há males em relação aos quais realmente devemos ficar perturbados. E talvez também tenha havido ocasiões em que você lidou com a provocação da maneira certa. A ira justa produz uma determinação legítima, construtiva e enérgica para a resolução de problemas. Você já vivenciou esse tipo certo de ira? A ira deve estar sempre entrelaçada com intenções misericordiosas e amorosas. Isso traz alguma coisa à sua lembrança? Alguma vez você já testemunhou alguém – pai, mãe, conselheiro, colega de trabalho, professor, pastor, cônjuge, amigo – ficando irado de modo a produzir o bem? Às vezes, isso acontece.

Terceira, sei que, em muitos momentos, sua ira não é justificada ou explode de modo que é fora de proporção. Você já se sentiu irritadiço. Já ficou implicante ou sentiu pena de si mesmo. Talvez você leve para o lado pessoal coisas que não têm a ver com você. (Por exemplo, já reclamou alguma vez sobre o tempo ou xingou num engarrafamento no trânsito?) Talvez você interprete mal ou exagere aquilo que alguém diz ou faz. Pode ser difícil perceber e admitir essas coisas porque nossos pensamentos soam muito plausíveis. Mas aposto que isso acontece. Você é regido pela sua agenda, pelas suas expectativas, pela sua comodidade, pelo seu prazer e pelos seus temores. E, apesar de não perceber na hora, você perde a cabeça quando alguém se coloca no seu caminho.

Quarta, sei que houve ocasiões em que você de fato teve razão para irritar-se, mas a raiva saiu do controle. As coisas que você pensou, disse e fez foram hostis

– até mesmo más. Você se apegou a uma postura crítica. Em resumo, pagou mal com mal, como se dois males fossem capazes de produzir o bem. Você se tornou essencialmente destrutivo, não construtivo. Sua ira gerou mais destruição, mais mágoa e mais distanciamento em vez de soluções positivas.

Quinta, eu sei que, independentemente de você estar certo ou errado nas vezes em que se irou, houve situações em que o sentimento perdurou muito mais do que deveria. Uma traição o deixou amargurado, e você não consegue perdoar. Você remói o acontecido, reproduzindo-o na mente repetidas vezes. Como ela errou! Quantos motivos eu tenho para estar com raiva dele!

Sexta, se você já percorreu um bom trecho da estrada da vida, sei que sua ira provavelmente gerou algumas complexidades. A ira não é necessariamente uma reação de causa e efeito a um acontecimento específico. Muitas vezes, há um efeito cumulativo às desilusões e frustrações da vida. Basta que tomemos uma dose diária do pensamento de Sartre: “O inferno são os outros!”1 e misturemos a ela a realidade de que “o inferno somos nós mesmos” para que a vida nos arruíne, nos abrase e nos consuma. Os desiludidos não alimentam as chamas das explosões de ira. Por que se irritar em vão? Eles não apontam para um único ressentimento específico responsável pela sua amargura. Porém, o cinismo é da família do tipo mau de ira.

Sétima, sei algo sobre você que mal mencionamos ainda, mas que discutiremos em detalhes nos capítulos posteriores. Há vezes em que você, como eu, tem o problema oposto: deveria ficar irado, mas não fica. Algo realmente errado acontece – não necessariamente com sua própria pessoa –, mas você não se importa. Não dá atenção nem reage. Você ignora ou minimiza coisas que estão erradas e que deveriam ser abordadas. Talvez nem sequer as perceba. Talvez até mesmo endosse e perpetre o mal.

Por mais estranho que pareça, a ausência de indignação correta também é um problema de ira. Não é um problema para o qual as pessoas procuram ajuda, mas deveria ser. Quando o impulso de irar-se é transformado em algo bom e construtivo, o resultado inclui a capacidade de ser estimulado de modo legítimo contra os verdadeiros males.

Por último, há mais uma coisa que sabemos um sobre o outro. Cada um de nós tem muita dificuldade de mudar. É difícil pensar com clareza sobre a ira. Uma vez que se apodera de nós, ela simplesmente nos domina. Os antigos romanos

tinham o seguinte ditado: Ira furor brevis est, que significa “A ira é uma breve loucura”. A ira nos deixa loucos, cegos e confusos. Lampejos de sanidade são raros. Por acaso alguma vez você já se lembrou de um acesso de irracionalidade que teve e ficou maravilhado com a maneira como agiu na ocasião? O que se apossou de mim? Como eu pude ter pensado aquilo, dito aquilo, feito aquilo? Às vezes, a insanidade não é tão breve. Ela se instala e permanece um tempo. Às vezes, o hábito perpetua-se a vida toda – como uma rodinha de hamster da qual não conseguimos sair.

Como é possível descobrir o que está errado e precisa ser consertado? Como podemos saber o que deveríamos ter feito e o que devemos fazer agora? Como é possível diferenciar as partes destrutivas das partes construtivas da ira? Como podemos aprender a ficar irritados com as coisas certas e a expressar nossa preocupação da maneira correta? Onde podemos encontrar a ajuda que realmente ajuda?

Nós precisamos de ajuda. Precisamos de perdão. Precisamos tanto de visão quanto de força para mudar. Precisamos de um Salvador – em cena, ativo, comprometido, prático, pessoal – que se envolva com nossos problemas.

Ira? Estamos juntos nessa. E Jesus também está.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Este capítulo traz muitas informações. Volte até encontrar a frase que você grifou. O que chamou sua atenção nela?

2. De todos os tipos de ira retratados, escolha dois ou três que mais têm a ver com a sua vida. Dê um exemplo concreto.

3. Alguma vez você já vivenciou o tipo certo de ira? Descreva de modo específico o que aconteceu. O que você sentiu, pensou e fez? Qual foi o resultado? Você já viu outra pessoa expressando ira de uma maneira realmente construtiva?

4. Há uma oração antiga e sábia que faz o seguinte pedido a Deus: “Que o

desígnio do teu grande amor brilhe no deserto das nossas iras e dores e nos dê paz”.

Sempre que a ira é expressa da maneira errada, temos duas necessidades: precisamos que Deus intervenha em amor e precisamos fazer alguma coisa.

Portanto, peça que Deus o ajude. Ele voluntariamente vem ao nosso encontro na necessidade: Senhor, que os propósitos de tua compaixão e misericórdia brilhem no deserto de minhas iras e dores e me deem paz.

Depois, empenhe-se. Você já está dedicando tempo à leitura. Continue investindo pensamentos e esforços na busca por mais sabedoria.

Capítulo 2

Você tem um problema sério com a ira?

Sim.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Qual foi sua reação a este capítulo? Volte e releia-o algumas vezes. (Capítulos curtos não são ótimos?) Pense bem no que ele está dizendo.

2. Qual é sua reação à afirmação: “Você tem um problema sério com a ira”?

3. Inverta a frase na sua mente: “Eu tenho um problema sério com a ira”. O que lhe vem à mente? Você concorda ou discorda? Não tem certeza? Até que ponto a frase é verdadeira? Parcialmente verdadeira? Parcialmente falsa? Você acha que não há verdade alguma nela? Coloque seus pensamentos em palavras e dê exemplos específicos.

Deus age por meio de um doce paradoxo. Ele abençoa quem admite que precisa de ajuda: “Bem-aventurados os humildes de espírito” (Mt 5.3). A sensatez tem uma consciência profunda desta realidade: Preciso de ajuda. Não posso enfrentar a vida sozinho. Alguém além de mim precisa intervir. A sensatez presente na humildade sincera alcança misericórdia, vida, paz e força. Insistir em dizer que não precisamos de ajuda mantém-nos presos no hábito infindável de dar desculpas e culpar os outros. O resultado final não é vida e paz; é justiça própria, autojustificação, alienação e amargura.

Capítulo 3

Isso se aplica a você?

Posso afirmar com segurança que você tem um problema sério com a ira porque eu tenho, porque todos nós temos. Como você reage a esse fato? Este capítulo analisará seis reações comuns a essa dura afirmação.

Cada reação expressa um aspecto daquilo que torna a ira tão confusa. Cada reação contém um elemento de verdade que a torna plausível – às vezes mais, às vezes menos. Todavia, aquilo que é bom e positivo se emaranha facilmente com percepções equivocadas, distorções, pontos cegos e meias verdades. É raro, porém maravilhoso, quando a ira surge como um bem simples e construtivo (falaremos mais sobre isso posteriormente). Contudo, muito mais vezes ela age com maldade puramente destrutiva, sem fazer bem a ninguém. O mais comum é a ira assemelhar-se a uma colcha de retalhos, a uma mistura de bem e mal – de bem sendo corrompido e de mal desejando ser melhor. Na vida real, na maioria das situações, a ira vem misturada com várias coisas. Essa mistura dificulta a identificação exata de onde está o problema.

Será que uma das seis reações a seguir descreve você?

1. Sim, eu sei que tenho um problema com a ira. Sinto-me culpado e desanimado.

Algumas pessoas concordam imediatamente com a afirmação. “Sim, isso se aplica a mim. Tenho um gênio forte. Sinto amargura e não consigo superar as ofensas. Reajo e digo coisas das quais me arrependo depois. Às vezes, as palavras mal saíram da minha boca, e já sinto remorso. Mas parece que não consigo parar. Mesmo quando não estou irado, tenho tendência para o

pessimismo e sempre consigo encontrar o lado negativo do que quer que esteja acontecendo. Reclamo e sinto pena de mim mesmo. Sei que preciso de ajuda. Queria ser capaz de sair dessa situação num estalar de dedos e me livrar das minhas reações coléricas e negativas de uma vez por todas. Foi por isso que decidi ler este livro."

Esse é seu caso? Então, você sabe que sua ira é ruim. Você gostaria de não perder mais a cabeça, de não nutrir amarguras, de parar de reclamar. Queria ter a capacidade de quebrar o ciclo de erro e arrependimento. Você enxerga o prejuízo que seu negativismo provoca nos relacionamentos e admite abertamente: "Tenho um problema com a ira", mas está preso. Você não muda. Sente-se desanimado, um pouco sem esperança, e talvez até mesmo cético.

O elemento de verdade? Aqueles que têm consciência do seu temperamento forte – e se sentem culpados e desencorajados por isso – sabem muito bem que a irritabilidade, as explosões de raiva, a amargura e a reclamação são atitudes erradas.

O ponto cego? Você pode se confundir quanto ao objetivo da mudança. Por exemplo, o oposto de amargura e acessos de cólera não é um temperamento calmo e uma postura serena. Além disso, você pode se equivocar quanto ao processo de mudança. Por exemplo, não existem técnicas ou estratégias para resolver o que está errado. Para esse processo, precisamos de um tipo diferente de ajuda, de uma pessoa diferente para nos apoiar, de uma profundidade diferente de autoconhecimento e de um cronograma diferente. Suas boas intenções não alcançam o objetivo porque é difícil enxergar o caminho à frente.

2. Talvez, mas eu conheço pessoas com problemas piores que o meu.

Alguns se esquivam um pouco. Você está disposto a admitir que isso se aplica à sua vida mais ou menos, às vezes, talvez, mas… "Sim, eu sei que fico um pouco irado às vezes e que saio da linha. Mas conheço algumas pessoas com problemas graves de ira, e eu em nada me pareço com elas. Tenho um amigo que fica fora de si quando recebe uma cortada no trânsito. Ele se enfurece, grita, faz gestos e dirige feito um louco. Ele sim tem problemas com a ira. Meu tio sai quebrando coisas quando fica nervoso. Certa vez, ele destruiu a televisão com uma

luminária depois que o quarterback lançou uma bola interceptada no último quarto do jogo, o que fez seu time perder a partida. Sim, eu sei que posso ficar um pouco irritado de vez em quando, mas logo me controlo e deixo para lá."

Alguns não estão em situação tão ruim quanto os outros. Este é seu caso? Você provavelmente tem razão. Em comparação com bárbaros e criminosos assumidos, sem dúvida você é civilizado. Ou, pelo menos, semicivilizado. Ou, pelo menos, bem… pelo menos não tão ruim quanto poderia ser. Você não está bem certo se a declaração se aplica à sua pessoa. Talvez se aplique mais ou menos, mas há outros por aí que precisam muito mais de ajuda.

O elemento de verdade? Aqueles que se sentem relativamente bem em comparação com outros no entorno sabem que alguns comportamentos são piores que outros. Sem dúvida, uma leve irritação não é o mesmo que conduta imprudente, destruição de propriedade ou agressão contra o cônjuge ou filho.

O ponto cego? Eles não consideram as próprias motivações a fundo. Será que seu problema, aparentemente menor que outros, não continua sendo um problema sério a ser resolvido? Em que ponto a pessoa deixa de ser "não tão ruim" em comparação com os demais e passa a ser hipócrita?

3. Não, eu não tenho problema com a ira. Tenho boas razões para ficar raivoso e amargurado.

Algumas pessoas reconhecem que sentem ira, mas apresentam uma justificação plausível – na mente delas, incontestável – de que têm motivos para tanto. "Eu sei que tenho questões com a ira, mas também… veja o que fizeram comigo. Fico com muita raiva quando meu cônjuge ou chefe age com estupidez. Qualquer um ficaria irado. E o que você poderia esperar de mim se meus pais me deram um péssimo exemplo? Minha mãe abusava verbalmente de todos os filhos. E ambos eram muito injustos: eles deixavam meu irmão sair impune das coisas erradas que fazia e me infernizavam como se tudo fosse culpa minha. É claro que sou amargurado. Além disso, venho de uma longa linhagem de pessoas que não refreiam as emoções. Não estamos querendo dizer nada com elas. É apenas um traço da personalidade."

Por acaso você explica sua ira fazendo uma lista de queixas e razões para senti-la, repleta de “mas” e “porque”? Se as outras pessoas mudassem, se as coisas tivessem sido diferentes, se o seu jeito não fosse fruto da natureza e da criação, só então… você não teria problemas.

O elemento de verdade? Aqueles que têm motivos justificáveis sabem que outros podem nos causar mal – às vezes, males dolorosos. Eles sabem que a ira costuma surgir em resposta a uma provocação e que o temperamento e o contexto cultural também influenciam no modo como sentimos e expressamos a ira.

O ponto cego? Eles agem como se dois males (ou vinte) produzissem um bem. Eles não percebem como a atitude de colocar a culpa nos outros pode parecer plausível, ainda que estejam se enganando. É possível estar parcialmente certo e completamente errado ao mesmo tempo? Isso acontece com todos nós o tempo todo, e é por isso que um profundo autoconhecimento não se limita a uma resposta conveniente e uma solução fácil.

4. Bem, às vezes eu até fico com raiva, mas não sou uma pessoa irada.

Alguns vão além e negam que tenham problema com a ira. “Não tenho ira de modo algum. Sou essencialmente uma boa pessoa. Eu me dou muito bem com todos no serviço. No entanto, é minha mulher que é insuportável. Quando ela começa, só um santo poderia ficar indiferente. Perco a cabeça às vezes e saio um pouco do controle, mas só quando ela me provoca. Do contrário, sou bem tranquilo.”

A ira parece vir de fora para dentro, apoderando-se de alguém inocente e bem-intencionado que nada tem de raivoso. Esse é seu caso? Sua ira parece uma intrusa, um terrorista que toma temporariamente o controle do seu avião e o lança contra um edifício. Não é você. A culpa é da esposa (ou do marido), do adolescente desajuizado (ou pai ou mãe), do chefe insuportável (ou funcionário ou colega), do pastor irritante (ou membro da igreja). Você não tem problema algum; é tudo culpa deles. O único problema grave que você é capaz de identificar é que essas pessoas continuam fazendo aquilo que o deixa enfurecido.

O elemento de verdade? Aqueles que comparam a ira a um invasor externo sabem que nós reagimos de maneiras diferentes a pessoas diferentes, que os outros nos causam mal e que nossas ações e reações podem contradizer as nossas intenções conscientes.

O ponto cego? Eles não se olham no espelho de modo a assumir as próprias responsabilidades. Será que você é um "cara legal" ou uma "mulher amável" de verdade? Será que sua ira é apenas uma intrusa anormal e estranha, culpa dos outros?

5. De modo algum! Descobri que a ira é a solução poderosa para problemas pessoais e injustiças sociais.

Há também aqueles que veem a ira não como problema, mas como solução. "Eu costumava manter o status quo até o dia em que tive uma epifania. Percebi como estava desempenhando o papel de vítima, como acreditava nas mentiras que me contavam. Eu era passivo, um capacho. Entrar em contato com minha ira foi um estímulo, e eu ganhei novo propósito e identidade. Não aceito mais ser manipulado. Aprendi a defender-me; a defender minhas opiniões, aquilo que considero correto e o que quero."

Esse é seu caso? A ira parece tão legítima, tão libertadora. Ela nos capacita a agir em favor do que consideramos uma boa causa. E talvez você esteja certo. Ela nos leva a liderar organizações de mães contra motoristas sob efeitos do álcool. A lutar por justiça racial e econômica. A empenhar-nos para libertar as mulheres do machismo. A procurar combater o abuso infantil. "Nós", os íntegros, nos insurgimos contra "eles", os perpetradores de males.

Como algo que dá uma sensação tão boa pode ser ruim? Talvez você esteja parcialmente certo, mas talvez esteja parcialmente errado também. Você já reparou como é perigoso estar certo (ou achar que está certo)? Como é fácil cair em hipocrisia, espírito crítico, autocomiseração ou sensação de merecimento? Como o tímido logo se torna irascível? Como o agredido passa a ser o agressor?

O elemento de verdade? Aqueles que consideram a ira uma solução para a injustiça sabem que ela pode ser justificada e estimular ações construtivas. De

fato, a ira deve motivar ações para que possa reparar males.

O ponto cego? Eles não enxergam a facilidade com que os oprimidos se transformam em agressores, a sutileza com que a justiça própria nos cega e a naturalidade com que a ira contra males verdadeiros se transforma em algo muito errado. Será que você está correto quanto às coisas que estão erradas, mas errado na sua maneira de ser correto?

6. O quê? Eu quase nunca fico irado. De modo geral, a vida é ótima e eu procuro manter os problemas em perspectiva.

Alguns ficam um pouco perplexos diante da sugestão de que têm problema com a ira. “Sou uma pessoa de natureza calma, tranquila. Vivo e deixo viver. Não faço grandes exigências nem espero demais das pessoas. Quase nada me perturba. Quando algo ruim acontece, minha tendência é colocar o problema em perspectiva, e penso o seguinte: ‘A vida é assim mesmo. Isso não tem tanta importância. Não vale a pena ficar perturbado por causa disso’. Eu me dou bem com a maioria das pessoas. Procuro pensar sempre o melhor dos outros, fazer o que é construtivo e ver o aspecto positivo das coisas. Basicamente, sou um otimista. No mínimo, o copo costuma estar metade cheio, e sempre olho para o lado bom de tudo. Tenho muito mais do que mereço e já conquistei muito mais do que jamais imaginei. Não há razão para ficar perturbado. Nunca perdi as estribeiras ou guardei rancor por muito tempo.”

Você não se importa; portanto, não fica irado. Esse é o seu caso? Talvez você tenha nascido com um temperamento positivo, fácil de agradar. Você simplesmente não se identifica com a ira. Talvez tenha amadurecido ao longo dos anos e aprendido a ser mais filosófico com relação à vida. Ou, então, aprendido a isolar-se, manter o controle e ficar calmo. Talvez você faça ioga. Talvez respire fundo. Ou, talvez, faça uso de alguma bebida ou medicação que atenue as sensações negativas. Também pode ser que suas circunstâncias tenham sido relativamente brandas até hoje. Pode ser que não haja bons motivos para ficar irado. Seja como for, a sugestão de que você tem problemas com ira não parece fazer sentido – muito menos que tem problemas graves com ela.

Talvez você esteja certo. Afinal de contas, não apresenta reações excessivas.

Porém, é possível que a afirmação se aplique de modo um pouco diferente à sua vida. Será que você esboça poucas reações ou simplesmente não reage ao que acontece? Você é despreocupado e indiferente de mais? Mantém a calma mesmo quando deveria ficar preocupado – e, até mesmo, um pouco incomodado e alterado? Você se defende com camadas de isolamento do que está errado na vida?

O elemento de verdade? Aqueles que consideram a ira como imaturidade das outras pessoas sabem que desejos irrefletidos e expectativas incorretas provocam sensações de ira inúteis e bastante desagradáveis. De fato, há muitas ocasiões em que não temos motivo para ficar irados.

O ponto cego? Pessoas calmas de mais costumam ter dificuldade em perceber que, às vezes, é preciso importar-se o suficiente a ponto de sentir ira. Elas mantêm distância dos problemas a fim de levar uma vida pacífica. Com isso, talvez não vejam as formas mais sutis desse sentimento que ainda existem dentro de si, como um vírus incubado em algum canto remoto do corpo. Ou será que é a indiferença que as isola daquilo com que precisam se importar?

Essas são seis respostas comuns. Por acaso alguma delas descreve as suas tendências? Antes de concluirmos esta seção, é importante acrescentar mais uma variável importante.

Quando a ira é direcionada contra você

É possível, ainda, que sua relação com esse sentimento se apresente sob outra forma. Seu problema sério com a ira talvez consista em ser vítima da ira de alguém. Se este for o seu caso, saiba que há muitos na mesma situação. O problema mais imediato que muitas pessoas têm com a ira não é aquilo que elas mesmas fazem, mas aquilo que outros lhes fazem.

Quem sofre desse problema diz: “Todo o cuidado é pouco. Nunca sei quando o vulcão vai entrar em erupção. Ele (ou ela) é tão instável, tão intimidador(a), tão controlador(a). A atmosfera é muito assustadora, injusta e opressiva. Eu me sinto subjugado e, se não fico atento, acabo sendo massacrado. Sim, minha reação a esse problema é a ira. Contudo, o medo e a mágoa que sinto parecem ser mais

fortes. Eu nunca ouso expressar ira, nem mesmo a mais leve discordância. Às vezes, nem sei mais o que quero. O que vamos pedir hoje à noite: pizza ou comida chinesa? Não ouso sequer pensar em qual seria minha preferência, muito menos dizer alguma coisa. Simplesmente acato. Eu não sei o que fazer. Sinto-me paralisado, impotente e oprimido neste ambiente de hostilidade. Certas horas, chego a pensar que a culpa é toda minha, como ele (ou ela) me acusa. Se eu fosse diferente, ele (ou ela) não seria tão vil e agressivo(a). No entanto, nos meus momentos de sanidade, percebo que sou manipulado pela sua ira e que não há desculpas para a maneira como ele (ou ela) me trata".

Esse é seu caso? É mais comum que a ira agressiva proceda dos outros contra você do que de você contra os outros? Aqueles que são vítimas da ira alheia sabem como é doloroso e intimidante ser tratado assim. Os agressores usam a ira como um jogo de poder, um tipo de manipulação, uma maneira deplorável de "ganhar". Seu temperamento é cruel, ameaçador e opressivo.

Nesse momento, seu maior problema com a ira talvez não seja sua própria ira. Buscar ajuda imediata para garantir sua segurança e a dos demais é prioridade; em seguida, você precisa receber assistência em longo prazo para compreender suas sensações de medo, vergonha e impotência diante das agressões alheias. Procure um conselheiro, um pastor ou um amigo de confiança para conversar. Não hesite em chamar as autoridades caso se sinta ameaçado (ou se aqueles que o cercam forem ameaçados).

Contudo, também espero que você continue lendo este livro. Ele pode ajudá-lo a crescer em sabedoria. A ira que você está sentindo diante da injustiça também pode ser redimida nas mãos seguras do seu Redentor.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Alguma dessas (ou várias dessas) reações comuns o descrevem quando as coisas dão errado? Ou você é uma mistura de dois ou três padrões? (Os seres humanos não se encaixam em categorias exatas.) Ou seu maior problema é a ira de alguém contra você?

2. Você consegue detalhar, em palavras, sua experiência com a ira?

3. Seus detalhes são diferentes dos meus. No entanto, de modos variados, cada uma dessas reações contém aquilo que chamo de “um problema sério”. Todas elas parecem plausíveis inicialmente. Certamente, no nosso íntimo, a ira é sentida como uma indignação justificada. Todavia, cada uma dessas reações acaba perdendo o equilíbrio, tornando-se deformada e mal direcionada – como costuma ficar evidente para aqueles que nos conhecem, nos observam e nos veem em ação. Na maioria das vezes, a ira é um grande emaranhado de sentimentos. Um dos objetivos deste livro é começar a destrinchá-lo com você.

Neste ponto, permita-me perguntar mais uma vez: o problema da ira se aplica a você? Talvez você não concorde com a afirmação de que tem um problema sério com a ira, mas espero que concorde que tem, no mínimo, algum tipo de problema com ela. Todos nós temos. Reconhecer sua necessidade de ajuda e mudança é o primeiro passo na busca de ajuda para mudar. Qual reação descreve de modo mais preciso sua resposta à frase: “Você tem um problema sério com a ira”?

4. Qual foi o pensamento que você grifou neste capítulo? O que ele lhe diz?

5. Há alguma pergunta MEQA na sua mente neste momento?

6. A oração de Francisco de Assis talvez seja a mais conhecida depois da oração do Pai-nosso. Ele suplica por uma maneira melhor de reagir aos problemas, contratempos e males que enfrentamos. Veja o que ele pede:

Senhor, faz de mim um instrumento da tua paz.

Onde houver ódio, que eu espalhe amor;

Onde houver ofensa, perdão;

Onde houver dúvida, fé;

Onde houver desespero, esperança;

Onde houver trevas, luz;

Onde houver tristeza, alegria.

Ó, Mestre divino, faz com que eu busque mais

consolar

do que ser consolado;

Compreender do que ser compreendido;

Amar do que ser amado.

Pois é dando que se recebe;

É perdoando que se é perdoado;

E é morrendo que se nasce para a vida eterna.

Repare nas palavras destacadas. Cada uma delas é o oposto de um sentimento incontrolável, confuso e reativo de ira.

Mais uma vez, peça ajuda. Faz de mim _____. Faz com que eu _____.

SEÇÃO 2:

O QUE É IRA?

Os próximos seis capítulos são a “sala de máquinas” deste livro. O que é ira? Como ela funciona? Quais fatores estão em jogo? Por que nos iramos? O que é necessário para transformar a ira numa força do bem? A ira costuma ser confusa – “uma breve loucura”. Infelizmente, nem sempre é breve, mas é confusa.

À medida que nossa compreensão aumenta, ficamos mais orientados. Tomamos conhecimento de onde estamos. Descobrimos para onde devemos ir. As soluções e estratégias propostas aqui passam a ser muito mais valiosas e honestas do que as estratégias comuns para a gestão da ira.

Capítulo 4

“Sou contra”

O que é ira?

Essa simples pergunta rapidamente se torna complexa. Como vimos no capítulo anterior, a ira que sentimos costuma vir misturada com outras coisas. Nos casos mais comuns, ela surge quando vemos algo ruim ou errado acontecendo. Quando um suposto amigo nos trai, isso é errado – não certo. Quando obras interditam a rodovia e nós perdemos um compromisso importante, isso é ruim – não bom. Ficamos com raiva quando recebemos o que aconteceu como uma ofensa moral ou uma frustração desagradável. Até aí, tudo bem. Em tese, a ira pode ser pura e construtiva. Porém, na maioria dos casos esse sentimento surge de maneira torpe e destrutiva em reclamações, acessos de raiva, frieza, retaliações e autocomiseração. Essas são as maneiras típicas pelas quais todos nós retribuímos “mal por mal” – sem dúvida uma reação natural, mas que Deus considera completamente errada (Rm 12.17-21).

A questão também é complexa porque cada um de nós traz consigo um conjunto de associações nos momentos de ira. Memórias pessoais, experiências boas e más, pessoas que nos feriram ou influenciaram – esse tornado de emoções cria um contexto muito mais convincente do que qualquer definição de ira encontrada na literatura. Nossa definição instintiva e personalizada pode, ou não, ser útil para o entendimento do que é esse sentimento.

Considere a seguinte analogia. Ao ouvir a palavra pai, uma mulher imagina um homem amável, forte, generoso, protetor e confiável. O pensamento transmite-lhe a sensação de confiança e bem-estar. Outra mulher, por sua vez, imagina um homem com essas mesmas características, mas que faleceu no ano anterior. Sua sensação de confiança e bem-estar é permeada de tristeza. Já uma terceira mulher imagina um homem bêbado, traidor, abusador e hipócrita. Ela imediatamente sente medo, dor e raiva. Uma quarta mulher, porém, imagina um homem igualmente nocivo, mas que faleceu vinte anos atrás. Sentimentos

sombrios ainda estão presentes, mas atenuados e envoltos pela sensação de pesar, de vazio e até mesmo de gratidão por sua vida não ter sido destruída.

A mesma palavra representa um ponto de partida completamente diferente para uma série de pensamentos e sentimentos. Se estivermos tentando entender o que é ou o que deveria ser um pai, é importante identificar nosso ponto de partida. Somente então é possível ampliar e aprofundar nossos pensamentos.

O mesmo acontece com a ira. Que imagem ou experiência lhe vem à mente ao ouvir as palavras “ele está irado” ou “ela está irada” ou “eu estou irado(a)”? Qual é a cena que você imagina? Você imagina um diálogo hostil entre duas pessoas? Imagina a expressão facial, as palavras agressivas ou as atitudes violentas de alguém específico? Tem a sensação opressiva de algo queimando por dentro? Relembra o medo com que reage a uma pessoa irada? Pensa numa multidão enfurecida de manifestantes? Qual é a sua associação?

A seguir, estão seis variações comuns do tipo negativo de ira. Talvez uma delas chame sua atenção de modo especial.

Irritabilidade é ira pronta para explodir a qualquer momento. Você mora ou trabalha com alguém que se irrita com facilidade? Ou será que você mesmo é rabugento, esquentado e ranzinza? (Nossa língua tem palavras ótimas para descrever esse sentimento.)

Discussão é o desagradável “ele disse, ela disse” dos conflitos interpessoais. A ira é o sentimento que habita nesses conflitos, e é necessário que haja duas pessoas para que eles aconteçam. Será que brigas é a primeira associação que você faz?

Amargura é quando a ira dura muito, muito tempo. As pessoas revisitam mágoas passadas e alimentam desgostos e ressentimentos. Elas nunca os superam.

Violência representa a destrutividade do comportamento encolerizado. A ira ataca, machuca, destrói e até mata, pois sente prazer em infligir dor.

Ira passiva é quando a ira se esconde por trás das aparências e até mesmo da própria consciência. Enquanto permanece indetectável por aquele que está irado, ela não pode ser abordada. Não obstante, tem seus efeitos colaterais:

depressão, letargia e pessimismo são alguns dos sintomas causados pela ira passiva.

Ira moralista é a ira que aprecia a sensação fortalecedora de injustiça, de estar em contato com emoções honestas e expressá-las livremente. É bom liberar essas emoções, e, muitas vezes, isso obtém resultados.

Cada um desses seis problemas tem enorme relevância. A ira explode rápido demais, destrói um grande número de relacionamentos, arde por muito tempo, causa sofrimento em excesso, esconde-se com destreza e gera sensações ótimas.

No entanto, esses diversos problemas de ira não são tudo. O que os une? Será que têm algo em comum? Não é possível que eles sejam a essência da ira. Eles são algumas versões distorcidas, algumas expressões mal direcionadas de algo muito mais profundo. Eles corrompem algo intrínseco à natureza humana que pode ser refeito do modo correto.

Precisamos trazer à luz essa definição mais profunda de ira, pois somente então conseguiremos desenvolver associações apropriadas a ela. Bom e bravo é o extremo oposto de todos os tipos de mau e irado. Trata-se de uma disposição que atua de maneira construtiva na presença do que está errado. Desse modo, também podemos acrescentar aquele outro problema anteriormente mencionado: a ira ausente, isto é, a ira que não é estimulada quando males reais ocorrem porque é mais fácil permanecer indiferente e isolado.

Os problemas que identificamos não são o DNA da ira. Em vez disso, são as mutações e anomalias. É importante identificar o DNA corretamente. Então, poderemos compreender as formas mutantes de ira que compõem 99% da ira que é expressa nas experiências interpessoais.

Então, o que é ira? Qual é o fio que perpassa todo tipo de ira, seja ela boa ou má?

Em sua essência, a ira é muito simples. O que ela expressa é: “Sou contra”. É uma postura ativa que assumimos para nos opor a algo que julgamos ser importante e, ao mesmo tempo, errado. Observamos algo, fazemos uma avaliação e declaramos: “Isso tem importância… e não está certo”. É quando nos deparamos com algo no nosso mundo que passa dos limites. A ira expressa a

energia da nossa reação a algo que consideramos ofensivo e que desejamos eliminar.

O DNA não é a expressão exaltada de emoções. Não é uma explosão de adrenalina. Não é uma maneira específica de expressar ira. Não é o acontecimento ou a pessoa que nos irrita. Não é o ato de discutir. A essência subjacente a tudo isso é a avaliação negativa: é um descontentamento ativo com relação a algo que tem importância suficiente para receber atenção.

Os seres humanos nascem dotados da capacidade de reagir com desgosto a males reais e agir com determinação para consertá-los. Em outras palavras, somos seres morais. Fomos criados à imagem de Deus. Assim sendo, fomos feitos para seguir a lógica da ira. Algo tem importância e está errado; logo, isso me desagrada, e sou contra; portanto, devo mudá-lo, removê-lo, destruí-lo. A essência da ira consiste em sermos impelidos a agir quando algo importante não se encontra como deveria.

A ira tem a ver com descontentamento. Quando estamos contentes com algo, é impossível sentir ira. Nós o aprovamos, então não nos sentimos afrontados. Da mesma maneira, quando algo não importa muito ou quando nós não o percebemos, não há ira nem ofensa. Contudo, em cada variante da ira, nós avaliamos algo que acontece. Nós nos importamos e desempenhamos o papel de crítico, juiz, ativista, inimigo e denunciador. Eu desaprovo. Isso é errado. Eu me sinto ofendido. Quero consertar essa situação ou livrar-me dela.

Essa essência avaliatória está por trás das associações pessoais que fazemos com a ira. Todos os incidentes têm três coisas em comum:

1. Eu identifico um mal visível;

2. Eu assumo uma postura de desaprovação e sinto descontentamento;

3. De alguma maneira, sou impelido a agir – a dizer ou fazer algo a esse respeito. (No mínimo, há a implicação da possibilidade de ação.)

Todas as nossas associações mais individuais, que nos trazem à memória a ideia

de “ira”, são variações desse tema.

Se esse é o DNA, então a ira é “crítica” por natureza. Todo o resto é variável. Captar o denominador comum possibilita-nos jogar com as variáveis e ir direto ao cerne com o objetivo de propor soluções.

Considere o amplo leque de emoções possíveis. Numa extremidade, estão os tipos de ira que expressam meros indícios de irritação ou queixas leves. Na outra extremidade, a ira pode estar associada à fúria descontrolada ou à busca desenfreada por vingança. No entanto, quer o tremor seja brando ou violento na escala Richter dos sentimentos, o denominador comum está operando do lado de dentro. O grau de importância que algo tem para nós, o grau em que algo nos afeta, inflama ou atenua as chamas das emoções. Todavia, sejam reclamações momentâneas, discussões, ressentimentos e até mesmo o furor homicida, tudo compartilha o mesmo DNA da ira.

De modo semelhante, as ações podem variar muito. Dependendo da situação, a pessoa pode literalmente cometer assassinato em primeiro grau – ou um crime de terceiro grau, um crime passional. Em outros casos, ela pode mover um processo, organizar um protesto ou sair em defesa de uma vítima. É sempre possível envolver-se numa discussão. A pessoa também pode tentar fugir – mudar-se para uma ilha tropical, evitar quem a irrita, fingir que a situação não a incomoda ou tomar algumas cervejas. Ou, então, pode simplesmente não fazer nada. A reação pode ser justa ou injusta, benigna ou cruel, construtiva ou destrutiva. Não obstante, o fio que perpassa todas as ações é o mesmo: “Isso é errado”. Aquilo que você faz ou deixa de fazer a esse respeito é variável.

Os objetos que desencadeiam o descontentamento também variam bastante, embora a essência comum – “Sou contra!” – esteja presente em todos os casos. Podemos nos opor a praticamente qualquer coisa. Podemos ficar com raiva de pessoas, animais, ideias, máquinas, do tempo, de Deus. Podemos nos opor ao que é mau e ficar bravos com coisas que realmente abusam das pessoas e as exploram. Também podemos ficar irados com coisas bobas que simplesmente vão de encontro ao que queremos. Podemos ficar irados com pessoas que nos prejudicaram de verdade e também com pessoas que deveríamos amar.

A duração da reação pode variar. O negativismo pode ser um capricho passageiro, uma frustração no trânsito esquecida três segundos depois. Ou a ira pode definir a causa moral e assumir uma hostilidade que dominará e direcionará

o restante da sua vida. Seja curta ou longa, ela continua a arder, declarando: “Estou descontente”.

Juízos de valor

Tudo isso foi para dizer que a ira sempre faz um juízo de valor. A ira é sempre uma questão moral. Ela já foi chamada, com razão, de “sentimento moral”, pois tem algo a dizer sobre as coisas que importam. Os seres humanos fazem juízos morais; portanto, sentem ira. Ponto final. Como Deus, sua natureza os leva a avaliar as coisas, a sentir desprazer diante do que está errado e a fazer algo a esse respeito.

Você gostaria de viver num mundo sem juízos de valor? De modo algum. Quando o padrão de juízo é íntegro e quando a maneira de reagir é construtiva, uma desaprovação clara e cordial é uma das melhores coisas que podem acontecer. Se fôssemos indiferentes com relação a pedófilos, terroristas ou vigaristas, ou se os apoiássemos, seríamos moralmente falhos. A sensatez moral deve reprovar o mal, e essa reprovação é a essência da ira.

Toda vez que você fica irado, está evidenciando seus valores e pontos de vista. No entanto, a ira não é a única reação que exprime o que você valoriza. Sempre que abre a boca (ou que não abre), você está declarando seus valores aos outros. É isso o que Jesus tinha em mente, por exemplo, quando disse que “toda palavra frívola” será avaliada e que a boca fala daquilo que está cheio o coração (Mt 12.36; Lc 6.45). Toda palavra que você profere – incluindo conversas vãs – diz algo importante a seu respeito. Aquilo sobre o que escolhe falar (ou que nunca pensa em dizer) declara o que lhe importa. Suas reações emotivas e suas escolhas sempre expressam seus valores. Basta acrescentar um pouco de sentimento – porque você se importa, porque algo importante vai mal – para que a reação que chamamos de ira venha à tona. Sempre que sente ira (ou não a sente), você está declarando o que lhe importa.

Ao longo deste livro, vou empregar a palavra ira, um termo versátil. Seu foco será naturalmente os juízos negativos de valor que fazemos. Contudo, estarei sempre explorando, ao fundo, essa descrição mais ampla da nossa capacidade avaliatória como seres humanos. Nós avaliamos tudo: nós mesmos, os outros, o

clima, os animais, as ideias, o jantar, Deus, os preços, os acontecimentos atuais, tudo. Polegar para cima ou polegar para baixo. Você não pode deixar de agir como um ser humano. O que a ira faz é simplesmente expressar nossas avaliações negativas com força e emoção específicas. De onde vem a carga emocional? Quanto mais relevância tem algo, mais você se importa, quanto mais importante é a questão – isto é, quanto mais você valoriza alguma coisa –, com mais força flui seu descontentamento.

O que é ira? É a maneira como reagimos quando algo que consideramos importante não está como deveria. Veremos diversos exemplos da Bíblia que ilustram como a ira é suscitada e como as emoções nos estimulam à ação. De modo específico, procure observar o que a ira má e a ira boa têm em comum. Tenha uma caneta em mãos ao refletir sobre o que acontece em cada história.

1. O rei Assuero deseja ostentar sua bela esposa:

[…] estando já o coração do rei alegre do vinho, mandou a [seus servos] que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a formosura dela, pois era em extremo formosa. Porém a rainha Vasti recusou vir por intermédio dos eunucos, segundo a palavra do rei; pelo que o rei muito se enfureceu e se inflamou de ira. […] [Ele reuniu seus conselheiros, e eles disseram:] Se bem parecer ao rei, promulgue de sua parte um edito real, e que se inscreva nas leis dos persas e dos medos e não se revogue, que Vasti não entre jamais na presença do rei Assuero; e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela. (Et 1.10-12,19)

O que o rei considerou errado?

Como ele se sentiu?

O que ele fez?

2. Um jovem observa a justiça própria de Jó e a postura acusatória dos seus três amigos:

Então, se acendeu a ira de Eliú […]; acendeu-se a sua ira contra Jó, porque este pretendia ser mais justo do que Deus. Também a sua ira se acendeu contra os três amigos, porque, mesmo não achando eles o que responder, condenavam a Jó. […] Também eu concorrerei com a minha resposta; declararei a minha opinião. Porque tenho muito que falar […]. (Jó 32.2-3,17-18)

O que Eliú considerou errado?

Como ele se sentiu?

O que ele fez?

3. O rei vê o sucesso de outro homem e a maneira com os outros o enaltecem:

As mulheres se alegravam e, cantando alternadamente, diziam:

Saul feriu os seus milhares,

porém Davi, os seus dez milhares.

Então, Saul se indignou muito, pois estas palavras lhe desagradaram em extremo; e disse: Dez milhares deram elas a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão o reino? Daquele dia em diante, Saul não via a Davi com bons olhos. (1Sm 18.7-9)

O que Saul considerou errado?

Como ele se sentiu?

O que ele fez?

4. Pouco tempo depois de terem sido livrados da escravidão, os israelitas fazem uma festa para celebrar um bezerro forjado com ouro derretido. Moisés demora a descer do monte Sinai, o que os leva a dizer a Arão:

Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; pois, quanto a este Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá sucedido. […] Arão […] trabalhou o ouro com buril e fez dele um bezerro fundido. Então, disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito. Arão, vendo isso, edificou um altar diante dele e, apregoando, disse: Amanhã, será festa ao

Senhor

. No dia seguinte, madrugaram, e ofereceram holocaustos, e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.

Então, disse o

Senhor

a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste sair do Egito, se corrompeu e depressa se desviou do caminho que lhe havia eu ordenado; fez para si um bezerro fundido, e o adorou, e lhe sacrificou, e diz: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito. Disse mais o

Senhor

a Moisés: Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles o meu furor, e eu os consuma; e de ti farei uma grande nação. (Êx 32.1-10)

O que o Senhor considerou errado?

Como ele se sentiu?

O que ele propôs?

5. Numa reunião na sinagoga, Jesus e seus inimigos sentem intenso descontentamento uns com relação aos outros.

[…] entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos. E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. E disse Jesus ao homem da mão ressequida: Vem para o meio! Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio. Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada. Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida. (Mc 3.1-6)

O que Jesus considerou errado?

Como ele se sentiu?

O que ele fez?

O que os fariseus consideraram errado?

Qual foi a postura deles?

O que eles fizeram?

No próximo capítulo, veremos tudo o que está em jogo quando uma pessoa fica irada. Prosseguiremos explicando por que a ira parece ser essencialmente destrutiva em alguns casos e essencialmente construtiva em outros. As motivações por trás dela são o fator decisivo.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Qual foi a frase mais importante que você grifou neste capítulo? Por que você a escolheu?

2. Este é um capítulo crucial. Estamos começando a passar da descrição para a explicação. Como você entende o ponto principal do texto: a ira é uma avaliação que fazemos e uma postura que assumimos (“Isso tem importância ... e está errado”)?

3. Em que momento da leitura você se perguntou: “Mas e quanto a…?” Como você responderia à sua própria pergunta, mesmo sem ter muita certeza? Como você acha que eu responderia a sua pergunta?

Capítulo 5

Todo o seu ser fica irado

Quando algo passa dos limites e você fica irado, quanto de “você” está envolvido?

Todo o seu ser. A ira é algo que você produz.

Parece óbvio. Por que isso é tão importante? É importante porque é verdadeiro e porque é uma verdade quase nunca dita.

As pessoas iradas, bem como aquelas que as aconselham, costumam colocar o foco apenas numa parte de tudo o que acontece com a ira. E, curiosamente, a parte em que elas colocam o foco não é você. A ira é tratada como algo que acontece a você ou em você. Você lida com “ela”, ou “a” domina, ou “a” libera”, ou “a” controla ou se livra “dela”. Mas não é intrinsecamente responsável por “ela”. “Ela” acontece dentro de você, mas você não a está causando.

Uma maneira de compreender a ira é entender que, quando você está irado, você está fazendo algo. A ira não é uma “coisa”. A ira não é apenas uma parte do seu ser. A ira não simplesmente “acontece” com você. Você causa a ira.

A ira é um sistema complexo único. É algo que você faz de todo o coração, alma, mente e corpo. Você avalia algo num piscar de olhos e declara: “Não gosto disso!” Com a liberação da adrenalina, seu corpo é estimulado, a temperatura sobe e seus músculos se contraem. Você sente emoções intensas, as quais são expressas no tom e no volume da sua voz, na linguagem corporal e na expressão facial. O raciocínio acelera, e sua mente reproduz o que aconteceu, imaginando cenários, avaliando, planejando e fazendo escolhas. Então, você entra em ação, decidindo o que fazer e dizer (ou o que não fazer e dizer). Seus desejos e expectativas estão ativos. Você quer justiça, quer provar que está certo, quer ser tratado com amor, quer chegar a tempo para o compromisso, quer proteger alguém ou simplesmente fazer as coisas do seu jeito.

Uma parte da sua ira é a reação primária, e tudo o mais apenas subprodutos? Não. Sua ira atua como um sistema único composto por componentes integrados. Essa complexidade unificada não pode ser reduzida à adrenalina, a emoções, a pensamentos, a ações ou a motivações. No que tange à ira, tudo trabalha em conjunto.

Se não compreender que a ira é algo que você produz – todas as partes do seu ser trabalhando em conjunto –, estará seguindo na direção errada. Vou ilustrar isso com uma série de cenas e exemplos. Quando você fica irado, todas as partes do seu ser se envolvem. Examinaremos mais a fundo os seguintes aspectos: o corpo agitado, as emoções acaloradas, os pensamentos críticos, as ações agressivas e as motivações de quem se considera um deus.

Seu corpo opera em modo de euforia

A ira envolve a fisiologia e a anatomia. Ela apresenta um componente corporal acentuado, especialmente óbvio nas suas formas mais dramáticas. Uma tensão nervosa se espalha pelo corpo. A adrenalina é liberada. Os músculos da face e do peito – às vezes, dos punhos também – se contraem. O estômago revira. O sistema nervoso simpático é acionado. Há uma sensação de calor à medida que o sangue irriga os músculos, preparando você para a ação. O rosto fica corado. Os olhos brilham – já ouviu a expressão “fogo nos olhos”? As sobrancelhas e os lábios ficam franzidos, formando uma expressão de raiva e desaprovação. Ficamos em estado de alerta, como se houvesse um alarme ressoando ininterruptamente. O sistema límbico do cérebro aparece na ressonância magnética, evidenciando o padrão neuroelétrico característico da ira.

A neurociência moderna revela mais dos detalhes internos, mas essa agitação física é uma observação do senso comum. É fascinante como as próprias palavras para a ira trazem em si esses efeitos visíveis e palpáveis no corpo. Por exemplo, o termo ira em inglês (anger) vem de palavras que descrevem o sofrimento daquele que se retorce em dor e tormento intensos: anguish (aflição) e angst (angústia). Nós nos sentimos revirados por dentro quando estamos irados. Basicamente “perdemos a cabeça”. Os outros também percebem isso ao interpretar nossa linguagem corporal. A ira é um estado de tensão, não de calma.

A palavra inglesa para raiva, rage, vem da mesma raiz de rabies e rabid – um acesso violento de fúria. O “cachorro louco” é “louco” em ambos os sentidos: porque fica tanto agressivo quanto fora de si.

Um pouco mais abaixo na escala Richter dos sentimentos, a face de uma pessoa irada se assemelha à de quem comeu algo que deixou um gosto ruim na boca, de quem regurgitou o ácido do estômago. A palavra francesa para ira é colére, e vem da careta que fazemos quando sentimos o amargor da bile (choler em latim). Essas secreções digestivas são sinônimos de ira há muito tempo. Um indivíduo com uma disposição colérica tem aquilo que chamamos de humor bilioso e fica facilmente amargurado com as coisas que lhe acontecem.

Algo que sempre foi observado é como nossa respiração passa a ser ruidosa e irregular quando estamos irritados e como as narinas se dilatam. Uma das palavras hebraicas para ira é a mesma palavra para narina. Outra palavra hebraica para ira expressa uma experiência corporal diferente: a queimação. O sangue irriga os vasos capilares, esquenta a pele e ruboriza o rosto. Ficamos literalmente “esquentados”, e “o sangue ferve”. Esse fluxo sanguíneo também provoca inchaço no rosto, faz saltar as veias do pescoço e arregala os olhos. Tais sintomas são a origem das duas palavras na língua grega que as pessoas usavam para descrever uma pessoa irada: “soltando fumaça quente” e “inchada”.

Portanto, não é por acaso que muitas expressões vívidas que temos para descrever a ira têm a ver com seus efeitos fisiológicos. Quando ficamos “esquentados”, “soltamos fogo pelas ventas”. Uma pessoa de “sangue quente” primeiro “arde por dentro” e, depois, “explode” como um vulcão. Incontestavelmente, a ira é fisiológica. Ela faz o sangue correr. Os hormônios, o fluxo sanguíneo, a tensão muscular, as expressões faciais e um furacão neuroelétrico denunciam a ira. No entanto, por mais dramático que isso seja, ainda tem mais.

Todo o nosso ser produz ira. Assim como as propriedades físicas de uma televisão de tela plana não explicam o filme que está sendo transmitido, o corpo não explica a realidade essencial da ira. Os elétrons estão por trás de toda a existência da televisão, mas ninguém culpa os elétrons por transmitir reality shows, comerciais e o canal de golfe, ou agradece a eles por isso. Seu corpo opera em modo de euforia, mas o que mais acontece ao mesmo tempo?

Suas emoções operam em modo de extremo descontentamento

A ira é um sentimento de angústia, aflição e ódio. Quando alguém diz: “Estou irado”, o que primeiro nos vem à mente é uma sensação de intenso desprazer. Seu equilíbrio emocional está abalado; ele não está calmo ou feliz. Quando não estamos felizes com o que está acontecendo, o que a ira faz é acrescentar uma carga emocional que diz: “Eu realmente não gosto disso”.

Por exemplo, não gosto do sabor nem da textura do feijão-de-lima. Eu até como se for servido em alguma situação; porém, se tiver escolha, sempre recuso. No entanto, não há em mim qualquer antipatia pelo pobre feijão-de-lima. Mesmo assim, virou uma piada na família a ameaça de que haverá feijão-de-lima para o jantar. No fim das contas, é um alimento saudável, e minha esposa adora. Se estivesse preso numa ilha deserta, eu daria graças todos os dias se tivesse feijão-de-lima para comer (conquanto aguardando ansiosamente pelo dia em que ficaria livre dessa dieta).

Porém, realmente não gosto quando alguém mente para mim, tenta me manipular ou me trai. O “realmente” ateia fogo emotivo no mero ato de não gostar. Ninguém gosta de traição, quer esteja preso numa ilha deserta, quer esteja no conforto do próprio lar. Não se trata de uma questão de gosto e preferência. Trata-se de uma questão do mal em ação. O mal fere, e a ira entra em cena.

A ira é uma paixão. Como acabamos de ver, quando nos sentimos irados, o corpo é estimulado. Contudo, o que sentimos não é apenas aquilo que o corpo está fazendo, como se as emoções se limitassem à fisiologia. Nenhum ser humano diria: “Quando você me ridicularizou, meu corpo começou a reagir com aqueles processos fisiológicos que as pessoas chamam de ira, mas sabemos que foi apenas uma reação física”. De modo algum. Reagimos com sentimento. “Quando você me ridiculariza, eu fico aborrecido.” A ira é um estado de energia elevada tanto no corpo quanto na alma.

Sem dúvida, os níveis de intensidade variam tremendamente. A escala Richter dos sentimentos pode variar de uma leve irritação a uma explosão de fúria cega. Ou, como vimos no caso do adolescente Jimmy e dos fariseus na sinagoga, a ira é às vezes expressa de maneira indiferente, fria e calculada, não de maneira agitada, acalorada e impulsiva. Porém, basta uma leve provocação para que as

coisas esquentem.

Vimos como o corpo fica agitado e como há emoções de extremo descontentamento. Mas tem mais. Sua fisiologia e suas emoções estão ligadas aos seus pensamentos. Você não apenas sente ira; você pensa ira.

Sua mente opera em modo de crítica

A ira envolve ativamente o raciocínio. Qualquer apatia mental desaparece num piscar de olhos quando nos iramos. Passamos a raciocinar com clareza e velocidade. Quando estamos irados, uma intensa conversa mental acontece. Reproduzimos várias vezes o vídeo do acontecido na tela da nossa imaginação fértil. A ira envolve posturas e julgamentos incisivos e articulados que expressam os critérios pelos quais consideramos algo aceitável ou inaceitável. Nós passamos o incidente que está sendo avaliado pelo crivo analítico desses critérios. Toda a nossa capacidade de raciocínio pode ser sentida. Lembramos das coisas. Imaginamos. Ponderamos sobre o ocorrido. Visualizamos o que deveríamos fazer. Pensamos nas palavras. Imaginamos as possíveis reações. Planejamos. Quer estejamos fazendo algo visível ou não, pensamos de modo acalorado quando estamos irados, e aquilo que pensamos consiste de julgamentos. Seu idiota! Isso não é justo. Não acredito que ela fez isso comigo.

Na nossa tela mental, não apenas assistimos a repetições do que já aconteceu, mas também escrevemos e reproduzimos cenas imaginárias: retaliações violentas ou respostas perfeitas ao nosso adversário, emudecendo-o ou humilhando-o. Palavras e ações são objeto de pensamento, planejamento e conspiração, mesmo que nunca as expressemos ou coloquemos em prática.

Uma verdadeira miniatura do sistema de justiça criminal acontece na nossa mente. Desempenhamos todos os papéis do julgamento ao mesmo tempo. Somos a vítima inocente e a parte ofendida. Somos o investigador zeloso, o delegado que intima o criminoso, o promotor que faz acusações irrefutáveis. Damos testemunho ocular dos crimes e atuamos como um juiz austero, pronto para aplicar a pena justa. Somos o júri unânime que, descartando todo álibi fraco e circunstâncias atenuantes, declara como “culpado” o acusado. Somos o carcereiro dos criminosos condenados e o carrasco pronto a aplicar a pena

capital aos transgressores.

No entanto, esse tribunal tem algo peculiar: o julgamento é falso. Trata-se de um simulacro, e o veredito já está predeterminado. A pena não passa de uma atitude justiceira. Com raras exceções, nesse tribunal particular da mente o acusado não tem acesso a advogado de defesa, a testemunhas de antecedentes, a um devido processo legal, a circunstâncias atenuantes, a provas do contrário, a uma segunda chance, à alegação de inocência, à possibilidade de mal-entendido por parte do acusador ou à possibilidade de perdão.

A disposição mental crítica está profundamente enraizada na natureza da ira. Um dos objetivos deste livro é fazê-lo pensar com mais cuidado sobre como você raciocina quando está irado, para que seu tribunal interior seja mais justo. A ira é uma postura de julgamento, condenação legal e descontentamento moral. No entanto, o julgamento pode ser bom – até mesmo misericordioso.

Seus pensamentos operam em modo de crítica. Porém, não há apenas um tribunal isolado proferindo sentenças. Há também um campo de batalha onde os inimigos são esmagados.

Suas ações operam em modo de guerra

A ira não atua apenas no corpo, nos sentimentos e na mente. Ela irrompe no comportamento. E esse comportamento – seja ele composto por palavras ou ações – é de conflito e embate. A ira entra em ação como uma operação militar. Ela se resume a ganhar ou perder, a identificar inimigos e aliados, a atacar e defender. A ira provoca o estímulo corporal de “luta ou fuga”, a postura emocional de “ataque e defesa”. Ela administra a justiça no campo de batalha. Não dizemos que as pessoas ficam “tristes” ou “felizes” a ponto de “partir para a briga”. Dizemos, com razão, que elas ficam “iradas a ponto de partir para a briga”.

A ira é um modo de declarar guerra contra um mundo que parece ter se corrompido. É uma maneira de se envolver, de tentar consertar as coisas (embora, muitas vezes, as piore). Ela se livra de problemas por meio da força (conquanto, muitas vezes, o tiro saia pela culatra). Quando reduzimos a ira à

fisiologia, às emoções ou aos pensamentos, perdemos de vista o modo significativo com que ela mobiliza o mundo em que vivemos. A ira, quer deturpada quer sadia, é uma ação em resposta a uma situação perturbadora. Fazemos e dizemos coisas para mudar a situação. “Atacamos” o problema.

Assim como as guerras maiores, nossas guerras pessoais são dinâmicas. Elas incluem ataques sorrateiros, blitzkrieg* e retiradas estratégicas; operações do serviço secreto e propagandas; bombardeios da artilharia e combates corpo a corpo; guerra quente e guerra fria; disparos de franco-atiradores e ofensivas de peso; tréguas temporárias e a ausência completa de um cessar-fogo. Há milhares de variantes entre o tiroteio e o recuo silencioso.

A ira age. Ela surge em palavras acusatórias, sarcasmo, ameaças e imprecações. Ela assume determinado tom de voz. Gestos e linguagem corporal dizem muita coisa: socar o painel do carro, suspirar com indignação, deixar ostensivamente o recinto, falar alto, revirar os olhos, fechar a cara. Expressamos a ira com todo o nosso ser e fazemos isso como uma interação.

Com frequência, a ira é descrita primariamente como um problema pessoal ou uma reação psicológica. Todavia, é importante salientar que a ira tem um objeto, um alvo. Ela é um combate militar, não um mero sentimento. Além disso, ela costuma ser um acontecimento interpessoal. É claro que as pessoas também podem ficar iradas com elementos não humanos. Queixar-se da comida e do tempo parece ser um comportamento endêmico à natureza humana. Ficamos irados com bichos de estimação, carros, aparelhos de televisão e, às vezes, descontamos em meros objetos ou animais dependentes. Contudo, “travar guerra” é uma ação que geralmente acontece contra inimigos humanos.

Assim sendo, a ira não é um simples problema “pessoal” ou “emocional”. Ela irrompe em conflito interpessoal. A ira é sempre a característica central em que há conflito: seja no casamento, na família, na igreja, no ambiente de trabalho, na vizinhança ou na nação. As pessoas usam a ira para obter aquilo que desejam e para derrotar os demais. Conquanto o julgamento esteja acontecendo no tribunal da mente, o campo de batalha se apresenta diante dos olhos. A ira é uma arma para coagir, intimidar e manipular – e um escudo para nos defender. Talvez haja na sua família, no seu ambiente de trabalho ou na sua igreja, pessoas que “pisam em ovos” ou “mexem no vespeiro” sempre que precisam lidar com alguém explosivo.

Para entender a ira, precisamos olhar para além de nós mesmos e ver como interagimos com o mundo real. Porém, ao mesmo tempo, também precisamos olhar profundamente para dentro de nós mesmos. A ira vem à tona por motivações ligadas a quem somos e ao que queremos.

Suas motivações operam em modo de um deus

A ira acontece não apenas no corpo, nas emoções, nos pensamentos e nas ações. Ela é proveniente de motivações profundas. Desejos e crenças subjacentes estão em ação – sempre. As motivações são muito mais profundas do que os pensamentos conscientes. Com frequência, sentimos, pensamos, agimos e reagimos sem consciência das nossas motivações. No entanto, tudo isso compõe o centro organizador de quem somos e daquilo para o que vivemos. A menor ocorrência de irritação ou a mais leve amargura duradoura revela imensas verdades a nosso respeito – se tão somente estivermos dispostos a ver.

Para trazer à tona as motivações que estão por trás da ira, pergunte-se: “Quais são minhas expectativas?” Essa simples pergunta nos ajuda a parar e pensar. E a resposta costuma vir por partes, não de uma vez. O autoconhecimento é, ao mesmo tempo, um simples dom e uma conquista difícil. Podemos ter consciência das nossas expectativas até certo ponto e, aos poucos, passar a compreender níveis mais profundos. É difícil enxergá-las. É mais difícil ainda reconhecer a verdadeira natureza delas. Parte do problema advém do fato de a ira dar a impressão de ser muito “justa” e de o tipo ruim de ira ser muito moralista. “Eu estou muito certo porque você está muito errado.” Esse desejo intenso de pensar bem a nosso próprio respeito, de valorizar-nos e defender-nos continuamente, atrapalha o processo de identificação e o enfrentamento das nossas motivações.

Porém, olhar para si com sinceridade esclarecerá as razões da sua ira. A seguir, estão algumas perguntas que o ajudarão a descobrir quais expectativas e motivações estão por trás desse sentimento:

Quando fica irado, o que você quer? O que esse desejo significa para você? Por

que isso importa tanto?

Quando explode em ira, o que você acredita a respeito do significado do que acabou de acontecer com você?

Do que você tem medo? (Medo é desejo ao contrário: “Eu não quero que isso aconteça”.) O que você acha que pode acontecer de terrível?

Quais intenções o guiaram durante essa interação? O que você procura? Quando fica amargurado e não consegue se livrar desse sentimento, qual é sua esperança e o seu desejo? Pelo quê você vive – agora, não em teoria?

Essas perguntas o levam às fontes mais profundas da ira. Elas revelam seu coração – o que você mais deseja, aquilo em que confia, o que odeia, o que ama. Quando a ira perde o caminho, isso diz algo sobre como estamos nos desviando por dentro, sobre quem está no centro do universo. Quando a ira perde a linha e se transforma em mau humor, queixas ou amargura, você não precisa de uma técnica para se acalmar. Não precisa que as circunstâncias mudem. Não precisa que as outras pessoas mudem. O que precisa mudar são suas motivações interiores. O deus que você idolatra (seja feita a minha vontade, venha o meu reino… ou então) deve ser deposto.

Depor um falso deus exige uma atitude muito mais profunda do que simplesmente adquirir habilidades para resolução de conflitos, por mais valiosas que elas sejam. Exige mais do que mudar a maneira como você fala consigo mesmo, ainda que isso também irá mudar. Exige mais do que encontrar uma técnica, um divertimento ou um medicamento que o acalme. Sim, respirar fundo e contar até dez é bom. Porém, as motivações são os objetivos em torno dos quais a vida se organiza.

As motivações são seus valores e comprometimentos essenciais, aquilo em que você baseia sua identidade. Elas moldam e estimulam seus sentimentos, pensamentos e ações. Elas determinam a maneira como você trata as pessoas. Elas determinam a maneira como você reage à dor, à perda ou à ameaça (às provocações para irar-se). Elas determinam como e por que você fica irado – e se a sua ira é perfeitamente saudável ou um tanto doentia.

Trisha e Ryan são um bom exemplo. Eles são namorados e, quase sempre,

discutem por causa dos planos para uma saída à noite. Em uma das vezes, Ryan chegou atrasado para um jantar que haviam marcado e os dois começaram a brigar. Se assistíssemos a um vídeo da discussão, veríamos o momento, o local, quem disse o quê e quando, os planos e quais circunstâncias atenuantes favoreceram quem. Ele também mostraria as caras feias, as expressões de espanto, as sobrancelhas franzidas, os olhos revirando, a aspereza na voz e o aumento (ou a diminuição) do seu volume, demonstrando a hostilidade da situação. À medida que o bate-boca se intensifica, as palavras deixam de focar nos acontecimentos e transformam-se em acusações e reprovações pessoais. As de Trisha são: “Você sempre faz isso. Você é impossível. Você é egoísta e desatencioso. Você nunca presta atenção”.

E, como em qualquer guerra, a ofensa encontra defesa. Após ouvir a salva inicial, Ryan responde: “Eu não faço isso sempre. Hoje de manhã eu sugeri sushi, mas concordei na hora quando você pediu comida italiana. Estou aqui agora. Qual é o problema? Só porque me atrasei dez minutos?” Logo em seguida (em parte, porque ele está, na verdade, mais para vinte minutos atrasado do que dez), ele lança um contra-ataque: “Você nunca me dá um desconto. É sempre tão crítica e controladora”.

Tudo vai mal até aí. É uma discussão típica de casal. Agora, vamos procurar as motivações. O que essas duas pessoas ressentidas realmente querem? Será que a briga aconteceu só por causa da diferença entre sete horas e sete horas e dezoito minutos? Será que aconteceu só porque as justificativas dele para não ter avisado sobre o atraso não são válidas? Só porque um dos dois não prestou atenção? Só por causa de linguagem corporal, emoções acaloradas, pensamentos intransigentes e, como consequência, os insultos e as palavras defensivas que eles dispararam um contra o outro? Mesmo se acrescentarmos o elemento passado (“sempre” e “nunca” referem-se a algo específico que aconteceu antes), ainda não chegamos à raiz do problema. Por baixo de tudo isso é que encontramos os motivos, as outras histórias que não foram mencionadas em voz alta.

As pessoas raramente compartilham essas coisas quando estão sendo atacadas ou contra-atacando. Os combatentes não costumam estar sequer cientes das suas motivações. O ruído da hostilidade e da mágoa abafa a percepção consciente.

O que se passava no interior de Trisha era: Quero que você me ame. Se você se importasse comigo, chegaria na hora, me avisaria ou, pelo menos, pediria

desculpas. Em vez disso, você está obcecado em provar que está certo e que eu estou errada. Seu atraso e sua postura defensiva significam que você não me ama e que não se importa com meus sentimentos.

O que se passava no interior de Ryan era: Sua raiva significa que você não me ama. Quero que você me trate com respeito. Tenho medo da sua ira. Se me respeitasse, você se daria ao trabalho de perguntar o que aconteceu e no que eu estava pensando. Então, descobriria que eu estava pensando em você e que me senti mal por estar atrasado. Você acreditaria em mim e não simplesmente ficaria irritada. Você não se importou comigo como pessoa.

Podemos entender ambas as partes, e até mesmo concordar com elas quando ficamos sabendo qual é o desejo de cada uma. Elas soam muito plausíveis. Nossas motivações são algo curioso. De um lado, são como porcelana: delicadas e vulneráveis. A ira faz com que nos sintamos fortes (ou, pelo menos, que pareçamos fortes, encobrindo nossas vulnerabilidades). Admitir as verdadeiras motivações numa briga de casal expõe-nos e passa a imagem de que somos fracos. O casal poderia conversar sobre seus verdadeiros motivos de uma maneira que expressasse o simples fato de que estavam feridos ou perplexos, sem hostilidade, ressentimento e desdém. Uma conversa nesse tom poderia até mesmo ajudá-los a entender um ao outro melhor e a aprender a amar um ao outro de maneiras mais atenciosas.

Então, por que as coisas vão tão mal? Por que os dois jovens não conseguem conversar sobre as frustrações e os problemas de comunicação de maneira construtiva? Por que eles não expressam seus desejos e mágoas sem acrescentar grandes doses de hostilidade e moralismo? Por que eles não se esforçam para ter uma compreensão mútua e uma vida melhor juntos?

Por outro lado, as motivações não são apenas as frágeis porcelanas dos desejos plausíveis e das mágoas sinceras. Elas também são o aço e os explosivos da obstinação ferrenha. A ira do tipo ruim acontece quando as motivações são como as de um deus. “Eu quero as coisas do meu jeito. Exijo que você me ame de acordo com minhas próprias regras. Provarei que estou certo, custe o que custar. Provar que seu erro é indesculpável e ultrajante é um modo de provar que eu estou certo e que sou vítima da sua iniquidade grotesca. Quero estar no controle. Você deve me obedecer, me ouvir e satisfazer todas as minhas vontades. Como você se atreve a ir contra meu desejo todo-poderoso?”

Como poderíamos explicar esse modus operandi básico que acontece no tipo ruim de ira? Ele é como o sistema operacional MS-DOS, oculto por trás da interface do Microsoft Windows. A fachada de qualquer discussão se assemelha aos documentos, às pastas, aos ícones e às janelas. Porém, por trás de tudo isso estão os códigos que fazem tudo funcionar. Vamos examinar esses códigos de três ângulos complementares.

Em primeiro lugar, tanto Trisha quanto Ryan estão dizendo: "QUERO AS COISAS DO MEU JEITO". A ira é mal direcionada por causa de uma exigência. O simples desejo (e a simples dor que sentimos quando não recebemos o que queremos) transforma-se em algo que eu preciso ter. Geralmente o que está errado nos meus desejos não é o que eu quero, mas o fato de que eu o quero demais. Meus desejos se transformam em necessidades. Eu devo ser amado. Eu exijo seu respeito. Eu preciso que você me trate como eu quero. Eu ordeno que não seja tão duro comigo. Eu insisto que você seja compreensivo. Eu exijo que você seja carinhoso. "O que eu quero está certo; portanto, tenho direito de ficar irado com você." Mesmo se seu desejo for algo bom (por exemplo, que seu namorado chegue na hora e tenha a consideração de telefonar caso se atrase), ele é tão intenso, que o acaba consumindo. Desejos simples viram exigências que precisam ser satisfeitas, ou então…

Em segundo lugar, tanto Trisha quanto Ryan estão dizendo: "SOU A VÍTIMA PREJUDICADA". Em minha ira, eu julgo você por crimes cometidos contra a humanidade e o condeno como um criminoso. Eu sou a vítima das suas crueldades (reais ou imaginárias). A vitimação passa a ser minha identidade e a me consumir. A autocomiseração e o moralismo são narcóticos fortes. É bom que eu me sinta tão mal, pois isso prova que você é mau e eu sou bom.

Em terceiro lugar, tanto Trisha quanto Ryan estão dizendo: "EU SOU DEUS". Há um traço de presunção na ira quando ela é reduzida a seus elementos básicos. A ira do tipo ruim acontece quando você se coloca como um deus. Seus desejos passam a ser leis divinas. Basta analisar cada ocorrência desse tipo de ira para identificar o fenômeno. Quer esteja aborrecido de verdade, quer esteja só um pouco irritado ou quer se sinta profundamente amargurado, tudo gira em torno do onipotente eu. A ira é exigente e acredita ser merecedora: É isso o que eu quero. Seja feita a minha vontade. Ela é superior: O mundo e tudo o que nele há estão sujeitos a mim.

Todas as pessoas, todos os objetos e todos os acontecimentos estão sujeitos à minha opinião e avaliação. Ela é acusatória: você violou minha vontade e merece castigo.

Quando o tipo bom de ira acontece, sempre há algo superior – algum propósito mais elevado ou alguma pessoa – que controla a ira, que impõe limites à amargura, que apresenta razões para não lamentar ou reclamar. O Deus altíssimo, sua lei superior, suas misericórdias ternas e seus propósitos elevados transformam a ira. Algo milagroso acontece quando eu deixo de dizer: "Venha o meu reino, seja feita a minha vontade na terra". Minhas motivações não mais operam em modo de usurpação divina. A misericórdia que nos humilha começa a dominar-nos, e meu universo volta à realidade.

É somente então que nos livramos da arrogância, do interesse pessoal, da inveja e da hostilidade que Assuero, Saul e os fariseus expressaram nas histórias que lemos no final do capítulo anterior. É somente então que Trisha e Ryan podem se tornar sensatos, humilhados pelas misericórdias de que necessitam, gratos pelas misericórdias que Deus concede. A qualidade da ira definitivamente muda para melhor. Isso não significa que nunca mais ficaremos irados. Vemos bons exemplos disso na ira de Eliú, do Senhor Deus e de Jesus. O que acontece é que a lógica interna e essencial da ira muda.

Qual é a diferença? Em cada um dos casos, propósitos maiores controlavam a situação. Eliú ficou irado com razão quando testemunhou o embate entre a justiça própria de Jó e o conselho acusatório dos amigos dele. Ele se lançou em defesa de Deus. Embora não tivesse capacidade para falar tão bem quanto Deus, as palavras de Eliú expressaram o amor penetrante da ira divina ao desafiar Jó e seus três amigos. O resultado final? Misericórdia e humildade triunfaram sobre discussões vãs e acusações mútuas.

De modo semelhante, o Senhor Deus irou-se justamente com a celebração idólatra de seu povo. Qual foi a consequência? Sua ira justificada fez com que a fé de Moisés o levasse a agir como uma figura de Cristo para o povo, ora intercedendo por misericórdia, ora expressando a justa ira divina. O resultado final? Na cena seguinte, vemos uma revelação do DNA básico de toda a Bíblia. Depois do ocorrido, testemunhamos, sobre o monte Sinai, a dupla hélice da bondade espetacular de Deus para com um povo desviado.

Senhor

,

Senhor

Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado […] (Êx 34.6-7).

Deus é bom – ele justamente fica irado com todo aquele que se volta contra ele e contra os outros. Deus é bom – incalculavelmente misericordioso para com todo aquele que reconhece a própria necessidade.

Da mesma maneira, Jesus irou-se com razão por causa do coração de pedra dos homens que o odiavam e eram indiferentes ao sofrimento dos demais. No entanto, o que eles intentaram para o mal foi transformado por Deus num bem incalculável para nós. Jesus curou um aleijado no sábado e, por tal "transgressão", enfrentou a morte nas mãos de assassinos. O resultado final? Ele mesmo levou sobre si os pecados dos homens e mulheres com coração de pedra. O DNA básico de toda a Bíblia ganhou vida, o Filho do Homem, que caminhou entre nós e morreu por nós. Ele vive agora e ainda nos perdoa e nos renova à imagem da sua justa ira e misericórdia abundante.

Quando os propósitos maiores de Deus estão no controle, o mal pernicioso da ira é neutralizado. A ira se torna uma serva da bondade. Ela se torna justa, e os propósitos se tornam misericordiosos para todos aqueles que se voltam para ele, confiam nele e são conformados à sua imagem. Deus muda nossas motivações.

Num capítulo posterior, iremos examinar nossas motivações mais a fundo. Analisaremos sua natureza, tanto as boas quanto as más. E, o mais importante de tudo, veremos como a graça de Cristo entra em cena para perdoar e, então, passa a agir de modo a transformar nossas motivações. Por ora, considere apenas algumas verdades básicas. As motivações operam por trás de toda agitação corporal, da tempestade emocional, do tribunal mental e das ações ofensivas. É possível (e imensamente esclarecedor) descrever as motivações que estão por trás de qualquer bate-boca. É possível chamá-las pelo nome. Em outras palavras, podemos nos conhecer de modos que as teorias atuais sobre a ira nunca

abordam.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Qual foi a frase mais importante deste capítulo para você?

2. Quais são as implicações? Por que ela é tão importante para você? Que diferença faria se a perspectiva nela contida fosse verdadeiramente dominante na sua vida?

3. Alguma pergunta MEQA?

Nota

* Ataque relâmpago. (N. do R.)

Capítulo 6

Natureza, convivência… e a natureza humana

Já vimos que a ira é uma reação moral que afirma: “Isso está errado e tem importância”. Já vimos que a ira é algo que você faz – com todo o seu ser, corpo e alma – e que você faz isso por razões pessoais. Mas como ela surge, quais fatores moldam suas formas específicas de expressão?

Neste capítulo, faremos uma pausa para apreciar uma garotinha temperamental. Testemunharemos a graça de Deus em ação. Refletiremos sobre a constituição original da natureza humana. E, em seguida, veremos como cada um de nós adquire padrões e desenvolve hábitos. Este capítulo nos dará uma perspectiva antes de mergulharmos nas profundezas do pensamento radical sobre nossos próprios objetivos.

A ira é natural

Não tenho muitas lembranças da quarta série. Mas lembro-me da Leanne. Ela era uma garotinha esquentada. De tão mandona e teimosa, tirava os professores do sério e esgotava a paciência dos seus amigos. Era muito óbvio quando algo ou alguém ia contra sua vontade: ela virava a cara, olhava-nos com fúria e respondia com rapidez e rispidez, disposta a travar uma briga sem tréguas.

Não obstante, Leanne era uma heroína. Certo dia, depois do almoço, testemunhei sua indignação moral diante de uma situação no pátio.

Mark era outro coleguinha da quarta série. Ele era uma criança desajeitada, tímida, sempre alvo de provocações. Naquela tarde, ele estava sendo importunado por três garotos maiores da quinta série. Eles haviam formado um

círculo ao seu redor e o empurravam de um lado para o outro. Mark começou a choramingar, e os meninos o ridicularizaram, cantando: “Marky é um bebê! É um bebê chorão! Marky é um bebê! É um bebê chorão!”

De repente, Leanne disparou em direção à cena. Ela era menor do que o próprio Mark. Mesmo assim, enfiou-se no meio do círculo, encarou os valentões e começou a repreendê-los. “Parem com isso. É errado. Vocês estão sendo maldosos. Deveriam ter vergonha. Vocês são grandes, e o Mark é pequeno. Vocês estão em grupo, e o Mark está sozinho. Vão atormentar alguém do tamanho de vocês. Deveriam pedir desculpas a ele por isso.” Ela fez uma tremenda cena. Estava irada. Aquela foi uma combinação perfeita de coragem, amor e indignação.

Em vez de recuar com medo, as outras crianças começaram a se aglomerar ali. Os meninos pararam. Olharam em volta e perceberam o grupo que se formava. Então, cabisbaixos, afastaram-se devagar, arrastando os pés. Leanne havia ganhado o dia. Mark fora resgatado do seu tormento.

Ninguém disse a Leanne que ela precisava ter um senso aguçado de justiça. Aposto que ela mal pensou no que fez. Ela simplesmente viu algo injusto e maldoso acontecendo, e sua ira a impulsionou a agir. Foi um ato passional – espontâneo, amoroso e bom – em favor de alguém que estava sendo afligido. Aconteceu naturalmente.

Leanne, como eu e você, como toda a humanidade, tinha a capacidade de discernir entre o bom e o cruel, o justo e o injusto, o certo e o errado. Algo “cruel, injusto e errado” a incomodou. A menos que tenha se tornado insensível à maldade ou endurecido o coração a ponto de tornar-se mau (e ambas essas coisas acontecem muito no decorrer da vida), você também fica descontente com o que aparenta ser errado e injusto. É algo na maneira como a natureza humana é formada que nos leva a agir assim. Leanne sabia instintivamente – sem reflexões longas ou análises meticulosas – que a atitude daqueles garotos era um mal a ser combatido.

A ira é a emoção da luta. A ira é a emoção da justiça. A ira é a emoção que livra os oprimidos do mal. Ela provém do amor pelos necessitados. Todos nós nascemos com um senso de justiça. Não podemos ignorá-lo ou corrompê-lo. No entanto, podemos direcioná-lo para propósitos totalmente egoístas. Assim, é possível que o senso de justiça de um garoto brigão só apareça quando ele

estiver sendo maltratado – ou quando ele estiver sendo chamado a prestar contas. Você já percebeu como algumas pessoas se sentem ofendidas e indignadas quando são pegas fazendo algo errado?

O senso de justiça pode ser direcionado para vários lados, para o bem ou para o mal, mas não pode ser eliminado. Ele faz parte da constituição original da natureza humana. Qual é o termo para isso? “A imagem de Deus” é o modo resumido de descrever a maneira como todos nós deveríamos ser. Nós identificamos algo errado e nocivo. Trata-se de algo importante. Fomos criados para ficar indignados diante de tais situações. Então, falamos e agimos vigorosamente de modo a tratar do problema. É muito bonito quando os seres humanos agem assim. É construtivo. Nossa ira é natural. É uma competência concedida na criação à imagem de Deus, que é justo.

No jardim do Éden já havia um mal contra o qual irar-se. Como seres criados à imagem de Deus e leais a ele, Adão e Eva deveriam ter se irado contra aquele que é mentiroso e assassino. Eles deveriam ter pego paus e pedras e matado a serpente, pois ela mentiu sugerindo-lhes que Deus era o mentiroso. Desse modo, o primeiro ato de ira teria sido em Gênesis 3 em vez de Gênesis 4 (quando Caim matou Abel).

Ah!, se tão somente Adão e Eva tivessem se irado na hora certa e da maneira certa! Ah!, se tão somente eu e você nos irássemos na hora certa e da maneira certa! Porém, infelizmente a ira é “natural” de outra maneira também. O bem criado foi enredado e distorcido pela queda e pelo mal, que passou a ser nossa “segunda natureza”.

Você já precisou aguentar crianças reclamando? A reclamação é tão irritante para os relacionamentos humanos quanto o som de unhas no quadro-negro. Você já presenciou uma criança tendo uma explosão de raiva a plenos pulmões? Você já ouviu uma criança manipulando os pais? “Mas eu quero assistir televisão.” “Mas eu não quero jantar.” “Você nunca me deixa fazer o que eu quero.” Afinal de contas, onde foi que elas aprenderam a se comportar assim?

Elas não aprenderam. Sim, habilidades relacionadas aos hábitos de reclamação, irritação e manipulação podem ser adquiridas (falaremos mais sobre isso ainda neste capítulo). Um recém-nascido é completamente dependente e tem sentimentos inatos de necessidade e confiança com relação aos pais, que o alimentam e protegem. Os pais são o in loco parentis de Deus – são, no pequeno

universo do filho, deuses poderosos e amorosos. Porém, uma transição acontece com o surgimento da teimosia. Um novo deus aparece: “Eu sou deus, não vocês”.

Quando Jesus disse que é de dentro do coração do homem que procedem os maus pensamentos, a cobiça, a perversidade, o engano, a inveja, a calúnia, o orgulho e a insensatez, ele não excluiu as crianças.1 Essa lista de pecados humanos emprega termos adultos para descrever coisas que as crianças também fazem. Nós já nascemos com uma natureza voltada para a ira pecaminosa.

Ou seja, o fato de sermos humanos significa que fomos criados com a capacidade de sentir o tipo bom de ira, mas também significa que nascemos caídos, com a tendência de sentir o tipo ruim de ira. O potencial está presente em nós de dois modos diferentes. O bem e o mal coabitam. Não estamos falando de fisiologia, mas, na natureza humana, dos dados da nossa constituição moral. Nós somos uma contradição viva. Há algo na ira que é muito bom e, ao mesmo tempo, algo que é muito ruim. Estamos sintonizados no sentido de que percebemos a diferença entre justiça e injustiça, amor e ódio; contudo, estamos fora de sintonia no sentido de que nossa ira pode ser superficial, egoísta e maldosa. Esse não é um fato que precisa ser provado. A contradição na nossa natureza é bastante óbvia. Ela está presente na minha vida e na sua também.

Grande parte do que torna tão difícil explicar a ira é nossa dificuldade em identificar e explicar esses dois lados da natureza humana. Eu e você somos paradoxais. Ninguém é capaz de entender uma pessoa se não estiver disposto a considerar dois opostos em conjunto. Você não é capaz de entender a si mesmo sem considerar a criação e a queda em conjunto.

Os otimistas veem somente evidências da imagem de Deus e do bem criado quando falam sobre a ira. “A natureza humana é essencialmente boa. Abra seus olhos. Veja as ações nobres, a coragem e a abnegação das pessoas. Pense na criatividade e generosidade de que elas são capazes. Todas as causas do mal estão fora de você, sejam elas as forças da natureza ou as forças da criação que o impactam negativamente. Você tem todo o direito de irar-se porque outras pessoas lhe fazem mal. Os problemas da vida, as formas distorcidas de ira, podem ser resolvidos por meio da ciência, da medicina, da reforma social, da educação, do conhecimento e das boas intenções.” Os otimistas acreditam enxergar o problema com clareza, mas o enxergam apenas pela metade.

Os pessimistas são mais céticos e veem somente evidências da queda quando falam sobre ira. “A natureza humana é essencialmente egoísta, destrutiva e falaz. O que mais poderíamos esperar? Abra seus olhos. Veja todos os agressores, mentirosos e manipuladores que existem por aí. As pessoas são egoístas e acreditam ser melhores do que de fato são. A vida real é uma selva de egoísmos e manipulações conflitantes. E não se iluda: você também é um ser humano. É certamente capaz de fazer qualquer coisa para se sair bem nos relacionamentos, no local de trabalho ou na política.” Os céticos acreditam enxergar o problema com clareza, mas também o enxergam apenas pela metade.

Ambos estão parcialmente certos e totalmente errados. Quando acordamos e encaramos a realidade, não há como continuar sendo otimistas sentimentais ou pessimistas derrotistas. A sabedoria diz: “Há uma grande dose de bem e uma grande dose de mal em cada coração o tempo todo. Com muita frequência, o mal corrompe o bem com hostilidade e amargura. Felizmente, muitas vezes o bem subverte o mal com atos de bondade e com a árdua tarefa da pacificação. Nenhum de nós é tão mau quanto poderia ser (embora algumas pessoas cheguem perto). Nenhum de nós é tão bom quanto deveria ser (e, quanto mais nos conhecemos, mais percebemos como estamos aquém desse ideal). Cada um de nós é um microcosmo: um conflito perpétuo na Grande Guerra entre o bem e o mal”. A ira acontece naturalmente em mim e em você. Tanto o bem quanto o mal são parte do conjunto chamado “pessoa”.

Assim, no pacote que as pessoas iradas trazem consigo, há tanto ira do tipo bom quanto ira do tipo ruim. A ira é maravilhosa e, ao mesmo tempo, aterradora. A linha que separa o bem e o mal também perpassa a ira, como perpassa todas as outras coisas. A ira é divina quando a pessoa valoriza a justiça e a equidade e permanece em estado de alerta contra a traição e a falsidade. A ira é diabólica quando a pessoa usurpa o lugar de Deus, quando é mesquinha, cruel, ranzinza, briguenta, obstinada e injusta.

A ira é aprendida

A capacidade de irar-se é intrínseca à natureza humana, mas os padrões de ira são aprendidos com a convivência. Nós aprendemos a ficar irados de duas

maneiras diferentes: imitando o comportamento de outros e desenvolvendo nosso próprio estilo por meio da prática.

Primeira, a ira é ensinada e exemplificada para nós. Aprendemos muitas coisas com as outras pessoas sobre como e quando irar-nos, para o bem ou para o mal. Aprendemos quais são as situações em que devemos ficar irados (e quais as que devemos ignorar). Aprendemos maneiras de demonstrar nosso desagrado (e maneiras de mascará-lo).

Permita-me dar um simples exemplo. Eu moro na Filadélfia, onde, às vezes, cai muita neve. Pergunto: tempestades de neve são algo a ser apreciado ou motivo de revolta? Será que elas são um belo fenômeno da natureza, trazendo mais oportunidades de termos contato com os vizinhos, de nos exercitar retirando a neve da frente de casa e de nos divertir com trenós e esquis? Ou será que são uma frustração, trazendo a inconveniência de ter de limpar a calçada e do baque financeiro causado pelo fato de as pessoas terem de ficar presas em casa? Essas duas atitudes coexistem nas pessoas nessa situação. Diferentemente de quando somos traídos ou ganhamos um presente inesperado, presenciar uma nevasca não traz, em si, uma indicação clara de que devemos ficar “irados” ou “felizes”. Nossa resposta à neve costuma ser moldada pela maneira como as pessoas ao nosso redor reagem.

Quais hábitos, estilos e tendências do tipo ruim de ira você adquiriu dos outros? Na mente de algumas crianças, nunca sequer passou a ideia de soltar um palavrão – elas nunca ouviram palavras de baixo calão. Elas mesmas se surpreendem quando deixam escapar uma obscenidade após sua primeira semana tendo contato com outras crianças no ônibus escolar, mas a indignação dos pais refreia a formação do hábito. Mais tarde, porém, quando elas crescem e vão morar numa república, começam o primeiro emprego ou entram para o exército, é possível que os palavrões se tornem parte constante de suas falas, sendo aplicados a todo e qualquer tipo de situação: “Cadê a %$#@! da manteiga?” é uma frase que talvez não tenha sido necessariamente ensinada em casa, mas, sim, aprendida.

Outras crianças, por sua vez, foram criadas para xingar. Um pai que rotineiramente pragueja contra o tempo, grita no trânsito e humilha a esposa está ensinando seus filhos a fazer a mesma coisa. A ira e os xingamentos hostis tonam-se maneiras rotineiras de reagir às mais leves frustrações. Considere também uma mãe que finge nunca ficar brava, mas que reprova e se afasta

fazendo cara feia, além de estar sempre culpando e criticando os outros. Ela está ensinando os filhos a agir da mesma maneira. Nossos pais, nossos semelhantes e a mídia servem como modelos de como devemos lidar com as pequenas frustrações do cotidiano. As emoções são extremamente contagiantes.

Há um provérbio sábio que diz: “Não te associes com o iracundo, nem andes com o homem colérico, para que não aprendas as suas veredas e, assim, enlaces a tua alma” (Pv 22.24-25). Por acaso você tem hábitos do tipo ruim de ira que são frutos da influência de amigos, da família ou de colegas de trabalho? Aprendemos muitas coisas por meio de exemplos. A capacidade que temos de irar-nos é intrínseca à natureza humana, mas a forma que a ira assume é extremamente influenciada pela convivência com os outros.

A ira construtiva também é aprendida por meio de modelos. Sem dúvida, seria um exagero afirmar que o hábito da paciência e da ira construtiva é facilmente adquirido. Por algum motivo, germes parecem ser mais contagiantes do que boa saúde, e uma mentalidade negativa se propaga com muito mais velocidade do que uma mentalidade positiva. Mas pode acontecer. Por acaso seu pai, sua mãe, algum amigo próximo, professor ou conselheiro é uma pessoa paciente e generosa com os outros, que dificilmente se irrita? Uma pessoa que guarda a ira para ocasiões em que há um mal realmente relevante? Uma pessoa que expressa a ira de modo puro e construtivo, como parte de um amor pelos outros que a leva a combater males? É bem possível que você tenha aprendido algumas coisas com essa pessoa. Outro provérbio repleto de sabedoria expressa esse fato da seguinte maneira: “Quem anda com os sábios será sábio” (Pv 13.20). Nada se compara a um bom modelo que nos transmite uma imagem de como é possível viver bem.

Muitos detalhes do seu estilo de ira podem ter sido influenciados pelos pais, por colegas ou pelo seu grupo étnico. Diferenças culturais na expressão de sentimentos podem ser bem acentuadas. A ira norueguesa e a ira italiana costumam diferir drasticamente em expressão. No entanto, os hábitos da primeira não devem formar nossa imagem de um autocontrole ideal. Tampouco os hábitos da segunda devem formar nossa imagem de uma expressividade ideal. Fomos projetados para sentir ira, mas a forma específica que a ira assume costuma ser aprendida.

Todos nós somos aprendizes, esponjas constantemente absorvendo valores, pressupostos, atitudes e expectativas dos que nos cercam. As palavras modernas

para descrever esse processo são enculturação e socialização. O modo antiquado de expressar a mesma coisa é dizer que todos nós somos “discipulados” à imagem das pessoas importantes nas quais nos espelhamos. Às vezes, o que aprendemos é consciente; porém, na maioria das vezes adquirimos certos comportamentos como o ar que respiramos.

A ira também é aprendida de uma segunda maneira. Pela prática. Ela pode se tornar nossa “segunda natureza”, uma reação habitual. Assim como em muitas outras coisas, a “prática leva à perfeição” na ira. Talvez você fique tenso toda vez que se lembra do seu orçamento apertado. Talvez sempre fique mal-humorado no dia de pagar contas. Duas vezes por mês, no primeiro sábado após o pagamento, sua família já sabe que é melhor evitá-lo porque você fica irritado. Ou, talvez, você esteja sempre brigando pelo mesmo motivo. Seria mais fácil fazer uma gravação da sua ladainha e poupar energias.

Algumas semanas atrás eu e minha esposa estávamos fazendo um trajeto desconhecido de carro, tentando chegar a um destino também desconhecido. Em certo ponto, comecei a dirigir mais devagar, um pouco hesitante, sem saber em qual rua entrar. (Eu amo dirigir devagar, mas juro que não estava fazendo isso de propósito. Até então, eu estava em velocidade normal e não tinha dado motivo algum para que o caminhoneiro atrás de mim se irritasse.) Porém, no instante em que desacelerei e passei a conduzir de modo oscilante, o motorista de trás apertou a mão na buzina. Quando finalmente decidi virar à esquerda, ele acelerou, emparelhou o caminhão ao lado do nosso carro e colocou a cabeça para fora da janela com uma expressão de fúria. Então, soltou uma rajada de obscenidades. Empregando uma mistura vívida de termos anatômicos, excretórios, sexuais e infernais, ele resumiu meu caráter, minha inteligência, minha mãe e meu direito de dirigir naquela rua, como se eu tivesse acabado de arruinar sua vida. Fiquei admirado com a capacidade daquele homem de sintetizar tanto conteúdo em tão poucos segundos. Sem mencionar o uso criativo de gestos. Por fim, ele pisou no acelerador e disparou rua afora. Acho razoável supor que não fui o primeiro motorista lerdo a ser tratado daquela maneira por aquele indivíduo. Sem dúvida o hábito com que me deparei havia sido bastante exercitado antes.

Padrões de ira – tanto do tipo bom quanto do tipo ruim – tornam-se característicos. Algumas pessoas ficam furiosas, mas depois sempre deixam para lá. Outras se isolam. Algumas ficam nervosas por vários dias, resmungando, fofocando, matutando ou aumentando o problema na mente. Outras levantam a

voz. Algumas ficam quietas, temerosas e desencorajadas. Outras fingem que nada aconteceu. Algumas não reconhecem que estão aborrecidas e sequer conseguem identificar a própria ira. Outras descontam em inocentes ou descarregam praticando exercícios intensos. Algumas dão sinais abundantes de que estão com raiva. Outras explodem do nada. Algumas usam a ira para intimidar e controlar os demais. Outras usam a ira para zangar-se e evitar os outros.

E, de maneira admirável, algumas pessoas expressam a ira abordando os problemas com o propósito de resolvê-los. Benditos sejam os pacificadores. Reagir de maneira construtiva aos problemas é uma arte, um talento adquirido com muita prática. Todos nós desenvolvemos um "estilo de vida", uma maneira característica de viver.

Estes últimos capítulos procuraram direcionar nossos pensamentos para verdades básicas sobre a ira. Minha intenção foi fornecer um repertório mais rico de termos e ideias para suas reflexões sobre a ira. No entanto, eles também foram capítulos desafiadores. Quando afirmo que sua ira é a reação moral de um ser humano moralmente responsável, estou declarando uma verdade simples, essencial para o verdadeiro autoconhecimento e para um direcionamento correto neste mundo complexo. Porém, é difícil aceitar essa verdade quando tantas outras vozes lhe dizem para procurar o fator essencial em outros lugares. As coisas que você diz a si mesmo na sua mente? E a maneira como sua família o criou? E a forma como a história evolutiva da raça humana moldou sua genética? E o diabo passando a residir e assumindo o controle?

Para ouvir uma simples verdade com clareza e lidar com suas implicações, foi preciso limpar bem o terreno antes. A ira surge no corpo, mas o corpo não é seu elemento crucial. A ira é aprendida das pessoas ao redor, mas nossos modelos não são seu elemento crucial. A ira é influenciada pelas coisas que você diz a si mesmo, mas os pensamentos não são seu elemento crucial. A ira fica contida, mas liberar essa energia não é o elemento crucial. A ira é diabolicamente hostil, mas exorcizar poderes das trevas não é o elemento crucial.

O elemento crucial é você. E você é o ser humano complexo que analisamos ao longo dos capítulos anteriores.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Principal frase e por quê?

2. Perguntas MEQA?

3. O que você tem a dizer sobre a ideia de que um paradoxo está operando na sua experiência da ira?

4. Em quais situações você viu o lado bom da ira, expresso na indignação provocada por um senso de justiça e compaixão pelas vítimas de algum mal? Você já considerou isso como parte do significado prático da expressão “imagem de Deus”?

5. Em que situações você viu o lado ruim da ira sendo expresso nas hostilidades cometidas por causa da corrupção do nosso senso de certo e errado? Você já considerou isso como parte do significado prático da expressão “cair em pecado”?

6. Você tem tendência para o otimismo (focar no que é bom) ou para o pessimismo (focar no que é ruim)?

Capítulo 7

O descontentamento construtivo da misericórdia – Parte 1: paciência e perdão

Agora que compreendemos o problema, passaremos a tratar dele. Portanto, os próximos capítulos são a essência deste livro.

Já examinamos atentamente o DNA básico da ira: descontentamento com algo que está errado. Depois, detalhamos um pouco como nosso descontentamento pode ser expresso de um modo ruim. No entanto, ao longo do caminho, tivemos vislumbres de como a ira pode ser redimida. Como a ira pode tornar-se construtiva? Como o descontentamento diante do mal pode se tornar uma expressão da fé em Deus e, como consequência, uma expressão de amor pelas pessoas? A preocupação que senti ao presenciar a cena conturbada da mãe com o filho no supermercado foi, para mim, um indício de que a raiva pode ser transformada em algo amoroso. A iniciativa destemida de Leanne, ao sair em defesa do colega desamparado, demonstrou que a ira em ação pode realizar coisas verdadeiramente boas.

É possível afirmar: “Isso está errado” e manifestar nosso desagrado de maneiras realmente construtivas. Realmente amorosas. Até mesmo bonitas. A postura de Jesus era identificar o que estava errado, chamá-lo pelo seu nome correto e confrontar os transgressores. Ele descreveu seu propósito da seguinte maneira:

Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (Jo 3.17)

Nós merecemos ira e condenação. Entretanto, os propósitos da misericórdia

controlam a maneira como Deus manifesta seu descontentamento. Este capítulo falará sobre o tipo bom de ira, ao qual daremos um nome agora: descontentamento construtivo da misericórdia.

Reflita sobre esta descrição: descontentamento… construtivo… da misericórdia. Cada uma dessas três palavras é de fundamental importância. A ira divina opera como um aspecto da misericórdia. Ela traz o bem para as situações ruins. Ela defende os desamparados e as vítimas. Ela confronta os transgressores – porém, estende-lhes a promessa de perdão, convidando-os para uma nova vida.

A sua ira e a minha podem ser refeitas à imagem de Deus. Quando reagimos a um mal com outro tipo de mal, sempre multiplicamos os problemas. As formas mais comuns do tipo ruim de ira são simplesmente maneiras de pagar o mal com o mal. Já nas situações nas quais a misericórdia inteligente flui, o descontentamento produz um bem poderoso. Misericórdia inabalável é o DNA de toda a Bíblia. Misericórdia objetiva é o DNA da redenção. Jesus interfere na nossa ira não com o intuito de embotar nossa sensibilidade ao mal, mas de redimir a maneira como reagimos.

Por definição, misericórdia é uma reação ao sentimento de descontentamento. Quando alguém está errado, quando uma pessoa está sofrendo alguma ofensa, quando as coisas estão indo mal, tanto o prazer quanto a indiferença são reações incorretas. Ah!, se não sofrêssemos nem pecássemos! Não teríamos necessidade de receber as misericórdias de Deus – as expressões paradoxais e graciosas do seu descontentamento com relação ao estado das coisas. Se este mundo não pulsasse em sofrimentos e pecados, nós não precisaríamos aprender a sentir esse mesmo descontentamento enérgico da misericórdia com relação ao status quo. Devemos comunicar nossos sentimentos de perturbação, desconforto e incômodo com relação ao que está errado expressando misericórdia inabalável e objetiva.

E, por definição, a misericórdia é invariavelmente construtiva. A misericórdia intervém de modo a abordar e resolver qualquer problema que esteja em vista. Jesus é a personificação desse descontentamento construtivo da misericórdia. Trata-se de uma maneira abundante e complexa de reagir à vida.

Ao se deparar com a morte de Lázaro e o luto das irmãs, Jesus fica agitado,

comovido, triste e indignado com a morte, com a perda e com o sofrimento (Jo 11.33,35,38). Então, num ato de misericórdia, traz Lázaro de volta à vida.

Jesus encontra um homem com a mão ressequida na sinagoga de Cafarnaum e resolve curá-lo. Os fariseus também estão presentes, à espreita para pegar Jesus cometendo algum erro. Ele olha para os fariseus com indignação, condoído com a dureza do coração deles (Mc 3.1-5). Em seguida, cura o homem.

Ao chamar Mateus para segui-lo, Jesus está, na verdade, chamando um homem mau. Ele come regularmente com Mateus e com muitas outras pessoas más. Os fariseus fazem questionamentos. Por que Jesus come com publicanos e pecadores? Ele responde dizendo que o trabalho dos médicos é curar doentes, não pessoas saudáveis. “Estou chamando pecadores, não aqueles que julgam ser bons o bastante e melhores do que os outros” (veja Mt 9.9-13). Num ato de misericórdia, Jesus realiza um ato benigno, concedendo vida aos pecadores. Ele morre voluntariamente pelos inimigos de Deus, que são fracos, ímpios e pecadores (Rm 5.6-10).

Misericórdia. É porque Jesus odeia o sofrimento e ama os sofredores que estes encontram cura e alegria. Misericórdia. É porque Jesus odeia o pecado e ama os pecadores que estes encontram perdão e alegria.

Essa é uma maneira complexa de reagir às coisas que estão erradas no mundo. Ela envolve uma combinação construtiva de ira justificada, misericórdia e esforços ativos no sentido de levar paz verdadeira onde há problemas. O descontentamento construtivo da misericórdia segue na mesma direção que a ira comum, mas numa frequência completamente diferente. Ele não se assemelha a uma simples hostilidade. Sim, é verdade que, como a ira comum, ele diz: “Isso tem importância. É errado e ofensivo. Quero fazer algo a esse respeito”. Todavia, ao contrário de apenas ficar irado, ele diz: “Isto é errado. Portanto, vou agir com misericórdia construtiva buscando o que é justo, o que é reparador e o que faz bem”.

A misericórdia é uma maneira totalmente diferente de reagir às ofensas, às coisas que consideramos erradas. Pense sobre isso. A misericórdia não é uma indiferença apática, pois ela se importa. Ao mesmo tempo, ela está bem longe de ser aprovação, pois considera errado o que está acontecendo. A misericórdia

inclui um componente intenso de ira, mas a hostilidade, o rancor e a destrutividade típicos desse sentimento não são preeminentes.

A verdadeira misericórdia caminha lado a lado com a verdadeira justiça. A misericórdia é estendida às vítimas quando há justiça. E, ao operar em conjunto com a justiça, a misericórdia é estendida aos infratores. A misericórdia contém uma combinação de atitudes e ações que atuam de maneira construtiva, não destrutiva. A misericórdia, incluindo seu componente de ira construtiva, é um ato maravilhoso de amor. É o modo como amamos diante de algo errado. É possível saber que algo está completamente errado e, ainda assim, agir de maneira construtiva.

Permita-me dar um exemplo. Todos nós conhecemos alguém que se revolta diante da menor possibilidade de estar sendo criticado. Mas você já viu alguém reagindo bem a uma crítica injusta? Nunca vou me esquecer da reação de um palestrante ao ser atacado com fúria por uma mulher da plateia durante a sessão de perguntas e respostas. A mulher irrompeu com hostilidade e fez uma caricatura exagerada do que o orador havia acabado de falar. Ela o acusou de arrogância, ignorância e incompetência (porque discordava de uma implicação específica de suas políticas). O comportamento dela foi completamente incorreto. Mesmo se houvesse razões legítimas para discordar (eu também não concordei totalmente com o palestrante), aquela maneira de discordar foi ultrajante.

No entanto, o orador fez algo incrível, algo de que nunca me esqueci. Ele não tomou a crítica pessoalmente, não se colocou na defensiva nem contra-atacou. Em vez disso, deu uma resposta esclarecedora. Ele reconheceu preocupações válidas no que ela disse – identificou bons argumentos por trás das acusações hostis. E, diga-se de passagem, ele defendeu o ponto de vista da mulher melhor do que ela mesma, ressaltando seus pontos fortes. Por fim, assumiu uma postura conciliatória: “Vamos conversar mais tarde. Procure-me depois da reunião”. Ele não recuou, mas também não se irritou. Ratificou o que já tinha dito, mas não defensivamente. Lidou com uma situação instável de maneira construtiva.

O ataque verbal deixou um clima pesado no ambiente, onde cerca de trezentos ouvintes estavam reunidos. As pessoas se retorciam nos assentos enquanto ouviam o discurso inflamado da mulher. Porém, o palestrante conseguiu abrandar um pouco a sensação geral de constrangimento fazendo uso de um humor levemente autodepreciativo. Num dos ataques, ela questionou: “O que lhe

dá o direito de estar aí na frente e discursar como se fosse o dono da razão?" A resposta dele foi: "Bem, fui convidado para falar e espero que eles me paguem, mesmo tendo descoberto agora como eu penso". Essa pequena dose de humor tirou a atenção da mulher, que, naquele ponto, parecia um pouco envergonhada por ter causado a cena. Minha impressão era a de que o orador se encontrava no "0" da escala da ira pessoal e no "100" da escala da reação construtiva.

Essa situação ensina-nos algumas coisas sobre essa maneira curiosamente misericordiosa de se opor a alguém. O palestrante não reagiu de nenhuma das maneiras que vêm tão naturalmente a nós. Ele não se alterou nem revidou. Todavia, tenho certeza de que não aprovou aquele ataque venenoso. Ele certamente não estava sentindo prazer naquilo.

Foi um momento tenso. Ele discordou das acusações e da maneira como a mulher o acusou. Foi uma cena pública muito desagradável. Ele não ficou indiferente ao ser ridicularizado e difamado em público. Ele não deu de ombros. Contudo, demonstrou o descontentamento construtivo da misericórdia. Sua resposta foi repleta de vitalidade, vivacidade, propósito e energia emocional, assim como a ira. Seu descontentamento fez algo maravilhosamente proveitoso.

O orador demonstrou um descontentamento construtivo. A maneira como ele reagiu ao ataque tinha todas as aparências de misericórdia. Essa versão boa da ira se esforça para entender o outro. Ela vira o mundo de cabeça para baixo. Ela nos transforma num agente do bem enfrentando um mundo do mal. Só podemos aprender a senti-la com Jesus Cristo. Esse é o tipo de misericórdia verdadeira que ele demonstra a você e a mim. E ele está disposto a passar toda a nossa vida nos ensinando. É uma sabedoria extremamente bela, não intuitiva.

Você gostaria de expressar mais o descontentamento construtivo da misericórdia? Sei que eu gostaria. Em casa, no trabalho, na igreja – eu gostaria de reagir aos males com misericórdia construtiva em vez de piorar ainda mais as coisas. A boa notícia é que todos nós podemos melhorar nesse aspecto. Crescer em misericórdia é um processo longo e demorado, mas começa com o entendimento do que estamos buscando.

Quatro aspectos fundamentais do descontentamento construtivo da misericórdia

O descontentamento construtivo da misericórdia tem quatro aspectos fundamentais. Cada um deles, como a ira, implica a reprovação ativa do que está acontecendo. Porém, ao contrário da maior parte das expressões da ira, cada um desses aspectos demonstra prestimosidade na maneira como lida com o que considera errado. As quatro características são:

1. Paciência

2. Perdão

3. Caridade

4. Conflito construtivo

De modo geral, não temos uma ideia muito precisa do que esses aspectos tão variados da misericórdia realmente significam e fazem. Podemos até entender o descontentamento, a indiferença e o prazer. Contudo, ainda que o descontentamento construtivo seja a chave para nos tornarmos equilibrados e humanos, nós não sabemos classificá-lo.

Paciência, perdão, caridade e conflito construtivo parecem coisas “religiosas” – e por um bom motivo. As ações e atitudes que expressam o descontentamento construtivo da misericórdia são exatamente como a Bíblia retrata o homem Jesus em ação. E Jesus é a encarnação do Deus em ação que intervém no que está errado. O Deus que se revela nas Escrituras não é uma abstração teológica. Ele é uma pessoa, ativa e moralmente exigente. Ele vê, avalia, fala e toma atitudes. Essas quatro ações do descontentamento construtivo de sua misericórdia descrevem a maneira crucial – a maneira maravilhosa – em que ele opera.

Elas também descrevem como uma pessoa sábia age. Elas descrevem alguém que está se tornando semelhante a Jesus. Por causa do tipo de mundo em que vivemos e do tipo de pessoas que somos, essas quatro características descrevem belas necessidades. Não podemos viver sem elas. Elas descrevem o amor e a bondade – os opostos do ódio e do mal.

Essas palavras descrevem qualidades raras. São difíceis de ser colocadas em

prática – na realidade, impossíveis sem a ajuda do próprio Deus. Elas não vêm naturalmente para ninguém, quer sejamos religiosos, quer ímpios. E não é possível irar-se da maneira certa sem o descontentamento construtivo da misericórdia. Esse é um descontentamento que arregaça as mangas. Ele é capaz de resolver os problemas mais difíceis que enfrentaremos na vida e no interior de nós mesmos. Ele redime a ira.

Precisamos entender o funcionamento do descontentamento misericordioso para pensar sobre a ira do modo correto. De que maneira a atuação de tais misericórdias no nosso interior muda a maneira como sentimos descontentamento? De que maneira a atuação delas no nosso viver transforma a maneira como enfrentamos as provocações, as decepções, as frustrações e as traições da vida? A paciência, o perdão, a caridade e o conflito construtivo colocam uma ênfase qualitativamente diferente nos problemas e dificuldades. E os quatro aspectos caminham necessariamente juntos. Se um deles estiver ausente, perdemos algo crucial. Este capítulo discutirá em mais detalhes os dois primeiros: a paciência e o perdão. O próximo capítulo examinará a caridade e o conflito construtivo.

Ao analisar esses quatro aspectos do descontentamento construtivo da misericórdia, veremos que eles expressam a dinâmica interpessoal mais poderosa que existe. Trata-se do próprio Cristo, o Verbo que se tornou carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade. Trata-se do mecanismo da pacificação. Trata-se do triunfo do amor sobre o ódio, a indiferença e a vida voltadas para o prazer pessoal.

Paciência: resolução em longo prazo

A paciência é uma reação curiosa a algo que está errado. Por que curiosa? Porque quando somos verdadeiramente pacientes, concordamos com a avaliação moral da ira: “Isso é errado. O que você está fazendo não me agrada. Isso me ofende. Isso fere as pessoas”. A verdadeira paciência não significa passividade, indiferença ou tolerância ao mal. Não significa simplesmente tolerar coisas ruins. Não significa transigência ou neutralidade indolente. Ela não aceita qualquer coisa nem concorda com tudo. A paciência odeia o que está

acontecendo. Mas, então, arregaça as mangas para corrigir o que está errado.

A paciência vê o mal, mas é "tardia em irar-se". Essa é uma característica primordial do Senhor Deus. Ele é gracioso, compassivo e tardio em irar-se (Êx 34.6). Ela é a primeira característica do amor: "O amor é paciente" (1Co 13.4). Deus é amor, e Deus é tardio em irar-se. Ele deseja nos tornar semelhantes a ele mesmo. Ser tardio em irar-se significa estar disposto a lidar com o que está errado no decorrer do tempo. "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo" (2Pe 3.9). Deus decide agir numa escala de instantes, dias, anos, décadas, séculos ou milênios. E ele realizará aquilo que se propôs a fazer.

A paciência é uma atitude inteligente, perceptiva. Quando somos pacientes, com frequência enxergamos o mal com mais clareza. Sentimos seu gume de modo mais aguçado. Conseguimos perceber outros males mais profundos do que quando reagimos com rancor. Nossos ressentimentos muitas vezes são fúteis. A paciência leva para o lado pessoal aqueles males que não são necessariamente um tapa direto na cara, pois percebe os sofrimentos dos outros. E não leva para o lado pessoal os males que de fato representam um tapa na cara.

Ter paciência dói. É difícil de aprender. Travamos uma luta interior para não reagir da maneira errada por impulso. Quando temos paciência, não é que tratamos as pessoas ou acontecimentos difíceis com indiferença, resignação ou covardia. Nós aguentamos firme porque somos movidos por um propósito diferente. Estamos dispostos a agir sem pressa para resolver as coisas. Paciência não é passividade. É ser deliberado e construtivo diante das grandes dificuldades. É estar disposto a viver de maneira construtiva, mesmo que por um longo período, em meio a males aparentemente insolúveis. Por definição, ter paciência significa reconhecer que aquilo que está errado não mudará imediatamente.

É muito fácil ficarmos irritados, saturados e "por aqui" com as coisas. Você já conheceu alguém que não faz isso? Eu tenho um amigo chamado Enrique que aprendeu a amar a esposa apesar de ela tornar isso praticamente impossível. Cheryl Ann é uma pessoa difícil. Seu ensimesmamento, sua desconfiança e sua imaginação fértil geram sentimentos altamente inflamáveis. Ela dispara acusações imprevisíveis contra Enrique sem base alguma na realidade. Depois, em questão de segundos, é tomada por remorso, ódio próprio e temores. Em outras situações, ela é levada por esperanças levianas e desejos desvairados que

prometem um céu na terra sem preocupações – apenas para sofrer choques violentos de realidade. Nossa cultura rotula pessoas assim. Colocamos as mãos na cabeça e exclamamos: “Ela é impossível”. No entanto, ao longo de muitos anos, Enrique aprendeu a amá-la.

Como? Cristo está pacientemente moldando a vida dele para um propósito diferente. Suas reações não foram sempre amáveis. Raiva retaliatória, fuga para a fantasia, desânimo e autodefesa eram atitudes automáticas. Contudo, a duras penas, em meio a altos e baixos, ele tem vivido de maneira a aprender a amá-la, mesmo quando – e especialmente quando – é difícil. Ele confrontou sua própria falta de amor em vez de culpar Cheryl Ann pelos erros dela. Como todos nós, os sentimentos de Enrique limitam-se instintivamente à satisfação, à indiferença ou ao descontentamento. Todavia, Jesus tem demonstrado uma paciência resoluta, mostrando a ele o descontentamento construtivo de uma misericórdia poderosa.

Há um doce hino que capta essa dinâmica:

Eu louvo o misterioso amor, o amor que o Salvador tem por mim,

O amor pelos que vivem em desamor, para que sejam amáveis também.

Ó, quem sou eu para que, em meu benefício,

Meu Senhor se revista de frágil carne e morra?1

A resposta de Enrique foi justamente esta: amor aos que vivem em desamor, para que sejam amáveis também. Ele aprendeu, e ainda está aprendendo, a tratar os defeitos de Cheryl Ann com paciência resoluta. É fascinante ouvir a respeito da sua experiência.

Um quase sinônimo de paciência é a longanimidade. Ser longânimo significa aguentar firme em meio a pessoas ou acontecimentos que são continuamente errados e prejudiciais. É mais do que meramente suportar. Não significa apenas perseverar, imobilizado, com os dentes cerrados. A longanimidade está

empenhada em transformar o mundo – não simplesmente suportá-lo – e disposta a permanecer firme quanto for preciso. A disposição para agir em longo prazo é a primeira parte do descontentamento construtivo da misericórdia.

Perdão: a disposição de não revidar

O perdão é uma segunda misericórdia, outra reação curiosa e complexa ao mal. Como a paciência, o perdão também olha nos olhos daquilo que está errado. Por definição, ele chama o erro pelo seu nome correto e sente a picada, mas reage conscientemente com "injustiça". A ira tem a ver com justiça (por mais corretas ou distorcidas que sejam nossas percepções de justiça). Porém, o perdão é misericordiosamente injusto. Ele acontece quando se escolhe não dar o troco, por mais que a retribuição pareça justa, merecida, certa ou razoável.

Se jogo uma xícara de porcelana num piso de ardósia, mereço que ela se estilhace. Se traio sua confiança, mereço sua ira. No entanto, se a xícara cair e não se quebrar é porque fui agraciado de modo surpreendente. E, se você me perdoar, é porque estendeu a mim uma bondade imerecida. O perdão não ignora o que está errado. Ele não justifica o que está errado. Ele não finge que a pessoa não teve a intenção de fazer o que fez. Sua atitude é reconhecer que há uma dívida e, então, perdoá-la.

Como isso funciona? Preste bem atenção em Salmos 103.8-13. Ele começa lembrando como Deus descreveu a si mesmo para Moisés quando os dois se encontraram no monte Sinai:

O

Senhor

é misericordioso e compassivo; longânimo [‘paciente’] e assaz benigno. (v. 8)

Essas palavras exprimem o código genético da Bíblia. Esse DNA foi encarnado em Jesus Cristo. Isso é o que ele é e como ele é. Isso é o que acontece quando Enrique, eu ou você vivemos segundo a imagem de Deus. Outro propósito de vida faz toda a diferença. Meu desejo é que as pessoas possam dizer a nosso respeito: “Ele é misericordioso. Ela é compassiva. Ele é paciente. Ela é assaz benigna”. A ira passa por mudanças à medida que somos remodelados a essa imagem.

Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. (v. 9)

A ira de Deus é sempre justificada e justa, mas não é a palavra final. O descontentamento justo atua dentro dos propósitos construtivos maiores da misericórdia. Isso significa que Deus é tremendamente injusto conosco:

Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. (v. 10)

Perdão significa não receber o que merecemos. Pense nisso. Porque Deus é “injusto”, nós temos esperança. Em vez de justiça, temos alguém que leva os erros muito a sério, mas que age em nosso favor de uma maneira inconcebivelmente injusta.

[...] quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. (v. 11)

Temer a Deus é estar ciente de quem ele é, saber da nossa dependência dele, reconhecer que sua opinião a nosso respeito é a que importa e sentir nossa vulnerabilidade na sua presença. Ele é bom, e nós não somos. Contudo, sua

grande misericórdia encontrou expressão nesse descontentamento construtivo.

Reflita por um momento sobre o céu noturno. Qual é a altura do universo visível acima de onde nós nos encontramos neste momento? Certa noite, enquanto caminhava pela vizinhança, localizei minha parte preferida do céu noturno: o discreto borrão de luz a que chamamos de galáxia de Andrômeda. Na velocidade da luz, levaria 200 mil anos para ir de um lado ao outro daquele minúsculo disco. A luz dessa galáxia, por sua vez, leva breves 2,5 milhões de anos para alcançar nossos olhos. Essa é a altitude da grande misericórdia de Deus.

Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. (v. 12)

Essa é a amplitude do seu perdão – de um extremo do universo ao outro.

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o

Senhor

se compadece dos que o temem. (v. 13)

Sua compaixão é afável, concreta e atenciosa como a de um pai com relação às nossas necessidades e limitações.

Conhecer esse Salvador implica temê-lo e amá-lo. Ao receber perdão em nossa necessidade, nós mesmos nos tornamos capazes de estender perdão aos outros e ficamos dispostos a tanto. Ao sermos libertos da culpa do verdadeiro mal moral, nós nos tornamos capazes de libertar os outros. Isso é fácil? Não. Acontece de uma vez? Raramente. É possível? Sim. Cristo mostra amor aos que não têm amor a fim de que sejam amáveis.

As misericórdias de Deus em Jesus Cristo são como o sol a pino. Nosso amor

pelos outros é, na melhor das hipóteses, uma luzinha oscilante de 3 watts. Mas luz é luz. E, numa casa escura, num relacionamento destruído por conflitos, essa luzinha de 3 watts faz uma enorme diferença.

O perdão verdadeiro não pode ser substituído por imitações baratas. Voltemos ao caso de Trisha e Ryan. Eles estão brigando de novo. A situação é muito semelhante ao conflito que tiveram por causa dos planos para o jantar (nossos conflitos tendem a ser sempre sobre as mesmas coisas, não é mesmo?). Dessa vez, Ryan se esqueceu de que haviam combinado de visitar a família de Trisha no final de semana. Em decorrência disso, acabou marcando um compromisso diferente para o mesmo dia. Ele foi para a praia com os amigos e, para piorar, esqueceu o carregador do celular em casa – ficando, mais uma vez, inacessível. Quando finalmente entrou em contato com Trisha no dia seguinte, ela estava com raiva. Uma série de desculpas esfarrapadas revelou que ele não estava levando a sério o ocorrido e que estava mais preocupado em se defender.

Trisha o repreende, colocando sob o microscópio erros presentes e passados. Ela o acusa de uma variedade de intenções maliciosas. Esse último crime cometido contra a humanidade é apenas mais um numa série de iniquidades sem-fim. Acusações gerais são um padrão típico de pessoas iradas: “Você sempre ____. Você nunca ____.”

Ryan fica cada vez mais hostil, entrincheirado numa postura defensiva. Trisha apela para artilharia pesada. Ela solta palavrões, chama Ryan de nomes feios e pragueja (outras estratégias típicas da ira). Depois, proclama sua superioridade moral (também típico): “Eu nunca faria isso. Quando eu prometo fazer algo por você, eu faço. Eu me esforço com relação à sua família”. Trisha sai andando com passos firmes e deixa Ryan se debatendo em culpa e ira reprimida. Ambos destroem a existência de qualquer relacionamento no presente.

Mais tarde, Trisha se sente mal por ter ficado tão irritada. Ela volta e diz a Ryan:

“Desculpe pelas coisas que eu disse. Não quis dizer aquilo. Estava extremamente cansada e chateada”.

“Tudo bem”, ele responde.

Eles se beijam e fazem as pazes.

Fim da história? Não. Isso não é perdão – o perdão não foi pedido nem

concedido. Nada foi confessado. Nada foi perdoado. Ela quis, sim, dizer aquelas coisas (mesmo que agora lamente tê-las dito e queira fazer as pazes). E não está tudo bem (mesmo que agora ele também queira deixar para lá e remendar a situação). Ambos estão dando desculpas. Eles não deram início a nenhuma paz verdadeira e substancial. As pazes não passam de uma trégua, uma suspensão temporária das hostilidades que podem voltar a irromper a qualquer momento.

O verdadeiro perdão (tanto pedido quanto concedido) olha nos olhos daquilo que está errado. Ele não dá desculpas. Apesar disso, não fica ressentido. Ele nos deixa em paz (quando poderia perdurar). Ele encobre o erro (quando poderia usá-lo contra nós). O verdadeiro perdão mais se assemelha à seguinte cena:

Trisha: “O que eu disse estava errado. Sinto muito pelas minhas palavras ofensivas. Peguei pesado para machucar você. Agi como se eu nunca errasse. Por favor, me perdoe”.

Ryan: “Eu perdoo você. Obrigado. E eu errei primeiro. Por favor, me perdoe por não cumprir o que eu disse que faria. Desculpe por ofender você pensando primeiro em mim e no que eu queria fazer e piorando as coisas depois com minhas desculpas”.

Trisha: “Eu perdoo você. Obrigada”.

Eles se beijam, pois fizeram as pazes. Foram honestos. Lidaram com o que realmente aconteceu. Deram início a uma paz verdadeira quando havia uma guerra real.

E se a pessoa não pede perdão ou nem mesmo admite estar errada? A Bíblia aborda esse problema com muita destreza. O perdão vem de duas maneiras. Em primeiro lugar, quando perdoamos alguém nós o fazemos diante de Deus, independentemente de a pessoa admitir ou reconhecer qualquer erro. Este é o perdão intencional. Veja como Jesus fala sobre esta dimensão vertical do perdão:

E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas. (Mc 11.25)

Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal […]! Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas. (Mt 6.9-15)

Em ambos os casos, estamos falando com Deus, não com a pessoa que nos ofendeu. A pessoa não faz parte dessa conversa. Nós nos colocamos sozinhos diante de Deus Pai e tratamos das nossas próprias atitudes. Na passagem de Marcos 11, Jesus nos manda resolver qualquer coisa que possamos ter contra alguém. Ele não nos pede para tentar entender o que realmente aconteceu, para tentar determinar se foi realmente uma ofensa ou apenas um sentimento subjetivo. Os conflitos podem ser complexos a ponto de ser impenetráveis. Será que você realmente fez algo contra mim? Ou será que eu interpretei mal sua atitude? Será que fui sensível demais? Muitas vezes, é difícil saber o que realmente ocorreu porque havia muitas coisas acontecendo em ambos os lados. Tentar descobrir a explicação definitiva gera mais desacordo e indignação. O que Jesus manda é simplesmente que, se tivermos alguma coisa contra alguém, devemos perdoar.

Na passagem de Mateus 6, Jesus enfatiza a abordagem de ofensas reais: “nossos devedores” são aqueles que nos devem. A misericórdia de Deus, nosso Pai celestial (lembre-se da compaixão paternal vista em Sl 103), exerce papel fundamental em nosso auxílio. Esse aspecto vertical do perdão trata das nossas atitudes. Seu objetivo é mudar-nos, não lidar com a outra pessoa. Ele nos prepara para ir até quem nos ofendeu dispostos a mostrar misericórdia. Assim, não mais estaremos guardando rancor, sendo amargos e agindo na defensiva ou na

ofensiva.

O segundo aspecto do perdão é o perdão efetivo. Mais uma vez, veja como Jesus o descreve: “Se seu irmão pecar, aborde o assunto diretamente; se ele se arrepender, perdoe-o. Se ele pecar mais sete vezes no mesmo dia e for até você sete vezes, dizendo: ‘Estou arrependido’, perdoe-o” (Lc 17.3-4, paráfrase do autor).

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. […] Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. (Mt 18.15, 21-22)

Observe que nesse caso Jesus imagina uma conversa com a outra pessoa. O assunto é abordado de maneira construtiva, e ela pede perdão. A interação pode ser franca e repleta de misericórdia (uma combinação rara), porque o perdão intencional já havia acontecido. Também vale a pena observar que, em ambos os casos, Jesus retrata a outra pessoa como alguém que está sempre ofendendo. Ela continua cometendo o erro, mesmo após admitir que está errada. Isso é realismo. É por isso que precisamos de paciência. É por isso que somos continuamente levados de volta à presença do nosso Pai para buscar o perdão para nós mesmos e, mais uma vez, exercer o perdão intencional. Só então é possível aproximar-nos de quem nos ofendeu e procurar colocar em prática o perdão efetivo.

Essa combinação de perdão intencional e perdão efetivo ajuda a explicar muitas situações que, apesar de comuns, são extremamente complicadas. Citarei três. Primeira, quando a outra pessoa não lhe dá ouvidos. O que fazer se ela ficar na defensiva e apresentar justificativas, contra-atacando suas simples tentativas de ser construtivo? Novamente, somos levados de volta à presença de nosso Pai para exercer o perdão intencional. Esta dimensão vertical do perdão sempre deve acontecer, pois mantém nossas atitudes sob controle. A dimensão horizontal é uma estrada mais incerta e arriscada, um objetivo a ser buscado, não uma certeza. São necessárias duas partes para que haja reconciliação, assim como são necessárias duas partes para que haja guerra. Contudo, uma delas pode perdoar,

mesmo que a outra continue no combate. A isso chamamos de amar o inimigo.

Segunda: quando a pessoa que o ofendeu está ausente. Ela talvez esteja morta ou há muito tempo afastada de sua vida; talvez seja hostil demais ou até mesmo perigosa para uma aproximação. O perdão intencional significa que você sempre pode lidar com as coisas que envenenam seu próprio coração. O perdão efetivo e a reconciliação prática são frutos desejáveis, mas nem sempre possíveis. No entanto, pela misericórdia de Deus, sempre podemos firmar nosso coração em misericórdia. Não permanecemos em estado de indefinição quando não há possibilidade de uma conversa voltada para a reconciliação.

Terceira: entender que o perdão tem duas partes interligadas ajuda-nos a lidar com argumentos equivocados, porém muito frequentes nos círculos cristãos. Alguns, na igreja, ensinam: “Se você perdoar de coração, não precisa falar com a pessoa”. Outros ensinam: “A menos que a outra pessoa peça perdão, você não precisa perdoar”. Essas duas afirmações estão focadas em meias verdades e, portanto, chegam a conclusões falsas. Quando se une ambas as metades do que Jesus fez e ensinou sobre o perdão, obtemos uma verdade coerente.

Assim, se você perdoa de coração, está apto a se aproximar da outra pessoa de maneira construtiva quando o momento for oportuno. Deixar de se aproximar seria deixar de amar. Porém, se a outra pessoa não pedir perdão ou se não for uma atitude sábia aproximar-se dela, o perdão efetivo e a reconciliação não podem acontecer. Não obstante, você está reconciliado com Deus e apto a perdoar. Não perdoar seria nutrir amargura.

O perdão é uma escolha consciente feita quando pensamos na misericórdia que Deus estendeu a nós. O perdão reconhece claramente que o que aconteceu foi errado. Ele não dá desculpa alguma para o ocorrido. E então, só então, deixa para lá.

Há um motivo pelo qual a paciência e o perdão são os dois primeiros aspectos-chave do descontentamento construtivo da misericórdia. Quando reagimos com paciência e perdão aos males que enfrentamos, percorremos um longo caminho em direção à redenção da ira. Mas tem mais: nós também precisamos reagir às ofensas reais com caridade e conflito construtivo. Para termos uma imagem completa do que significa tornar-se bom e bravo, no próximo capítulo iremos examinar como a bondade e o conflito construtivo podem andar de mãos dadas.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Você consegue identificar um exemplo de descontentamento construtivo da misericórdia na sua vida?

2. Por que você acha que a paciência é a primeira característica do amor que Paulo menciona em 1Coríntios 13?

3. Em quais situações você precisa ser mais paciente hoje?

4. Como você reage à ideia de que o perdão é “misericordiosamente injusto”? Como poderia aplicar isso na sua vida?

5. Entender a diferença entre perdão intencional e perdão efetivo muda a maneira como você vê o perdão? Por quê?

Capítulo 8

O descontentamento construtivo da misericórdia – Parte 2: caridade e conflito construtivo

Nossa discussão sobre o descontentamento construtivo da misericórdia não estaria completa sem o acréscimo de outros dois aspectos fundamentais: a caridade e o conflito construtivo. A caridade estende bondade imerecida à pessoa que praticou o mal, mas o conflito construtivo também tem seu lugar nesse tipo de situações. A misericórdia não fica de braços cruzados enquanto os outros seguem pela direção errada ou enquanto alguém – nós mesmos ou outra pessoa – está sendo maltratado. A misericórdia se introduz nas situações difíceis, disposta a envolver-se. Ela está pronta para abordar questões complicadas, aplicar justiça (quando necessário) e perseverar até que o mal se transforme em bem. O conflito construtivo dá prosseguimento à obra que a paciência, o perdão e a caridade iniciaram. Vamos começar considerando a caridade.

Aspectos fundamentais do descontentamento construtivo da misericórdia

Caridade

A ira, seja ela motivada pelos motivos certos ou pelos motivos errados, opera a partir de um senso estritamente punitivo de equidade e justiça. Mas a caridade olha para o que aconteceu e diz: “Isso é errado”, e então realiza o ato generoso e imerecido de bondade. Isso exige o autoenfrentamento mais difícil de todos, a saber: “Amai os vossos inimigos”. Sério? É difícil. Impossível, na verdade. Não é uma atitude natural. Como é possível ver o mal, ser prejudicado e, ainda assim,

fazer o bem?

Mas Deus é misericordioso comigo e com você, que somos seus inimigos…

Mas Jesus Cristo colocou isso em prática na maneira como nos amou…

Mas essa é a própria imagem de Deus à qual ele pretende nos moldar…

Mas o Espírito Santo é real e opera em nós de modo a produzir esse fruto…

Assim, faz sentido pensar que o Senhor estava falando sério quando disse: “amai os vossos inimigos” e “sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou” (Lc 6.27; Ef 5.1-2).

É fácil desanimar diante das palavras: “amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam”. É fácil ignorar Jesus, como se ele não estivesse querendo dizer isso literalmente, como se não passasse de um idealista bem-intencionado, porém ingênuo. Ou será que suas palavras expressam uma simples esperança de que as pessoas sejam “mais bondosas umas com as outras”? Por acaso Jesus não percebeu que isso mais se parece com uma ordem para deixarmos os outros passarem por cima de nós? Não, nada do tipo. O amor e a bondade sobre os quais ele está falando têm, em si, mais determinação do que doçura, mais realismo frio do que afeto. Não é possível separar o que ele fez por nós – sangue, suor e lágrimas – daquilo que ele nos chama a fazer. Sim, ele está falando sério.

Se você só ama quem o ama, o que isso prova? Até os pecadores amam quem os ama. Se você só faz o bem a quem lhe faz bem, o que isso prova? Até os pecadores agem assim. (Lc 6.31-33, paráfrase do autor)

Fazer o bem a alguém que faz o mal, a alguém que fere a nós e aos outros – isso é um prodígio. É muito mais fácil devolver na mesma moeda. A caridade faz o que o malfeitor não merece. Ele merece retribuição porque causou mal a você ou

a outras pessoas, mas recebe caridade.

A sabedoria popular que diz: “Ame o pecador, mas odeie o pecado” é uma tentativa de captar o descontentamento construtivo da misericórdia. Sim, é possível discordar veementemente de alguém e desgostar abertamente das suas atitudes – a substância da ira – e, ainda assim, realizar atos genuínos de bondade para com essa pessoa. A ira agarra o que está errado com força, coloca-o em evidência, julga-o e pune-o. A misericórdia usa de generosidade para com o malfeitor em vez de exigir justiça. A ira pensa desta maneira: “Fui injustiçado. Portanto, vou aplicar uma punição justa ao malfeitor”. Já a generosidade, como a paciência e o perdão, é “injusta”. Ela trata com bondade intencional alguém que maltratou outros.

Como ela funciona na prática? Mostrarei várias cenas breves que darão uma ideia de como uma pessoa caridosa lida com a vida. Como seria de esperar, Jesus diz que Deus é a primeira pessoa a ser considerada nessa questão.

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste. (Mt 5.43-45)

O que as pessoas falam por aí sobre retribuição é uma filosofia de vida para a maioria. Você coça minhas costas, e eu coço as suas. Você me faz mal, e eu guardo rancor ou revido. Esse é o modo fácil – e também a receita para o desastre, a desavença e a guerra. Jesus vira o jogo. Nosso Pai não segue essa filosofia. Ele cria seus filhos de uma maneira difícil, mas boa. Ensina-lhes o caminho para a reconciliação e a paz. Ele quer que compreendamos o amor na prática, não na teoria. Para tanto, faz três ilustrações.

Primeira, observe a natureza: “vosso Pai […] faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5.45). Precisamos de sol e chuva para produzir alimento, e Deus não faz discriminação ao oferecer o bem básico às pessoas. Você consegue fazer isso também?

Segunda, observe como até mesmo pessoas ruins tratam bem seus amigos. “Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?” (Mt 5.46). Você consegue dar um passo à frente daquilo que as pessoas más já fazem?

Terceira, observe como todas as pessoas, em todos os lugares, reconhecem um vínculo especial com os membros da própria família. “E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?” (Mt 5.47). Você consegue estender aos demais a lealdade que, por natureza, limita atualmente apenas aos mais próximos?

Se você for filho do Pai, a ordem é esta: “sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). A caridade para com aqueles que nos ofendem é a resposta “perfeita” – é o modo como as coisas deveriam ser. E não se trata apenas de gentileza. Não é simplesmente o certo a ser feito. Essa atitude tem um objetivo mais elevado.

Nosso segundo exemplo leva-nos a esse objetivo. Em Romanos 12, Paulo dá instruções detalhadas sobre como devemos pensar, o que devemos fazer e por quê. Ele explica o que significa viver “pelas misericórdias de Deus”, que nos são estendidas por meio dos muitos dons de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Analisaremos a discussão presente em 12.17-21.

A ira vingativa acontece com facilidade. É preciso um esforço intelectual – premeditação, planejamento, oração – para que possamos ir contra as reações naturais. “Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens” (v. 17). As pessoas percebem a diferença. Temos um radar que detecta quando alguém está agindo de maneira diferente, falando num tom alterado, zombando de nós ou evitando-nos. E também temos um radar que detecta quando alguém está nos tratando bem. No entanto, para agir da maneira certa, é preciso esforço.

Lembre-se: você nunca sabe o que acontecerá, mas é totalmente responsável por aquilo que traz à mesa. “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (v. 18). Essas palavras estabelecem um objetivo desafiador e, ao mesmo tempo, acrescentam o realismo de que não podemos controlar o modo como a vida se desenrola.

Deus dá razões importantes para que sejamos pacíficos e não vingativos – na verdade, uma combinação curiosa e inesperada de razões. “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor” (v. 19). Primeiro, confie que, quando o Senhor nos chama de “amados”, ele realmente quer dizer isso. Se ele nos ama, tudo está bem. Segundo, confie que no momento certo sua justa ira destruirá todo o mal e endireitará tudo o que está errado. Se ele é poderoso e justo, tudo ficará bem. Terceiro, tome cuidado: se pagarmos o mal com o mal, estaremos sendo malfeitores também. Se jogarmos no time errado, estaremos jogando contra Deus, o que equivale a brincar com explosivos.

Um tipo específico de ação é exigido de nós. Amar alguém que nos ofende não significa desenvolver sentimentos de afeto, atração e apego. Significa apenas realizar o bem concreto. “Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça” (v. 20). A caridade é uma arma poderosa, mas uma arma do bem.

Todos esses pensamentos, ações e motivações têm uma finalidade. “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (v. 21). O objetivo de Deus é destruir o mal com o bem. Você tem o privilégio de desempenhar um pequeno papel nessa Grande Guerra.

O descontentamento construtivo da misericórdia exige um tipo de caridade que brilha intensamente nos lugares mais escuros. É um privilégio que temos. As misericórdias que recebemos nos nossos momentos de necessidade produzem misericórdias suficientes para as passarmos adiante.

Como ilustração final, considere um exemplo da história norte-americana. A genialidade da liderança de Abraham Lincoln consistia na maneira extremamente prática com que ele amava seus inimigos. A obra Team of rivals,

de Doris Kearns Goodwin, examina essa qualidade de caráter. Os membros do gabinete de Lincoln eram rivais políticos que, muitas vezes, trabalhavam contra ele. No entanto, ele demonstrava justiça, generosidade e perdão de maneira constante e impressionante. Ele não criticava seus inimigos políticos. A todo custo, tentava encontrar motivos para perdoar soldados da União acusados de deserção ou abandono de cargo. Buscava misericordiosamente libertar soldados da Confederação que estavam presos. Esforçava-se para conceder a honra da cidadania a ex-escravos e para criar maneiras dignas de receber ex-rebeldes à União.

Um dos exemplos mais marcantes da generosidade de Lincoln foi quando ele decidiu nomear Salmon Chase como chefe de justiça da Suprema Corte. Chase era extremamente competente, mas ambicionava, a todo custo, tornar-se presidente. Em seu mandato como secretário do Tesouro, ele havia tanto se oposto abertamente a Lincoln quanto tentado sabotá-lo pelas costas. Quando as pessoas lembravam Lincoln do que Chase havia feito contra sua pessoa, ele respondia: “Ora, tenho conhecimento de coisas piores a respeito de Chase do que aquilo que esses homens têm para me contar. Contudo, nós dois enfrentamos dificuldades juntos, e eu me odiaria para sempre se permitisse que diferenças pessoais afetassem meu parecer sobre a aptidão dele para o cargo”. Posteriormente, o secretário pessoal de Lincoln comentou: “É provável que nenhum outro homem além de Lincoln tenha, nesta época da História, o nível de magnanimidade para perdoar e exaltar dessa maneira um rival responsável por conspirações tão graves e injustificáveis”.1

A verdadeira caridade é magnânima. Não usamos essa palavra com muita frequência, mas vale a pena resgatá-la. Significa ser generoso. Significa recusar-se a ser mesquinho ou sectário. É estar disposto a perdoar. É buscar uma política consistente de generosidade e bondade no trato com outros seres humanos. Lincoln era magnânimo – e, com suas atitudes, apontava para alguém ainda melhor. Sabemos que o Senhor é tudo isso e muito mais: gracioso, compassivo, tardio em irar-se, leal e fiel, além de perdoar a iniquidade, a transgressão e o pecado.

Porém, Lincoln não era tolerante. Ele exercia autoridade decisiva. Brigava por uma causa e estava disposto a lutar até o fim. O Senhor também não é tolerante. Ele lida com as pessoas de maneira direta, procurando ganhá-las para a misericórdia – ciente, porém, de que pode perdê-las para a dureza do seu coração – e protegendo misericordiosamente seu povo das hostilidades que elas venham

a cometer. Isso nos leva à quarta qualidade amável que caracteriza o descontentamento construtivo da misericórdia.

Conflito construtivo

A paciência nos faz permanecer firmes ao longo do processo. O perdão nos faz abrir mão de retribuições ou sentimentos de amargura. A caridade nos torna generosos para com aqueles que não merecem generosidade. No entanto, essas três misericórdias não nos tornam “agradáveis”. Elas nos preparam para ser rígidos da maneira certa, isto é, capacitam-nos a colocar em prática a quarta misericórdia: o conflito construtivo.

O descontentamento da misericórdia provoca conflito com o intuito de redimir. Não há uma palavra capaz de resumir esse tipo raríssimo de bondade. A resolução franca e direta de problemas procura consertar o que está errado. A ira construtiva aborda as transgressões com vigor e convicção. Ela lida com os males cara a cara. Esse aspecto representa a disposição de iniciar um conflito com o objetivo de resolver um problema real. Significa a disposição de passar pelo processo turbulento de um conflito construtivo. Representa a disposição de buscar a justiça necessária, estendendo misericórdia e proteção às vítimas; de fato, protegendo os malfeitores da sua própria capacidade de praticar o mal e oferecendo as misericórdias divinas àqueles que estão dispostos a reconhecer o que fizeram. Você apresenta o problema que o mal criou. Faça isso da maneira correta e você irá criar o tipo certo de conflito.

A misericórdia não é um passe livre. É um convite ao arrependimento. Não é incoerente com sofrer as consequências. Inúmeros criminosos já tiveram a experiência de pagar pelos seus crimes e ser perdoados pelo sangue do Cordeiro, recebendo, na prisão, a fé que transforma vidas. O ladrão arrependido que foi crucificado ao lado de Jesus recebeu a vida eterna horas antes de morrer e entrou no paraíso da presença divina.

Deus revela a si mesmo na dinâmica inconcebivelmente maravilhosa da misericórdia e da justiça. Talvez a expressão mais vívida da riqueza moral das suas misericórdias tenha sido seu aparecimento a Moisés no monte Sinai. Ele se aproxima de nós com inúmeras misericórdias, chamando-nos à fé.

Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do

Senhor

; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. [...]

Senhor

,

Senhor

Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado [...]. (Êx 33.19; 34.6-7)

As pessoas que cometem erros são convidadas a receber essa bondade vivificante. No entanto, Deus não é indiferente ao mal não reconhecido nem confessado. Por essa razão, é assim que o texto continua:

[...] ainda que não inocenta o culpado.

Isso talvez nos deixe confusos. Afinal de contas, Deus é paciente ou impaciente? Deus perdoa ou não perdoa? Ele mostra amor ou não mostra amor? A resposta é que ele demonstra o descontentamento construtivo da misericórdia… e isso cria um conflito com nossos pecados. Sua misericórdia não é uma gentileza. Sua misericórdia não é uma aceitação cega de qualquer coisa. Estender-nos misericórdia custa-lhe nada menos do que o sangue do Cordeiro. E a misericórdia vem a nós à custa dos nossos pecados e do nosso orgulho. Sua bondade é um convite aberto para que nos voltemos para ele em arrependimento e fé, para que nos aproximemos dele movidos pela nossa necessidade de

misericórdia gratuita e pela nossa confiança nessa misericórdia. O coração duro e impenitente rejeita a oferta, segue seu próprio caminho e sofre as justas consequências.

Até que ponto nossa misericórdia reflete isso? O que fazemos é infinitamente menor em escala, mas semelhante em espécie. No capítulo anterior, ao falar sobre o perdão, empreguei a metáfora de uma luzinha fraca. As misericórdias de Deus equivalem ao sol escaldante; nossa misericórdia é uma luzinha oscilante de 3 watts. Mas luz é luz. Desse modo, nós nos orientamos segundo as realidades da natureza de Deus. Sinceridade, conflito e consequências – uma justa indignação a serviço da misericórdia – têm seu lugar. Um lugar cuidadosamente definido.

O termo técnico para tudo isso é redenção. Jesus era um redentor desordeiro. A verdade é sempre desordeira. Ela revira o mal existente nas situações. Fazer as pazes de verdade onde o mal, a hostilidade e a destruição estão claramente em ação é o melhor ato do mundo, mas o mais difícil de todos. É um ato que envolve dizer palavras verdadeiras, as quais algumas pessoas talvez não gostem de ouvir: “Isso está errado. Vamos resolver”. É um ato que envolve confrontar males, resgatar vítimas, chamar os malfeitores para prestar contas: “Você não pode tratar as pessoas dessa maneira”. É um ato que envolve ira em favor das vítimas e contra os agressores. Porém, essa ira misericordiosa sempre mantém as proporções, a perspectiva e o propósito construtivo.

O processo de resolução de problemas, de pacificação – de endireitamento do que está errado – é, muitas vezes, longo e difícil. É preciso honestidade. É algo quase sempre complicado e desconfortável. Você precisará ter paciência mais de uma vez. Você precisará perdoar de novo. Você precisará ser mais caridoso. Você precisará controlar suas atitudes, palavras e ações. Você precisará do Espírito Santo para mediar a misericórdia e a força de Cristo para agir o mais próximo possível da maneira correta. Muitas vezes, você precisará de perdão por ter tropeçado ao longo do processo. Quando não for misericordioso como seu Pai no céu foi misericordioso com você em Cristo, será preciso clamar por misericórdia do alto. E, mesmo com tudo isso, você continuará buscando o conflito construtivo com as trevas porque é assim que a redenção acontece.

Reflita comigo sobre duas maneiras extremamente diferentes de expressar descontentamento com o que está acontecendo. A seguir, estão duas listas de abordagens enérgicas ao erro:

Lista 1	Lista 2
repreender	atacar
reprovar	criticar
admoestar	acusar
exortar	dar lições de moral
confrontar	condenar
julgar com justiça	fazer julgamentos
alertar	ameaçar
falar diretamente	falar com agressividade
indignar-se da maneira certa	hostilizar com arrogância

Você acha que essas listas são parecidas? De que modo elas se parecem? De que modo diferem?

Na verdade, elas são tão diferentes quanto o céu e o inferno. A Lista 1 dá voz à bondade e ao amor quando estamos preocupados em abordar e resolver um problema real. A Lista 2 dá voz ao mal e ao ódio no ato de condenar. Porém, infelizmente prejudicando a clareza de nossa mente e emoções, ambas as listas tendem a evocar as mesmas conotações. Quando as pessoas dizem “repreender”, querem, na maioria das vezes, dizer atacar. Quando dizem “confrontar”, querem, na maioria das vezes, dizer condenar. Quando dizem “julgar com justiça”, querem, na maioria das vezes, dizer “fazer julgamentos”. Ambas as listas soam agressivas, como se expressassem maneiras diferentes de “descarregar” e “descontar” no outro.

É verdade que ambas as listas têm algo errado em vista. E ambas podem expressar a emoção da ira. Em outras palavras, as duas fazem parte do leque de possíveis expressões de descontentamento com relação ao que acontece ao nosso redor. No entanto, a motivação, as intenções e a maneira de transmitir o recado são opostas. Quando a Lista 1 é posta em prática, agimos à imagem de Jesus. Agimos de modo a redimir. Quando a Lista 2 é praticada, agimos à imagem de Satanás. Cometemos assassinato verbal.

As palavras da Lista 2 são destrutivas por natureza. São maneiras de atacar as pessoas, não os problemas. Elas “tiram o argueiro do olho do próximo” com uma paulada no rosto. São prejudiciais, não proveitosas, na abordagem de problemas. Elas representam atos hostis, cruéis. Quando somos críticos, a outra parte invariavelmente reage ora com conflito, ora com medo, ora com fuga. A guerra continua.

As palavras da Lista 1 procuram captar algo absolutamente construtivo e vivificante. Elas são maneiras de expressar um amor firme e sincero. A indignação, por exemplo, é uma reação justa e enérgica ao que é mau, perverso, injusto e claramente errado. Para colocar em prática as atitudes sábias, porém difíceis, expressas na Lista 1, devemos estar preocupados em resolver problemas reais de uma maneira direta. De todo o coração devemos visar a uma solução construtiva. Se formos diretos e amorosos, descobriremos que as outras pessoas, às vezes (surpreendentemente), reagem muito bem. (Nem sempre; não há

garantias no que diz respeito às relações interpessoais.) Devemos ser agentes da paz num mundo em guerra.

Procurei descrever essa forma raríssima e maravilhosa de ira, mas é preciso ver para crer. À medida que começar a praticá-la, ainda que de maneira hesitante, você será convencido de que esse é o caminho da vida e do amor num mundo de injustiças. Histórias são o melhor meio de se ter uma visão melhor das coisas. Portanto, preste atenção a seguir.

O descontentamento construtivo da misericórdia em ação

As memórias de Winston Churchill sobre a Segunda Guerra Mundial contêm um retrato fascinante de como o descontentamento construtivo da misericórdia opera, culminando na disposição para irar-se e buscar conflitos construtivos. Como primeiro-ministro da Inglaterra, Churchill teve de trabalhar em proximidade com Josef Stalin, da URSS, em aliança contra Adolf Hitler. Para ele, Stalin era “grosseiro, rabugento, ambicioso, ingrato, desconfiado, intimidador, acusador e manipulador”. Durante o período entre 1939 e 1941, Stalin havia demonstrado ser “totalmente indiferente ao nosso destino”. Ele não somente se uniu a Hitler para pilhar a Europa Oriental, como também forneceu petróleo, ferro, estanho e grãos generosamente aos nazistas para ajudá-los nos seus esforços de guerra contra a Inglaterra. Porém, em 1941, Hitler traiu-o e invadiu a Rússia, provocando as maiores e mais sangrentas batalhas na história da raça humana.2

A partir desse ponto, Stalin e Churchill tornaram-se aliados estranhos. A Inglaterra começou imediatamente a enviar remessas massivas e constantes de ajuda humanitária e material bélico para a Rússia. No entanto, Stalin reagia sendo exigente e desconfiado, raramente demonstrando gratidão ou confiança. Com frequência, ele culpava a Inglaterra pelos problemas da Rússia. Em resposta a Stalin, Churchill era indefectivelmente paciente, perdoador e generoso – por uma questão de política, não de prazer. Ele exibia os três primeiros atributos do descontentamento construtivo da misericórdia repetidas vezes, mantendo em vista o propósito maior daquela aliança. Churchill tolerava os desgostos causados pelo seu aliado em vez de se ressentir e cortar relações.

Porém, esse tipo de amor não é sentimental ou agradável. Ele não fecha os olhos para as verdadeiras injustiças. Em certa ocasião, o embaixador soviético reuniu-se com Churchill em Londres.

O embaixador enfatizou a extrema gravidade da crise na frente russa num tom comovente, o que despertou minha compaixão. Porém, logo em seguida, senti um tom de ameaça no seu pedido e enfureci-me. Respondi: “Lembre-se de que, apenas quatro meses atrás, nós, nesta ilha, não sabíamos se vocês estavam vindo contra nós do lado dos alemães. Independentemente do que aconteça ou do que fizerem, vocês, dentre todos os povos, são os que menos têm o direito de nos censurar”.3

Observe a declaração franca e, ao mesmo tempo, correta: “enfureci-me”. Perceba que ele não mediu palavras ao confrontar o problema.

A expressão de ira justa de Churchill não rompeu e nem mesmo ameaçou seu relacionamento com os soviéticos. A Inglaterra continuou trabalhando com paciência e generosidade ao lado deles por uma questão de política. A ameaça e a manipulação de Stalin colocaram o relacionamento em risco. A ira construtiva de Churchill, em contrapartida, agiu de modo a fortalecer o relacionamento. Ele expressou intenso descontentamento porque valorizava a aliança e para edificar uma parceria que funcionasse melhor com o propósito de destruir os nazistas. Isso não contradizia sua postura construtiva – era parte dela. Ele declarou o que estava errado com vigor e veemência. Fins construtivos dominaram e direcionaram sua ira contra o mal. E não surpreende que fins construtivos tenham sido alcançados. O embaixador baixou o tom, tal como o próprio Stalin num incidente semelhante um ano depois.4

Churchill enfrentou um agressor sem se tornar um, e Stalin o respeitou por isso. O conflito construtivo é parte do processo de resgate de uma situação ruim. É a única alternativa misericordiosa à opção de desistir por exaustão, desgosto ou medo. É a alternativa verdadeiramente misericordiosa à opção de encobrir os problemas com meras gentilezas. Seu objetivo não é destruir (como a ira bruta); é extrair algo bom de algo mau.

Desse modo, até mesmo a ira pode expressar a verdadeira bondade que vem por

meio da paciência, do perdão e da generosidade. Isso acontece quando nos importamos o bastante para resolver algo que está errado. É aquilo que bons pais e professores fazem com crianças problemáticas e difíceis. É aquilo que bons patrões, pastores, conselheiros, assistentes sociais, cônjuges e amigos fazem.

Tive o privilégio de conhecer muitos heróis ao longo de vários anos de aconselhamento e ensino. Conheço um pai e uma mãe cujo filho adolescente está jogando a própria vida no abismo das drogas, da promiscuidade, da fúria, do engano e da autodestruição. A vida desse jovem está indo por um caminho realmente mau. Ele tenta intimidar os pais e manipulá-los. A maioria das famílias numa situação como essa seria dominada por raiva, medo, desespero, confusão e moralismo. Filhos que estão fora de controle costumam tirar os pais do controle, e vice-versa. Contudo, esses pais que conheço estão sendo dominados por Deus e pelo seu tipo de misericórdia. Nenhum deles é perfeito. Porém, estão lutando contra suas tendências e contra a tentação de desenvolver o tipo ruim de ira, ansiedade, desânimo, confusão ou a sensação de superioridade moral. Eles admitem seus erros ao mesmo tempo em que lamentam pelas condutas autodestrutivas do filho e lidam com elas. Eles nem sempre sabem o que fazer. No entanto, o saldo geral daquilo que demonstram é paciência, perdão, caridade e uma firme clareza das consequências enquanto procuram trazer verdades construtivas a uma situação muito difícil.

Já conheci esposas e maridos que confrontaram, com propósitos restauradores, cônjuges enganadores, dominadores, hostis ou imorais. Tenho conhecidos que já confrontaram, também com propósitos restauradores, amigos de longa data por estarem agindo de maneira destrutiva. Todas essas pessoas poderiam ter apresentado razões justas para ceder à indignação e à ira, aparentemente bons motivos para desistir. Todavia, todas elas demonstraram o descontentamento construtivo da misericórdia. Elas trataram o transgressor injustamente, à semelhança da vasta e generosa injustiça do Deus que os amou primeiro e que “não nos trata segundo os nossos pecados” (Sl 103.10). Considero uma das alegrias da minha vida testemunhar esse tipo de amor em ação.

O descontentamento construtivo da misericórdia diz respeito à vida real, não a uma esfera espiritual da nossa existência. Ele tem a ver com atitudes públicas e privadas, não com meros projetos de autoaperfeiçoamento voltados para a solução de problemas pessoais. No melhor sentido da palavra, é uma questão de “política”: uma postura e um curso de ação determinados. É a “política” de Deus com relação a nós. O Pai ama seus filhos, que eram seus inimigos antes. Sua

vontade é que esta se torne nossa política com relação aos demais também.

Conclusão: marcha à ré, marcha neutra, marcha à frente… e marcha vertical?

Indiferença e alegria são os opostos óbvios do descontentamento na maioria dos casos de ira. Nossas reações costumam ser: “Eu não gosto disso”, “Eu não me importo com isso” ou “Eu gosto disso”. Essas três reações acontecem naturalmente. Podemos comparar essa realidade a um carro com marcha à ré, marcha neutra e marcha à frente. No entanto, estivemos considerando um novo leque de reações: a música desordenada e complexa do descontentamento misericordioso.

A melhor reação, e a mais difícil de todas, é esta intrigante quarta marcha: “Eu não gosto disso. Eu me importo, e vou agir com amor construtivo”. Talvez devêssemos chamar essa marcha de “vertical”. Engatá-la permite que nos elevemos e nos aprofundemos de acordo com a necessidade. É uma maneira completamente diferente de reverter a situação quando algo está errado. Ela nos convida e desafia a… crescer. Essa marcha é um chamado àquilo que o ser humano deveria ser.

Por que essa descrição de misericórdia parece ser tão intuitivamente correta? Mesmo que você raramente (ou nunca) aja dessa maneira, mesmo que a maioria dos seres humanos se limite a três marchas, a marcha vertical faz todo o sentido para nós. Por que será que nos sentimos inspirados a mudar quando descobrimos que nossa capacidade de sentir ira diante do mal pode assumir a forma dessas misericórdias? É porque fomos criados de modo a entender a imagem de Deus como algo mais profundo do que o mero senso de justiça. A justiça e a misericórdia se encontram. A força construtiva do amor domina a força destrutiva do descontentamento e faz com que o descontentamento atue como uma forma de amor. É quase bom demais para ser verdade – mas faz todo o sentido.

Este capítulo e o anterior pintaram uma imagem. Não uma imagem “religiosa”, mas uma imagem de algo verdadeiramente humano. As histórias que você leu não foram de santos envoltos numa aura de serenidade, isolados das confusões e dos aborrecimentos causados pelos problemas humanos. As atitudes descritas

não são de pessoas que usam roupas esquisitas e têm um modo estranho de falar.

Essa quarta marcha é exatamente como a Bíblia retrata Jesus em ação. Diante de um mundo de injustiças, ele é paciente. Ele perdoa a grande custo pessoal. Ele pratica a generosidade, tocando nos pontos exatos da necessidade humana. Além disso, confronta incisivamente as pessoas: “Para quem você está vivendo? Como você está vivendo? Quem você diz que eu sou?” Depois, movido pela misericórdia, suporta a ira que nossas respostas erradas merecem.

Mateus, Marcos, Lucas e João nunca retratam Jesus como um ideal vago, estático e humanoide de perfeição. Ele não é um guru hinduísta calmo, tranquilo e contido, nem um terapeuta cognitivo que nos ajuda a ter mais serenidade na vida. O Jesus retratado nas suas páginas confronta as pessoas – pessoas como eu e você, pessoas que se recusam a engatar aquela quarta marcha vertical – com seu próprio descontentamento construtivo da misericórdia. Ele disse: “Vinde a mim […] e aprendei de mim” (Mt 11.28-29), pois aquilo que ele faz de melhor é o que achamos mais difícil de fazer.

Trata-se de algo adquirido apenas por revelação e recebido como dom. O descontentamento construtivo da misericórdia significa a redenção do mundo. É a glória de Deus e o amor de Deus. É Deus nos reformando segundo sua imagem.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Posso fazer uma pergunta “Mas e quanto a _____?” Você está interessado em acrescentar uma marcha vertical além das marchas já existentes – marcha à ré, marcha neutra e marcha à frente – à maneira como lida com o mundo? Por quê?

Jesus está profundamente interessado em ajudá-lo a exercer o descontentamento construtivo da misericórdia.

É o significado da sabedoria.

É o significado do amor.

É o significado da imagem de Jesus.

É o significado de ser “santo para com Deus”.

É o significado de ser humano.

2. O que poderia ser diferente nas suas reações naturais do dia a dia às situações em que algo importante está errado? Faça uma lista.

3. Pense na última vez em que ficou irado. Como teria sido sua reação – como ela teria soado e qual sensação teria provocado – se você tivesse engatado a marcha vertical do descontentamento construtivo da misericórdia?

4. O capítulo encerrou-se com uma chave de ouro. Talvez seja uma boa ideia fechar o livro um pouco e digerir o que você acabou de ler.

Capítulo 9

Bom e bravo?

Agora, daremos o próximo passo. Veremos boas razões para sermos bons e irados. Onde é possível encontrar um exemplo excelente desse comportamento? Winston Churchill deu-nos uma ideia, mas, de modo geral, seu ego faz com que ele esteja longe de ser um modelo de todos esses atributos divinos. Abraham Lincoln também nos deu uma ideia, mas seu apreço incerto por Jesus Cristo torna seu exemplo igualmente incompleto. Onde podemos encontrar alguém que seja totalmente sincero com relação à ira e que a sua ira opere como um bem? Começaremos por um ponto incomum, mas que faz perfeito sentido quando consideramos com atenção.

A “ira de Deus”

Ao longo de toda a Bíblia, testemunhamos os efeitos desagradáveis da murmuração, da hostilidade e do conflito. No entanto, ela também capta uma imagem completamente diferente da ira em ação, retratada tanto de modo paralelo à ira pecaminosa quanto em interação com ela. Nenhuma outra biografia ou autobiografia oferece tantos detalhes sobre o funcionamento do tipo bom e justificado de ira. Trata-se de uma ira sincera. Não obstante, ela é admirável e correta; não vexatória ou descomedida. Jesus disse, com sua habitual franqueza: “Ninguém é bom senão um, que é Deus” (Mc 10.18) – o Deus retratado na Bíblia hebraica. Quase todos os personagens mencionados nas Escrituras tiveram fraquezas. Moisés perdeu a paciência. Davi foi friamente vingativo com um homem que nada lhe fizera de mal. Os discípulos de Jesus discutiram uns com os outros sobre quem era o maior.

Ocorre que o único ser bom é também a pessoa mais conhecida como a mais

irada de toda a História e literatura. Nenhuma outra pessoa na História jamais permitiu que sua ira fosse tão detalhada e exposta à inspeção pública como Deus. Nenhum livro já escrito diz tanto sobre a ira de alguém – e retrata-a como algo essencialmente e coerentemente bom. Nunca como um capricho. Nunca como uma irritabilidade. Nunca como uma reação egoísta. A Bíblia hebraica e o Novo Testamento, que exploram constantemente esse tema, oferecem um estudo de caso longo e coerente. Entre outras coisas, é um estudo de caso sobre o funcionamento interno e externo do tipo saudável de ira.

Deixe de lado qualquer coisa que você pense sobre a "ira de Deus". Venha ver como ela é realmente descrita. Inspecione-a por dentro. Acredito que você se surpreenderá muito. Todos nós já tivemos a experiência de ver nossos estereótipos sendo virados de cabeça para baixo por um contato em primeira mão. Acredito que isso será muito esclarecedor para você; talvez fantástico, às vezes perturbador, sempre desafiador – mas de um modo que faz perfeito sentido.

Independentemente do que você já pense a respeito de Deus, venha dar uma olhada mais de perto no ser irado mais famoso da História. Você descobrirá que não existe ninguém cuja ira se assemelhe à dele e, ao mesmo tempo, apresente diferenças tão estimulantes. Lembre-se de que fomos feitos à sua imagem, com o potencial para expressar uma indignação santa perante o mal. E, por mais distorcida e deformada que nossa ira tenha se tornado, nosso Senhor pretende refazer-nos amorosamente a essa imagem. O ato de refazer é, na realidade, muito mais rico e complexo do que o ato original de fazer.

Nossa recriação não se assemelha a um simples potencial puro e primitivo. O resultado – que emerge com lentidão e imperfeição – é amadurecido e aprofundado pela experiência de vida. Aprendemos a imagem de Cristo em meio às ruínas da nossa própria participação no mal. Crescemos à sua imagem à medida que a nossa salvação se desenvolve aos poucos, à medida que Cristo gradualmente vai efetuando o que começou. Aprendemos mediante um contínuo batismo de fogo, sendo chamados a viver de acordo com essa imagem num mundo de erros, como o próprio Cristo fez.

Estou convencido de que podemos aprender muito sobre nós mesmos e os outros desacelerando um pouco e dando uma olhada naquilo que chamamos de "ira de Deus". Ele é o exemplo mais claro que conheço de como ser bom e bravo – e ser paciente, misericordioso e generoso ao mesmo tempo. Será necessário pôr de

lado preconceitos e prejulgamentos. Muitas pessoas, sejam elas religiosas ou não, imaginam o Deus da Bíblia como um ser mal-humorado, exigente e caprichoso – bem parecido conosco nos nossos piores momentos. Particularmente na sua encarnação no Antigo Testamento, ele é visto como uma nuvem negra, pairando carregada de um tipo fútil, cruel e vingativo de ira.

Eu não sei bem qual "Bíblia" essas pessoas leram. O deus que elas descrevem se parece estranhamente conosco quando expressamos uma ira corrompida; quando ficamos exigentes, arbitrários, irritados e críticos. Isso em nada se assemelha à pessoa de fato retratada na Bíblia.

Jesus é retratado como a imagem explícita do Deus do Antigo Testamento. Ele é o "EU SOU" encarnado – a perfeita união de ira justa e misericórdia abundante. Ele é a pessoa mais admirada da História humana, e por uma boa razão. Jesus sente ira da mesma maneira que o Deus cujo caráter ele expressa. E Jesus é o arquétipo de coragem, abnegação e amor terno. Quando consideramos a maneira como Deus se descreve com relação à ira, vemos por que a postura de Jesus nesse aspecto é tão diferente daquilo que fazemos por impulso.

Deus é tardio em irar-se e rápido em demonstrar misericórdia

Considere este exemplo primeiro: "Benigno e misericordioso é o Senhor, tardio em irar-se e de grande clemência. O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Sl 145.8-9, ênfase do autor). Observe, em particular, a descrição "tardio em irar-se". Isso não significa que ele seja tranquilo ou indiferente a ponto de nunca se irar. O mesmo salmo diz: "os ímpios serão exterminados" (v. 20).

No entanto, a ira de Deus segue determinado padrão. Ela vem envolta em bondade e misericórdia concretas. Ela surge lentamente, apresentando-se como um aspecto da sua bondade moral. Deus ataca apenas o que é verdadeiramente mau, fazendo grande bem a todos (Mt 5.45). E é apenas depois de ter sido insultado por atos contínuos e determinantes de ingratidão e rebelião que ele decide extirpar o mal. A palavra grega para paciência significa literalmente que Deus tem "longa tolerância". Isso é o oposto de ter pavio curto. Deus é paciente no sentido de que continua a tratar bem as pessoas mesmo quando elas são

ofensivas e ingratas. Deus sente ira, mas é um sentimento oposto ao de ser rancoroso e irascível.

Considere que um dos profetas ficou irado porque Deus foi paciente de mais para o seu gosto. Jonas disse: “Eu sabia! Eu fugi do senhor porque sabia que era tardio em irar-se. Sabia que, mesmo se eu mandasse os ninivitas entrarem na linha, o senhor os deixaria sair pela tangente. Quero que destrua meus inimigos, não que tenha compaixão deles!” (Jn 4.1-3, paráfrase do autor).

Deus respondeu agindo de maneira gentil (e incisiva) com a ira de Jonas numa das cenas mais cômicas de toda a Bíblia. Ele permitiu que Jonas ficasse irado fazendo secar uma planta que lhe proporcionava sombra. Então, disse: “Você se importa com a morte dessa planta só porque isso lhe é uma inconveniência. Como eu não me importaria com a morte de seres humanos?” (Jn 4.10-11, paráfrase do autor). Deus se ira – com Jonas, com Nínive. Mas Deus é tardio em irar-se e rápido em demonstrar misericórdia.

Jesus expressa a mesma coisa no Novo Testamento, acrescentando um detalhe: “Amai, porém, os vossos inimigos […] e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6.35-36). Tardar em irar-se é ser como Deus. É uma qualidade que costumeiramente descreve Deus e representa o modo como devemos ser.

A ira de Deus é justa

Já vimos como a ira é, por natureza, uma declaração moral. Ela tem a ver com o certo e o errado. Ela tem a ver com justiça. Deus é tardio em irar-se, paciente e generoso. Mas ele também fica irado – muito irado. Ao mesmo tempo, é sempre justo. Ele é energicamente justo.

Quando dizem respeito a Deus, as palavras ira e fúria não descrevem um mero humor irritável ou uma explosão momentânea. Elas expressam a decisão convicta de destruir as coisas que ele considera absolutamente desprezíveis. Não há contradição alguma entre ser tardio em irar-se e expressar indignação intensa. É justamente porque Deus nos ama tanto que ele deve ficar irado. “Isso tem

importância… e está errado!” Sem essa ira, o amor não passaria de uma tolerância mansa e desinteressada. Para que possa aproximar-se de um mundo repleto de coisas erradas e lidar com elas pessoalmente, ele deve se irar. Deus se ira com aqueles que hostilizam e oprimem os outros. Ele defende a vítima. Ele luta pelos fracos e impotentes. Ele olha para os erros cometidos e toma-os nas suas mãos (Sl 10.14). Sua ira conserta o que está errado e subverte as injustiças.

O mesmo pode ser visto no Antigo e no Novo Testamento. Jesus (“manso e suave”?) arde em ira tanto antes quanto depois de nos dizer para sermos ternos e amorosos como Deus é com as pessoas que nos deixam irados. Ele diz: “Ai de você, ai de você, ai de você. Se condenar os outros, Deus o condenará. Se não der ouvidos ao que estou dizendo, você será destruído!” (Lc 6.24-26,37,49, paráfrase do autor).

Há passagens na Bíblia nas quais o calor da ira quase chega a queimar a página. Mas ela nunca é irascível. Quando as igrejas falam sobre a ira de Deus, elas geralmente se limitam a retratá-la como algo ameaçador. Por sua vez, as igrejas que criticam essas igrejas não oferecem uma visão corretiva; elas simplesmente ignoram a ira de Deus como se fosse algo inapropriado. Raramente a beleza, a lógica interna e a necessidade da ira de Deus são apresentadas.

Eis um exemplo especialmente abrasador: “Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra esta terra, trazendo sobre ela toda a maldição que está escrita neste livro. O Senhor os arrancou, com ira, de sua terra, mas também com indignação e grande furor, e os lançou para outra terra” (Dt 29.27-28). Moisés usa quase todos os sinônimos possíveis, não é verdade? O que podemos aprender estudando uma indignação tão intensa como essa?

Não permita que preconcepção alguma sobre “a ira de Deus” o impeça de parar por um momento para examinar a lógica interna de como ela funciona. Sua ira sempre surge por um bom motivo. Ela nunca é uma explosão, um chilique ou o reflexo de um dia ruim. Nunca é uma hostilidade latente, esperando para estourar a qualquer momento em algum inocente bem-intencionado que, por acaso, estiver passando pelo meio do fogo cruzado. As causas são identificadas com clareza e fazem perfeito sentido quando paramos por um momento, prestamos atenção e refletimos.

Na última passagem mencionada, os leitores astutos podem ver o impacto da ira de Deus em ação. É como se caminhássemos em meio a destroços de uma

fábrica de munições nazista em junho de 1945. Os aliados certamente bombardearam o edifício por um bom motivo. O povo fez a pergunta lógica: “Por que o Senhor fez isso com eles? Por que essa grande explosão de ira?” (Dt 29.24, paráfrase do autor). As pessoas não negaram a ira evidente de Deus. Contudo, estavam curiosas quanto às suas razões.

A resposta foi simples e clara: “Eles me traíram. Eu os amava, mas eles demonstraram ser traidores” (v. 25-26, paráfrase do autor). Isso faz sentido. Ficar irado por causa de uma traição não é ser irritadiço ou genioso. O povo tinha todas as razões para ser leal e fiel. Além disso, o fato de eles terem traído Deus levou-os a trair outros também. Os inimigos de Deus tornaram-se inimigos de pessoas, abusando delas e destruindo-as.

Isso é algo que instintivamente faz sentido para cada um de nós. Quando compreendida, “a ira de Deus” parece ser não apenas lógica, mas correta. O entendimento da nossa própria ira também fica mais fácil. Se Deus é bom, como ele poderia não se irar com coisas que são completamente erradas? Considere os seguintes exemplos de coisas que provocam a ira justa para ter uma ideia da lógica interna da ira de Deus. Isso o ajudará a compreender a própria ira, tanto quando ela surgir em sua melhor forma quanto nas situações em que for expressa da maneira ruim. Além disso, indicará o caminho para que seus sentimentos e expressões de ira mudem para melhor.

Traição e deslealdade;

Mentiras, declarações falsas sobre outra pessoa, difamação;

Hipocrisia;

Preguiça, vício em trabalho, chefes abusivos;

Teimosia, rebelião e respostas malcriadas;

Assassinato e abuso físico;

Traição ou abuso sexual;

Fraude e roubo;

Calúnias e fofocas;

Sensação de merecimento e ganância.

Até quem alega não haver absolutos morais tende a afligir-se com esses males.

Agora, dê uma olhada na lista de novo. Por acaso você já a viu antes em algum lugar? Caso ela lhe soe vagamente familiar, é porque reflete com precisão os dez mandamentos que Deus nos deu na Bíblia.

Não tenha outros deuses, exceto o Deus verdadeiro – não o traia.

Não idolatre mentiras e fantasias só porque lhe são convenientes de algum modo. Não idolatre substitutos para a realidade.

Não tome o nome do Senhor em vão, dizendo coisas religiosas da boca para fora enquanto vive em fingimento e contradição. (Este é, na verdade, o significado central deste mandamento; imprecações e blasfêmias são significados secundários.)

A vida precisa seguir um ritmo que alterne entre trabalho duro e descanso verdadeiro para que a confiança em Deus como provedor seja evidenciada e que o cansado tenha alegria.

Honre seu pai e sua mãe. Não se revolte contra eles.

Não assassine, não cometa qualquer dano aos outros nem expresse o tipo injusto e condenatório de ira.

Não se envolva em nenhum tipo de imoralidade. Sua ética sexual deve proteger os outros, não usá-los.

Não pratique modalidade alguma de roubo.

Não minta ou fale mal dos outros, dando falso testemunho.

Não permita que sua vida gire em torno da filosofia: “Eu quero, eu quero, eu

quero”.

Essas coisas, que despertam ira em toda pessoa que tenha uma consciência dentro de si, são nada mais nada menos do que os dez mandamentos – um pouco parafraseados e adaptados às nossas experiências diárias. Quando a ira é despertada justamente, ela age segundo os dez mandamentos. Como Deus, ficamos descontentes com traições no amor. Egoísmo, falsidade, hipocrisia – todas essas coisas que provocam ira em você provocam ira em Deus também. Indo mais diretamente ao ponto, a razão de essas coisas provocarem ira em você é que elas provocam ira em Deus. Ele nos descreve como “feitos à sua imagem”. Por causa da nossa constituição moral, sabemos que algumas coisas são completamente erradas e precisam ser tratadas.

Nós funcionamos exatamente da maneira que Deus descreve. Temos a capacidade de expressar indignação justa porque ele também tem. Porém, observe que a ira de Deus não é imprevisível ou mal-intencionada. Longe de ser uma contradição do amor, a ira divina vem do amor. Ela é o produto do amor traído (quando Deus é a parte prejudicada) e da compaixão pelas vítimas de injustiça (quando os outros são a parte oprimida).

Como se não bastasse essas coisas terem sido expressas sob a forma de dez mandamentos por Deus e sua violação ocasionar nossa ira, elas também constituem – não por acaso – a base explícita ou implícita das leis humanas voltadas para a proteção de pessoas, bens e reputação. Roubo, assassinato, difamação de caráter, comportamento imprudente ou perigoso, pedofilia, terrorismo, traição e outros delitos geram não somente ira, como também processos criminais.

Isso nos leva a outra coisa importante a ser compreendida sobre a ira de Deus, algo que também esclarece nossa própria ira. Trair Deus e fazer algo que prejudica outras pessoas é violar os mandamentos divinos. Talvez você esteja familiarizado com o texto que Jesus considerou como os dois maiores mandamentos, dos quais todos os outros dependem (Lc 10.27):

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento;

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Por que Deus diz isso? “Porque eu o amei, você foi feito para me amar. Porque eu o criei à minha imagem, você foi feito para amar outras pessoas. Se você não me ama nem ama os outros, está traindo um relacionamento.”

Qual é o termo técnico para descrever a atitude de ofender a Deus e aos demais faltando com amor? Pecado. A palavra significa algo que prejudica um relacionamento. É diferente de lapso, erro ou falha. Ela descreve uma traição relacional, não apenas uma falha pessoal. Pecar significa lesar Deus traindo o amor destinado a ele. Pecar significa lesar outras pessoas violando o amor destinado a elas.

Interessante, não é? As coisas que mais nos indignam por natureza, as coisas que mais tiram os seres humanos do sério em todo lugar, são justamente aquilo que a Bíblia rotula como “pecado”. Não é frequente o ensino de que “pecado” é aquilo com o que nós deveríamos nos irar – aquilo que costumamos odiar naturalmente por ser aquilo com que Deus sempre se ira. Podemos ver o quanto já nos afastamos da noção bizarra de um Deus intrometido e tirânico que nos priva de toda liberdade e exige que nos submetamos a cada capricho seu, que nos enche de culpa sem boas razões e que nos castiga sem piedade.

O Deus retratado na Bíblia não é um desmancha-prazeres. O amor produz alegria. Contudo, ele demonstra uma hostilidade justa contra os males, pois estes prejudicam as pessoas e acabam com a alegria. O que o Deus verdadeiro nos pede é apenas que deixemos de agir como traidores e de ofender as pessoas. Seu desejo é simplesmente que amemos em vez de mentir, ofender e destruir. A ira de Deus (refletida pela nossa ira, quando correta e construtiva) é despertada por uma única coisa: aquilo que é objetivamente, verdadeiramente e constantemente errado. Em outras palavras, pelo pecado.

Deus é tardio em irar-se e repleto de bondade imerecida. Ele é como um pai que persevera, amando insistentemente o filho desobediente. Ele fica irado – irado de verdade – com males reais. Porém, demonstra uma bondade maravilhosa muito mais abundante àqueles que estão dispostos a lidar com o que está errado.

Neste capítulo, introduzimos dois dos conceitos mais impopulares e mal interpretados do nosso mundo: a ira de Deus e o pecado. Espero que essas duas

noções passem a ser usadas de um modo diferente. São dois conceitos extremamente importantes. Todavia, quando retratados incorretamente, eles não nos ajudam. Quando são compreendidos do modo correto, abrem portas para a sensatez. Você só poderá entender a si mesmo (ou Deus, ou outras pessoas) quando compreender tanto o pecado quanto a ira divina. Esses elementos são intrínsecos à sua humanidade e àquilo que se desenrola no palco da realidade.

<< PERSONALIZANDO >>

1. É possível que você tenha várias perguntas “Mas e quanto a…” depois de ter lido este capítulo. Liste aqui algumas delas.

2. Pense sobre a lista de coisas que desperta a ira de Deus. Quais delas tornam você bom e bravo também? Quais delas você está mais propenso a ignorar ou justificar?

3. De que maneira a descrição de Deus como um ser bom e bravo desafia o que você pensa a respeito da sua própria ira? De que maneira ela desafia o que você pensa a respeito da ira de Deus?

4. Você gostaria de viver num mundo em que Deus nunca ficasse irado? Ou em que você nunca ficasse irado? Por quê?

Capítulo 10

A melhor ira, o melhor amor

Muitas pessoas consideram Deus como alguém/algo completamente flexível, a respeito do qual cada um é livre para dar as próprias opiniões, como se seu caráter pudesse ser determinado do zero. No entanto, Deus é retratado na Bíblia como uma pessoa. Ele expressa todas as características de uma personalidade. Ele observa os homens e avalia o que vê. Ele pensa e age com um propósito em mente. Ele sente, pensa, tem empatia e lembranças. Sua pessoa revela, o tempo todo, aquilo de que gosta e aquilo de que não gosta – ou, antes, aquilo que ama e aquilo que odeia. As palavras das Escrituras captam a intensidade com a qual seu prazer e desprazer operam.

Esse Deus inspirou canções de amor e lamentação. Ele disse que as pessoas podem literalmente conhecê-lo. E enviou seu único Filho, Jesus, para que pudéssemos ver a maneira exata como ele, estando em carne, coloca a ira em ação. Jesus não teve uma vida tranquila. Ele se importava muito. Contudo, não era uma pessoa tensa. Não era irritado, ansioso ou compulsivo. Porém, tampouco era indiferente, desligado ou alheio. Ele não era estoico nem budista. Ele se colocava debaixo das tempestades dos sofrimentos e pecados humanos. Ele sentia profundamente. Diante da sepultura do seu amigo Lázaro, na presença da morte e da angústia humana, ele ardeu em ira e chorou de tristeza.

Na vida, na morte e na ressurreição de Jesus, aprendemos uma verdade surpreendente sobre a ira de Deus: ela é maravilhosamente injusta. Não me entenda mal. Geralmente chamamos de “injustas” as situações em que recebemos tratamento indevido ou em que somos defraudados de algo a que acreditamos ter direito. Mas e quando recebemos mais do que merecemos? É uma “injustiça” ao contrário, uma generosidade que vai muito além do que seria justo. E, por incrível que pareça, nós também achamos difícil aceitar isso.

Para ilustrar esse princípio, Jesus contou uma história sobre um homem que contratou pessoas em momentos diferentes do dia, até o último minuto – aquilo

que chamamos de “décima primeira hora” (uma expressão proveniente dessa história). Quando chegou a hora do pagamento, aqueles que haviam começado a trabalhar no início do dia ficaram chocados ao descobrir que os retardatários receberiam a mesma quantia. Ressentidos, eles foram ao homem que os havia contratado. Este respondeu às queixas com perguntas que evidenciaram a mesquinhez dos trabalhadores: “Por acaso não lhes paguei o que disse que pagaria? Então, por que estão reclamando?” (Mt 20.13-16, paráfrase do autor).

Por mais que precisemos da graça, ela pode ser difícil de engolir quando é estendida aos outros. Você consegue se identificar com a consternação dos homens que trabalharam o dia inteiro? Eu consigo. E a ira que eu sinto – ou sentiria na situação deles – lembra-me de que ela não é tão pura quanto a ira de Deus. Ela me faz lembrar de quanto eu preciso da graça que, por vezes, não gosto de ver sendo estendida a outros.

A parábola dos trabalhadores mostra como é difícil conciliar a ira (que é tantas vezes alimentada pelo moralismo) com o amor (que se regozija com o bem do outro). Isso torna difícil para nós entender que a ira e o amor de Deus são absolutamente coerentes. Trata-se de expressões diferentes da sua bondade e da sua glória. Como B. B. Warfield expressa isso: “Jesus ardeu em ira contra os males com que se deparou ao longo da sua jornada pela vida humana e, ao mesmo tempo, desfez-se em compaixão diante do sofrimento do mundo. Foi desses dois sentimentos que nasceu sua misericórdia”.1 Não é possível compreender o amor de Deus sem compreender sua ira. É porque ele ama que fica irado com o que prejudica os seus amados.

Observe a maneira como os filhos de Deus vivenciam sua ira. Ela é expressa em favor deles como um amor supremamente terno. Como veremos, a Bíblia é consistente com relação a essa verdade. No entanto, por definição, a ira é sentida contra alguma coisa, com a intenção de destruir. Como, então, a ira de Deus pode se tornar algo que seus filhos amam e em que confiam, em vez de algo que temem ou abominam? Como a ira de Deus pode ser uma expressão do seu apoio em vez da sua oposição? A boa-nova é sempre apresentada em termos de como o amor e a ira podem ser conciliados. Deus demonstra o amor que tem pelo seu povo por meio de quatro expressões diferentes de ira.

A ira de Deus cai sobre Jesus

Em primeiro lugar, por amor, a ira que seu pecado merece caiu sobre Jesus, não sobre você. Antes de você nascer, Deus decidiu libertá-lo da experiência de sofrer sua ira pelos pecados que haveria de cometer em vida. Movido pelo amor, ele ofereceu gratuitamente seu Filho inocente para carregar sobre si a ira merecida pela culpa. A ira de Deus castiga e destrói, dando ao pecado o que ele merece – contudo, o golpe foi suportado por Jesus, o Cordeiro de Deus, o Salvador dos pecadores.

Porque Jesus nos ama, ele se ofereceu para receber o fogo justo da ira. Nossa libertação vem mediante sua dor e sua glória, ocasionando nossa alegria. A ira amorosa de Deus é expressa de uma maneira que nos traz bênção. Ela é a base daquilo que dá vida aos mortos, assegurando-nos verdadeiro perdão. Nesse ato fundamental de amor generoso, vemos a ira de Deus agindo em nosso favor. Em resposta a isso, depositamos nossa fé com confiança.

A ira de Deus neutraliza o poder do pecado

Em segundo lugar, por amor, a ira de Deus opera de modo a neutralizar o poder do pecado. O ódio que Deus sente do pecado é, mais uma vez, expresso para o nosso bem-estar. Hoje, ele lida continuamente com a pecaminosidade que habita em nós.2 O Espírito Santo derrama o amor divino sobre nós como um fogo ardente contra o mal. Ele não nos destrói. Ele destrói o pecado e renova o nosso ser. Movido pelo amor, ele nos refaz, não tolerando nosso pecado, mas odiando-o de maneiras que aprendemos a amar.

O processo não é sempre agradável. Muitas vezes, significa sofrimento para chamar nossa atenção. Significa repreensão e reconhecimento de erro e culpa. Significa confissão de pecados cometidos. Essas coisas não fazem com que nos sintamos bem. No entanto, a libertação, a misericórdia, o encorajamento e a consciência tranquila são coisas boas. São coisas muito boas. Deus nos transforma progressivamente em portadores de amor, alegria e sabedoria – em portadores da sua própria imagem. Porque ele nos ama, sente ira diante da nossa pecaminosidade destrutiva. A ira amorosa de Deus em nosso benefício nutre e incentiva a fé: ela nos garante que ele continuará operando tanto dentro de nós

quanto ao nosso redor a fim de libertar-nos do mal (Hb 12.5-11).

No novo nascimento e na santificação, o poder destrutivo de Deus atua no nosso interior contra o que está errado conosco. Ele está nos ajudando, refazendo-nos, ensinando-nos a ouvir. Ele nos transforma de modo a sermos mais semelhantes a Jesus. Vemos a ira de Deus trabalhando por nós como parte das operações diárias do amor. Em resposta a isso, passamos a ter esperança e aprendemos a obediência da sabedoria.

A ira de Deus liberta-nos do sofrimento causado pelos pecados dos outros

Em terceiro lugar, a ira de Deus liberta você do sofrimento causado pelos pecados de outras pessoas. Porque nos ama, o Senhor fica irado com aqueles que procuram nos causar sofrimento. Movido pelo amor, ele nos livra dos nossos inimigos. No último dia, todas as causas de sofrimento serão destruídas para sempre. Ao mesmo tempo, a Bíblia é clara ao dizer que aqueles se opõem a Deus e prejudicam seu povo existem por uma razão: são agentes involuntários de Deus no nosso processo de santificação. Eles agem segundo seus propósitos egoístas, mas, ao mesmo tempo, estão realizando os propósitos de Deus para o bem à medida que ele nos transforma por meio do sofrimento. São agentes a serviço da disciplina amorosa que Deus aplica a nós, o seu povo, a fim de que aprendamos a ter paciência, fé, amor pelos inimigos, coragem e todos os outros frutos que só podem ser aprendidos em tempos de dificuldade.

Nossa futura bem-aventurança é a glória dele e a nossa alegria. Esse poder libertador de Deus, usado para sua glória e o resgate do seu povo, é o tema de muitos salmos. Eles relacionam o amor e as misericórdias do Senhor a essa ira amorosa por meio da qual ele livra seus filhos daqueles que os prejudicam.3 “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).

A ira amorosa de Deus em nosso benefício nutre e estimula nossa fé. Ele nos liberta do que é nocivo. Os filhos amados de Deus depositam sua esperança e confiança no fato de que, por ocasião do retorno de Cristo, a ira divina endireitará todas as coisas (Rm 12.19). Naquele ato final de amor, veremos a ira de Deus agindo em nosso favor. Em resposta a isso, gememos e aguardamos ansiosamente.

A ira de Deus protege-nos de nós mesmos

Em quarto lugar, a ira de Deus serve como alerta e freio para impedir-nos de retornar a um estilo de vida pecaminoso. A santidade ardente do Senhor não é posta em segundo plano quando tomamos conhecimento de que fomos chamados em amor para receber a graça gratuita de Jesus. Uma das maneiras pelas quais o Pai cria seus filhos é expressando um descontentamento construtivo, restaurador. Isso ajuda a formar em nós uma consciência aguçada e ativa. Sentimos dores diante do descontentamento do Senhor porque estamos conscientes do seu amor por nós.

O descontentamento de Deus com relação aos seus filhos amados é uma questão pastoral delicada. Abordaremos isso com mais atenção porque é um assunto muito fácil de ser mal interpretado. Ser unido a Cristo pela misericórdia significa que você não mais está debaixo da ira, mas debaixo da graça. Você está livre de toda condenação. É amado no Amado. O descontentamento construtivo da misericórdia faz com que a ira de Deus seja sua amiga.

Nossa alegria suprema é o fato de termos passado da morte para a vida e estarmos sob a graça, não mais sob a ira. Mas será que isso significa que Deus nunca mais se ira com seus filhos amados? Ele é um bom pai. Os três primeiros aspectos do descontentamento construtivo da misericórdia – paciência, perdão e amor – são óbvios para seus filhos. Mas e quanto ao quarto aspecto, a ira construtiva? Ao longo da nossa vida como filhos amados, porém imperfeitos, vivenciamos os efeitos construtivos do seu descontentamento paterno.

Deus nos instrui com paciência e boa vontade: “Ouça-me. Lembre-se disso. Confie em mim. Siga-me”.

Ele nos alerta de bom grado: “Guarde o seu coração. Tenha cuidado com sua vida”.

Ele nos detém: “Você não pode fazer isso”.

Ele disciplina aqueles que ama: “Quando você faz isso, sua vida não corre bem”.

Ele nos restaura amavelmente à sua comunhão: “Volte para mim, meu filho. Eu o perdoo sem lhe pedir nada, e há alegria para você tanto no céu quanto na terra”.

É claro que Deus fica irado quando sua família age com insensatez, falsidade e pecaminosidade. Ele se sente assim porque nos ama e está comprometido com o nosso bem-estar em longo prazo.

Vemos isso por toda a Escritura, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O descontentamento paternal assume muitas formas. É possível identificá-lo na vida de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Jó, Davi, Salomão e ao longo de toda a história de Israel. Muitas vezes, vemos isso também na maneira como Jesus discipulava seus seguidores. Nos Evangelhos, o Senhor fica descontente com o mal, por intermédio dos seus apóstolos, com as primeiras igrejas, nas suas cartas às sete igrejas do Apocalipse e por toda a história da igreja. Deus é um bom pai. Testemunhamos um reflexo disso quando outros bons pais educam os filhos numa atmosfera de amor, ensinando-lhes o certo e o errado.

Veremos vários exemplos que se aproximam das áreas em que lutamos e precisamos da contenção e do freio oferecidos pelo descontentamento do amor paternal.

Primeiro, diante de hostilidades irracionais, somos facilmente tentados a recuar com medo. De que maneira o Senhor nos ensina a não ter medo do que os outros possam fazer? Ele é direto e inesperado: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28). Uau. E, para que você não interprete isso de modo incorreto nem sinta medo, seu Pai amoroso logo em seguida o lembra de que até mesmo a vida de um pardal e os fios de cabelo na sua cabeça têm importância para ele. Tema a Deus, mas não tenha medo dele. Tanto o temor quanto o destemor corretos realinham nossa consciência.

Por outro lado, podemos facilmente nos tornar confortáveis de mais na presença de Deus. Começamos a escorregar. Brincamos com ele. Deixamos de dar-lhe o devido valor. Pai nosso que estás nos céus, blá-blá-blá. Como podemos aprender a adorar com reverência correta, zelo santo, profundo respeito e temor adequado? “Porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.29). Uau. Com

fogo não se brinca. Mais uma vez, para que não entendamos mal, a mesma passagem proclama como o sangue aspergido de Jesus oferece misericórdia e alegria. O Senhor tanto aguça quanto acalma a consciência.

E é um triunfo da graça quando você crê que Deus realmente o ama, perdoa, aceita e salva. No entanto, como criaturas inconstantes, podemos facilmente cair em orgulho, arrogância e sensação de superioridade com relação àqueles que não creem. Porque Deus nos ama, ele não se omite quando nos desviamos dessa maneira, e uma advertência oportuna ajuda a manter-nos sãos: “Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. […] Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11.20,22). Novamente, para que não entendamos mal, toda a carta aos romanos é uma proclamação das misericórdias de Deus a um mundo que se encontra sob a justa condenação. Assim, “mediante a fé, estás firme […]” e há “para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres” – palavras também extraídas de Romanos 11.

Realidades que nutrem o coração

Nosso Pai nos conhece. Cada um desses quatro aspectos da ira de Deus é direcionado pela misericórdia, de modo a oferecer consolo a um aspecto diferente da nossa luta humana.

Quando seu coração se encher de medo e questionar como Deus seria capaz de amá-lo, lembre-se: Jesus levou seus pecados sobre si. O inocente foi morto no lugar do culpado. Quando Deus olha para seus erros, ele se lembra da misericórdia.

Quando se sentir fraco e desanimado, quando achar que não tem forças para lutar contra tudo o que há de presunçoso, indisciplinado e desatento dentro de você, lembre-se: o Espírito Santo odeia o mal, ama o bem e não deixará de operar no seu interior. Ele completará a boa obra que iniciou em você.

Quando se sentir oprimido por toda mágoa, injustiça, decepção, insensibilidade e traição que cometerem contra você, lembre-se: o Senhor destruirá todas as causas de sofrimento, tropeço e lágrimas. Porque Deus ama aqueles de quem se

tornou amigo, defende-os de todos os seus inimigos: a morte, o pecado, Satanás e os homens maus.

Quando se sentir tentado a desistir e mergulhar novamente nas trevas, lembre-se: o Senhor é um fogo santo e disciplina aqueles a quem ama para que possam compartilhar da sua santidade. “Porque sete vezes cairá o justo e se levantará” (Pv 24.16). Ele não permitirá que você se desvie para sempre.

A ira de Deus é a sua esperança. A ira de Deus é a minha esperança. Nós não ouvimos isso com frequência, mas é um fato declarado por toda a Bíblia. A ira é nossa esperança porque o amor domina a ira. A ira amorosa de Deus resolve todo o problema do mal, trazendo glória inefável para ele e bênção inexprimível para nós. O Deus que é amor condena o mal com justiça, extirpa o poder maligno remanescente, traz alívio para o sofrimento e protege-nos de nós mesmos.

Embora a ira de Deus seja a esperança dos seus filhos e o desespero dos seus inimigos, também é verdadeiro que todo aquele que se arrepende e crê na extraordinária mensagem a respeito da ira convertida em graça por intermédio de Jesus Cristo passa a ser amigo de Deus. O fato é que não podemos compreender o amor de Deus sem compreender sua ira. Essa é a mensagem do livro de Salmos, aquela jornada do rei pelo coração da humanidade redimida, com sua mistura doutro modo inexplicável de alegria e tristeza, esperança e angústia, confiança e temor, contentamento e ira. “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! […] A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.33,36).

É a esse Deus que fomos criados para ser semelhantes. Nós fomos feitos à sua imagem. É por isso que temos a capacidade de fazer julgamentos morais. Fomos feitos para irar-nos e agir de maneira construtiva na presença do mal moral. É assim que Deus é.

No entanto, caímos em pecado. É por isso que nossa ira é tão danificada, distorcida, corrompida e mal utilizada. Brincamos de ser Deus e tentamos governar o mundo, punindo os malfeitores segundo nossas próprias regras. Ficamos irados com coisas que não são más (que simplesmente contrariam nossa vontade onipotente) e ignoramos coisas realmente malignas (nossa própria irritabilidade e amargura, para começar), permanecendo indiferentes ao

sofrimento e à opressão. E, quando finalmente conseguimos sentir ira diante de um mal verdadeiro, ela é expressa tão fora de proporção que “pagamos o mal com o mal”. Nós nos tornamos o que criticamos, de modo que até mesmo a ira estimulada por motivos legítimos é expressa de modo destrutivo.

Mas esse não é o fim da história. Eu e você podemos ser redimidos. Pela graça de Deus, nós podemos ser completamente redimidos. Tudo o que for pernicioso e ofensivo aos olhos de Deus, dignos da sua ira, pode ser perdoado e transformado. Nossa capacidade de fazer avaliações – a consciência – pode ser refeita. Nós podemos aprender – e aprenderemos – a perceber o bem e o mal de um modo diferente, da maneira como as coisas realmente são. Isso nos restaurará gradualmente à sanidade, à imagem de Cristo.

Nossas reações podem ser mudadas. O temperamento sempre a ponto de explodir passa a ser tardio em irar-se. A hostilidade transforma-se em amor prático pelos inimigos. A amargura de longa data é abrandada, dando lugar à capacidade de perdoar os devedores. O Deus que está totalmente do nosso lado e que nos ama demais para nos abandonar no pecado – o Deus todo-poderoso do universo – conserta as coisas em longo prazo. Ele está em ação transformando seus filhos para que nossa ira seja refletida em atitudes amorosas. Como isso acontece? Este é o tema da próxima seção do livro.

<< PERSONALIZANDO >>

1. De que maneira a ira de Deus com relação ao pecado é uma notícia verdadeiramente boa para você?

2. Que aspecto da ira de Deus em seu benefício é mais significativo para você hoje? Por quê?

3. Há alguma pergunta “Mas e quanto a…” depois que terminou de ler este capítulo? Registre-a aqui.

SEÇÃO 3:

COMO MUDAR

Este livro começou falando sobre a nossa ira e descreveu cuidadosamente como devemos entender esse sentimento. Vimos que há uma grande divisão entre luz e trevas no cerne da ira. O problema do bem e do mal – o problema mais profundo do ser humano – também acompanha nossa ira.

Isso nos leva à questão prática: como podemos mudar? Como as trevas se tornam luz? Como os seres humanos corrompidos se tornam o que deveriam ser? Esta seção abordará a questão prática a partir de três ângulos. Primeiro, leremos uma passagem das Escrituras. Veremos como Deus lida com a espinhosa luta que travamos contra a ira. Segundo, observaremos como essa passagem nos direciona a uma vida de fé e amor cada vez maiores. Terceiro, faremos um estudo de caso sobre como nós mudamos, dividindo o processo de mudança em oito etapas.

Capítulo 11

Um espelho para sua ira

É provável que você já tenha passado pela experiência de se sentir desorientado ao andar por uma cidade desconhecida. Basta virar na rua errada para estar completamente perdido. Hoje em dia é mais fácil com o GPS, mas até ele pode nos mandar para o lugar errado. Porém, essa experiência é bem diferente de virar na rua errada no nosso próprio bairro. Quando estamos orientados, é fácil voltar. Podemos até mesmo arriscar um caminho que nunca fizemos. Quando sabemos, grosso modo, onde estamos e para onde queremos ir, dá tudo certo. Mas, quando estamos desorientados, não sabemos diferenciar esquerda e direita, frente e trás, que caminho tomar.

Quando nos iramos, a experiência é parecida com a sensação de se estar perdido num bairro desconhecido. O sentimento de ira desorienta-nos. A diferença é que geralmente não percebemos quanto estamos perdidos. Quando estamos sendo hipócritas, acreditamos estar orientados, ainda que estejamos completamente perdidos. Quando estamos agindo como um terrorista ou justiceiro – quando somos o parceiro traído que deseja vingança ou o filho fazendo birra – acreditamos ter uma ideia clara do que aconteceu e do que precisa ser feito naquele momento. Mas estamos iludidos. A ira ilude a todos nós. Ela é uma breve (ou vitalícia) loucura.

A ira do tipo ruim exclama: “Venha o meu reino! Seja feita a minha vontade! Que juízo e ira caiam sobre todos aqueles que transgridem contra mim!” Como essa loucura pode se tornar sã? Como é possível mudar algo tão arraigado? Como se pode atenuar algo tão exaltado, abrasador e obstinado? Como algo tão instintivo, habitual e automático pode mudar? Como podemos ser virados de cabeça para baixo e endireitados? Como esse senso inflado do ego pode diminuir, assumindo o tamanho real de um ser humano? Precisamos ser reorientados.

Ser renovado significa morrer para o que é velho… ser renovado significa

despertar para uma nova vida. Poderíamos dizer assim: eu e você devemos nos tornar cristãos no que diz respeito à nossa ira. Devemos aprender a parar de reclamar, criticar e discutir, de ser amargos ou hostis. Para isso, necessitamos da misericórdia de Cristo – e Cristo entrega-se aos necessitados sem pedir nada por isso. Por causa da nossa tendência de jogar tudo para o alto e retornar aos velhos hábitos, devemos permanecer em processo contínuo de reabilitação. A vida cristã começa com um despertamento e continua com um processo de reorientação. Ela avança até o dia em que veremos Jesus face a face. Eu e você estamos num processo.

Conheço muitas pessoas que reaprenderam a irar-se, pessoas que tiveram sua ira significativamente transformada. Todas elas testificam da mão ativa de Deus. É preciso graça. E todas elas testificam da diligência da humildade. É preciso resolução. Precisamos lutar contra nós mesmos com sinceridade e paciência. Precisamos decidir conscientemente tornar-nos um tipo diferente de pessoa. Precisamos trabalhar nisso durante a vida inteira. Nenhum de nós será perfeito nesta vida. Mas cada um de nós pode crescer. Qualquer progresso obtido na reorientação da ira vale mais do que qualquer quantia de dinheiro: “tudo o que podes desejar não é comparável a ela” (Pv 3.13-15).

Nosso objetivo deve ser mudar continuamente na direção certa. Há mais ou menos quinhentos anos, o honesto, sábio e extremamente temperamental Martinho Lutero descreveu a questão da seguinte maneira:

Portanto, esta vida não é retidão,

mas crescimento em retidão;

não é saúde plena, mas restabelecimento;

não ser, mas tornar-se;

não descanso, mas exercício.

Ainda não somos o que devemos ser,

mas estamos crescendo nessa direção;

o processo ainda não está concluído,

mas está avançando.

Este não é o fim, mas o caminho;

nem tudo já resplandece em glória,

mas tudo está sendo purificado.1

Observe que ainda não há uma solução rápida e final. Não é algo que acontece num piscar de olhos, mas um processo intencional que dura a vida inteira. Há muito trabalho em andamento, muitas coisas em desenvolvimento, mas nada terminado. Repare nos gerúndios utilizados na descrição de Lutero: crescendo, avançando, sendo.

Observe também que não se trata de um processo sem objetivo. Não se trata de mudar por mudar; a mudança não é um fim em si. Algumas pessoas falam como se o caminho já fosse o destino. Elas dizem: “O importante é a maneira como você caminha, não para onde está indo. É a jornada, não a chegada”. Isso é pura tolice. A direção é tudo. De que adianta correr com disposição e destreza na direção errada? É possível percorrer quilômetros paralelamente à praia (ou na direção oposta a ela) e nunca chegar ao oceano. Ao contrário das fantasias sobre mudanças sem direção, esse processo de mudança tem um destino radiante e desejável: tornar-se determinado tipo de pessoa.

O homem que escreveu as linhas acima foi um monge alemão. Por muito tempo ele lutou com seu temperamento instável – e também com seus medos, desejos, depressão e culpa. Com isso, aprendeu como a luta interior funciona. Ele aprendeu a chegar a algum lugar, não apenas a se debater. Além disso, aprendeu a chegar a um lugar bom, não simplesmente a qualquer lugar. E você também pode aprender.

A tendência para conflitos é um traço primário dos pecadores. É a imagem de Satanás: mentiroso, assassino, divisor, agressor. A pacificação está ligada a Deus em Cristo e à renovação dos seres humanos à sua imagem. O Senhor é o supremo Pacificador. Mesmo em sua graça comum, Deus inibe os desdobramentos da lógica do mal, muitas vezes evitando que a vida humana se

desintegre em anarquia e barbárie. Os tipos de paz parcial negociados e sustentados por diplomatas, mediadores, conselheiros e outras pessoas construtivas, por exemplo, são dons da graça comum.

A graça especial de Deus inspira-nos muito mais profundamente à paz. Os seres humanos conflituosos rendem-se a Cristo. Ele fez as pazes de uma vez por todas entre nós e Deus. Hoje, continua a produzir paz, ensinando-nos a agir da mesma maneira com os outros. E, por fim, trará a paz que durará para todo o sempre.

Este capítulo examinará passagens das Escrituras e diversas verdades fundamentais que o Senhor nos ensina sobre como a guerra pode se transformar em paz. Isso inclui a consideração das seguintes perguntas: Quando Deus olha para os nossos conflitos, o que ele vê? E como Deus endireita o que está errado? As Escrituras revelam o olhar de Deus e os critérios que ele utiliza para avaliar continuamente a vida humana, bem como os meios pelos quais os problemas humanos são redimidos.

Olhando-se no espelho das Escrituras

A Bíblia está repleta de histórias e ensinos sobre ira, conflito e distanciamento – e também sobre como resolver esses problemas. Todo assunto discutido com frequência nas Escrituras representa necessariamente uma luta universal. Cada pessoa dá seu toque pessoal à situação, mas os pecados básicos habitam em todos nós. Por exemplo, Tito 3.3 faz uma avaliação geral da raça humana que vive em ira, fora do domínio de Cristo: “vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros”. Essa não é uma imagem bonita. Nesse aspecto, alguns são mais civilizados, outros, menos; porém, todos buscam o que é melhor para si de alguma maneira fundamental, conflitando com os demais que buscam a mesma coisa.

Considere as “obras da carne” mais comuns que Paulo lista em Gálatas 5.19-21. Mais da metade dos itens descreve algum aspecto dos conflitos: “inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas”. Considere também 1Coríntios 10.13: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana”. Todos nós, com relação aos conflitos interpessoais, poderíamos nos apresentar à moda dos alcoólicos anônimos em suas reuniões: “Meu nome é ____, e eu fico

nervoso(a). Eu me envolvo em conflitos e guardo mágoas".

Não há texto melhor nas Escrituras para se entender a própria ira, compreender Deus e amadurecer os relacionamentos do que Tiago 4.1-12. Não há uma análise mais precisa e profunda da dinâmica dos conflitos do que essa. Tampouco há como fazer uma descrição mais sucinta e, ao mesmo tempo, esperançosa da dinâmica da paz. Jamais se ouviu uma promessa de amparo mais poderosa do que essa. Tiago coloca toda a ira sob a luz do olhar penetrante de Deus e promete graça sobre graça.

Por que vocês brigam?

De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. (Tg 4.1-3)

Tiago pergunta: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?" Ou seja: Por que vocês brigam? Observe que ele não diz: "Vocês brigam porque os outros são idiotas; porque seus hormônios estão descontrolados; porque um demônio da ira tomou conta; porque os seres humanos desenvolveram um gene de agressão ao longo da sua história evolutiva; porque era assim que seus pais reagiam; porque necessidades básicas não estão sendo satisfeitas; porque se levantaram com o pé esquerdo e tiveram um dia ruim no trabalho". Não. O que Tiago diz é: "Vocês brigam por causa 'dos prazeres que militam na vossa carne'". Você quer algo, mas não tem. A análise bíblica é simples e vai diretamente ao cerne da questão. Você briga por uma única razão: porque não está recebendo aquilo que deseja. E esses desejos se enraízam. Você briga porque quer aquilo que o agrada, mas suas expectativas e exigências estão sendo frustradas.

O mundo vive tateando segundo essa verdade, mas, ao mesmo tempo, foge dela. Qualquer pessoa ponderada consegue perceber que os conflitos acontecem por

causa de “expectativas” frustradas. Não é difícil fazer com que as pessoas expressem suas verdadeiras expectativas (talvez nunca compartilhadas). Elas podem até mesmo avaliar e alterar algumas dessas expectativas, desse modo criando um clima mais harmonioso. No entanto, o problema essencial dos desejos egoístas não chega a ser abordado. Limitamo-nos a substituir expectativas descaradamente egoístas por expectativas mais sutis. E os conflitos que clamam por um coração arrependido perante Deus são resolvidos ignorando-se a obsessão anti-Deus presente em todas as “expectativas” e “necessidades prementes”.

Alguns consideram a Bíblia por demais óbvia e simplista. “É claro” que as pessoas ficam iradas quando não conseguem o que querem; deve haver algo “mais profundo” que realmente explique o problema. Entretanto, quem pensa dessa maneira está perdendo de vista algo que vai mais além: as expectativas que provocam conflitos revelam algo fundamental a respeito de onde as pessoas se encontram não apenas em relação às outras, mas em relação ao próprio Deus. Em nossas exigências, defendemos nossos próprios interesses e nos opomos a Deus num nível extremamente profundo: “Venha o meu reino. Seja feita a minha vontade”.

Nada se encontra mais arraigado em nós do que as concupiscências que causam os conflitos. Os desejos regem nossa vida. Eles competem diretamente com o próprio Deus pelo domínio do nosso ser. Nenhum problema é mais profundo e abrangente do que esse. Tiago 4.1 diz que tais desejos “militam” dentro de nós. Isso não significa que os desejos militam contra nós ou uns com os outros. Eles são os nossos desejos, expressando quem somos.

O que a metáfora descreve é um cerco, um exército entrincheirado em torno da cidade. Nossos desejos formam barricadas… por isso, lutamos e travamos guerra. Agiríamos como pacificadores se obedecêssemos ao Senhor em vez de insistir nos nossos desejos. Porém, diante de brigas e discussões, estamos testemunhando pessoas obedecendo aos desejos de outro senhor.

Quem é você para julgar?

Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga a

seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz. Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo? (Tg 4.11-12)

Quem é você quando julga? Ninguém menos que um aspirante a Deus. Nós julgamos os outros – criticamos, procuramos defeitos, implicamos, atacamos, condenamos – porque literalmente usurpamos o trono de Deus. Nisso tornamo-nos diabos uns para com os outros, agindo como acusadores. Quando eu e você brigamos, nossa mente se enche de acusações; o que nos preocupa são os erros dos outros e os nossos direitos. Assumimos o papel de juiz moralista nos minirreinos que estabelecemos: "Você é um imbecil. Está me impedindo de chegar aonde quero. Você não entende. Está atravancando meus planos".

O que é uma briga? Numa briga, você me ofende opondo-se à minha vontade. Eu reajo apontando incisivamente para os seus erros. Ao mesmo tempo, explico como todos os meus fracassos são, na verdade, sua culpa. Se você fosse diferente, eu não seria como sou. Em seguida, você faz o mesmo, apontando incisivamente para os meus pecados e justificando seus próprios erros. Em momento algum do calor do conflito, as partes apontam para seus próprios pecados, exceto como modo de ganhar tempo para pensar num contra-ataque: "Sim, eu errei quando fiz aquilo, mas …".

A trave permanece firmemente plantada no olho (Mt 7.1-5) enquanto ambos os envolvidos agem como legisladores e juízes. No entanto, há somente um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e pode destruir. Quem é você para julgar o próximo? Observamos aqui a existência de um conflito muito mais profundo no cerne dos conflitos interpessoais. Presunção, orgulho, exigência e obstinação vão de encontro ao único Deus verdadeiro.

Tiago 4.1 e 4.12 expressam os dois temas fundamentais que perpassam todos os conflitos: exigência e arrogância. Em outras palavras, o que cada um de nós diz é isto: "Seja feita a minha vontade – e maldito seja você se me impedir". Para encontrar a solução de Deus para os conflitos, você deve fazer as seguintes perguntas a si mesmo: O que eu quero? E como estou tomando o lugar de Deus ao insistir nas minhas vontades? Essa análise profunda e explícita da dimensão vertical dos conflitos interpessoais é a chave para que você comece a entender a própria ira. Enquanto permanecer apenas na dimensão horizontal, não haverá paz

verdadeira e duradoura.

Essa é a razão pela qual as formas seculares de pacificação não conseguem fugir da superficialidade. Elas até oferecem boas estratégias, como as seguintes:

Esclareça suas expectativas;

Ouça com atenção e repita o que ouviu;

Expresse preocupações e objeções sem um tom condenatório;

Conte até dez antes de demonstrar ira;

Mostre respeito pelas pessoas em meio às divergências;

Preste atenção à sua linguagem corporal.

No entanto, sem a dimensão vertical, o que a pessoa faz não passa de algumas transigências motivadas por interesses próprios um pouco mais esclarecidos e menos egoístas. É impossível haver humildade perante o Deus vivo e amor pelo próximo dessa maneira. Já quando há convicção de pecado diante de Deus, a paz verdadeira passa a ser não só possível, como lógica. Sim, a outra pessoa pode até ter começado a briga. Sim, o que ela disse e fez contra você talvez tenha sido realmente pior do que as coisas que você disse e fez contra ela. Contudo, quando Deus coloca um espelho na sua frente, ele mostra a sua parte no conflito, a sua contribuição – o seu orgulho, a sua tentativa de tomar o lugar dele e a sua obstinação. A perspectiva de Deus revela que o choque entre as vontades de dois reles aspirantes a Deus é o que se encontra no cerne das brigas e discussões.

Antes, ele dá maior graça

Tanto eu quanto minha esposa, Nan, temos um temperamento bastante tranquilo.

Assim, é uma tentação acreditarmos que nunca tentamos usurpar o lugar de Deus. Infelizmente, nossos conflitos indicam algo diferente.

Uma das nossas primeiras brigas na verdade envolveu uma série de quatro pequenas discussões. Isso é significativo. Você perceberá que muitos argumentos seguem o mesmo padrão. Eles são repetidamente desencadeados pelo mesmo tipo de situação e apresentam os mesmos temas. É como se as duas partes seguissem um roteiro com suas respectivas deixas. No nosso caso, as coisas ficaram tensas em quatro domingos sucessivos no mês de junho. Estávamos casados há menos de um ano, e eu estagiava na nossa igreja. Antes de tudo, permita-me descrever o contexto: primeiro, do meu ponto de vista; depois, do ponto de vista de Nan.

Para mim, o sábado era um dia agitado, intenso, pois eu me concentrava nos preparativos para as atividades de domingo. Muitas coisas tinham de ser resolvidas nesse dia. Aos domingos, eu acordava cedo para terminar de preparar a pregação, o ensino ou o louvor. O dia era corrido, repleto de responsabilidades – e muitas, muitas pessoas. Eu conversava com elas, ouvia-as com atenção, expressava cuidado e preocupação, tentava ajudar, orava. Eu aconselhava tanto informal quanto formalmente.

À tarde, costumávamos receber pessoas em casa. Muitas vezes, eu tinha de pregar à noite ou liderar o louvor. Por isso, mais preparativos – tanto a finalização do conteúdo quanto a preparação do meu espírito – ocupavam o final da tarde. Depois que a última conversa na igreja terminava, eu e Nan chegávamos em casa por volta das 20 horas no domingo. Eu só pensava numa coisa: paz e silêncio. Eu queria saborear o caderno de esportes, bebericar um copo gelado de suco de goiaba e mordiscar um punhado de biscoitos recheados. Estava pronto para encerrar minhas interações com todos os seres humanos naquele dia.

E Nan? Durante os dois dias anteriores, ela havia auxiliado o marido em todos os seus afazeres. Havia orado por todas as minhas responsabilidades e sido paciente com minhas preocupações. Ela havia acompanhado minhas conversas com as pessoas, nas quais eu oferecia uma provisão aparentemente infinita de hospitalidade, paciência, cuidado e conselhos bíblicos em resposta às suas necessidades e preocupações. E ela também havia participado, ora recebendo os irmãos, ora lecionando na escola dominical.

No fim do dia, Nan estava animada porque finalmente teríamos uma oportunidade de estar juntos, de conversar de maneira íntima e pessoal, de pensar sobre a nova semana, planejar e orar. Às 20 horas do domingo, ela só pensava numa coisa: conexão pessoal. Ela queria alguém que a escutasse com empatia e atenção, que ouvisse como o seu fim de semana havia sido, que a ajudasse a carregar os seus fardos, que compartilhasse as suas alegrias, que iniciasse a semana seguinte ao seu lado.

Você consegue ver a situação? Havia um único trilho, mas dois trens vindo em direções opostas. O trem rumo ao Norte e o trem rumo ao Sul colidiriam precisamente às 20 horas do domingo quando chegássemos em casa. É possível ver com precisão o que acontecia ali segundo o texto de Tiago 3–4. O pastor e a esposa do pastor não estavam passando uma imagem bonita naquele momento.

O que foi que causou a briga, o bate-boca infeliz, a sensação autopiedosa de não ser compreendido e amado e a sensação hipócrita de estar sendo ofendido? Por acaso não foram os prazeres, os desejos, as expectativas profundamente arraigadas na alma dos dois? Eu era governado pelo meu desejo de descanso e divertimento. Nan era governada pelo seu desejo de intimidade. Qual foi o resultado (extremamente previsível)? Uma briga semanal.

Uma pergunta “Mas e quanto a…?” imediatamente surge na maioria das mentes, sobretudo na mente dos envolvidos. O que havia de errado com aquilo que cada um de nós queria? Por acaso o descanso não é um dos mandamentos de Deus? O que há de errado em querer desfrutar das boas dádivas, como comer, beber e relaxar ao final de um longo dia, antes do início de uma nova semana? O dia de repouso, por acaso, não serve para refrigério, para descanso dos fardos? Não é uma das bênçãos de Deus? E, da perspectiva de Nan, por acaso a intimidade, o acalento e o carinho do marido para com a esposa, bem como o compartilhamento de fardos e alegrias entre os dois, não são um dos mandamentos de Deus? O que há de errado em querer que o seu marido cuide de você também, além de todas as outras pessoas com quem ele conversou na igreja? Dar e receber amor não é uma das bênçãos divinas?

A verdade é que não há nada de errado com essas coisas – quando ocupam seu devido lugar. Todavia, elas saíam de proporção, como demonstravam os conflitos resultantes. Como podemos colocá-las em seu lugar? De que maneira uma mudança verdadeira pode acontecer no nosso coração e nos nossos relacionamentos? No próximo capítulo, examinaremos os recursos que Deus

oferece aos pecadores para que possam fazer essa mudança.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Quais sugestões e estratégias você considerou proveitosas para lidar com sua ira?

2. Como o reconhecimento do que se encontra no cerne dos conflitos altera a maneira como você pensa sobre a ira?

3. O que significa para você a declaração: “Deus dá maior graça”?

4. Depois de ter lido a história sobre Nan e eu, qual foi a sua primeira reação? Nosso “pequeno” conflito lhe soou familiar? Você tem histórias semelhantes de conflito nos seus relacionamentos? Descreva uma delas.

Capítulo 12

Ele dá maior graça

O que há de errado com o que eu quero? O que há de errado com o que você quer nos seus conflitos (tanto grandes quanto pequenos)? Ao responder a essas perguntas, chegaremos ao cerne dos nossos conflitos e teremos uma ideia de como a mudança pode ocorrer.

As Escrituras – a ressonância magnética do coração realizada pelo Espírito Santo – deixam claro que os (bons) desejos não são o problema. Esses desejos produzem pecado, não amor, apenas quando nos dominam. Quando Deus olha para o interior de cada conflito, ele vê os reinos pessoais que criamos. Nós nos assentamos no trono, transformando o simples desejo de determinada bênção numa vontade divina: eu quero, eu necessito, eu preciso tê-la.

Eu e Nan havíamos sido vítimas da insanidade do pecado e de uma futilidade autodestrutiva. Eu estava disposto a brigar para ter paz e sossego. Ela estava disposta a brigar para ter intimidade. Não há nada de errado na vontade de descansar ou ter intimidade. Porém, quando quero muito essas coisas, quando a vontade me domina, eu peco contra o Soberano do céu e da terra. Quando as expectativas se enraízam, nós inevitavelmente pecamos uns contra os outros também. Pensamos: Eu preciso disso. Isso me pertence. Exijo meus direitos. Preciso satisfazer minhas necessidades. Você está me impedindo de realizar meus queridos e preciosos desejos. Você está atrapalhando meus planos de controlar a realidade. Você não está atendendo às minhas expectativas.

Reflita por um momento sobre os desejos que estão em ação quando você fica irritado ou irado. O que você quer? Como você organiza sua vida em torno daquilo que deseja? Você está brincando de ser Deus? O objetivo dessas perguntas não é encontrar possíveis ídolos numa busca introspectiva ou conduzir uma investigação arqueológica das influências do seu passado. Faça as perguntas de uma maneira bem direta. Elas têm uma resposta objetiva, atual. Não estamos atrás de uma experiência subjetiva, um sentimento ou um lampejo fugaz de

clareza. Estamos buscando algo concreto: “O que exatamente você quer neste momento que o deixa hostil, mas que, se você estivesse sob o domínio de Cristo, o deixaria pacífico?”

Ao responder sinceramente, você terá identificado por que se envolve em conflitos pecaminosos. Não há razões mais profundas para sua ira do que isso. A violação do “primeiro grande mandamento” é o motivo mais profundo de todos. Naqueles momentos de conflito, eu amava o descanso mais do que o Deus vivo; Nan amava a conexão pessoal mais do que o Deus vivo. Meus pecados visíveis na situação incluíam reclamações e palavras críticas, mas isso era resultado do meu desejo por tempo ocioso. Os pecados visíveis de Nan também incluíam reclamações e palavras críticas, mas isso era consequência do seu desejo por intimidade conjugal. Para ambos – bem como para todos nós – os pecados horizontais registram e expressam os pecados verticais.

Esses pecados verticais são tão graves que merecem as designações incisivas que o Espírito utiliza em Tiago 3.13–4.12: inveja amargurada, sentimento faccioso, prazeres, cobiça, inveja, adultério contra Deus (uma metáfora para idolatria), amor ao mundo, soberba, ânimo dobre e usurpação do lugar divino. Somos feitos para viver com Deus no trono, com um coração completamente aberto para ele e para os outros. O que a pessoa contenciosa e crítica faz é fechar-se em si mesma, deixando Deus e o próximo do lado de fora. Exteriormente, ele profere palavras torpes que destroem, em vez de edificar, e que condenam, em vez de transmitir graça (Ef 4.29). Interiormente, a pessoa tomada por ira pecaminosa torna-se demoníaca e diabólica no sentido mais fiel da palavra, portando a imagem do acusador hostil do povo de Deus (Tg 3.15; 4.7). Deus quer que reflitamos uma imagem diferente, que estendamos misericórdia, redenção e amparo aos outros – até mesmo, e principalmente, nos seus pecados.

O que acontece quando nós, seres humanos conflituosos, passamos a enxergar a importância e o alcance dessa dimensão vertical dos conflitos? Paramos imediatamente. Sentimo-nos humilhados por pecados específicos perante a face de Deus. O Perscrutador de corações pega-nos pelo colarinho e coloca-nos na frente do espelho. Não há como fugir.

Imagine-se em pé à beira do Grand Canyon, nas trevas que antecedem o alvorecer até à plena luz do dia. Inicialmente, ao olhar para baixo, o que você vê é escuridão completa, mas, à medida que o céu se ilumina aos poucos, o breu impenetrável passa a ser cinza. Você começa a discernir as formas e os contornos

do abismo. Passa a ver, ainda que de modo turvo, aquilo que esteve à sua frente o tempo todo. Essa é a mesma sensação que temos quando identificamos os desejos específicos que provocam nossas lutas. Por fim, quando o sol se mostra completamente, as rochas passam a refletir tons de fogo. A paisagem resplandece, e é possível vê-la na sua totalidade com detalhes vívidos. Assim são nossas convicções específicas dos fatos: “Minha ira contra você – não apenas as palavras sarcásticas e defensivas, como também o desdém, o tom negativo e crítico que atribuo a tudo o que você faz, o tom positivo e justificatório que atribuo ao meu próprio comportamento, os subterfúgios, os pensamentos e emoções moralistas e autopiedosos e muitas outras coisas – exprimem meu orgulho diabólico contra Deus e a imposição insaciável daquilo que quero”.

Ele dá maior graça

O que acontece em seguida? Tiago expressa da seguinte maneira:

> Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará. (Tg 4.6-10)

Há graça para os humildes. Há graça para aqueles que pedem. Em vez de apontar os pecados dos outros, você pode confessar seus próprios pecados. Em vez de proclamar sua própria retidão com orgulho, você pode confessar suas muitas transgressões, erros e fraquezas e pedir graça. Em vez de criticar Deus quando não recebe o que deseja, você pode se submeter a ele e aproximar-se dele.

A maravilhosa consequência disso é que o próprio Deus o exaltará. O próprio Deus lhe mostrará favor. A transformação começará no nível mais profundo, para que suas vontades reflitam a vida boa e abundante que ele deseja dar para

você. Então, você será um disseminador da paz para o resto do mundo. A paz do céu estará presente nos seus relacionamentos. Tiago explica a paz celestial desta maneira:

A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz. (Tg 3.17-18)

É uma mudança e tanto ser exaltado por Deus e receber sua paz. E é maravilhoso poder compartilhar a paz de Cristo com os outros. Como essa mudança acontece? É aos poucos e ao longo do tempo – mas ela acontece.

Cada faceta da graça de Deus é feita especialmente para nos transformar quando estamos irados – críticos, temíveis e orgulhosos. Assim, em vez de viver uma vida desvirtuada, encontramos a "cura dupla": tanto para a culpa do pecado, quanto para seu poder1 – aqueles que buscam Jesus encontram o verdadeiro perdão. Em Jesus, todo aquele que pede recebe o Espírito do nosso generoso Pai. Nós seremos reformados à imagem do Filho que viveu e morreu por nós para que pudéssemos viver para ele.

O que você deve fazer? As pessoas iradas devem dar meia-volta e buscar a Deus. Tiago 4.6-10 capta essa realidade relacional chamada fé contrita. Na nossa necessidade, voltamo-nos para a única Pessoa disposta a nos ajudar e capaz de fazer isso. O Senhor oferece uma solução radicalmente "vertical" para o problema radicalmente vertical do coração. É impressionante como essa solução é centrada em Deus. Submeta-se a ele e resista ao diabo. Aproxime-se de Deus. O diabo, orgulhoso, foge quando Deus se aproxima de você. Purifique as mãos das expressões externas do pecado: do caos e de toda prática má, das brigas e dos conflitos, da atitude de falar mal dos outros. Limpe o coração das deserções interiores: dos desejos dobres que professam Deus, mas servem a outros deuses. Aflija-se. Humilhe-se na presença do Senhor.

Observe como Deus está presente. Observe como a solução é relacional. Nós buscamos e encontramos Alguém que se aproxima de nós. Alguém que é gracioso. Alguém cujo poder nos auxilia sem cobrar nada. Para resolver o

conflito no seu cerne, é preciso buscar a misericórdia de Deus. Nossos conflitos são alimentados quando usurpamos o lugar de Deus. A graça de Jesus Cristo perdoa e restabelece o domínio de Deus no nosso coração.

A solução de Tiago vai diretamente ao cerne do conflito. Quando o núcleo espiritual é transformado, o beneficiário da graça recebe o poder e a humildade necessários para buscar estratégias diferentes que conduzem à paz verdadeira. Coragem, disposição para perdoar, amor verdadeiro (até mesmo pelos inimigos), paciência duradoura – estas são questões de caráter, não meras estratégias. As estratégias construtivas fluem de um caráter transformado pela humilde necessidade que temos das misericórdias de Deus.

Da ira à sabedoria pacífica

O que isso significa do ponto de vista interpessoal? As pessoas antes iradas são capacitadas por Deus a dar amor e promover a verdadeira paz. Se antes você costumava atacar o próximo, agora aprende a interagir de maneira construtiva. Tiago 3.17-18 descreve isso de modo sucinto: Deus, o gracioso Doador, dá "sabedoria […] lá do alto" (cf. 1.5,17; 4.6). Trata-se de sabedoria: prática, específica, explicada, experimentada. Trata-se de um modo de vida, oposto, em todos os aspectos, às palavras, ao tom, aos pensamentos, às ações e às atitudes da ira pecaminosa. E ela provém do alto; é dom de Deus por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Somente ele concede aquilo que realmente resolve os conflitos interpessoais. Se você não tiver sabedoria (brigas e conflitos são exemplos básicos de insensatez), peça-a a Deus (Tg 1.5).

A sabedoria que ele concede é, em primeiro lugar, pura. As pessoas iradas despejam poluição mental, emocional e verbal por aí. Elas liberam coisas desagradáveis. Sua hipocrisia condena os erros dos outros enquanto elas mesmas mergulham de cabeça em pecados inacreditáveis. Os cristãos conflituosos têm um coração perigosamente dividido, impuro. Por sua vez, a fé contrita purifica o coração. Passamos a viver uma vida pura. Simples. Correta. Passamos a buscar o que é bom e verdadeiro. Comprometemo-nos com o bem-estar dos outros, não com nossos próprios interesses. Não mais nos preocupamos em sair por cima.

"A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica,

indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento" (Tg 3.17). Releia a frase devagar; ela é um fluxo de água viva. Jesus é assim. E nós podemos refletir isso. Deus de misericórdia, que assim seja.

As pessoas pacíficas deixam de lado os traços hostis: a postura defensiva, a agressão, as críticas, a autojustificação, os melindres e a necessidade de sair por cima. Essas ervas daninhas morais – a "impureza e acúmulo de maldade" provenientes da ira do homem (Tg 1.20-21) – são arrancadas e murcham. Doces frutos começam a nascer à medida que a Palavra de Deus e outras boas dádivas criam raízes: a docilidade, a longanimidade, a bondade, o contentamento, a gratidão pelo dom inefável e a caridade em lugar da irritação. Deus da paz, torna-me pacífico.

Nossa língua não tem um equivalente que abranja todos os sentidos da palavra traduzida como mansidão. Jesus exibiu-a de modo tão notável que as cores e fragrâncias desse traço caracterizaram toda a sua vida. O Senhor da glória caminhou em meio ao seu povo. Cada ser humano que Jesus encontrava devia-lhe a vida e lealdade absoluta. Ele era o Senhor, a quem sacrifícios eram oferecidos no templo em arrependimento e gratidão. No entanto, a maioria das pessoas o ignorava, interpretava-o mal, procurava usá-lo de alguma maneira, insultava-o e conspirava contra ele. Até mesmo seus seguidores mais próximos, que, em essência, o amavam, várias vezes demonstraram ser duros como pedras. Como ele tolerou isso por 33 anos? Com mansidão. Ele estava completamente dominado pelos propósitos misericordiosos.

Jesus lidava gentilmente com os ignorantes e desorientados, mesmo quando sofria nas mãos deles. Essa indulgência é incalculavelmente poderosa. A capacidade de suportar injustiças com paciência e sem ressentimento é uma virtude quase além da nossa imaginação. Já conheci várias pessoas que demonstraram primícias disso. Era possível observar indícios de esplendor na vida delas, vislumbres da glória revelada de Jesus – a coisa mais fascinante que já vi. Elas agiam de maneira intencionalmente construtiva nas mais difíceis circunstâncias.

Até certo grau, podemos entender o fato de Jesus ser compassivo com os sofredores. Contudo, quando lembramos que o objetivo principal de Cristo era estender misericórdia aos seus inimigos à custa de sacrifício próprio, essa mansidão excede todo entendimento. George MacDonald captou a essência disso da seguinte maneira: "É doloroso ser julgado injustamente. Porém, mais

doloroso ainda é o que Deus tem de tolerar o dia inteiro. Não obstante, ele é paciente. Por saber que está certo, permite que as pessoas pensem o que quiserem – até o momento oportuno de esclarecê-las. Senhor, purifica o meu coração; assim, pouco me importarei com os juízos alheios, somente com o teu!”2

É lamentável que “Jesus, manso e suave” tenha se tornado a figura de uma pessoa fraca e inútil, de um salvador sentimental, água com açúcar, apropriado para crianças, mas não bom o suficiente para adultos. Que o Deus do Senhor Jesus Cristo nos dê sua verdadeira mansidão. Essa força é um atributo régio. Mestre manso, torna-me manso também.

A sabedoria do alto também é sensata. Nunca deixo de me surpreender como Nan soa mais sensata toda vez que nos arrependemos da ira pecaminosa. As partes de um conflito têm a audição e a fala distorcidas. Nós nos sintonizamos na mesma frequência em que transmitimos. Eu vou ouvir e falar apenas aquilo que provar que você está errado e que eu estou certo. Mas esse é o canal errado. As pessoas iradas são irracionais. Não falamos de maneira sensata quando somos contenciosos. Por sua vez, as pessoas pacíficas enviam e recebem seus sinais em outra frequência. Elas escutam o que produz paz. Eles falam o que contribui para o crescimento em graça e conhecimento do Senhor Jesus Cristo. A sabedoria faz sentido. Ela é precisa, construtiva e agradável, mesmo quando diz coisas duras. E, quando dizemos coisas verdadeiras e construtivas, as chances são muito maiores de sermos ouvidos de modo imparcial. Evidentemente, não há garantias, mas palavras sensatas costumam ser ouvidas. Maravilhoso conselheiro, torna-me sensato.

Naturalmente, aqueles que se arrependem de um espírito crítico e irado tornam-se cheios de misericórdia. Se recebi a misericórdia transbordante de Jesus por ter cometido os pecados graves e fatais de orgulho, pretensão e ira, é natural que eu também transborde em misericórdia para com o próximo, pelo menos um pouco, por pecados menores cometidos contra mim. Quanto mais se aprofundar no cerne da sua participação nos conflitos, mais entenderá, com alegria, a misericórdia de Deus para com você. Além disso, você se tornará proporcionalmente misericordioso e paciente para com os outros em seus pecados.

Pessoas críticas, mal-humoradas e irascíveis não entendem muito a misericórdia de Deus. Mesmo que digam coisas certas, suas ações revelam que elas

continuam servindo aos próprios desejos e medos – e outros pagarão o preço pelas suas transgressões visíveis. Foi revelador, além de ter servido como um exercício de humildade, questionar-me: “Com quem sou misericordioso e com quem não sou misericordioso?” Minha resposta foi mista. Há a lista de pessoas ABC, aquelas com quem acho fácil ser misericordioso, e há a lista de pessoas XYZ, aquelas com quem tendo a não ser misericordioso. A diferença entre as duas listas tem pouco a ver com os pontos fortes e fracos específicos de cada pessoa. Na verdade, a diferença diz respeito às minhas expectativas; isto é, como vejo cada uma através das lentes das intenções misericordiosas do Redentor ou se a vejo através das lentes das minhas próprias imposições insistentes e imediatistas. Pai de misericórdia, torna-me misericordioso.

Você se torna repleto de bons frutos à medida que aprende a produzir paz, não guerra. Os bons frutos da pacificação são tão diversos quanto as más obras dos conflitos. As Escrituras não fornecem uma lista exaustiva desses frutos. Nenhuma lista seria capaz de captar o grande número de coisas criativas, oportunas e apropriadas que as pessoas construtivas fazem e dizem quando aprendem a produzir paz:

Manter a boca fechada em vez de reagir.

Ouvir com atenção em vez de ficar pensando numa réplica.

Manifestar-se corajosamente em vez de ficar intimidado.

Ao criticar alguém, fazê-lo com otimismo cristocêntrico e incluir elogios apropriados.

Tratar as pessoas de maneira justa, representando-as de modo preciso e reconhecível, não com caricaturas grosseiras.

Comunicar-se com exatidão e abandonar a linguagem prejudicial: as palavras “sempre” e “nunca” raramente representam a verdade e são invariavelmente mais destrutivas do que construtivas.

Falar com calma, sem emoções inflamadas.

Falar abertamente, sem timidez.

Abordar uma questão que costuma ser evitada.

Deixar para lá uma ofensa que costuma causar acessos de fúria.

Resolver o problema em vez de atacar a pessoa.

Esperar Cristo agir em vez de entrar em desespero ou pânico quando os problemas surgem.

Substituir palavras duras, que suscitam a ira, por palavras gentis.

Ao tirar a trave do próprio olho, você conseguirá enxergar com clareza e, assim, ajudar a tirar o argueiro do olho do seu irmão. É bem provável que ele confie em você e o ame por isso. A cornucópia transborda. Espírito frutífero, produza seu fruto em mim.

Particularmente notável é a afirmação que Tiago faz de que os pacificadores são imparciais. Isso destaca algo quase nunca mencionado. Já observei que, quando as pessoas se arrependem verdadeiramente da ira pecaminosa, duas coisas incríveis acontecem. Primeiro, elas se tornam capazes de falar sobre os próprios pecados de modo preciso – afinal de contas, eles agora estão sob a luz da graça de Cristo e serão progressivamente eliminados por ela. Segundo, elas se tornam capazes de falar sobre os pecados dos outros de maneira caridosa. Não há mais pontos a provar; apenas um desejo crescente de que os demais também desfrutem de bem-estar nas mãos do misericordioso Remidor. As pessoas imparciais são capazes de identificar qual foi a contribuição de cada um no problema geral. Essa imparcialidade encontra-se em nítido contraste com a polarização característica dos conflitos.

Há pouco tempo, testemunhei uma mulher falando sobre os próprios pecados sem assumir uma postura defensiva e, depois, discorrendo sobre os pecados do marido sem usar um tom de acusação. Foi simplesmente incrível. O casamento deles havia passado por uma crise antes disso. Os dois não paravam de brigar. Hostilidades, decepções, atitudes defensivas e autopiedade predominavam ali. Porém, quando ela decidiu lidar com sua situação diante de Deus, a intolerância e os prejulgamentos comuns da ira desapareceram. Ela ficou livre para agir como uma auxiliadora construtiva no processo, deixando de ser um obstáculo destrutivo. Ó Deus, em quem não há injustiça alguma, torna-me imparcial e

neutro.

Por último, os pacificadores são sem hipocrisia. Não faz sentido ter uma noite de confusão e aborrecimento em troca de alguns momentos de paz e tranquilidade. Não faz sentido ter uma noite de hostilidade em troca de atenção e amor. Não faz sentido julgar os outros por pequenos pecados cometidos contra a nossa pessoa e, com isso, cometer grandes pecados contra Deus.

As pessoas envolvidas em conflitos são hipócritas. Elas destilam condenação contra o mundo inteiro, mas se indignam quando são criticadas injustamente por detalhes mínimos. Elas reclamam se o cônjuge gasta 20 dólares com alguma futilidade, mas não pensam duas vezes antes de gastar 500 dólares com seus próprios passatempos. Elas chamam os outros de ineptos e ignorantes do ponto de vista teológico e bíblico, mas agem sem amor e com farisaísmo. Defendem impiedosamente o Deus da misericórdia. Acusam cruelmente os outros de crueldade. Iram-se contra os irados. Julgam orgulhosamente os orgulhosos. Fofocam a respeito dos fofoqueiros. Que Deus seja misericordioso com todos nós. Ó Deus, sempre verdadeiro, torna-me fiel ao Senhor.

Mudança real na vida real

Uma vez que o diagnóstico de Deus se baseia na vida real, nós devemos aplicar a cura à vida real, em tempo real. Depois que eu e Nan tratamos nossos conflitos dominicais – depois do nosso “nascer do sol no Grand Canyon” –, nossa comunicação ficou diferente. As palavras saíam com outro tom de voz. Elas tinham uma intenção diferente. Não mais éramos adversários e acusadores; começamos a conversar abertamente sobre nossos erros. Começamos a amar o amor de Jesus, a orar um pelo outro e a adorar o Misericordioso. Nosso casamento é composto por três pessoas, e uma delas é perfeita, boa e misericordiosa. E está em ação. A sabedoria é de uma natureza extremamente prática, fazendo-se presente em todas as atitudes e palavras que saem da nossa boca. Nós dois fomos capacitados a tomar decisões de cunho prático com o objetivo de solucionar problemas.

Não há nada menos romântico do que o amor.3 Os sentimentos românticos de atração e prazer são, por vezes, associados ao amor, mas a essência do amor é

outra: é o compromisso sincero de agir em favor do bem-estar do outro. Quando finalmente resolvemos nossas brigas de domingo à noite, Nan passou a querer que eu descansasse, e eu passei a querer ficar com ela e dar-lhe atenção. Decidimos, por uma questão de gentileza diplomática, que a noite de domingo seria reservada para descanso pessoal e que a manhã da segunda-feira seria destinada a interações mais prolongadas. No entanto, no fim das contas acabamos passando parte das noites de domingo relacionando-nos informalmente ao longo daqueles meses. De alguma maneira, quando o desejo intenso de descanso e divertimento foi destronado em mim, eu não mais "precisei" tanto assim de paz e tranquilidade a sós. E, como era de se esperar, quando o desejo intenso de intimidade foi destronado em Nan, acabou havendo muito mais intimidade entre nós dois. Essas surpresas típicas ocorrem quando as pessoas vão ao cerne do conflito e encontram a graça necessária para resolvê-lo.

Isso significa que nós nunca mais brigamos? Quem me dera! Contudo, naquele verão, há mais de 35 anos, eu e Nan aprendemos o caminho que conduz à fonte da vida e encontramos graça. Adquirimos uma compreensão duradoura dos nossos padrões pecaminosos característicos e sentimos as alegrias do arrependimento e da santidade. Deus dá maior graça.

Andando pela fé

Em Tiago 3–4, o Espírito Santo conclama-nos a olhar para o espelho e contemplar a verdade. Repetidas vezes, ele nos conclama a andar sob a luz do Deus que faz o que promete.

Antes, ele dá maior graça; Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

Grave essas palavras no seu coração. A fé confia completamente em Deus. Imagine-se, por um momento, com a conta corrente zerada e uma montanha de contas a pagar chegando pelo correio. Sua alma é tomada pela ansiedade, e a mente agitada impede você de dormir – calculando, recalculando, planejando e

preocupando-se. Na manhã seguinte, do nada, um atendente do banco telefona e diz: “Alguém acabou de transferir 10 mil para sua conta. O dinheiro está disponível, faça bom proveito… Sim, para a sua conta… Não, não foi um engano”. Você continuaria preocupado? Ou ficaria repleto de gratidão e pagaria suas contas com um coração alegre?

A fé age com base no pressuposto de que o que Deus diz é verdadeiro.4 Deus dá maior graça aos humildes. Humilhe-se. Deus realmente se opõe aos orgulhosos que causam conflitos. Coloque as mãos para o alto e renda-se. Ele perdoa verdadeiramente aqueles que abrem os olhos para seus pecados. Pare, abra os olhos e confesse. Ele selou a promessa com o sangue de Jesus. Confie nisso. Ele realmente dá o Espírito Santo aos filhos que o pedem – portanto, peça.

“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1.5). Peça sem medo, ciente da sua necessidade. “Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis […] para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.2-3). Peça, arrependendo-se dos seus desejos. O próprio Deus o capacitará para a mudança. Ele lhe dará sabedoria para andar segundo a imagem de Jesus Cristo.

A fé humilde que produz paz é tão objetiva quanto o desejo orgulhoso que produz conflitos. Muitas pessoas veem a fé como um sentimento de confiança, segurança, tranquilidade, contentamento e felicidade. Muitas pessoas veem a oração como uma experiência de determinadas emoções religiosas: fervor ou quietude, alegria ou conforto familiar. Às vezes, esses sentimentos são associados à fé e à oração, mas os salmos ilustram como a fé pode expressar-se por meio de muitos estados de espírito diferentes nas suas interações com Deus – alguns agradáveis e outros muito desagradáveis. Além disso, não devemos nos esquecer de que muitas formas de falsidade podem dar a sensação de paz, fervor ou segurança. As emoções não são um registro preciso da nossa confiança em Deus.

A essência da fé viva é algo diferente de qualquer outra experiência. Busque o Deus verdadeiro, que fala a verdade e oferece ajuda verdadeira. A fé confia completamente em Deus e age segundo essa confiança. Não há nada menos concreto, místico e sentimental do que a fé. Não obstante, a fé inabalável, direta e simples é poderosa. Alinhe sua vida com Deus em Cristo, e ele a reordenará. Confie completamente em Deus. Para chegar ao cerne do conflito, você precisa buscar a Deus. E, se buscar, você o encontrará. Além disso, haverá mudança,

pois a fé viva nunca é infrutífera: “Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz” (Tg 3.18).

No dia em que virmos Cristo, todos os que estiverem nele serão como ele. A partir de então, não haverá mais causas de tropeço, não haverá mais “brigas e conflitos”. A busca contínua pelo cerne do conflito um dia terminará. A devoção pura e simples tomará o lugar do ânimo dobre para sempre.

<< PERSONALIZANDO >>

Um aspecto prático das Escrituras é o fato de Deus nos oferecer “categorias” abertas. Elas nos convidam a inserir ali nossos próprios detalhes. Somos convidados a personalizar algumas das coisas escritas no texto.

1. Quando Tiago 1.2 diz: “tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações”, somos convidados a inserir os problemas e dificuldades pessoais que enfrentamos. Diante de quais provações você se sente tentado a reclamar, guardar rancor ou irar-se?

2. Tiago 3.16 descreve vividamente a confusão interior que produz o caos externo (o tipo ruim de ira e outros pecados). Inveja e sentimento faccioso são termos que descrevem atitudes internas. Inveja significa literalmente “zelo ruim” – querer as coisas erradas, buscá-las e viver por elas. Sentimento faccioso significa exaltar-se, aspirar à posição de Deus, tentar controlar o mundo. Quando sua ira sai dos eixos, quais exigências e formas de exaltação própria entram em ação?

3. A confusão e toda espécie de coisas ruins que Tiago 3.16 menciona inclui todo tipo ruim de ira – tudo aquilo que cria desordem, destrói relacionamentos e coloca as pessoas umas contra as outras. Tiago 4.1-2 e 4.11-12 detalha o que isso significa especificamente com relação à ira: brigas, discussões, homicídios literais e verbais, calúnias, julgamentos. De que maneira sua ira provoca tamanho caos e destrutividade interpessoal?

4. Tiago 4.6 diz que Deus dá maior graça. A graça tem muitos componentes: misericórdia, perdão, proteção, força, encorajamento e assim por diante. Em cada um desses componentes, Deus está dando de si mesmo a você. O Pai toma-nos como filhos e ensina-nos a conhecê-lo. O Filho, que morreu por nós, agora nos conduz e protege. O Espírito Santo desperta-nos e estimula-nos. Pensando no que Deus promete, do que você precisa hoje?

5. Tiago 4.6-10 descreve muitas atitudes que caracterizam um relacionamento sincero e frutífero com Deus: sujeitar-se a ele, chegar-se a ele, purificar as mãos (as coisas que fazemos e dizemos), limpar o coração (as coisas que nos dominam, as coisas que queremos), afligir-se pelos pecados, humilhar-se perante ele. Ainda que tudo isso esteja relacionado, escolha uma ação para praticar neste momento e, assim, aproximar-se de Deus.

6. Tiago 3.13 e 3.17-18 descrevem o condigno proceder e a sabedoria do alto como coisas pacíficas e construtivas. Qual aspecto específico delas você mais precisa cultivar em seus relacionamentos neste momento? O que isso significa na prática?

Capítulo 13

Oito perguntas: desconstrua sua ira para se reconstruir

Os dois capítulos anteriores a este orientaram você com relação às Escrituras. Eles o iniciaram no processo de aplicar a perspectiva de Deus à sua situação pessoal e apresentaram modos de entender suas lutas contra a ira. Neste capítulo, seremos ainda mais específicos. Vou descrever, em detalhes, uma cena comum de irritação. Em seguida, farei oito perguntas que o ajudarão a entender qualquer incidente de ira daqui para a frente, seja leve e momentânea ou intensa e duradoura. Imagine que a função dessas perguntas seja fazê-lo fazer uma pausa na situação, como se fosse um vídeo, e reproduzi-la quadro a quadro. Elas o ajudarão a entender exatamente o que está acontecendo em momentos confusos e tumultuosos. Mas primeiro, vamos à história.

Imagine que você precise comparecer a um compromisso muito importante. Talvez há meses você esteja sofrendo de uma doença misteriosa, e um especialista excelente tenha conseguido um encaixe a pedido do seu médico. Ou, talvez, você tenha uma venda importante para fazer. Depois de seis meses trabalhando na divulgação, o grande dia chegou. Talvez um amigo de longa data tenha finalmente marcado um almoço depois de anos de distanciamento. Imagine um desses cenários ou escolha uma situação semelhante para que ela seja vívida e pessoal para você.

Seu compromisso está marcado para o meio-dia, mas você está um pouco atrasado. O relógio mostra 11h55, e faltam 10 minutos para você chegar. Você se apressa, ultrapassando um pouco o limite de velocidade para ganhar tempo. De repente, uma fila interminável de carros se descortina à sua frente. O tráfego para de fluir por causa de um engarrafamento. Você aguarda um pouco. Então, decide fazer uma ligação. O celular está sem bateria. Os minutos passam. Você está incomunicável. O tráfego não dá sinais de que melhorará tão cedo. Como você reage?

Qual seria uma reação comum? Você rosna de tanta irritação, e sua ira não dá sinais de que vai ceder. Pode ser um simples acesso de irritação e revolta. Pode ser uma explosão completa de fúria. Seja como for, nesse tipo de reação há certo grau de frustração crescente. Com quem você está irado? Com o imbecil que provocou o acidente? Com os incompetentes do departamento de trânsito que optaram por trabalhar na obra no meio do dia? Com todos os outros motoristas que decidiram obstruir a estrada e atravancar seus planos? Você está irado com sua doença? Com a concorrência nas vendas? Com seu amigo hipersensível? Consigo mesmo? Com o destino, sempre conspirando contra sua vida? Com Deus, à frente de um universo tão frustrante?

Ficar preso no trânsito quando se precisa chegar a algum lugar é uma grande oportunidade de aprender o bê-á-bá da ira. Essa mesma situação também ensina o básico de muitas outras lutas fundamentais da vida. Quando estamos de mãos atadas num congestionamento, pensando numa reunião importante que será perdida, a ira raramente vem desacompanhada. Muitas outras coisas podem ser sentidas ao mesmo tempo. Todo tipo de sentimento “ruim” costuma surgir num único emaranhado tempestuoso. Por exemplo, além de irados, talvez fiquemos ansiosos. Presos na estrada, nós nos preocupamos, imaginando diversas consequências terríveis. E se for câncer e eu morrer? E se eu perder a venda… o emprego… minha casa? E se meu ex-amigo ficar ressentido porque me atrasei para o almoço, desistir mais uma vez da amizade e falar mal de mim para todos os nossos conhecidos?

Ou, talvez, você se sinta extremamente impotente e infeliz. Nesse tipo de reação, uma angústia intensa toma conta. Esse sentimento é uma pequena amostra das sombras persistentes a que chamamos de “depressão”. Talvez você se sinta culpado, tomado por arrependimentos. Se eu tivesse saído com mais antecedência… se eu tivesse ouvido as notícias sobre o trânsito no rádio… se eu tivesse carregado meu celular ontem à noite… se eu não procrastinasse o tempo todo…

Talvez você sinta uma necessidade súbita e intensa de algo que o faça se sentir melhor, que o faça se esquecer dos problemas. Você começa a mudar freneticamente as estações de rádio na esperança de encontrar algo que o ajude a afogar as mágoas. Depois, devora um saco de confeitos de chocolate em cerca de oito segundos. E mais um. Afinal de contas, estar preso no trânsito definitivamente não é a coisa mais agradável do mundo.

Cada um de nós deve inserir aqui os detalhes das próprias circunstâncias. Eu, por exemplo, sou fã de confeitos de chocolate e não tenho muita propensão a ser tomado por pensamentos de arrependimento. Seus detalhes são provavelmente diferentes dos meus. Mas você consegue se identificar com esse tipo de experiência, não consegue? Em caso negativo, devo perguntar como estão seus sinais vitais. Reações como essas às frustrações insignificantes da vida são básicas à natureza humana.

Este capítulo discutirá oito perguntas com o objetivo de ajudá-lo a transformar um incidente de ira em algo positivo – oito perguntas para se fazer no engarrafamento, por assim dizer. As quatro primeiras perguntas visam a desconstruir a ira e entendê-la. As outras quatro levam-no a buscar ajuda, conduzindo-o por uma direção construtiva. Refletir sobre essas oito perguntas o ajudará a entender a si mesmo. Elas o ajudarão a encontrar Deus nos seus momentos de ira. Elas também farão de você uma pessoa mais útil. Afinal de contas, quando aprendemos alguma coisa, temos algo de bom para oferecer aos outros.1

As oito perguntas não são mágicas. Elas não captam toda a flexibilidade da sabedoria prática. No entanto, são os fundamentos básicos. Essas perguntas são equivalentes às notas musicais, e refletir sobre elas é como praticar escalas e arpejos. Durante a prática, o que ouvimos ainda não é West End blues, solo de trompete de Louis Armstrong. Não é a Suíte para violoncelo nº 1 de Bach na interpretação de Yo-Yo Ma. É apenas o dó-ré-mi. Contudo, é dominando o básico que se aprende a tocar com mestria. Tendo isso em mente, seguem algumas perguntas a serem feitas em situações que nos levam a ficar irados.

Desconstrua sua ira

Pergunta 1: Qual é a situação?

A primeira pergunta é a mais fácil de todas. Quando foi que você sentiu ira? O que estava acontecendo? O que provocou sua irritação? Com quem você ficou irado? Que situação, acontecimento ou pessoa o deixou com raiva? A ira é

provocada. A ira tem um motivo. A ira é por causa de alguma coisa. A ira se acende por alguma razão, em algum momento e lugar específicos. Portanto, o que esta primeira pergunta quer saber é o que estava acontecendo com você durante o congestionamento. A seguir estão alguns fatores relevantes:

O compromisso é importante no que diz respeito à sua saúde, às suas finanças, aos seus relacionamentos;

Agora são 11h55, o compromisso está marcado para as 12h, e faltam 10 minutos para você chegar;

O engarrafamento atrapalhou e, por fim, arruinou seus planos;

O departamento de trânsito, uma pequena colisão ou simplesmente o tráfego intenso causou a lentidão;

Seu celular está sem bateria, e você está incomunicável;

A pessoa que o está aguardando provavelmente reagirá de maneira negativa. Sua saúde pode ser prejudicada, você talvez deixe de ganhar dinheiro ou perca um amigo.

Perceba que nada disso descreve você, a pessoa que reage – e que deve reagir, de uma maneira ou de outra, porque é um ser humano, não uma pedra. Essa lista descreve coisas relevantes que estão acontecendo com você no seu mundo. Ela responde às perguntas quando, onde, o quê e com quem referentes ao seu sentimento de ira. Ela o situa.

Pergunta 2: Qual é a minha reação?

Esta pergunta também é relativamente fácil de responder. Ela traz à tona as diversas maneiras em que expressamos ira (ou outros parentes próximos na

família do descontentamento).

O que acontece com seus pensamentos? Talvez você solte um “Que droga!” lá no íntimo. Na sua mente, você amaldiçoa o departamento de trânsito ou os outros motoristas. Você enumera os inúmeros pecados deles. Condena-os no seu tribunal mental. Ou, talvez, fique ansioso imaginando as prováveis reações da pessoa que o está aguardando. Você cria um roteiro e ensaia o que pretende dizer, pensando em como explicará e justificará sua ausência. Você repassa na memória as vezes em que algo parecido aconteceu no passado. Ou, então, a autorrecriminação assume o controle dos seus pensamentos: Por que eu não saí mais cedo, por que não fiz um caminho diferente, por que não ouvi notícias sobre o trânsito no rádio ou por que não me lembrei de carregar o celular? E se a pessoa com quem combinei de me encontrar ficar com raiva de mim? Talvez você pense numa imprecação ou obscenidade, invocando a ira de Deus ou alguma função corporal para agir em favor das suas frustrações. Talvez, na tela da sua imaginação, você reproduza cenas do seu próprio funeral – descobriu-se, no fim das contas, que era câncer de cólon. Talvez você passe dez minutos calculando e recalculando seu patrimônio líquido e sua renda atual. Nossa mente fica a mil quando estamos irados.

E quanto ao aspecto fisiológico? Uma tensão nervosa se espalha pelo corpo. O sangue flui para as extremidades, preparando-o para a ação. Um fluxo de adrenalina é liberado na corrente sanguínea. Os músculos do pescoço e dos ombros se contraem. O estômago revira. A respiração fica mais rápida e irregular. Começamos a transpirar um pouco. Quando estamos irados, o corpo se prepara rapidamente para agir.

E as emoções? Nós nos sentimos exasperados, enfezados, rabugentos, esquentados e ranzinzas (temos palavras ótimas para descrever o sentimento). Quanto mais tempo passamos presos no trânsito, mais o sangue ferve e mais fogo soltamos pelas ventas (tantas metáforas excelentes). Talvez você sinta um desejo incontrolável de comer doces. Talvez fique apavorado, achando que tem câncer de cólon. Nossas emoções passam a nos consumir.

Ações? A ira diz e faz coisas. Talvez você cole no carro à frente, quase encostando no para-choques dele, para que ninguém na faixa ao lado consiga entrar. Você evita o contato visual. Mantém o olhar fixo adiante, respira fundo e murmura. A indignação é expressa verbalmente: “Não acredito! Isso é ridículo! Justo hoje que…”. Então, você liga e desliga o rádio com agressividade,

impaciente toda vez que um comercial interrompe a transmissão. Quando finalmente chega ao compromisso com uma hora de atraso, você tem uma explosão mais ou menos coerente de ira ao se justificar. Nós fazemos e dizemos muitas coisas para expressar e descarregar as energias destrutivas da ira.

Esse tipo de acesso de ira (misturado a certo grau de medo e consolo) é uma reação humana clássica.

Pergunta 3: Quais são minhas razões?

Agora pergunte a si mesmo: Por que você fica irado? Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Dependendo da sua resposta, você fará uma destas três coisas: permanecerá irado, tentará se acalmar de uma maneira artificial ou aprenderá a buscar a Deus e reagir de maneira construtiva. A resposta mais fácil é apontar o dedo para a situação: “Eu sinto ira por causa de todas as coisas ruins listadas na primeira pergunta”. Isso é até plausível. Se não há trânsito, não há ira. Se não há compromisso perdido, não há ira. Se não há perda de coisas boas da vida, não há ira. Porém, essa é a resposta errada. A primeira pergunta busca respostas importantes: quando, onde, com quem, e contra o quê. Mas a terceira pergunta procura saber por que você fica irado. Ela não olha para as circunstâncias. Ela olha para você.

Nós perdemos a cabeça por razões relacionadas a quem somos. Nossos motivos determinam por qual direção seguiremos. Nossas expectativas é que nos impulsionam. Então, o que controla você? O que o governa? O que o motiva? Para descobrir isso, basta responder com sinceridade a algumas perguntas simples. Leia-as devagar, tendo em mente a história do engarrafamento.

Nesse momento de ira, o que você quer? “Eu quero ____.” Quando essa vontade específica é frustrada, você sai de si. A indignação revela seus desejos mais prementes.

O que você julga ser uma necessidade, sem a qual não pode viver? “Eu preciso de ____.” Se você simplesmente precisa ter alguma coisa, entrará em parafuso

caso não a obtenha.

Qual é seu maior medo? “Tenho medo de ____.” Pobreza? Doença? Má reputação? Não estar no controle? Acessos de raiva, ansiedade ou escapismo dão fortes indícios do que você teme.

Nessa situação – às 11h55, prestes a perder um compromisso – o que você mais ama? “Eu amo ____ de todo o meu coração neste momento.” Sua ira revela o que você preza agora, nesse instante.

Qual é o ponto central dos seus sonhos e esperanças? “A vida será uma alegria se ____.” Normalmente, nós consideramos nossos sonhos e esperanças de uma maneira teórica, geral, abstrata. No entanto, a ira mostra exatamente quais esperanças estão em ação no mundo real, no momento presente.

Todas essas respostas são modos diferentes de dizer que a ira surge a partir de desejos e crenças que o dominam e definem. A reação de ira não é causada pela situação em si. Ela é causada por aquilo em que você mais acredita e pelo que mais preza – nesse momento, em meio à situação. A situação é um gatilho que revela o que se passa no seu interior. Ela o força a mostrar quem você é de verdade. Ela mexe com você. E, quando algo mexe com você, isso diz algo muito significativo sobre o que o domina. Sem congestionamento e sem ira, seu orgulho não é revelado.

Isso é o oposto de como costumamos raciocinar no calor do momento. O que pensamos é: “Estou irado por causa do tráfego, do telefone, do compromisso perdido”. Apontamos o dedo. Procuramos causas externas, sendo que a verdadeira causa está do lado de dentro.

Há um modo fácil de provar isso. Imagine que, na verdade, você quisesse fugir do compromisso. Imagine que você não quisesse ir ao médico, mas seu cônjuge tivesse marcado o horário e insistido para que você comparecesse. Ou que você estivesse mal preparado para a venda e quisesse muito arranjar uma boa desculpa para conseguir mais tempo. Ou que o amigo distante tivesse marcado o almoço para se reconciliar, mas você preferisse continuar remoendo as mágoas. Em qualquer um desses casos, você estaria gargalhando de felicidade por estar preso no engarrafamento. Imagine só! Uma desculpa caída do céu! Ninguém o poderia culpar por perder o compromisso. Uma situação que costuma ser frustrante seria,

em tais circunstâncias, libertadora.

Os “problemas com a ira” são evidentes. Inúmeras pessoas buscam aconselhamento, ou são encaminhadas para sessões de aconselhamento, por causa da sua ira destrutiva. No entanto, eu nunca vi alguém buscando aconselhamento por causa de “problemas com felicidade”. Não é um problema incomum, mas nós quase nunca o percebemos ou desejamos receber ajuda nesse caso. Nós nos alegramos quando obtemos aquilo pelo que nosso coração anseia, por mais insensatos ou maus que sejam nossos desejos.2 O congestionamento contribui para a ira, mas não é sua causa última.

Quais motivos causaram a explosão de raiva no congestionamento? A seguir, estão seis pensamentos que possivelmente dominaram seu coração naquele incidente. Considere quais deles se aplicam a você e personalize-os de acordo com o seu caso.

1. Quero chegar aonde eu quiser na hora em que eu quiser.

2. Eu me importo com o que os outros pensam de mim. Preciso do amor e do respeito da pessoa com quem vou me encontrar.

3. Eu quero o dinheiro que essa venda pode gerar, bem como preciso dele.

4. Acredito que o acesso à medicina salvará minha vida. Quero para mim a cura que esse médico pode proporcionar.

5. Preciso não apenas estar no controle do meu mundo, mas provar que estou no controle e que sou competente.

6. Preciso de uma trégua, de um escape ou de um consolo para me acalmar quando estou preocupado.

Essas coisas respondem ao por quê? da sua irritação. Você deve dizer: “O congestionamento fez com que eu perdesse a cabeça porque eu quero _____”. Preencha o espaço em branco com algo sobre você. Por acaso alguns desses desejos (“Eu quero”) e crenças (“Acho que preciso”) se encaixam no padrão que

está por trás de suas explosões habituais?

Motivos desvirtuados como esses são nada mais nada menos do que os fundamentos da natureza humana. Por exemplo, quando eu digo: “Quero o que eu quiser na hora em que eu quiser. Preciso estar no controle”, qual é o nome verdadeiro disso? Orgulho, simples assim. É agir como se eu fosse Deus, como se o universo girasse em torno de mim mesmo e dos meus desejos. Com razão, o orgulho ocupa o primeiro lugar na clássica lista dos sete pecados mortais. A maioria das pessoas acha que orgulho é “considerar-se superior às outras pessoas”. Isso faz parte, mas o sentido mais profundo é simplesmente acreditar que a vida gira ao meu redor. A maioria das explosões de raiva em congestionamentos, a maioria das brigas de trânsito, a maioria das irritações mais intensas tem como causa direta o orgulho. Uma explosão de ira no congestionamento expõe grandes problemas numa parte ínfima da vida.

E quanto a “Preciso receber amor e aprovação das outras pessoas e manter uma boa reputação aos olhos delas”? Na Bíblia, isso é chamado de temor do homem. É uma afirmação que descreve nossa tendência de colocar as opiniões das outras pessoas no lugar da opinião de Deus. Quando o olhar dos outros substitui o olhar de Deus, passa a haver uma obsessão cega por manter uma boa imagem e ser amado. Isso ocasiona um medo paralisante de rejeição. As preocupações, ansiedades e emoções de raiva específicas que surgem quando estamos presos no trânsito muitas vezes apontam diretamente para esse motivo.

E quanto a “Eu quero dinheiro e preciso dele. Ele é a fonte da minha identidade e segurança”? Jesus chamou esse motivo de amor ao dinheiro, um conhecido dominador das nossas afeições. Por que razão alguém ficaria calculando e recalculando a própria renda e patrimônio líquido no engarrafamento, sob um estado de tensão causado por ira e ansiedade? Isso diz algo profundo sobre o que a pessoa mais ama.

E quanto ao desejo por saúde? A ira e outros sentimentos infelizes da mesma família revelam uma estrutura de crenças profundamente corrompidas que estão arraigadas no indivíduo: “A medicina moderna é a solução para tudo. Minha maior necessidade é ter uma boa saúde. Se tiver saúde, tudo está bem”. A cultura atual pensa assim. Muitas pessoas vivem como se as coisas fossem, de fato, assim. Mas será que isso é sequer remotamente verdadeiro? A taxa de mortalidade dos pacientes, em qualquer estado de saúde ou doença, continua sendo de 100% – como sempre. Viver para a saúde é sempre uma aposta que se

perde em longo prazo.

Talvez minha maior necessidade às 11h55, enquanto estou preso na estrada, irritado e impaciente, seja compreender minhas crenças corrompidas. Essas diversas reações negativas – "confusão e toda espécie de coisas ruins" – revelam as obsessões cegas que tenho e a fé que deposito em mim mesmo e nos outros seres humanos para conseguir o que quero. No entanto, a verdade é que, nesse momento, independentemente da pressão que eu esteja enfrentando, minha maior necessidade é das misericórdias divinas.

Quando um acesso de ira no trânsito faz com que você pare e se conheça melhor, as portas se abrem para uma transformação profunda do que rege sua vida. É isso mesmo: um pequeno incidente a caminho do seu compromisso pode mudar sua vida. As duas primeiras perguntas são fáceis e óbvias – algo acontece, e eu fico irado. A terceira pergunta, porém, começa a reescrever todo o roteiro. Ela olha por trás das cenas. Altera o significado da ira. Redefine a verdadeira causa. Desperta-o para a realidade.

A quarta pergunta volta nosso olhar para fora a fim de observarmos o contexto mais amplo da ira mais uma vez. Agora, porém, o objetivo não é tanto analisar o modo como o mundo provoca nossa ira, mas os modos como a nossa ira afeta o mundo.

Pergunta 4: Quais são as consequências?

A ira tem consequências. Ela gera reações cíclicas, círculos viciosos. A Bíblia usa uma metáfora vívida para isso: você colhe o que planta. Se plantar sementes de calêndula, adivinhe o que brotará em deslumbrantes tons dourados? Se soprar a bola branca de sementes de um dente-de-leão, você terá mil dentes-de-leão espalhados pelo seu jardim no ano seguinte. Se tiver um acesso de fúria no trânsito, o que você vai colher? Atitudes ruins são altamente contagiosas. Talvez minha postura agressiva, bruta, "eu em primeiro lugar" leve os outros ao meu redor a agir da mesma maneira. Talvez, ao notar um motorista acelerando agressivamente para entrar na minha frente, eu bata de leve no seu para-choques na tentativa de impedi-lo – ouvindo, em troca, uma série de hostilidades e já antevendo a triste possibilidade de precisar pagar o valor elevado da franquia.

Então, fico sem dinheiro (o que é irônico, uma vez que eu vivo para o dinheiro). Talvez eu colha consequências emocionais e físicas: culpa, tensão e estresse crescentes, dor de estômago e dor de cabeça. Estudos parecem demonstrar que pessoas iradas têm uma maior incidência de doenças cardíacas e Alzheimer. Então, fico sem saúde (o que é irônico, uma vez que eu confio nos médicos). Talvez meu temperamento machuque continuamente as pessoas ao meu redor. Então, fico sem relacionamentos (o que é irônico, uma vez que eu vivo para ser amado).

As consequências podem até mesmo ser fatais. Vários anos atrás, num dia quente de verão aqui na Filadélfia, o tráfego seguia lento numa estrada quando um carro decidiu cortar o outro. O homem que foi cortado fez um gesto feio e gritou obscenidades. O motorista do outro carro sacou uma arma e disparou, matando a esposa do homem.

As consequências são imprevisíveis. No entanto, vivemos num universo onde tudo o que fazemos tem consequências, sejam elas sutis ou evidentes. Talvez, quando finalmente chegar ao seu compromisso, você esteja tão nervoso, irritado, agitado e cheio de desculpas, que passe uma impressão terrível e acabe perdendo a venda. Talvez a consequência da sua explosão de raiva no trânsito seja simplesmente ficar irritado pelo resto do dia – desse modo fazendo com que nada mais dê certo.

Essas quatro primeiras perguntas analisam o círculo vicioso e diário da ira a partir de uma perspectiva interior. Nós reproduzimos o vídeo em câmera lenta. Fizemos perguntas sobre o que aconteceu e separamos as diferentes partes da situação. Identificamos gatilhos específicos. Descrevemos diversas reações. Tomamos o passo corajoso e realista de encarar nossas motivações subjacentes. E levamos a sério o significado das nossas ações prestando atenção à existência de consequências.

Pudemos observar, num simples engarrafamento, o círculo vicioso que a Bíblia resumidamente classifica como “provação, pecado, concupiscência da carne e sofrimento”. Esses termos bíblicos costumam estar tão saturados de religiosidade, que as realidades neles descritas acabam se perdendo. Todavia, as quatro primeiras perguntas – práticas, reveladoras, realistas – referem-se a questões centrais das Escrituras. Qual é a palavra que descreve a experiência de se estar preso no trânsito enquanto algo muito importante vai por água abaixo? Isso é uma provação dolorosa. E quanto a ser tomado por amargura e hostilidade,

fazer coisas destrutivas e ter sentimentos ou pensamentos destrutivos? Tais atitudes são pecados graves. E por que eu reajo dessa maneira? Viver para que "seja feita a minha vontade" é o desejo de que a minha vontade domine todas as coisas. Esse é um sério desvio daquilo que o ser humano deveria ser. E quanto a todas as coisas ruins que acontecem em seguida? Eu colho o que planto sob diversas formas de sofrimento.

As quatro primeiras perguntas exploram o problema. As outras quatro trazem esperança e apontam no sentido da resolução. O Deus que explica o que acontece nos engarrafamentos de modo geral também observa atentamente a nossa situação e ajuda-nos a entender o que está acontecendo. O Deus que se dispõe a auxiliar-nos toma parte no nosso problema. Ele fala e age nas questões imediatas que enfrentamos quando estamos presos na estrada, enfurecidos. Poderíamos até mesmo dizer que, quando compreendida corretamente, toda a Bíblia – de Gênesis a Apocalipse – "diz respeito" ao que acontece quando ficamos presos no trânsito. Ela fala sobre como acertar o que está errado.

Portanto, a quinta pergunta é sobre Deus e a diferença que ele faz.

Pergunta 5: O que é verdadeiro?

O que a Bíblia diz sobre estar preso no congestionamento e reagir da maneira errada? Ela não dá detalhes específicos, mas as palavras de Deus falam diretamente a essa situação.

Considere Salmos 23, provavelmente a passagem mais conhecida e amada da Bíblia. Ele foi escrito três mil anos atrás. Um homem que havia enfrentado muitos problemas e frustrações na vida abriu seu coração. Ele traduziu o que lhe era mais significativo em palavras extraordinariamente simples. Era um homem muito sincero e tinha uma maneira extremamente incomum de ver o mundo. Até mesmo as pessoas que alegam não crer em Deus consideram as palavras de Davi curiosamente consoladoras. Leia-as mais uma vez a seguir:

O

Senhor

é o meu pastor; nada me faltará.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.

Leva-me para junto das águas de descanso;

refrigera-me a alma.

Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte,

não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo;

o teu bordão e o teu cajado me consolam.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários,

unges-me a cabeça com óleo;

o meu cálice transborda.

Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida;

e habitarei na Casa do

Senhor

para todo o sempre.

O que isso tem a ver com sua irritação no trânsito? Davi nunca enfrentou um engarrafamento. Porém, sem dúvida enfrentou exatamente o mesmo tipo de coisa que você: ameaças à vida e frustrações que, muitas vezes, provocam a ira. De que maneira Salmos 23 se aplica a um congestionamento?

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Preso no meu carro, incomunicável, frustrado, eu me sinto sozinho num mundo ameaçador. Ninguém está zelando

por mim. É bem provável que eu perca saúde, dinheiro, amizade ou minha reputação. Não admira que eu esteja irritado, ansioso e tenso. Contudo, Davi diz: "Eu não estou sozinho. Não careço de coisas boas. Alguém está me protegendo. Alguém está cuidando de mim". Esse reconhecimento de que há uma pessoa amorosa e poderosa em cena muda radicalmente tudo. Explosões de ira são regidas por regras: ameaça, frustração, perda, solidão. No entanto, quando se percebe a presença de amizade e cuidado, as regras mudam. A fé desperta, respira fundo e se acalma.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso. Quanto isso é maravilhoso? Alguém está me fazendo repousar num lugar abundante, acalentador. Alguém está me levando para um lugar seguro, prazeroso. Não imagine aqui prados exuberantes e rios caudalosos; imagine um oásis que brota no meio de um deserto árido. Davi está falando sobre a experiência de ser levado para um lugar muito bom em meio a uma situação difícil. Será que isso também pode ser aplicado à sua situação, preso no trânsito às 11h55 enquanto seus planos estão se escoando pelo ralo? Será que alguém poderia levá-lo a um lugar bom nesse momento? Davi tinha uma sensação abundante de que a mão de Deus estava operando o bem na sua vida. Saber que estamos recebendo cuidado compensa as dificuldades do momento.

Refrigera-me a alma. Isso descreve uma transformação completa. O Senhor me tira de um lugar ruim e me coloca num lugar bom. Ele me tira de um lugar destrutivo e me coloca num lugar construtivo. Ele me traz de volta à vida. É fácil ver como isso se aplica às tempestades de ira e ansiedade. Ele refrigera a minha alma aliviando minha perturbação, revigorando-me, trazendo-me de volta a mim mesmo.

Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Esse talvez seja o trecho mais impressionante de todos, por duas razões. Primeira, ele reconhece que Deus nos conduz por "veredas da justiça". Isso descreve um caminho que seguimos na vida no qual tudo o que está errado é endireitado. Tudo o que está errado a meu respeito – ira, amargura, medo, angústia, escapismo – está sendo corrigido. Tudo o que está errado no mundo em que vivo – perda de dinheiro, saúde, amizade, reputação – está sendo revertido.

Segunda, Deus faz essas coisas por mim por causa de quem ele é. É isso o que a expressão "por amor do seu nome" significa. Deus coloca a si mesmo em jogo quando me conduz a uma vida melhor em meio às dificuldades. Ele faz isso

pelos seus próprios motivos. Isso não me dá uma imunidade mágica contra os problemas. Não significa que não terei câncer de cólon. Eu ainda posso perder a venda. Ainda posso sofrer o rompimento irreparável de uma antiga amizade. A batalha contra o meu temperamento não é necessariamente fácil. O que o versículo significa é que todos os problemas que surgirem ao longo do caminho terão um final feliz. Talvez não tenhamos essa impressão no momento, mas esse é o caminho. Agora, aqui na estrada, enquanto estou preso no trânsito, irremediavelmente atrasado, o Senhor está me transformando num homem de paz, não de guerra.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo. Isso vai ao âmago da questão, estejamos presos num congestionamento literal ou figurado. Uma "sombra da morte" é algo ruim que prenuncia uma perda definitiva. É exatamente isso o que acontece com você às 11h55. Seria o câncer de cólon? Uma crise financeira? A perda da possibilidade de um relacionamento afetuoso? Essas possibilidades cheiram à morte. Elas são "males", más experiências que as pessoas temem, com razão. Sua ira pode sair completamente de controle, mas ela não é absurda. Grande parte da ira e ansiedade vem à tona no congestionamento porque tememos a possibilidade de algum mal real. No entanto, se alguém verdadeiramente bom está ao nosso lado, não precisamos temer "mal nenhum".

O teu bordão e o teu cajado me consolam. Estes são os instrumentos do pastor para tirar as ovelhas do perigo e afugentar os predadores. Se existe alguém que se preocupa com meu bem-estar e me protege tanto de mim mesmo quanto dos outros, tenho um motivo verdadeiro para me sentir consolado. Um amigo poderoso está cuidando de mim no vale sombrio – e no mais intransponível engarrafamento.

Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor para todo o sempre. Isso é impressionante. No trânsito, obstáculos óbvios se encontram no meu caminho, e eu me irrito facilmente com todos eles. Contudo, se a benignidade do bom Pastor me busca e me encontra, minha alegria é inefável. Qual será minha escolha: "Ficarei uma hora preso no trânsito, furioso" ou "Ficarei junto ao Senhor, aqui, agora e para sempre"? Um engarrafamento é exasperante apenas se você estiver a sós com seus desejos e temores. Se estiver junto ao Senhor, que o ama para todo o sempre, que o conduzirá em segurança para a casa dele, sua alegria estará ancorada em algo maior.

Muitos outros temas e verdades divinas são significativos para o esclarecimento da sua ira e a reconstrução da sua alegria, mas você não errará se começar por Salmos 23. Aproprie-se dele. Tanto a inquietação sombria quanto a hostilidade apreensiva causadas pela ira e seus temores não podem coexistir com Jesus, nosso bom Pastor, que suscita em nós uma confiança tão radiante. Salmos 23 é muito específico, assim como as circunstâncias da nossa vida.

Vou mencionar agora três verdades mais gerais. Elas o ajudarão a perceber por que Salmos 23 fala de modo tão pessoal a você e lhe possibilitarão tirar proveito de outras verdades específicas. Além disso, elas o ajudarão a descobrir o que exatamente você está procurando quando busca ajuda.

Primeira, Deus está presente; ele é pessoal e ativo. Leia a frase devagar. Deus está presente; não distante. Ele é pessoal; não um simples conceito. Ele é ativo; não um mero observador. Essa realidade transparece em cada frase de Salmos 23. Não estou falando de uma teoria teológica abstrata. Não estou falando de rituais religiosos e práticas devocionais. Não estou falando de esforçar-se para ser bom ou de dar um jeito de se sentir melhor. Estou falando da Pessoa que está no centro de tudo. Este mundo, incluindo o compromisso que você perdeu, pertence a Jesus Cristo. Ele é o Rei dos reis. Ele está no controle dessa e de todas as outras situações. Ele está fazendo algo em tempo real (agora), em lugares reais (aí, no seu carro). Ele tem algo a dizer a você sobre suas reações e os motivos que se escondem por trás delas. Ele tem algo a comunicar a você sobre quem ele é e sobre como ele é relevante. As situações frustrantes descritas na primeira pergunta não são acidentes. Eu não fui feito para controlar o mundo, mas isso não significa que o mundo seja aleatório, sem propósito e fora de controle. O Senhor Jesus é o meu Pastor; nada me faltará.

Segunda, Jesus resumiu o propósito da Bíblia da seguinte maneira: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10.27). A lei de Deus é um retrato de como um ser humano se torna verdadeiramente humano (Gl 5.6; 1Tm 1.5).

É assim que a vida deve ser. O Deus do universo nos conclama a amá-lo com devoção absoluta. Quando me esqueço do meu Pastor, oriento a minha vida em torno de outro deus e amo os dons recebidos mais do que próprio Doador. Deus, que criou as pessoas à sua imagem, nos conclama a amar uns aos outros com o mesmo zelo intenso com que cuidamos dos nossos próprios interesses. Quando

me esqueço disso, fico frustrado e hostil ou receoso e retraído. Quando me lembro, passo a demonstrar intensa preocupação. Amarei meus próprios interesses e serei totalmente indiferente aos interesses das pessoas que estão dirigindo ao meu redor? A ordem é que eu seja tomado pela sanidade do amor, abrindo meu coração para os demais.

Eu estava cuidando da minha própria vida ao dirigir por aquela estrada (mais do que eu imaginava) até que o trânsito parou, e eu me enfureci. Os outros carros se tornaram meus concorrentes, meus inimigos – adversários anônimos, despersonalizados. Quando me contemplo no espelho reluzente de Deus, percebo que, neste momento, às 11h55, aqui nesta estrada, eu não tenho amor algum ao Deus a quem este mundo pertence. Não tenho amor algum pelos outros. Sou um traidor da verdade. Ele me pega no ato.

A lei do amor é um espelho que nos mostra quem somos. Ela também é uma lâmpada, revelando o caminho que devemos seguir. Neste momento, aqui no trânsito, é possível amar o Senhor, o seu Pastor. Ele o capacita a tratar os outros de maneira diferente. Está vendo aquele carro ali, do seu lado? Dentro dele, há uma pessoa igual a você. Seria possível levar em consideração os interesses dela, bem como os de todas as outras, lembrando que, assim como você, cada uma delas está tentando chegar a um compromisso? E quanto à pessoa que se sentirá decepcionada e incomodada porque você não apareceu? O que você dirá quando finalmente chegar ao compromisso? Dará desculpas e descarregará sua frustração ou pensará nos interesses dela?

Eu posso aguardar no congestionamento com paciência. Não é por acaso que “paciente” é a primeira característica do amor citada em 1Coríntios 13. A paciência não é uma atitude muito dramática, mas faz a diferença. A afirmação de que o amor “é benigno” vem em seguida em 1Coríntios 13. Quando o tráfego começa a afunilar, eu posso muito bem deixar alguém entrar na minha frente. Que atitude mais prática poderia haver do que essa? Eu posso até mesmo deixar dois carros entrarem. E, ao sair da estrada, assim que possível, a bondade me leva a encontrar uma maneira de telefonar para a pessoa que está esperando a fim de colocá-la a par da situação. Posso expressar um pedido sincero de desculpas sem descabelar-me emocionalmente, humilhar-me ou apresentar justificativas infindáveis – atitudes que mostram nitidamente que meu coração não está bem. Posso agir de uma maneira construtiva. Que tal apresentar a proposta mesmo assim? Marcar outra consulta médica? Procurar saber como meu amigo está?

Mas como alguém consegue ter as atitudes incrivelmente íntegras e construtivas que mencionamos no parágrafo anterior? Não é possível sem ajuda. E esta é a terceira verdade crucial. Ao longo do salmo 23 vimos que há Alguém agindo tanto dentro de mim quanto em meu favor. O Senhor da vida, o bom Pastor, me ama e segura minha mão. Deus vem até mim em pessoa. Eu não estou largado numa estrada, rodeado por carros, sendo meramente exortado a demonstrar autocontrole e integridade moral. Lembre-se, sou culpado de violar nada menos do que os dois primeiros grandes mandamentos nesse "pequeno" incidente na estrada. A segunda e a terceira perguntas revelaram inimizade e traição. Quando vejo a situação corretamente, percebo que meus comportamentos são pecados, ofensas contra o próximo, crimes merecedores de pena de morte que cometo no cotidiano. Eu não preciso simplesmente de estratégias para "controlar a ira"; eu preciso de misericórdia.

Ali, preso na estrada, tendo um acesso de fúria, eu me sentia sozinho, frustrado, irado. Minha ira não parecia ser contra Deus. Provavelmente eu nem sequer pensei nele. Contudo, o orgulho, o temor dos homens, a obsessão por dinheiro e a fé na medicina são coisas que se opõem a Deus. Em meio à minha explosão, não havia ninguém para me ajudar. Porém, o bom Pastor vem como o Cordeiro de Deus. Ele morreu justamente por pecados como esses, para perdoar-me em tempo real num engarrafamento. Minha primeira necessidade – antes mesmo que a paciência e a bondade verdadeira substituam a irascibilidade – é de misericórdia.

Quando seus olhos estão bem abertos para enxergar quem você é e quanto precisa de ajuda, é possível encontrar "evangelho" em toda passagem da Bíblia. Você encontra ali o Redentor de que precisa, o qual virá ao seu encontro nas suas necessidades. Você encontra ali a boa-nova tanto em palavras quanto em obras: Deus vem em pessoa para salvar-nos de nós mesmos. Jesus Cristo faz-se presente nos congestionamentos – o Verbo que se fez carne, cheio de graça e verdade. O espelho do amor mostrou o que eu estava fazendo e me fez parar imediatamente. A luz mostrou-me como as coisas deveriam ser. O dom da presença de Deus constrói uma ponte entre os dois opostos e transforma o que é naquilo que deveria ser.

Então, como você atravessa essa ponte da morte para a vida, da ira para a misericórdia?

Pergunta 6: Como posso buscar a ajuda de Deus?

A quinta pergunta expôs uma perspectiva de vida que oferece esperança para os problemas de ira. Deus foi revelado. A rota de fuga da nossa insensatez rumo a uma sabedoria viva foi esclarecida. Porém, a mera análise, por mais clara que seja (algo que as cinco primeiras perguntas procuraram fazer), não é capaz de me transformar. A sexta pergunta é que me coloca em ação. Na verdade, a sexta pergunta não é uma pergunta – é um passo prático. Aja. Volte-se para ele. Peça ajuda. Busque misericórdia. Bata à porta. Humilhe-se. Interaja com Deus. Aproxime-se dele. Precise dele. Confie nele. Discuta tudo com ele, preenchendo os espaços a seguir com suas informações pessoais:

O Senhor é ____.

Estou enfrentando ____.

O Senhor promete ____.

Errei quando ____.

Estou sendo dominado indevidamente pelo meu amor a(o) ____.

Por favor, perdoe-me por ____.

Eu amo o Senhor porque ____.

Por favor, ajude-me a ____.

Obrigado(a) por ____.

Alegro-me porque o Senhor ____.

Quando estamos irados, falamos com as pessoas erradas. Falamos sozinhos, repassando os erros dos outros na nossa mente. Falamos com as pessoas com quem estamos irados, criticando-as por erros tanto reais quanto imaginários. Falamos com pessoas que nem estão envolvidas, fofocando e caluniando. Mas a

ira caótica, pecadora e obstinada começa a desaparecer quando falamos com a pessoa certa: nosso bom Pastor, que vê, ouve e se envolve misericordiosamente na nossa vida.

A aplicação das verdades contidas na quinta pergunta acontece quando começamos a falar. Você já reparou que Salmos 23 é basicamente uma conversa? Davi começa falando sobre o que Deus significa para ele. Porém, logo depois passa a conversar com o Deus que ama e do qual necessita: “não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo”.

Aja. Deus já começou a conversa com você oferecendo-lhe Salmos 23. Expresse-se.

Pergunta 7: Como posso reagir de maneira construtiva nesta situação?

Arrependimento e fé ocasionam mudanças práticas no comportamento, nas emoções e nos pensamentos. As atitudes de amor e obediência são tão específicas quanto os pecados descritos na segunda pergunta. No mínimo, podemos respirar fundo e relaxar, crendo que Deus está realmente no controle. Mas ele tem outros frutos em mente também. Nós passamos a ser motoristas generosos, educados. Damos passagem para alguns carros. Que diferença faz ficar alguns metros atrás? O engarrafamento deixa de ser uma batalha agressiva. Expressamos graças a Deus. Planejamos o que diremos à pessoa que deixamos esperando: nada de desculpas impulsivas ou surtos de irritação, mas a simples verdade e uma preocupação pelo seu bem-estar.

É uma alegria estar livre do caos emocional do pecado. Em vez daquele emaranhado abrasador de ira, ansiedade, confusão e descontentamento, ficamos em paz. Provamos um pouco da paz “que excede todo o entendimento” e do segredo para “viver contente”, provenientes de uma vida à luz da misericórdia. A sétima pergunta ameniza todos os aspectos da situação descritos na primeira pergunta e aplica a vontade de Deus às suas circunstâncias. Você passa a ser uma força do bem.

Pergunta 8: Quais são as consequências da fé e da obediência?

Já mencionamos alguns benefícios emocionais da fé e da obediência. Fisicamente, posso evitar um para-choques amassado ou até mesmo uma morte no trânsito. Posso poupar alguém de sentir o tipo pecaminoso de ira ou de cometer assassinato por minha causa. Além disso, os motoristas ao meu redor, que se beneficiaram de minha educação e tranquilidade, podem se acalmar também.

Nesse ponto, fechamos o círculo e descobrimos que a piedade, embora não garanta uma mudança na situação original, tende a influenciar o mundo para o bem. Talvez eu até acabe realizando a venda, pois o gerente se impressionou com a maneira calma e razoável com que tratei uma situação estressante. Por já ter visto muitos vendedores emocionalmente desequilibrados antes, que teriam se exaltado e dado uma desculpa atrás da outra, ele ficou intrigado e admirado com a minha piedade.

As bênçãos multifacetadas de Deus podem vir em formas infinitas. Em vez de ter um dia arruinado, fui liberto do pecado e do sofrimento. Além disso, esse pode ter sido um dos dias mais importantes da minha vida, considerando-o do ponto de vista do meu crescimento à imagem de Cristo. Aprendi como a vida funciona no mundo de Deus. Aprendi como a graça funciona. Aprendi lições profundas numa circunstância muito limitada a vida. E, talvez, ao conversar com um amigo preocupado e angustiado naquela mesma noite pelo telefone, eu seja capaz de transmitir-lhe o consolo que recebi de Deus na minha angústia (2Co 1.4). Não sofri muito – afinal de contas, foi só um congestionamento –, e talvez ele esteja sofrendo de verdade. Contudo, a dinâmica do coração humano é idêntica. Eu vou entender a tentação do meu amigo de sentir amargura, ansiedade e desânimo porque entendi minha própria tentação. E eu também aprendi qual é a saída. “O amor aos que vivem em desamor, para que sejam amáveis também.”3 Colocar isso em prática não só me abençoa, como também me capacita a ajudar os outros com sabedoria.

Um congestionamento. Esse é apenas um minúsculo estudo de caso. Algumas pessoas talvez se perguntem o que isso tem a ver com os grandes problemas, com as verdadeiras provocações à ira. Considerando a maneira como a Bíblia vê a vida e aborda os problemas, tem tudo a ver. As verdades referentes a Deus

aplicam-se da mesma maneira. Sem dúvida, muitos detalhes são diferentes. E a Bíblia é franca: há lágrimas que não serão enxugadas e inimigos que não sairão de cena até o último dia. A oitava pergunta não promete o céu na terra. O que ela faz é oferecer uma prévia do céu, mesmo que muitos inimigos ainda não tenham sido subjugados por Cristo. Uma vez que eu serei transformado à perfeita semelhança de Cristo no dia em que o vir, posso vislumbrar a alegria do céu, mesmo que de um modo pequeno, ao me tornar um pouco mais semelhante a ele num congestionamento.

Essas oito perguntas orientam-nos para a realidade cristã – isto é, orientam-nos para a realidade. Elas nos ensinam sobre o nosso mundo, sobre nós mesmos, sobre o nosso Deus e sobre como viver. Se Deus nos ensina a lidar com congestionamentos, ele certamente nos ensinará a lidar com outras coisas.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Faça as oito perguntas deste capítulo a si mesmo, tendo em mente a última vez que ficou irritado.

2. Da próxima vez que se irritar, pare e pense nessas oito perguntas.

SEÇÃO 4:

COMO RESOLVER OS CASOS DIFÍCEIS

Percorremos um bom caminho até aqui. A exploração inicial da nossa experiência com a ira levou-nos a obter perspectiva e compreensão. A compreensão, por sua vez, levou-nos à ação. Descrevemos o processo de mudança em linhas gerais, considerando Tiago 3–4 e refletindo sobre as oito perguntas. Esta seção final será um pouco mais detalhada. Examinaremos de perto quatro problemas importantes: as provocações extremas à ira, as irritações do cotidiano, a ira contra si mesmo e a ira contra Deus.

Capítulo 14

“Nunca conseguirei superar”

Assim como louças finas que não são utilizadas no dia a dia, as coisas mais difíceis – as coisas que mais nos dão o direito de ficar irados – costumam ficar escondidas no armário. Muitas pessoas, talvez até mesmo você, carregam coisas inexprimíveis no fundo do coração, sobre as quais é difícil falar e que as impedem de prosseguir. Talvez você já tenha ouvido alguém dizer as seguintes palavras, ou você mesmo já tenha dito algo parecido:

Nunca vou conseguir superar isso. O que aconteceu comigo foi extremamente errado e me machucou muito. Tenho cicatrizes muito profundas causadas por injustiça, traição, crueldade e brutalidade. Minhas reações são confusas e complicadas. A ira arde dentro de mim como um forno. Ela parece ser tão permanente, destrutiva e profunda quanto a dor que eu sofri.

E você está certo: nunca conseguirá superar o que lhe aconteceu. Será que minha resposta o surpreende?

Talvez curiosamente você considere que dizer que nunca conseguiremos superar determinada ofensa pode ser libertador. É isso mesmo. Afinal, é extremamente libertador admitir a verdade. A maneira correta de lidar com uma ofensa terrível não é simplesmente fazendo com que ela desapareça. Assim, você não precisa correr atrás de uma impossibilidade. Não precisa tentar se anestesiar com substâncias e atividades diversas. Não precisa se considerar um fracasso porque não está feliz e sorridente o tempo todo. Quando não estamos esperando uma mágica que apague todas as nossas marcas, podemos lidar com nossas experiências dolorosas.

Pensando de outra maneira, talvez não seja um alívio descobrir que algumas experiências nunca nos deixarão. É possível que você se sinta ainda mais desesperançado assim. Mas há esperança. Sim, as experiências passadas sempre existirão, mas você não precisa ser definido pelo que lhe aconteceu. Espero que este capítulo seja um começo, uma pequena ajuda e esperança para lhe mostrar como sair do seu desespero. As razões para nutrir uma esperança realista são mais profundas do que qualquer mal que lhe tenha sido causado.

Você não se esquecerá, mas não é por isso que precisa revisitar infinitamente o que aconteceu. Não há necessidade de permanecer aprisionado nas suas reações. Não há dúvida de que isso nunca é fácil. Por definição, transformar um profundo fervilhar de dor e ira em algo proveitoso é difícil. Porém, é reconfortante admitir: “Esse sofrimento deixará marcas em mim, as quais eu nunca conseguirei ‘apagar’”. Afinal de contas, até mesmo um novo senso de propósito de vida será de alguma maneira moldado pelo que lhe aconteceu. Você estaria sendo falso com sua humanidade se simplesmente superasse a experiência. Uma experiência significativa irá marcar você para o restante da vida; ela deve marcá-lo.

Porém, a dor, o ódio e o desespero não precisam continuar existindo como uma ferida aberta, constantemente contaminada por raiva, desconfiança e indiferença. Há uma maneira de enfrentar essa situação e chegar a um lugar melhor. Nós podemos ter uma ideia de como isso funciona olhando para a vida de algumas pessoas que também foram terrivelmente injustiçadas.

Candy Lightner nunca conseguiu superar a morte da filha de 13 anos, que foi atropelada por um motorista bêbado. Contudo, esse sofrimento irreversível foi, de alguma maneira, transformado numa missão construtiva. Ela fundou a organização Mothers against drunk driving (Mães contra motoristas sob o efeito de álcool) em 1980.

Martin Luther King nunca superou o preconceito racial que sofreu durante toda a vida. Experiências assim são provações que levam as pessoas a reagir com amargura a um mal terrível: “Por ter vivido um pesadelo, eu tenho razões para estar cheio de ódio. Não me importo mais”. No caso de Martin Luther King, o resultado do seu sofrimento foi o discurso “Eu tenho um sonho”, que expressa um propósito pelo qual vale a pena viver e morrer. Embora toda a sua vida tenha sido marcada pela experiência que sofreu, ela não o desfigurou.

Aleksandr Solzhenitsyn nunca superou as torturas que sofreu nos gulags de

Joseph Stalin. A humilhação que enfrentou nos campos de trabalho forçado tornou-se o viveiro de todas as suas obras. Leia Arquipélago Gulag, de Solzhenitsyn. Você verá um raro exemplo de alguém que não demonstra moralismo ou autocomiseração ao enumerar os males sofridos.

No entanto, cada uma dessas pessoas é apenas um indicador. O exemplo delas é falho, pois suas boas ideias e resoluções surgem em meio a outras contradições. Elas são pessoas como eu e você.

Quando algo é tão errado a ponto de jamais sermos capazes de superá-lo, nossa reação ou nos faz viver ou nos destrói de vez. Os grandes sofrimentos colocam bifurcações na estrada, e devemos fazer uma escolha. A escolha é entre o caminho da amargura e o caminho da graça e misericórdia.

Kyrie eleison – "Senhor, tem misericórdia" – é a oração básica da pessoa necessitada que busca o auxílio de Deus. "Bem-aventurados os humildes de espírito" é a primeira e principal bem-aventurança (Mt 5.3). A consciência de que você precisa de ajuda externa é um passo fundamental rumo à sanidade. É isso o que Jesus ressalta com tanta frequência nas pessoas que demonstram "fé" e, assim, lhe pedem ajuda. A fé não é um salto no escuro e na irracionalidade a despeito dos fatos concretos. A fé é um passo sincero e razoável na direção da pessoa que pode ajudá-lo considerados todos os fatos.

Espero que você já tenha assimilado algo que discutimos: Deus também se ira por causa do que lhe aconteceu de ruim. Ele se ira com toda injustiça, toda traição, sempre que alguém sofre uma ofensa. Ele sabe exatamente como você foi prejudicado e se opõe à injustiça. Deus se ira, mas ele também é bom. Sua reação ao mal é fazer o maior bem que o mundo já viu. Ele envia seu próprio Filho como um homem de dores, que vem até nós e conhece o nosso sofrimento. Ele envia seu próprio Filho como o Cordeiro de Deus para morrer pelos pecados do seu povo. Deus não quer que você apenas "supere" ou encubra o que sofreu como se isso não tivesse importância. Ele quer ajudá-lo a irar-se e, ao mesmo tempo, a ser bom também. Ele quer que você tenha misericórdia, propósito e esperança. Esse processo leva tempo. É preciso coragem para encarar o mal feito contra você e, então, voltar-se para Deus, o qual sofreu um mal inimaginável em seu favor.

Três histórias

Nesta seção, veremos três histórias. A primeira história é do romance Cry, the beloved country, de Alan Paton. Ela fala sobre um homem que teve de enfrentar um grande mal. A segunda história é sobre uma mulher que sofreu abusos terríveis na infância. Eu a conheci quando ela buscou minha ajuda. A última história é a que você tem para contar – é a sua história – contada através das lentes das oito perguntas feitas no capítulo anterior.

Essas são questões profundas. Portanto, precisamos dedicar tempo para analisá-las com atenção. Para aprender a viver de maneira construtiva em face de grandes males, é preciso passar a vida inteira buscando o socorro e a misericórdia de Deus nos tempos de necessidade. Há algo profundamente reconfortante em poder admitir que aquilo que foi quebrado nunca mais voltará a ser novo em folha. A dor das ofensas que tanto machucam não pode ser completamente eliminada. Contudo, podemos adquirir uma nova razão para viver, que é, de longe, muito melhor. Nós aprendemos com as histórias – tanto as que ouvimos quanto as que vivemos. Aqui está sua oportunidade de iniciar uma vida produtiva mesmo diante de grandes males.

Um pai angustiado

Cry, the beloved country é um dos grandes romances do século 20. A história de Paton nos dá uma ideia, muito melhor do que qualquer análise teórica, de como as lutas contra as coisas difíceis são sempre ou para o bem ou para o mal. Ela mostra como a luta contra os grandes males pode ser transformada em bem.

A história se passa na África do Sul durante a década de 1940 (pouco antes de o aparteide ser implementado). Stephen Kumalo é um pastor anglicano negro de um povoado pequeno e pobre. Seu filho havia saído de casa para morar em Joanesburgo, onde entrou para a vida do crime. Quando Kumalo foi até a cidade para resgatá-lo, já era tarde demais: o rapaz fora preso por um assassinato cometido num momento de pânico, quando o dono da casa que ele estava roubando apareceu inesperadamente no meio da ação.

As reações negativas ao sofrimento surgem de muitos modos diferentes no enredo, em muitos personagens diferentes, por muitas razões diferentes. Somos tentados a considerar a “dor” como uma reação a um estímulo desconfortável. Somos tentados a considerar a “ira” como um rompante decorrente de uma provocação específica. Somos tentados a considerar o “medo” como uma apreensão diante de determinada ameaça. No entanto, em Cry, the beloved country, os estímulos, as provocações e as ameaças aparecem misturados e espalhados por toda parte. As condições da própria existência são sistematicamente humilhantes.

Kumalo e outros personagens da história vivem em meio a injustiças, desigualdades, pobreza extrema, racismo, impotência e vidas destruídas de entes queridos que tinham opções ruins e fizeram escolhas erradas. Quando o mal é generalizado desse modo, nenhum incidente específico é decisivo para o surgimento de dor, ira ou medo. Cada um dos milhares de incidentes diários representa apenas mais um tapa no rosto daqueles que já estão cansados de apanhar. Como é possível superar isso?

Kumalo vai à luta. Às vezes, perde uma batalha, mas não fica prostrado. Várias coisas demonstram ser significativas à medida que ele enfrenta os males sem ser derrotado pelo sofrimento e pelos pecados dos outros (e até mesmo pelas suas próprias reações negativas a esses grandes males). Há três fatores importantes na sua jornada.

Primeiro, ele faz amizade com outro pastor anglicano, Msimangu. Esse amigo age com bondade, generosidade e sensibilidade. Quando Kumalo lhe diz: “Você é gentil”, o amigo responde: “Não sou gentil. Eu sou um homem egoísta e pecador, mas Deus me tocou. Só isso” (p. 55). Msimangu era um homem sincero que reconhecia sua pecaminosidade, sua fraqueza e seu egoísmo, e a misericórdia de Deus que o transformara.

A bondade de Msimangu, conquistada a duras penas, dá-lhe autoridade para desafiar moralmente qualquer ser humano que já tenha passado por graves sofrimentos. Negro sul-africano? Sobrevivente de violência doméstica? Pais enlutados? Você? Ele diz o seguinte: “Eu tenho um grande temor no coração: que, um dia, quando se voltarem para o amor, eles descubram que nós nos voltamos para o ódio” (p. 71). Ele não esperava que os homens no poder mudassem ou que, de uma hora para outra, reconhecessem que estavam errados. Porém, por conhecer o poder da misericórdia de Deus, ele podia ser franco com

a ira e o medo de Kumalo. Será que vocês, que foram injustiçados, serão injustos? Será que vocês se voltarão para o ódio? Ou será que encontrarão a grande misericórdia que os volta para o amor?

Segundo, durante sua estada em Joanesburgo, Kumalo alugou um quarto na casa de uma viúva idosa, a sra. Lithebe. Ela era pobre e tinha seus próprios problemas. Mesmo assim, nas inúmeras ocasiões em que os problemas dele pareceram pesados demais para serem carregados e complexos demais para serem resolvidos, ela tomou atitudes simples de generosidade. Quando o pastor agradeceu a ela por isso, a idosa perguntou: “Por qual outro motivo vivemos? Para o que mais nascemos?” (p. 151, 227). Se você enfrentou uma grande ofensa – racismo, estupro, traição –, nenhum ser humano será capaz de oferecer uma solução imediata. Todavia, gentilezas pequenas e práticas fazem a diferença. No final, Kumalo tornou-se semelhante à sra. Lithebe. Ele também passou a realizar atos pequenos e simples de gentileza.

Quanto mais insolúvel e doloroso for um problema, menor será a ação exigida. Nós demoramos a entender isso. O motivo de os grandes sofrimentos produzirem grande ira, grande medo e grande desespero é, em parte, por não haver uma grande solução. Porém, as pequenas gentilezas têm muita importância. A sra. Lithebe oferecia algo que as vítimas precisam receber e que podem aprender a dar. As pequenas boas ações, em meio a grandes males, fazem parte do nosso processo de libertação da ira e do sofrimento.

Terceiro, Kumalo retorna para o seu povoado quando não há mais esperança para seu filho. Na noite anterior ao enforcamento do seu filho, em cumprimento da pena pelo assassinato cometido, Kumalo diz à esposa: “Estou indo para a montanha” (p. 305). Ele se isola a fim de passar um tempo a sós consigo mesmo e com Deus. A princípio, a lembrança de tudo o que havia acontecido e de tudo o que estava prestes a acontecer o oprimiu. Mas então, ele conscientemente “se apartou de tais lembranças inúteis” (p. 308). “Lembranças inúteis” – essa é uma boa maneira de descrever o estado mental em que ficamos presos com tanta facilidade quando sofremos uma ofensa muito grave.

Em vez disso, há uma frase interessante para o que ele decide fazer: “Ele se voltou à ordem da sua vigília” (p. 308). Kumalo não permanece imerso num estado de arrependimento, tormento, recriminação e acusação. Ele segue conscientemente por outra direção, de acordo com outro propósito. Assim, inicia a vigília confessando seus pecados. Depois, dá graças por aqueles que lhe

estenderam bondade. Por fim, clama por misericórdia: para seu filho, para si mesmo, para o seu povo e para o seu país.

Na montanha, Kumalo apega-se à esperança que é mais profunda do que todas as desesperanças. Ele leva suas preocupações Àquele que se preocupa com ele. Ele segue o compasso da fé cristã, demonstrando consciência da sua própria condição diante de Deus e fazendo uma confissão sincera, uma gratidão verdadeira, uma intercessão incisiva… ele vai viver no modo da obediência.

Nossa cultura costuma retratar a reação aos grandes sofrimentos como algo que deve trazer soluções práticas. No entanto, as coisas que causam os mais profundos sentimentos de ira, medo e desespero são traições num nível que nos obrigam a pensar em soluções de um modo diferente. Temos de aprender a viver de maneira honesta em face de males que talvez nunca desapareçam. Você deve aprender a confrontar seu próprio mal à luz de misericórdias maiores: “Eu sou um homem egoísta e pecador, mas Deus me tocou. Só isso”. Quando alguém o ofende com atos de ódio, você se volta para o ódio também? Ou você mostra bondade em meio à ira? Você se torna cada vez mais misericordioso pela misericórdia de Deus?

Assim como Kumalo, quando nossas esperanças são destruídas, devemos nos apegar à única esperança que jamais pode ser destruída. “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 4.10). Essas não são palavras direcionadas a pessoas religiosas em contextos religiosos. São palavras para situações de angústia e dificuldades na vida real. Você é amado. Essas palavras são para você hoje.

Quando você se conscientiza de quem é em Cristo, pode aprender a viver bem. É possível portar-se com dignidade diante do mal. “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1Jo 4.11). É possível fazer pequenas coisas com alegria. Você aprende que pode fazer a diferença. Você não julga ser melhor do que qualquer outro ser humano. Você não espera que seus esforços resolvam todos os males. Mas você aprende a não odiar.

Uma mulher abusada na infância

Há muitos anos, tive o privilégio de conhecer uma mulher que havia sofrido mais coisas terríveis do que qualquer outra pessoa que já conheci. Martina tinha 30 e poucos anos quando buscou aconselhamento, juntamente com seu marido, por causa de conflitos que os dois estavam tendo quanto à criação dos filhos. Nós abordamos esses conflitos, mas sua história causou um profundo impacto em mim. Ela havia sido abusada sexualmente da infância à adolescência, quando foi resgatada pelo departamento de juventude e família (DYFS). Ela fora usada como receptáculo sexual pelo pai, pelo tio, pelo irmão e por estranhos. Dos 3 aos 15 anos de idade, ela havia sofrido um Auschwitz de violência sexual. Sua vida havia se resumido a isso.

O DYFS procurou por acolhimento para crianças nesses tipos de situação e encaminhou Martina a uma família que a amava. A nova família lhe proporcionou segurança, sustento e proteção. Ela estabeleceu diretrizes claras e mostrou a diferença entre o certo e o errado, ensinando à jovem como tratar os outros com respeito, quais palavras usar, como lidar com os problemas e como expressar sua sexualidade.

Naturalmente, a cura e a mudança não aconteceram de uma hora para outra. Quando passou a viver com a nova família, Martina tinha acessos violentos de fúria, falava de maneira abusiva, demonstrava um comportamento sexual inadequado, roubava tudo o que via pela frente, não confiava em ninguém, mentia descaradamente e vivia em meio a um turbilhão de desejos impulsivos e medos aterrorizantes. Em outras palavras, ela personificava tudo o que não é amor, tudo o que é destrutivo e autodestrutivo, tudo o que necessita de misericórdia e socorro. Em meio a esse turbilhão de sofrimentos e ao seu próprio caos, e no contexto de amor proporcionado pelos seus pais adotivos (o tão objetivo “descontentamento construtivo da misericórdia”), Martina conheceu a Jesus quando tinha 19 anos de idade.

Jesus não é apenas um indicador, como Solzhenitsyn ou Martin Luther King Jr. Ele é Aquele para quem todos os indicadores apontam. Sua história mostra um mal incalculável transformando-se num bem insondável. Ele não foi um ser humano imune a tudo. Foi um homem de dores, intimamente familiarizado com o sofrimento, e passou por lugares difíceis. Jesus nunca superou sua experiência com o mal. Contudo, não foi definido pelo que sofreu. Ele não destilou trevas quando foi rodeado por elas. Ele levou a sério as grandes ofensas que Martina

sofreu, bem como as ofensas da própria Martina. Diante de Deus, ela percebeu que não tinha esperança alguma fora da sua misericórdia. Assim, voltou-se para Jesus e pediu misericórdia, e ele lhe deu uma nova vida gratuitamente.

Mesmo sem ter consciência da frase e do seu significado, Martina começou a colocar em prática esta sabedoria essencial: “O temor do Senhor é o princípio do saber” (Pv 1.7). O raiar da verdadeira sanidade acontece quando percebemos que estamos diante dos olhos do Rei da criação e vemos nossa necessidade das misericórdias do Salvador, que redime a humanidade pecadora e sofredora. Martina tornou-se sã e pôs-se a desfazer um nó profundo e tenebroso. Ela começou a crescer e a amar.

Mesmo sem saber totalmente o que estas palavras significavam, ela passou a praticá-las: “Não torneis a ninguém mal por mal” (Rm 12.17). Essa frase faz o cálculo moral para a vítima de um modo bastante realista e claro: o que me aconteceu foi um mal, e o que eu estou fazendo em troca é um mal. No entanto, eu não preciso empilhar ambos os males lado a lado e considerá-los quantitativamente. Não preciso dizer: “O mal que você cometeu é pior, então eu posso fazer isso”. Não preciso dizer: “Você começou, então eu posso fazer o que quiser”. Eu não preciso dizer: “Posso até estar agindo errado, mas é tudo por sua causa”. Martina teve o pior início de vida que eu já vi. Contudo, foi um imenso prazer testemunhar a coragem e a clareza da fé que ela havia adquirido gradualmente.

O mais surpreendente talvez seja o fato de Martina não ter se suicidado ou se viciado em drogas. Todavia, uma vez que encontrou as misericórdias de Cristo não surpreende tanto que ela tenha se tornado uma assistente social com foco especial em crianças vítimas de abuso. Assim como a vítima do racismo trabalha em favor da justiça racial, assim como a mãe do filho assassinado luta contra a prática da condução sob efeito de álcool, Martina ajuda crianças que enfrentaram males descomunais. O que talvez surpreenda seja o fato de Martina ter se casado e tido dois filhos. Isso não foi fácil. Esse foi mais um daqueles dons paradoxais da graça obtidos a um grande custo.

Por acaso Martina “superou” seus primeiros quinze anos de vida? Não. Será que ela os superará algum dia? Não enquanto viver. Aquele Auschwitz que viveu em família deixou marcas até hoje. E, em certo sentido, deixará marcas por toda a eternidade: aqui é onde o amor de Deus colocou esta mulher, e sua gratidão e alegria sempre serão em resposta a isso. Hoje mesmo, suas forças, recebidas pela

graça a muito custo, trazem as impressões digitais dos seus sofrimentos. Seu amor é um tipo específico de amor, forjado na fornalha de um tipo específico de ódio. E seus pecados remanescentes ainda refletem as marcas nocivas da sua experiência de vida. Ela tem propensão ao medo (“Minha vontade é de simplesmente sair de cena e não ter de enfrentar coisas difíceis”), à irritabilidade (“Não se aproxime de mim”) e à desconfiança (“O que vai acontecer comigo?”), especialmente em face de homens assertivos, mesmo que não ofereçam uma ameaça real. No seu casamento, foi preciso enfrentar um longo e demorado processo para desassociar o sexo da ideia de um mal terrível e transformá-lo numa coisa boa. Ela já avançou bastante, mas ainda tem um longo caminho a percorrer. Seu marido é um homem terno (com seus defeitos, é claro), o qual aprendeu a ter mais paciência enquanto ela aprendeu a ter mais confiança.

O que Martina nos ensina? Eu poderia dizer muitas coisas. No entanto, citarei três sobre a sua vida que me impactaram de modo especial.

Primeira, podemos clamar a Deus: “Onde o Senhor está? Por que isso está acontecendo comigo? Por que isso aconteceu? Por que ainda estou lutando? Quanto tempo ainda levará até que o Senhor me livre desse problema? O Senhor me prometeu o bem, mas que bem pode proceder de algo tão difícil?” Entretanto, faz toda a diferença que tais palavras sejam decorrentes de um sofrimento que nos leva a precisar de Deus, a crer que ele é bom, a amá-lo. Algumas pessoas dizem coisas como essas num tom amargo de acusação. Razões motivadas pela ira para não confiar são o oposto da confiança motivada pela angústia. Martina não só havia lido os salmos, como colocado em prática a lógica interna da fé sincera apresentada neles. Nos salmos, ela leu algumas orações angustiadas feitas a Deus que expressavam suas próprias lutas. Ela leu palavras como: “Sobre o meu dorso lavraram os aradores; nele abriram longos sulcos” (Sl 129.3) e “Ajuntam-se, escondem-se, espionam os meus passos, como aguardando a hora de me darem cabo da vida” (Sl 56.6). Além disso, ela também encontrou orações de fé que poderia reproduzir no seu sofrimento: “Em me vindo o temor, hei de confiar em ti. Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal?” (Sl 56.3-4). Sua fé não era necessariamente tranquila. A fé não pode ser tranquila quando os problemas nos oprimem ou irrompem dentro de nós. Como em muitos salmos, Deus supriu a sinceridade diária de Martina vez após vez com aquilo de que ela precisava.

Segunda, quando estamos iniciando o processo de lidar com sofrimentos que não

podem ser superados, sentimo-nos ofendidos quando alguém diz: “Deus vai tirar algum bem dessa situação”. Isso soa como se nossos sofrimentos estivessem sendo banalizados, dissimulados, para que um assunto mais agradável possa ser discutido. Contudo, mais adiante no processo descobrimos que essa é uma das verdades mais preciosas de todas. Deus tira o bem do mal. É assim que funciona, e isso acontece na vida real. Como Martina consegue ser intuitivamente amável e, ao mesmo tempo, firme com crianças que tiveram a vida arruinada? Algumas pessoas são gentis e empáticas, porém ineficazes; outras são objetivas e diretas, porém insensíveis. Como Martina consegue ser franca e, ainda assim, mostrar empatia? Paulo expressa essa dinâmica do seguinte modo: Deus “nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus” (2Co 1.4). Você pode dar aquilo que recebeu. E essa é uma das maneiras pelas quais o bem é produzido a partir do mal – sem jamais insinuarmos que o mal é outra coisa que não mal.

Terceira, Martina será, de algum modo, marcada pela dor e pela luta por toda a sua vida. Por exemplo, ela não tem parentes. Seus pais adotivos já são falecidos, e, por mais que goste dos seus sogros, o sentimento não é o mesmo. Seus filhos têm avós apenas de um lado. Há vezes em que a intimidade sexual com o marido é anuviada – quando ela está cansada, quando eles não estão se comunicando bem, quando ele está com um pouco de pressa, quando ela tem “lembranças inúteis”. Fora isso, é cansativo sempre ter de lidar com a tentação de hesitar e recuar diante de pessoas confiantes ou dogmáticas. Essas são algumas das suas lutas. Ela é anormal? Não. Uma das belas promessas de Deus que fala profundamente a ela traz a seguinte esperança: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21.4-5). Um dos efeitos de ser marcado pelo sofrimento é aprender a valorizar o futuro. Nem todo choro ou dor desaparece agora, mas Deus fará novas todas as coisas.

Você foi marcado por algo que não parece conseguir superar? Há alguma coisa que arruinou sua vida? Você luta contra a raiva, o desespero, a indiferença e o escapismo? Talvez você esteja tentando ajudar alguém cuja vida está em ruínas, alguém que está lutando dessa maneira. Assim como Martina, tenha ânimo.

Sua história

Agora é hora de contar sua própria história, mas talvez de um modo diferente das outras vezes que você já a contou antes. As oito perguntas do capítulo anterior funcionam como um mapa e uma bússola. O mapa e a bússola não o transportam de um lugar para o outro. Eles o orientam. A linha vermelha sinuosa no mapa em nada se parece com a estrada real que você terá de percorrer. Ele não mostra o brilho ofuscante do sol, o gelo, os congestionamentos ou o fato de que, quando a estrada passa por uma montanha, é preciso reduzir a marcha. O mapa não é capaz de prever quanto tempo você levará para chegar de um lugar ao outro. As condições variam.

Se você é assombrado por sofrimentos antigos, por resquícios de raivas e tristezas, coloque aquelas oito perguntas em ação. Talvez seja necessário dirigir bem devagar. Talvez seja necessário descer do carro e caminhar – ou até mesmo engatinhar. Às vezes, você pode sentir vontade de desistir e se esconder num buraco. Será preciso que outras pessoas andem ao seu lado a fim de ajudá-lo a colocar as coisas em perspectiva e mantê-las ali. Nós não fomos feitos para viver sozinhos. Precisamos dos outros, especialmente quando a dor é profunda e a raiva é intensa. E, ao contrário da simples análise de uma atitude impaciente de reclamação, suas respostas não caberão nas linhas em branco que eu deixei neste livro. Você provavelmente precisará de outra folha de papel. Talvez possa até mesmo escrever um livro.

Falando em livros, talvez você deva ler um ou dois. Você poderia começar com Cry, the beloved country, de Alan Paton. Observe como, na história, razões profundas para sentir grande ira e aflição são modificadas por um cálculo moral mais profundo e por interações que encontram misericórdia. Você também poderia considerar a leitura de When God weeps, de Joni Eareckson Tada e Steve Estes. Os sofrimentos de Joni são provavelmente muito diferentes dos seus, mas ela enfrenta as mesmas lutas humanas e encontra um Deus maior do que a dor e a perda. Talvez você queira ler Shame interrupted, de Ed Welch. O sofrimento, como o temos descrito aqui, é humilhante. A amargura e a ira não são as únicas coisas contra as quais travamos batalhas significativas. As vítimas de ofensas graves costumam se sentir sujas, humilhadas e expostas. “Deve haver algo de errado comigo. Eu me sinto inferior, corrompido, indigno. Sempre me sinto como se eu estivesse do lado de fora, como se eu não fizesse parte, como se

não estivesse seguro ou não fosse aceitável.” Ed ministra com ternura e sabedoria.

Vamos revisitar nossas oito perguntas, aplicando-as, desta vez, não a um congestionamento imaginário, mas às grandes mágoas que parecem ser insuperáveis. Lembre-se de que sua história não será contada em poucos minutos, enquanto estiver respondendo às oito perguntas. Será uma jornada que durará a vida inteira, como foi para Martina e é para todos nós. Essas perguntas são apenas um ponto de partida, um modo de relacionar sua história à realidade profunda do amor e da misericórdia de Deus por você, mesmo (e especialmente) diante de algo terrivelmente errado que lhe tenha acontecido.

1. O que aconteceu com você? Isso precisa ser declarado. Porém, não permita que o fato se transforme numa lembrança inútil. Lembre-se de que você está procurando ficar bem. É muito fácil se afundar num turbilhão de detalhes excruciantes. A objetividade pode ser proveitosa aqui: tal coisa aconteceu. Você pode usar um salmo para ajudá-lo a expressar o que parece ser inexprimível. Há três salmos que podem ser muito úteis para aqueles que sofreram ofensas terríveis: Salmos 55, 56 e 57. Salmos 55 fala sobre a experiência de ser traído por um amigo próximo. Salmos 56 fala sobre alguém que se sente oprimido por pessoas que o odeiam. Salmos 57 é sobre ser perseguido. Algo que você poderia fazer é tirar uma cópia desses salmos, ou imprimi-los, para grifar os trechos que expressam coisas que você também enfrentou.1

2. Como você reagiu? Há uma história a ser contada aqui. Mais uma vez, permita que o salmista lhe empreste as palavras. Pegue um marca-texto de outra cor e grife todas as frases que expressam como você se sentiu quando foi ferido. Destaque expressões como: “ando perturbado […]. Estremece-me no peito o coração, terrores de morte me salteiam; temor e tremor me sobrevêm, e o horror se apodera de mim. Então, disse eu: quem me dera asas como de pomba! Voaria e acharia pouso” (Sl 55.2,4-6).2 De que maneira sua experiência se relaciona com o que o salmista está descrevendo? O que você acrescentaria? Ou tiraria? Talvez você se sinta completamente oprimido pelo que aconteceu. Você não consegue apagar o episódio da sua mente. Já reviveu

o ocorrido milhares de vezes e não consegue esquecê-lo. Talvez você tenha procurado anestesiar-se com coisas que lhe trazem uma sensação temporária de bem-estar. Talvez você também esteja lutando contra um vício agora. Ou, talvez, tenha mantido seu sofrimento encoberto e esteja enfrentando uma nuvem negra de depressão e ceticismo com relação a si mesmo e aos outros. A relação entre o seu sofrimento (primeira pergunta) e sua reação a ele (segunda pergunta) faz parte da sua história de vida. E essa história é relevante. Qualquer passo positivo será o próximo passo nesta história, não na história de outra pessoa.

3. Quais são os desejos, crenças e temores que alimentam suas reações? As duas primeiras perguntas são as mais simples porque as respostas são extraídas diretamente das páginas da sua vida. Já as outras exigem mais tempo – talvez uma vida inteira – para serem respondidas de maneira completa. Nesta terceira pergunta, é importante ter em mente que nem todas as vítimas reagem da mesma maneira, pois o ingrediente principal da reação depende de quem somos. Observar aquilo que já fazemos do modo certo é um incentivo, pois mostra que o Senhor está operando em meio a uma circunstância terrível. Observar aquilo que fazemos do modo errado, por sua vez, é o ponto de partida para entender como podemos ser transformados.

Identifique quais são exatamente os desejos, as crenças e os temores que se apoderam de você, o obcecam e o escravizam. Perceba também que as motivações que o dominam para o mal sempre têm um efeito cegante. Elas encolhem seu universo, limitando-o à experiência de dor, às reações negativas, às motivações instintivas. Você fecha os olhos para o Deus que é maior do que o seu sofrimento. Você fecha os olhos para Jesus Cristo, que participa dos seus problemas e é misericordioso tanto para com sua dor quanto para com sua transgressão. Você fecha os olhos para qualquer propósito mais profundo que possa haver naquilo que aconteceu de ruim.

4. Quais são as consequências, os círculos viciosos? Qual é o saldo de vidas e relacionamentos destruídos após a consideração das primeiras três perguntas?

5. O que é verdadeiro sobre o Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos conforta em toda a nossa tribulação? (2Co 1.3-4) Dentre todas as verdades que você conhece sobre Deus, qual delas realmente faria diferença na sua vida se fosse levada a sério? O que você precisa que seja verdadeiro? Considere, por exemplo, a realidade da presença de Deus, mencionada em Salmos 23.4: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo". Seria bom pegar outro marca-texto agora (esta já é a terceira cor diferente, caso você não esteja contando) e ler novamente Salmos 55, 56 e 57. Dessa vez, destaque o que o salmista diz sobre Deus em meio ao sofrimento. Comece com algumas destas frases: "o Senhor me salva", "ele ouve a minha voz", "ele me redime", "ele me sustentará" (Sl 55.16-18, paráfrase do autor). De que maneira essas verdades, ao criar raízes no seu coração, reescrevem o roteiro da sua vida? Como elas mudam sua vida hoje?

6. Busque a Deus com sinceridade. De que maneira suas motivações mais profundas são alteradas? Considere as palavras de Paulo em 2Coríntios 1.9-10: "Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos". Observe como algo muda dentro de Paulo no contexto do grande sofrimento. A mudança interior coloca-o em contato com seu Salvador. Ele considerou seu sofrimento como algo até mesmo propositado, responsável por essa mudança: eu quase morri para que não confiasse em mim mesmo, mas naquele que ressuscita os mortos. Os salmos oferecem muitos modelos para uma abordagem sincera ao sofrimento. Apodere-se deles e encontre o Amigo que se apodera de você.

7. Como você pode viver agora? Para você, o que significa perdoar? O que significaria encontrar um propósito novo e construtivo para sua vida? Quais são as pequenas coisas que importam, independentemente de quão insolúvel seja o mal maior? De que maneira você pode ajudar alguém que está passando por coisas parecidas? "Deus nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2Co 1.4). A vida só pode

prosseguir quando confrontamos o que aconteceu, buscando e oferecendo consolo, não quando procuramos dar um jeito de superar o ocorrido para nos esquecer dele e seguir em frente. Qual é sua situação agora?

8. Quais são as consequências de tais mudanças? Você consegue imaginar os círculos graciosos que podem começar a se formar? O que você já viu acontecer até agora?

Você tem sofrimentos que talvez nunca supere. Contudo, há um mapa para chegar a um lugar melhor – um lugar onde a amargura é transformada no descontentamento construtivo da misericórdia. Meu desejo é que o Senhor, que ouve nosso clamor por misericórdia, continue a reescrever a história da sua vida.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Qual dos livros mencionados neste capítulo você gostaria de ler? Cry, the beloved country, When God weeps ou Shame interrupted? Cada um deles conta parte da história sobre como experiências impossíveis de serem superadas são gradualmente transformadas. Tire um tempo para ler essas histórias e refletir sobre elas.

2. Faça as oito perguntas a si mesmo. Se não estiver pronto para responder a todas as oito, responda aquelas que conseguir. Compartilhe suas respostas com a pessoa mais sábia que você conhece, alguém com uma fé profunda e um coração empático.

Capítulo 15

Iras do dia a dia

Algo frustrante vai acontecer com você em algum momento hoje. O mundo não estará a seu favor o tempo todo. E essas “pequenas” coisas – irritações, frustrações, reclamações – também são casos difíceis. Não que sejam difíceis de superar, mas são muito corriqueiras. Por serem tão frequentes, temos dificuldade de vê-las como problemas.

Talvez você faça uma ligação para resolver um assunto simples de cobrança. Depois de escolher pacientemente várias opções no telefone, você é direcionado ao ramal correto. Então, é colocado em espera por uma gravação, tendo de ouvir músicas e propagandas pelas quais não está interessado. Finalmente, uma pessoa o atende. Vocês dois mal conseguem se entender por causa da diferença de sotaques, até que ela o coloca em espera a fim de verificar uma informação ou consultar o supervisor. Você aguarda um pouco mais. De repente, a ligação cai, e a seguinte mensagem é ouvida: “Caso queira fazer uma ligação, desligue e tente novamente”. Intensamente irritado, você reclama, tanto em pensamento quanto em voz alta, e sente vontade de criar confusão. Quando finalmente consegue completar outra chamada, sobra para o atendente da vez ter de ouvir broncas e lidar com um cliente irritado. Talvez você passe o resto do dia reclamando sobre o episódio com todas as pessoas que encontrar pela frente. Posso dizer isso sobre você porque eu me conheço.

O problema recorrente da reclamação

É provável que outro ser humano o maltrate hoje. Pode ser que alguém minta para você, ignore-o, critique-o injustamente ou brigue por razões aparentemente inúteis e sem sentido. Talvez o atendente seja cabeça-dura e não tome uma

atitude simples e razoável para resolver seu problema. Talvez um parente ou colega de trabalho o tire do sério. Talvez um mecânico cobre mais do que deveria. E isso fará com que você se sinta ofendido e frustrado.

É provável que você faça ou diga algo errado hoje. Pode ser que você interprete mal o que alguém disse e reaja de acordo com o que entendeu. Talvez você fique irritado, agressivo ou ignore alguém. Pode ser que critique outra pessoa, seja em pensamento ou em voz alta. Talvez fale com um tom de voz incisivo, seja malcriado ou escolha mal as palavras. Talvez você expresse sua frustração no ato ou desabafe mais tarde com alguém que nada tem a ver com o problema. E, se não for um completo hipócrita, pode ser que sinta uma ponta de remorso por isso. Talvez você se sinta indignado, tanto consigo mesmo quanto com este mundo desregrado e tudo o que nele há: suas pessoas desregradas, sua tecnologia desregrada, seu clima desregrado e o desenrolar desregrado dos acontecimentos diários.

Isso tudo acontece com muita facilidade. Desde a mais tenra idade, nós já somos especialistas em reclamar. Esse é um talento cultivado com destreza, e todos os dias trazem novas oportunidades para exercitá-lo. No entanto, essas pequenas queixas e irritações são um bom ponto de partida para sermos decididamente diferentes.

Costumamos pensar que os “problemas com ira” dizem respeito a questões pessoais ou interpessoais graves. Achamos que os principais pecados a serem resolvidos são a violência, os acessos de fúria, as discussões, o rancor, a amargura enraizada, a antipatia. Sem dúvida, essas são questões sérias. Caso permaneçam sem resolução, a vida humana se torna um inferno. Todavia, pela minha experiência, descobri que, muitas vezes, é melhor começar com os problemas pequenos. Livre-se das reclamações. Prefira a alternativa mais clara e firme a elas. De que maneira uma postura amarga e negativa pode se transformar num espírito doce e construtivo? Ao aprender isso, você aprenderá a viver bem. Aprenderá o segredo do contentamento (Fp 4.11-12). E, durante o processo, observará os efeitos cascata em todos os aspectos da sua vida. O cerne dos problemas mais profundos é resolvido quando se aprende a lidar com os problemas menores.

A Bíblia faz esta observação: nós não enfrentamos lutas que não sejam comuns a todos (1Co 10.13). Isso nos coloca num patamar de igualdade. Cada um de nós enfrenta as mesmas tentações. O dia a dia traz frustrações e decepções, e nós

reagimos com irritação e queixas. Temos mais semelhanças do que diferenças entre nós. Mesmo que meus problemas aparentem ser maiores ou menores, eu travo o mesmo tipo de batalha que todos os demais. Nossas diferenças são uma questão de grau. Obviamente, nem todos somos consumidos por uma hostilidade explosiva ou implosiva. Contudo, todos temos a tentação de reclamar. É essa a pequena semente que produz sequoias gigantes. Os pecados graves não passam de pecados pequenos que se desenvolveram. A reclamação tem o mesmo DNA da fúria violenta.

Portanto, faz sentido que a solução transformadora para pequenos atos de reclamação tenha o mesmo DNA da solução para casos graves de amargura ou temperamentos explosivos. A discussão em 1Coríntios 10 ajuda-nos a enxergar o fato de que estamos todos no mesmo barco. Porém, o apóstolo Paulo ao falar por Jesus ("apóstolo" significa simplesmente o mensageiro de alguém), não para por aí. Ele nos conduz pela mão à terra firme. Ele prossegue dizendo: "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13). Quando nos deparamos com circunstâncias frustrantes, somos tentados a assumir uma postura negativa. No entanto, há uma maneira de evitar isso e seguir adiante.

Tenha consciência de que Deus está envolvido

Ele é fiel.

Ele permanecerá ao seu lado ao longo do processo. Aquele que começou a boa obra em você se manterá firme até que o tenha transformado à imagem de Jesus. Esse é um grande consolo para quando se sentir desencorajado por estados moderados de irritabilidade, reclamação ou ressentimento. As irritações diárias são muito difíceis de superar. Elas se tornam hábitos dos quais nem sequer estamos cientes. Todavia, até mesmo os hábitos que se tornaram nossa segunda natureza podem mudar. Isso raramente acontece de uma hora para a outra; um lento processo de crescimento na direção certa costuma ser necessário. O Senhor, que produz uma nova natureza em você, permanecerá ao seu lado. O Pai

ama seus filhos. Pai, o Senhor não desiste. Não desista de mim.

Ele não permitirá que você seja tentado além do que é capaz de suportar.

Quanto mais difícil a luta, quanto mais forte a tentação de se irritar e dizer palavras amargas, mais você precisará de ajuda – e mais ele se aproximará de você na sua necessidade. Senhor, ajude-me.

Ele dará uma saída.

Não se trata de mágica. A aflição e a tentação raramente desaparecem num piscar de olhos. Espírito Santo, fale comigo. Mantenha sua mão sobre mim enquanto eu estiver atravessando o vale sombrio, onde muitas coisas podem provocar minha ira.

Imagine – não ficar exaltado e incomodado com os aborrecimentos do dia a dia.

Imagine – paz, não turbulência constante.

Imagine – tornar-se um pacificador num mundo em guerra.

Imagine – deixar de ser mais uma voz que reclama num mundo de reclamações.

Se as iras do dia a dia são a sua luta, lembre-se do mapa que traçamos no capítulo 13. Coloque aquelas oito perguntas em ação. Nós destrinchamos a irritação e a perturbação que sentimos quando estamos presos num congestionamento frustrante e inconveniente. As iras do dia a dia tornam a vida sombria e confusa. Aquele mapa nos orienta para a luz, levando-nos adiante.

Isso não é uma técnica, um remédio ou uma mágica. Não é uma autoanálise ou uma investigação das influências que atuam sobre você. Não se trata de um tipo de autogestão que lhe possibilita manter o controle numa realidade turbulenta. A maneira de seguir adiante é descobrindo uma Pessoa que se importa com você em meio às suas lutas diárias.

Por que a ira do dia a dia é tão grave?

Se sentimos ira no dia a dia, é porque assumimos uma postura de presunção. Se eu vejo ou trato as outras pessoas como subumanas, essa atitude demonstra que estou agindo como se eu fosse algum tipo de super-humano. Deus chama isso de orgulho. Orgulho significa adotar uma postura que vê e trata os outros como se fossem seres inferiores. (O atendente e a empresa de telefonia talvez sintam justamente isso com relação a mim, mas este não é o problema principal agora.)

Nós não queremos ser incomodados, mas isso é um incômodo. Queremos ser tratados com respeito, mas isso é um desrespeito. Queremos que a vida siga em paz, mas estamos percorrendo uma estrada esburacada que dá numa rua sem saída. Estamos obcecados por uma motivação: eu preciso disso. Ela nos cega para a verdade de que Deus é fiel. Assim, vivemos como sonâmbulos em incredulidade. Transformamos a pequena discussão ao telefone numa guerra. Porém, o Deus verdadeiro me ajuda a despertar e a lembrar. Este não é o meu universo, afinal de contas. Este tampouco é o universo daquele atendente. Jesus nos diz de modo bem direto: a murmuração é um pecado extremamente grave, um crime capital, uma ofensa primária contra o Deus a quem este universo pertence.

Do ponto de vista de Jesus, toda indignação e negatividade do dia a dia compartilham o DNA do homicídio. Chamar alguém de “idiota” é um comportamento que pertence à mesma família do assassinato.

Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de

fogo. (Mt 5.22)

A misericórdia contrapõe-se à ira

Deus, que é fiel, promete ser misericordioso. Portanto, devemos admitir nossa culpa. A atitude é errada, mas ele é mais do que generoso. A prática da reclamação é indesculpável – porém perdoável. Aquele que nos ama nos ajudará a resolver o problema da conta do telefone de um modo que seja paciente e gentil, ainda que firme, persistente ou enérgico. A bondade pode ser posta em prática com impetuosidade sem ser hostil. Você pode expressar um descontentamento construtivo de maneira paciente e incisiva sem reclamações, queixas ou lamúrias. E, então, pode deixar o assunto para lá quando o momento for oportuno.

Há somente um antídoto para a amargura capaz de curar o problema em toda a sua profundidade. Como dissemos, devemos eliminar nossas motivações e buscar a misericórdia de Cristo. Devemos reconhecer o imenso egocentrismo que está por trás das reclamações do dia a dia. Devemos aceitar o fato de que este universo é o lar do Deus vivo, o qual é fiel aos seus propósitos misericordiosos para a nossa vida. Tudo o que acontece comigo – a começar pelo telefonema frustrante – faz parte dos propósitos maiores e já determinados por Deus para o meu bem. O amor dele por nós liberta-nos do egocentrismo, quer o atendente resolva nosso problema ou não. O que aconteceria se realmente assimilássemos, aqui e agora, o fato de que ele não permite que sejamos tentados além do que somos capazes de suportar?

É possível suportar o teleatendimento, bem como o interminável labirinto de ramais com que nos deparamos nesses telefonemas. É possível aprender a sentir o descontentamento construtivo da misericórdia. É possível aprender a sentir a paz que excede o entendimento. É possível, a todo o momento, ser paciente, perdoador e generoso. E, na hora certa, no lugar certo, do modo certo, é possível abordar o problema com franqueza, persistência e com o tipo construtivo e apropriado de ira.

Jesus transforma de uma vez por todas aquele que reclama

O que realmente faz a diferença? O que realmente acalma a ira e a transforma em sabedoria? De modo definitivo, duas coisas transformam aqueles que têm o hábito de reclamar. A primeira é o Dom supremo que você recebe: Jesus, o próprio Filho de Deus, vem em pessoa para perdoá-lo e libertá-lo da obstinação cega que impulsiona suas reclamações. A segunda é que ele lhe concede um propósito supremo: amar da mesma maneira que ele o ama.

Eu e você recebemos um dom com um propósito. O dom é a vida em Cristo. O propósito é tornarmo-nos exemplos de pessoas que colocam o verdadeiro amor em ação no mundo real – isto é, o descontentamento construtivo da misericórdia. Isso significa nada menos do que tratar as pessoas da maneira como Jesus nos trata. Quando transgredimos, ele demonstra seu descontentamento construtivo e sua misericórdia para conosco. Ele é paciente, não rápido no gatilho. Ele perdoa em vez de se voltar contra nós. Ele é generoso, dando-nos graça sobre graça. Ele fala diretamente conosco, revelando o que está errado a fim de libertar-nos daquilo que nos cega e corrompe.

Eu e você aprendemos a fazer o mesmo que fazem conosco. É bem provável que você já tenha vivenciado essa dinâmica positiva no relacionamento com um bom pai ou uma boa mãe, um chefe sábio, um excelente conselheiro, um professor atencioso, um amigo maduro, um pastor genuíno. Você já reparou que, quando é tratado dessa maneira admirável, sua tendência é agir da mesma maneira? Você vislumbra um propósito mais elevado para sua vida. Você obtém uma perspectiva maior dos problemas e das pessoas problemáticas.

As reclamações do dia a dia costumam estar relacionadas a questões de comodidade e tranquilidade. No entanto, podemos aprender que há outras coisas muito mais importantes. Queremos algo melhor da vida do que simplesmente ser mais um pessimista que vive reclamando. A bondade humana é um gole da água fresca da sabedoria. Deus é a fonte, o poderoso rio de água viva. Jesus disse que seu trabalho era “fazer discípulos”. Isso é apenas um modo bonito de dizer que ele nos renova de modo a tornar-nos semelhantes a ele na maneira como tratamos as pessoas.

Mas também é possível que você nunca tenha vivenciado isso. Seus familiares,

colegas de trabalho, amigos ou conhecidos religiosos talvez sejam manipuladores, agressivos e hipócritas. Eles ora fingem que está tudo bem, ora vêm com quatro pedras na mão. Talvez você tenha considerado Deus uma nulidade, uma versão maior do bicho-papão ou uma força impessoal presente em tudo o que é bom. Contudo, suas experiências negativas podem oferecer um vislumbre ainda maior de como as coisas deveriam ser. Você engoliu muita água suja e falsas promessas, mas Deus é água pura e cumpre o que promete. Ele pretende transformá-lo numa fonte fresca também, refazendo seu propósito de vida a fim de que você trate os outros cada vez mais da maneira como foi tratado por ele: com a misericórdia com que ele continua a tratar você.

Independentemente de ter tido bons ou maus exemplos, você pode ter um propósito maior de vida, o propósito correto. Observe a lógica interna desse propósito. Veja o que vence nossos bate-bocas e reclamações:

Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo. (Fp 2.14-15)

O dom: Deus o tomou como filho. O propósito: viver uma vida resplandecente, diferente daquilo que você é por natureza e criação. Quando ouvimos a expressão “geração pervertida e corrupta”, talvez imaginemos um moralista excêntrico reclamando sobre os programas que passam atualmente na televisão. Porém, Paulo não está falando sobre imoralidade sexual ou violência explícita. Ele está falando sobre as iras do dia a dia. A reclamação, ainda que dificilmente seja detectada na tela do radar, é uma perversidade. Ela corrompe nossa humanidade.

A reclamação é algo que caracteriza toda a nossa geração (e todas as gerações). Todos nós recebemos maus exemplos quanto a isso porque vivemos numa cultura de insatisfação. Você é chamado a ser diferente, a brilhar. Imagine uma pessoa que não reclama num mundo em que todos reclamam. Imagine uma pessoa paciente e generosa num ambiente de desentendimentos e insatisfações por motivos insignificantes. Imagine uma pessoa que soluciona problemas de

maneira construtiva em meio àquelas que só estão em busca de obter vantagens. Imagine alguém com boas razões para ser grato, com um propósito admirável recebido do Dom dos dons.

Será que se deixar de ser briguento você passará a aceitar tudo? É claro que não. A questão é a maneira como você divergirá – da empresa de telefonia, do cônjuge, dos pais, dos filhos, dos colegas de trabalho. Se parar de discutir, como você argumentará contra o que está errado? Se deixar de reclamar, como você se queixará com vistas a tornar este mundo um lugar melhor e mais feliz? Melhorar nesses aspectos abre as portas para fazer a diferença. Você quer impactar o mundo ao seu redor? Você gostaria de deixar um legado duradouro? Então, torne-se alguém que faz “tudo sem murmurações nem contendas”.

Nós demos uma boa olhada nas irritações do dia a dia. Tenho certeza de que todos os leitores (assim como este escritor) perceberam que seu nome e sua história se encaixam direitinho nestas páginas. Espero que cada um de nós também encontre um caminho em direção à luz. Do nosso ponto de vista limitado, a reclamação não parece ser um pecado grave, gritante. Porém, do ponto de vista de Deus, ela é um crime de morte – e, não obstante, totalmente perdoável e totalmente transformável. Este capítulo terá uma seção maior de aplicação porque estamos tratando de uma questão muito pessoal. Ela diz respeito à nossa maneira de lidar com os detalhes da vida e à maneira como Deus pode transformar-nos em pessoas generosas, que conhecem seu amor e compartilham dele em meio aos altos e baixos do cotidiano.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Qual foi a frase que você destacou neste capítulo? Por que você a escolheu? Em qual trecho você acrescentou um ponto de interrogação ou uma pergunta MEQA? Houve algo que o intrigou ou de que você discordou?

2. Escolha uma irritação do seu dia a dia e responda às oito perguntas detalhadamente. Comece personalizando a reclamação e a irritação de acordo com o seu caso. As oito perguntas funcionarão como uma referência. Responda-as com os detalhes da sua vida.

Sua situação. Do que você reclama? Quais situações provocam sua irritabilidade?

Sua reação. Como você reclama? O que você diz? Como você diz? No que você pensa? Quais gestos, linguagens corporais ou ações demonstram que você está infeliz, amuado no palco do universo de Deus?

Suas motivações. Qual desejo é usado como reivindicação contra o universo? Cada uma das suas reclamações revela uma profusão de pensamentos do tipo: "Mas eu quero _____. Eu insisto em _____." Quais expectativas se apoderam de você, o dominam e o controlam quando você se queixa? De que maneira isso o exalta à posição de deus ("orgulho"), ignora o verdadeiro Deus ("incredulidade") e substitui a vontade dele pelos seus desejos ("concupiscências da carne")?

Consequências. De que maneira suas reclamações afetam as outras pessoas? Quais círculos viciosos são criados? Elas se voltam irritadas contra você, aumentando ainda mais as tensões? Elas o encorajam e se unem a você nas suas expressões de autopiedade e reclamação? Elas o evitam, uma vez que pessoas amarguradas não trazem alegria?

O Deus que está presente, que não está em silêncio, que age. Você sente sua necessidade de misericórdia (não em teoria, mas agora, na presente situação)? De que maneira a misericórdia é concedida às pessoas que têm o hábito de reclamar? De que maneira o dom de Deus é incompatível com qualquer tipo de reclamação e bate-boca? Qual verdade mencionada neste capítulo que, se levada a sério, é capaz de transformá-lo?

Como você reage? Deus é uma pessoa que podemos conhecer e com quem podemos conversar, não uma teoria a ser contemplada ou discutida. Peça a ajuda de que você precisa. Fale em voz alta. (O próprio Jesus aproximou-se de seu Pai "com forte clamor e lágrimas".) Confesse o pecado da reclamação. Expresse seu remorso. Exprima gratidão verdadeira. Pondere sobre as promessas divinas de misericórdia em Jesus Cristo. Peça a Deus que o torne sábio e conduza a presente situação para o bem.

Como você age? As reclamações e as discussões expressam ações, palavras, sentimentos e pensamentos destrutivos. Quais ações, palavras, sentimentos e

pensamentos construtivos seriam adequados para esta situação específica? Com quem você precisa conversar? Como você deve abordar essa pessoa? O que deve dizer? Jesus nunca reclamou, muito embora tenha enfrentado uma dificuldade após a outra. Ele o ajudará pessoalmente a lidar com sua provação.

Consequências. Qual resultado positivo você espera ver? Caso já tenha mudado seu comportamento, deixando de reclamar para ter atitudes construtivas, que diferença isso fez na sua vida? Quais círculos graciosos podem substituir os círculos viciosos?

3. Agora você pode dar prosseguimento e refletir sobre uma das seguintes situações:

Você e outra pessoa sempre brigam pelo mesmo motivo? As brigas repetitivas são muito desanimadoras quando estamos presos num padrão de comportamento. Contudo, elas podem ser extremamente reveladoras e proveitosas para a mudança. Os bate-bocas são mais complicados do que a reclamação simplesmente porque envolvem duas pessoas. No entanto, as causas costumam ser bem óbvias. Cada um dos envolvidos pode responder as oito perguntas. Sua resposta à primeira pergunta sempre será algo a respeito da outra pessoa. O interessante é procurar entender por que isso o impele numa direção tão negativa. Afinal, esse comportamento lhe diz muito sobre você mesmo. As motivações que costumam dominar ambos os lados são expressas. As coisas que "o irritam" revelam como você funciona, não apenas o que a outra pessoa fez. Se ambos estiverem dispostos a enfrentar o problema, tais motivações podem ser reconstruídas pela bondade de Deus. Mesmo se apenas uma das partes estiver disposta a cooperar, você pode ser aquela que mudará. E, quando um não quer, dois não brigam. O rumo das discussões é alterado quando um lado começa a se tornar construtivo e deixa de ser mais um conspirador ateando fogo ao relacionamento. Para mais esclarecimentos, você pode consultar novamente Tiago 3–4, uma passagem mencionada no capítulo 11 que tem em vista o problema dos conflitos reiterados.

A ira sentida em seu dia a dia é produto de um acúmulo de enfado e decepções? Ainda que seja uma ira do cotidiano, ela exige uma análise mais lenta. Esse tipo

de ira não costuma ser uma reação instantânea, uma resposta direta a um estímulo. As pessoas mais velhas têm a tendência de se tornar rabugentas ou céticas: dizemos que são “velhos ranzinzas” (e velhas também). Geralmente, trata-se de uma amargura e de um vazio melancólicos, leves, não de uma ira explosiva. Sonhos destruídos, expectativas frustradas e desilusões com outras pessoas (e consigo mesmo) criam o “deserto das nossas iras e dores” mencionado no capítulo 1. Responda as oito perguntas com relação a isso. A “vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (Eclesiastes) que se acumula no dia a dia é tão digna de reflexão quanto um acesso de reclamações ou um bate-boca. Ela revela as motivações em torno das quais você construiu sua vida interior – motivações que não podem suportar o peso da vida e da morte. De que maneira a esperança pode brilhar mais do que a perda? Salmos 73 é um indicador particularmente relevante.

Há situações em que sua reação é menos intensa do que o necessário? Isso também é um problema e pode ser bastante difícil de ser identificado. Por definição, se minha reação está aquém do que o esperado, é porque não estou vendo o que está acontecendo ou porque não estou reconhecendo o que estou sentindo. Permita-me dar dois exemplos diferentes do dia a dia.

Primeiro, será que há coisas acontecendo ao seu redor que deveriam incomodá-lo, mas que estão sendo ignoradas ou nas quais você está até mesmo participando? Por exemplo, atitudes racistas no trabalho, que são aviltantes para determinados grupos étnicos? Promiscuidade na televisão, algo humilhante tanto para homens quanto mulheres? Desrespeito aos pais (ou adolescentes), aos homens (ou mulheres), aos patrões (ou funcionários), aos pastores (ou membros da igreja), aos cristãos (ou muçulmanos), aos norte-americanos (ou franceses), aos de direita (ou de esquerda)? Quando nossa consciência está mal condicionada, ficamos insensíveis e indiferentes a atitudes que deveriam nos incomodar. A paixão de Deus pela justiça dá-nos todos os motivos para olhar bem ao nosso redor e procurar tratar as outras pessoas com mais imparcialidade e misericórdia. Talvez seja necessário incomodar-se mais com aquilo que você ou os outros estão fazendo e, assim, tornar-se mais construtivo num mundo que faz coisas ruins rotineiramente. A carta de 1Pedro é rica nesse aspecto.

Segundo, será que há coisas dentro de você que o incomodam, mas que você tende a negar? Você sente certo grau de ira, mas não sabe bem como enfrentá-la? Por acaso alguma injustiça ou traição o incomoda, mas você está tentando fingir que está tudo bem? Você sente raiva, mas está sufocando esse sentimento? As oito perguntas não são mágicas, mas servem como um mapa confiável para mantê-lo orientado enquanto procura seguir pela direção correta. Elas podem ajudá-lo a identificar o que é o quê. A ausência de reação, a confusão e a negação são reações (segunda pergunta) que surgem por razões motivadas (terceira pergunta). Portanto, adapte as perguntas à sua luta pessoal. A bondade de Deus dá todos os motivos para que você enfrente a si mesmo com honestidade, sem medo. Há numerosos salmos, principalmente do 30 ao 40 e do 50 ao 60, que dão voz ao sofrimento sincero. Talvez você descubra um que o ajude a expressar seu próprio problema e a encontrar refúgio no amor do Deus que vale a pena amar.

Capítulo 16

Você fica irado consigo mesmo?

As pessoas ficam iradas por qualquer coisa. Sem dúvida, os erros dos outros provocam acessos de ódio extremamente inflamados e duradouros. No entanto, as meras notícias transmitidas pelo rádio no dia a dia – sejam sobre o tempo ou o trânsito – podem causar ondas de calor em você e levá-lo ao ponto de xingar caso atrapalhem seus planos. O cachorro, o gato, o forno, o computador… qualquer coisa pode despertar sua ira caso se interponha à sua vontade.

Até mesmo você.

Como você reage aos seus próprios erros? Você se critica quando se sente inferior ou errado? Você está descontente com a pessoa que vê no espelho? Culpa, vergonha e autocensura são formas que a ira contra sua própria pessoa assume.

Suspeito que às vezes você fique irado com você mesmo. E a raiva que sentimos de nós mesmos pode ser mais do que um pensamento passageiro. Ela pode se tornar um estado permanente. O que é “baixa autoestima” senão um juízo próprio de condenação que se transformou numa vida de autocensura crônica? Eu sou tão idiota. Fiz isso de novo, não acredito. Eu me odeio. Por que eu sempre erro? Sou um fracassado. Por que eu sequer me dou ao trabalho de tentar? Se as pessoas soubessem quem eu realmente sou e como realmente me sinto, elas me desprezariam.

Naturalmente, o “sentimento moral” pode ser provocado com relação a nós mesmos. Nós nos avaliamos o tempo todo, assim como avaliamos as outras pessoas, o tempo que está fazendo lá fora e a música que estamos ouvindo. Avaliação é o que a “consciência” faz, e todos têm uma, ainda que esteja corrompida. E a consciência pode, sim, ser corrompida. Às vezes, julgamos os outros com precisão; outras vezes, os julgamos mal. Da mesma maneira, às vezes, nós nos julgamos com precisão; outras vezes, nos julgamos mal. E, quer

os juízos que fazemos sejam verdadeiros, quer sejam parcialmente verdadeiros, quer sejam completamente falsos, sempre, então, enfrentamos a questão da misericórdia. Em que momentos o juízo que faço de mim mesmo se torna implacável? De que maneira a consciência pode ser justa e, ao mesmo tempo, repleta de misericórdia? Essa é a pergunta que este capítulo irá explorar.

A ira contra nós mesmos é transmitida numa ampla largura de espectro. Sua forma mais óbvia é a autoacusação, mas ela tem muitos outros apelidos. Sentimento de culpa implacável? Complexo de inferioridade? Autodepreciação contínua? Comparações negativas com os outros? Autopunição ou pensamentos humilhantes? Comportamentos autodestrutivos ou automutiladores? Às vezes, a ira contra nós mesmos é dramática e se expressa em voz alta. Muitas outras vezes, ela é sutil e domina as ondas de pensamentos.

A consciência é um dom, mas ela pode nos escravizar sem piedade. Não há dúvida de que a ira contra nós mesmos costuma sair, e muito, dos trilhos. Ele pode se tornar uma rotina vã e autodestrutiva da mesma maneira que a ira contra os outros pode se tornar uma obsessão vã e destrutiva. É um dom divino ser capaz de avaliar-se com precisão. No entanto, o dom da consciência também pode desvirtuar-se e precisar de redenção – parte da “renovação da vossa mente” que o Espírito Santo misericordiosamente realiza.

Este capítulo se baseia em duas premissas. Primeira, é possível esclarecer a confusão e entender melhor por que você se condena. Segunda, um claro entendimento desses motivos abre o caminho que leva diretamente à misericórdia de Deus. A ira que você sente contra sua própria pessoa pode ser completamente reestruturada. Atitudes inúteis de autocensura podem ser transformadas num temor saudável a Deus. E o verdadeiro temor a Deus é inseparável da confiança em seu perdão, compaixão e benignidade. A culpa saudável é um dos componentes de uma vida com mais equilíbrio, fé mais profunda e alegria crescente. É para lá que estamos indo. Vamos dar o primeiro passo agora, procurando compreender o problema da ira contra nós mesmos.

Compreendendo a ira contra nós mesmos

Para começar, perceba que todos os temas observados em outras formas de ira

também estão presentes na ira que sentimos contra nós mesmos. Nós reagimos a uma injustiça percebida em algo que importa para nós. A ira nos motiva a pensar, a falar e a agir de modo a punir o malfeitor – a diferença é que, dessa vez, os culpados somos nós mesmos.

Você se coloca no papel de um deus implacável. Fui eu quem determinei os critérios que violei; logo, eu estou irado comigo mesmo. Devo sofrer o castigo a fim de expiar minhas transgressões contra mim mesmo. E eu aplicarei o castigo ao malfeitor, que sou eu.

E você também se coloca no papel de vítima lesada. Eu falhei comigo mesmo por erro meu, envergonhando-me. Eu me ofendi. A pessoa que eu acredito que deveria ser, a pessoa que eu apresento aos outros, a pessoa que eu gosto de pensar que sou, essa boa pessoa foi ferida e desonrada por uma pessoa má. E a pessoa que está arruinando minha vida sou eu.

É um emaranhado e tanto em que nos metemos.

Antes de considerarmos o problema, já adianto que não vou dizer: “Você nunca deve julgar a si mesmo. Aceite-se. Você é ótimo do jeito que é. Você tem valor intrínseco simplesmente por ser uma pessoa, então fique à vontade para se sentir bem consigo mesmo”. Julgar a nós mesmos faz parte da nossa humanidade. O dia em que você parar de se avaliar será o dia em que parar de respirar. Nossa intenção é educar a consciência, não neutralizá-la ou agradá-la. Parte da sanidade consiste em saber que não está tudo bem conosco. Portanto, enfrentamos um dilema. Não queremos fechar os olhos para nossos erros reais, mas também não queremos mergulhar num sentimento de culpa e ficar obcecados por eles. Como posso saber quem realmente sou diante de Deus e, ao mesmo tempo, encontrar o caminho para a verdadeira paz, alegria e gratidão?

Esse terreno é familiar para todos nós. Vamos explorá-lo juntos.

Erros que suscitam ira contra nós mesmos

Como vimos, a ira é uma reação a algo que tem importância e que parece estar errado. Agora, vejamos quatro razões pelas quais as pessoas sentem ira contra si

mesmas. Primeira: um erro pessoal específico é a chave mais óbvia que liga os motores da autocondenação. Considere alguns exemplos disso:

Você se descontrolou com as crianças pela enésima vez. Muitas vezes você havia jurado nunca mais fazer isso, mas a ira deu meia-volta e o atingiu de novo. Você fica irado consigo mesmo por ficar irado com os outros.

Você comeu bolachas e sorvete no meio da dieta. Agora, a culpa o consome. Você se odeia por estar se sentindo empanturrado e por ter tão pouco autocontrole.

Você usou drogas ou se embriagou de novo e agora sente repulsa de si mesmo. Então, falta ao trabalho porque não consegue enfrentar as pessoas. É grosseiro com os amigos, com o cônjuge ou com filhos, mas, por dentro, está extremamente aborrecido consigo mesmo.

Esses são alguns exemplos do tipo simples de ira que você sente quando faz algo errado, e sua consciência se vinga.

Esse é seu caso? Você se condena por um erro pessoal específico?

No entanto, as coisas nem sempre são tão simples assim. Outros fatores podem complicar o problema da ira contra nós mesmos. Essas outras razões são mais complexas.

Segunda: você pode sentir ira contra si mesmo por causa de um erro que parece ter sido culpa sua, mas que é produto das circunstâncias. Por exemplo, você ficou doente no segundo ano de faculdade e teve de abandonar o curso. Por diversos motivos, sempre faltou tempo e dinheiro para concluir sua formação. Embora não tenha errado, você sente que errou. Você sente vergonha e se critica. Ou, talvez, lá pelos seus 50 e poucos anos de idade, a economia tenha entrado em recessão. Sua empresa demitiu 4.500 funcionários, incluindo você. Algumas pessoas nessa situação ficariam iradas com o patrão, com a empresa ou com a economia. Mas você leva para o lado pessoal. Já logo pensa que desapontou seus entes queridos e manchou o nome da família. Os suicídios que se seguem a um desastre econômico – por exemplo, o de Wall Street em 1929 ou o de Seul em

1995 – nem sempre acontecem porque a pessoa fez algo particularmente errado. A autocondenação, a vergonha, o desespero e a violência vêm em conjunto para punir o transgressor e o erro identificados em nós.

Esse é seu caso? Você se condena por algo, mas na verdade foi vítima das circunstâncias?

Terceira: você pode sentir ira contra si mesmo por aquilo que alguém fez com você. Sua mãe biológica colocou-o para adoção. Isso o leva a achar que há algo de errado com você. Um primo mais velho molestou-o sexualmente quando você era pré-adolescente. Você acredita que deve ter feito algo para merecer isso e que Deus o estava punindo. Seu pai sempre o chamou de "burro". Deve ser verdade. Depois de vinte anos de casamento, seu cônjuge fugiu com alguém mais jovem e mais bonito. A rejeição faz com que você se sinta defeituoso(a) além de, agora, ser um pai (ou uma mãe) que cria o(s) filho(s) sozinho(a). A mancha simplesmente não sai de você. Em cada um desses casos, embora o erro tenha sido de outra pessoa, você sente que errou e carrega o estigma.

Esse é seu caso? Você se condena por causa de algo que outra pessoa fez com você?

Quarta: a ira e as críticas contra si mesmo podem não estar associadas a uma ofensa específica que você tenha cometido nem a golpes que tenham sido desferidos contra sua pessoa. Esse tipo de ira pode ser uma declaração universal de uma existência sem valor: "Sou um zé-ninguém. Minha vida não tem significado algum". Você se odeia simplesmente por ser você mesmo. Seu crime é existir. Você nunca terá importância. Sua vida é inútil. Você é um erro – alguém incorrigivelmente insignificante. Ainda que não consiga apontar para nada específico, você vive com uma sensação generalizada de condenação. Sua consciência está sempre falando a língua da reprovação e da desvalorização.

Esse é seu caso? Você se condena simplesmente por ser você?

Portanto, dizer: "Errei e me odeio por causa disso" não é o único caso possível. E a ira pura não é o único sentimento em jogo. Nas descrições que fiz, você deve ter observado como ela vem bem misturada a outras emoções da mesma família, como o desespero, a repulsa, a culpa, a vergonha e o medo.

Três perguntas para ajudá-lo a entender a ira contra si mesmo

Vamos analisar as razões mais profundas da ira que você sente contra si mesmo. Para começar, é preciso considerar que padrão você usa para medir seu fracasso. (A propósito, esse é o mesmo padrão que você usaria para medir seu sucesso.) Imagine seus padrões como degraus que você está tentando subir. Responder a três perguntas sobre os seus degraus o ajudará a compreender a verdadeira causa da ira contra si mesmo, a descobrir de que maneiras ela é correta ou inadequada e o que fazer em ambos os casos.

1. Que escada você está subindo?

2. De quem é a escada que você está subindo?

3. Quem poderá lhe segurar se você cair?

Consideremos cada uma dessas três perguntas.

Que escada você está subindo?

O padrão que você usa define os objetivos que você busca. Os degraus que você sobe dão sentido à sua vida. Você está subindo em direção àquilo que admira e valoriza, à razão da sua vida. A ira contra si mesmo sempre diz respeito a algo que você acha que deveria ser e fazer. Você está sempre subindo, procurando alcançar seu padrão. E, quando não consegue, sente-se condenado. Considere os seguintes exemplos.

1. Eu me odeio porque sou feio, fraco e desajeitado.

Qual é o padrão em que me baseio para me censurar? Estou subindo uma escada

de dotes físicos. Beleza, força e agilidade definem o sucesso ou o fracasso. Se não sou fisicamente perfeito e forte, sinto que sou defeituoso.

2. Eu me condeno porque não sou tão extrovertido quanto os outros e me sinto muito inseguro nas situações sociais.

Qual é o padrão que eu violo? Estou subindo a escada da aprovação alheia, e estar à vontade num grupo é minha definição de valor.

3. Sinto-me um fracassado porque não fui um aluno nota 10, porque não me casei, porque não alcancei o topo da minha carreira ou porque não ganho tanto quanto meus pais e meus irmãos.

Que escada estou subindo? Preciso alcançar determinado nível de realização nos contextos da educação, do casamento, da profissão e do dinheiro. A definição do que tem importância me estigmatiza como um fracassado.

4. Tenho a sensação de que minha vida é um erro porque minha mãe biológica me colocou para adoção.

O padrão? Para ser uma pessoa válida, seus pais biológicos precisam amá-lo. Caso o rejeitem, você será um renegado.

5. Há algo muito errado comigo porque fui molestado sexualmente.

O padrão? Para ser uma pessoa válida, não posso ter sofrido violação nas mãos de um malfeitor.

6. Eu me sinto como alguém de segunda classe por causa da minha origem étnica e cultural ou porque tenho uma deficiência.

A escada que estou subindo diz que eu não sou um ser humano digno se minha pele for da cor errada, se eu tiver vindo de determinado contexto cultural ou se eu tiver uma deficiência.

7. Eu me odeio porque dormi com minhas namoradas ou namorados, ou ambos, e vejo pornografia. Sinto-me sujo e humilhado.

Qual é a escada que define meu fracasso? O amor protege a pureza do outro; logo, a imoralidade sexual é errada.

8. Eu me odeio porque roubei dinheiro do meu local de trabalho e soneguei impostos. Sinto-me destruído pela culpa, como se a palavra ladrão estivesse escrita na minha testa.

O padrão? O amor é honesto e digno de confiança nas transações financeiras; logo, roubar é errado.

9. Eu ouço uma voz de autocondenação o tempo todo na minha cabeça porque fiz um aborto. Todas as razões que as pessoas dão para justificar essa prática soam como meras desculpas.

O padrão? O amor protege e conserva a vida de uma pessoa inocente e indefesa, mas eu pus fim à vida de um menino ou de uma menina que dependia de mim.

Vamos fazer duas coisas com essa lista. Primeira, é sempre bom personalizar as informações. Por acaso alguma dessas nove escadas identificam insatisfações que você sente consigo mesmo? Ou será que você se identifica com outras escadas parecidas? Há semelhanças entre nós, mas cada um acrescenta seu toque pessoal de acordo com a escada que está subindo. Quais são os padrões que definem se sua consciência o aplaude ou o condena?

Segunda, repare em algo nessa lista de nove maneiras que costumamos usar para

nos avaliar. Ela mistura três tipos muito diferentes de escada. E o tipo de escada que você está subindo faz uma grande diferença, pois alguns desses padrões são verdadeiros e outros são falsos. Alguns padrões possibilitam que nos avaliemos com precisão. Outros fazem com que nos julguemos mal.

Os primeiros três padrões expressam valores sociais comuns. Nós nos avaliamos (e os outros nos avaliam) segundo nossos atributos físicos, habilidades sociais e realizações. Será que é verdade que sua aparência, suas habilidades sociais e suas conquistas definem se você é uma pessoa de valor ou sem valor? Não. Esses são padrões falsos. Eles o avaliam de acordo com as coisas boas que você recebe (ou não) da vida. Essas não são questões morais. Quando tais padrões passam a ser seus critérios, a autocondenação (ou a autoafirmação) é baseada num valor falso. Não é pecado nascer sem beleza ou inteligência. Um aspecto do profundo efeito de distorção do pecado é acharmos que tais coisas são pecados.

Os três padrões seguintes descrevem acontecimentos marcantes que algumas pessoas vivenciam. Podemos nos avaliar negativamente (e os outros também) porque fomos colocados para adoção, traídos sexualmente ou postos em situações de constante desconforto por causa de intolerância. É verdade que sua vida só é válida se você não for adotado, estuprado ou discriminado? Será que você é, de alguma maneira, invalidado caso tenha passado por essas coisas? Não. Tais avaliações são falsas. Esse padrão o avalia segundo as coisas difíceis que você enfrentou na vida. Estas são questões morais (e, no caso da adoção, uma mistura de erros e acertos). Mas de modo algum o erro foi seu. O padrão é falso. Se tais experiências o condenam, você está sendo condenado por uma mentira. Um aspecto da cegueira escravizadora do pecado é acreditarmos em falsidades.

Os três últimos itens descrevem pecados que as pessoas cometem. Podemos nos julgar (e os outros também) por imoralidades, roubos ou assassinatos. É verdade que você se condena justamente se for promíscuo, roubar ou matar? Sim. Esses padrões avaliam o tipo de pessoa que você é. Eles descrevem verdadeiras falhas morais. Você exerce bom juízo quando se observa através dessas lentes. Sua consciência é feita para aquilo que é verdadeiro. Se tais ações o condenam, você está se avaliando corretamente. Um aspecto da misericórdia e da graça libertadora de Deus é ver o bem e o mal como eles realmente são.

O tipo de escada que você está subindo faz uma grande diferença. Imagine-se, por exemplo, no estacionamento de um grande supermercado. O prédio tem paredes de 9 metros de altura feitas com blocos de concreto. Você tem duas

escadas, uma com 4,5 metros de altura e outra com 10,5 metros de altura. Sua intenção é subir ao telhado. (Alerta: não tente fazer isso na vida real.) Depois de vendar seus olhos, um amigo apoia ambas as escadas contra a parede externa da loja. Sem olhar, você escolhe uma delas e começa a subir.

O que acontece se você começar a subir a escada de 4,5 metros? Terá um problema – um problema insuperável. Afinal, ela mal chega à metade da parede. É uma escada que dá no nada. Mesmo se subir até o último degrau, você não terá chegado a lugar algum. Estará apenas empacado no meio do caminho rumo a um precipício de 9 metros de altura. Não importa quanto você tente, nunca chegará ao telhado. Os seis primeiros itens da nossa lista são escadas de 4,5 metros. Eles nunca nos levarão a lugar algum. Odiar-se por errar é um desperdício de ira e culpa. O verdadeiro erro é passar a vida inteira escalando degraus que levam ao nada em vez de subir uma escada que realmente leva a algum lugar.

Quando você está comprometido a subir uma escada de 4,5 metros, a vida nunca anda para frente. Não é possível eliminar os “erros” ou fazer com que as coisas difíceis que lhe aconteceram desapareçam. Você pode até sentir uma felicidade temporária quando subir alguns degraus, mas ficará decepcionado ao constatar que o sucesso não é aquilo que você esperava. Se alguém estiver numa posição mais elevada na escada, você terá inveja e achará que é inferior por causa disso. Ou seja, você é um fracassado relativo. Se houver alguém mais abaixo na escada, você se sentirá superior e desprezará essa pessoa. E se alguém o tentar ultrapassar? Você competirá como um louco para escalar os degraus primeiro – rumo ao nada. Você nunca conseguirá chegar ao telhado. E, no fim, ainda acabará deprimido.

As escadas de 10,5 metros, por sua vez, alcançam o telhado. Esses padrões revelam o tipo de pessoa que você é. Alguns leitores provavelmente observaram que três dos dez mandamentos foram expressos ali em linguagem informal: roubo e outras fraudes financeiras (oitavo mandamento), adultério e outras imoralidades (sétimo mandamento), assassinato e outras agressões (sexto mandamento). Todos os mandamentos de Deus nos ensinam qual é a aparência da fé e do amor. Abra seu coração para ele. Eleve suas mãos e peça ajuda. Ame o seu Deus com todo o seu ser. Confie nele. Ouça-o, refugie-se nele, apegue-se a ele, obedeça a ele, tema-o, regozije-se nele. Essas escadas alcançam o topo do edifício. E ame as outras pessoas com o mesmo interesse que você tem por si mesmo. Dê-lhes aquilo de que precisam. Perdoe-as. Importe-se com elas. Ajude-as. Estas também são escadas de 10,5 metros.

As grandes escadas humilham-nos com nossos erros. E todos carecemos de mais fé e amor. É uma grande graça quando passamos a perceber que esses são nossos verdadeiros erros. Quando aquilo que mais o aflige a seu próprio respeito é a falta de confiança e amor, você se torna consciente do egocentrismo, a praga mais profunda do seu coração. E, no paradoxo da graça divina, o reconhecimento dos erros nas escadas mais altas abre os seus olhos para algo surpreendentemente maravilhoso. Você passa a compreender o amor de Jesus porque percebeu que necessita da sua misericórdia, proteção e força mais do que de qualquer outra coisa no mundo.

Nosso experimento no estacionamento do grande supermercado ensina algo profundo sobre a ira que sentimos contra nós mesmos. Descobrir o padrão que está sendo seguido é o primeiro passo para endireitar uma consciência distorcida e compreender esse sentimento. Sua autoavaliação é baseada num padrão preciso ou impreciso? Você está preso numa escada que dá em lugar nenhum? Você se odeia por ter caído de uma escada que não o levou a lugar algum, mesmo tendo alcançado o topo? Ou será que você está procurando subir uma escada que realmente dá em algum lugar? Ainda que esteja aquém do ideal, você está abrindo seu coração para o amor de Deus em vez de se limitar a ranger os dentes? Essa é a primeira pergunta que nos ajuda a obter uma sanidade profunda.

No entanto, há uma segunda maneira, igualmente profunda, pela qual a consciência é deturpada.

De quem é a escada que você está subindo?

Quem criou o padrão que você está usando? Quem fez a escada? Aos olhos de quem você é responsável? De quem é a opinião que mais importa? Quem é a pessoa que você deve agradar? Quem é o juiz cuja opinião é a mais importante? Só há três opções. Você se avalia ora segundo seus próprios olhos, ora segundo os olhos de outras pessoas, ora segundo os olhos de Deus.

Opção 1: Você é o juiz cujas opiniões importam no seu universo? Foi você quem criou o sistema de valores pelo qual se avalia? É diante dos seus próprios olhos que você fracassa (ou é bem-sucedido)? O sentido da sua vida é definido pela sua autoestima, isto é, depende de se você considera a si mesmo bom o

suficiente ou não?

Opção 2: As outras pessoas atuam como juízes no seu universo? Foram elas que criaram o sistema de classificação a ser seguido? É diante dos olhos das outras pessoas que você fracassa (ou é bem-sucedido)? O sentido da sua vida é definido pela sua reputação perante os outros, isto é, depende de se eles o consideram bom o suficiente ou não?

Opção 3: Deus é o juiz cuja opinião é a mais importante do seu universo? Foi ele quem projetou o padrão que define uma existência humana verdadeira e próspera? É diante dos olhos dele que você fracassa (ou é bem-sucedido)? O sentido da sua vida é definido pela sua fidelidade perante o tribunal de Cristo, isto é, depende de se Deus o aceita por tê-lo tomado como filho amado ou não?

Só há três opções. Nas duas primeiras, a consciência é distorcida por se procurar viver diante dos olhos errados. Logo, a autocensura nesses casos é distorcida porque diz respeito ao que eu penso sobre mim mesmo ou ao que você pensa sobre mim. A terceira opção é sensata. Tanto minha autocensura quanto a ausência dela fluem do bom juízo e da profunda misericórdia de Deus. Minha autoavaliação espelha o que meu Pai pensa sobre mim. Essa é uma das implicações do provérbio: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (9.10). O temor do Senhor significa que o olhar dele é importante para você. É diante dele que você fica em pé ou cai – e ter consciência disso é o primeiro passo para se levantar. A opinião que ele tem sobre você é importante. A avaliação dele faz uma diferença de vida ou morte.

Usar o padrão correto e prestar contas à pessoa certa esclarece a autocensura. Mas e depois? Para onde você se volta quando se decepciona consigo mesmo? Recentemente, assisti a um programa sobre ensino fundamental na televisão. Uma psicóloga educacional disse quatro coisas a um grupo de alunos da quarta série:

Diga a si mesmo que você não é definido pela sua aparência, pelo que as outras pessoas dizem e nem mesmo por aquilo que você conquista;

Caso se sinta decepcionado consigo mesmo, aprenda a motivar-se todos os dias;

Diga a si mesmo que está tudo bem com você;

Você pode realizar seus sonhos se acreditar em si mesmo.

Ela queria libertar os alunos da autocrítica. Até aí, tudo bem. Concordo plenamente com o primeiro item. Ali, ela desmistifica as três primeiras escadas de 4,5 metros que anteriormente mencionamos neste capítulo. Ela reconhece que a aparência, a opinião alheia e as realizações próprias não servem como padrões. Porém, considere a solução que ela sugere. Os últimos três itens baseiam-se no princípio de que você vive apenas diante dos seus próprios olhos. Para salvar-se de si mesmo, ela diz que você deve afirmar ser seu próprio salvador: "Você consegue. Está tudo bem com você. Acredite em si mesmo". Ela percebeu alguns padrões errados, mas incentivou os alunos a levar em consideração a pessoa errada: eles mesmos. Assim, seu evangelho simplesmente sugere mais uma escada de 4,5 metros como alternativa para as outras que não funcionam. Ela disse meras superficialidades.

É preciso ir mais a fundo, pensar melhor e observar com atenção para onde nos voltamos quando as vozes condenatórias nos afligem.

Para onde você se volta quando está irado consigo mesmo?

Esta é a pergunta mais importante de todas.

Será que está nas suas mãos resolver tudo? Assim que passamos a seguir o padrão correto e levar em consideração a pessoa correta, torna-se muito mais fácil descobrir quem deve nos salvar da nossa autocondenação. A salvação vem de fora. A alegria suprema do ser humano é conhecer seu Pai, seu bom Pastor, seu Espírito vivificante. O Deus vivo e pessoal ama você e endireitará todos os males, incluindo aqueles que você mesmo causou. A ira de nosso Senhor contra nós é sempre justa, mas suas misericórdias são mais profundas.

Quem pode segurá-lo se você cair? Quem pode libertá-lo da sua sensação de fracasso pessoal? Quem pode reestruturar sua consciência de modo que você passe a se avaliar de modo verdadeiro? Quem pode reestruturar sua consciência de modo que você passe a levar em consideração a pessoa correta? Quem o

amará e ajudará?

As misericórdias dele são mais profundas do que qualquer voz negativa e acusatória no seu interior.

Sempre que vozes iradas o censurarem, o amor de Jesus virá ao seu encontro. O Pai de todas as misericórdias é misericordioso para com as pessoas que precisam de misericórdia. Se seu coração for implacável e você estiver voltado para si mesmo nesse momento, ele o convida a pedir ajuda. Ele se inclina e ouve. Ele conhece seus pecados e suas dores. Ele sabe como você pensa e sente. Ele se importa. Ele o tomará pela mão e o conduzirá de volta à luz. Ele o receberá calorosamente: “Venha a mim quando estiver lutando e sobrecarregado”. Ele lhe dá uma nova identidade: “Você é meu filho amado”. Ele lhe dá um novo propósito: “Você é meu servo”. Ele lhe dá graça: “Você está perdoado de verdade”. Ele o tranquiliza: “Você não é responsável pelo que lhe aconteceu. Foi difícil, ou até mesmo mau. Mas vou atravessar este vale escuro com você, ao seu lado”.

Como sabemos essas coisas? Tome para si as palavras de Deus em Romanos 8.

Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (v. 1). Se depender apenas de mim, sou justamente condenado por Deus. O diabo, as outras pessoas e a minha consciência também me condenam. Contudo, se estiver no amor de Cristo, eu sou livre. O diabo e as outras pessoas podem até continuar a me condenar, mas minha consciência poderá dizer: “Fui verdadeiramente perdoado e recebido no lar. Obrigado, meu Senhor e meu Deus!”

Se Deus é por nós, quem será contra nós? (v. 31) Como já dissemos, o Acusador está sempre contra mim. Além disso, outras pessoas podem estar contra mim e minha consciência pode estar contra mim. No entanto, se Deus for verdadeiramente por mim, não preciso mais me condenar.

Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós (v. 34). Quem me

condenará? Se aquele que morreu em meu lugar está vivo agora e intercede por mim em amor, por que eu deveria continuar me condenando?

A coisa mais sombria que você já fez, a coisa mais horrível que já lhe aconteceu – nada pode separá-lo do amor de Cristo (v. 35). O pesadelo da autorrecriminação passa a ser iluminado por razões para ter gratidão, alegria e propósito. Uma voz de misericórdia toma o microfone e silencia as vozes cruéis de condenação. Não é preciso negar coisa alguma. Você pode encarar tudo o que há de errado. Mas não precisa se desesperar. Permita-me dizer mais uma vez: mesmo quando a autocondenação é implacável, o Pai de todas as misericórdias é misericordioso para com as pessoas que precisam de misericórdia. Ele é misericórdia. E ele vem buscá-lo pessoalmente.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Revisite as perguntas que fiz neste capítulo. Que tipo de erro atua como gatilho para o redemoinho da autocondenação na sua vida?

É um erro moral real?

É uma questão não moral, um valor social que não tem importância no fim das contas?

É algo que aconteceu com você?

É algo que outra pessoa fez com você?

2. Leia 1Coríntios 4.1-5 e reflita. Como Paulo descreve a liberdade de viver diante dos olhos errados?

3. Medite um pouco sobre Salmos 25. Observe três coisas em particular.

De que maneira essas palavras podem tirá-lo da espiral de autocondenação causada por falhas morais?

De que maneira elas o ensinam a falar sobre as experiências difíceis pelas quais você passou?

O que Deus faz e mostra sobre si mesmo que possibilitaria uma conversa sobre essas experiências?

4. A ira contra nós mesmos é um buraco negro. A autocensura volta-se para dentro e nos puxa para baixo. Perceba, porém, como o hino abaixo inverte esse movimento. De que maneira a graça de Cristo nos liberta da condenação e nos dá alegria? Permita que este cântico o traga para fora e o leve àquele cujas misericórdias se renovam a cada manhã.

Das profundezas da angústia

Das profundezas da angústia, eu levanto a ti a voz da lamentação;

Senhor, ouve-me com bondade e escuta minha oração;

Se observas as iniquidades, os pecados secretos e as mais sombrias impiedades,

Ó, quem poderá subsistir diante de ti?

Somente a graça pode a mancha carmesim eliminar;

As obras são vãs; até a melhor vida deixa muito a desejar;

Nenhum homem pode, aos teus olhos, se gloriar; todos devem o teu poder confessar,

E apenas pela misericórdia viver.

Assim, minha confiança não está em meu próprio mérito, mas no Senhor;
Nele repousa minha alma, sua Palavra sustenta meu espírito sofredor;
Sua misericórdia prometida é meu forte, meu conforto e meu suporte;
Eu aguardo por ele com paciência.

E, embora meus sofrimentos sejam sombrios, Cristo é minha consolação.
Ele é meu refúgio dia após dia, minha elevada fortaleza de salvação.
Minhas lágrimas de dor ele enxugará, o pó da morte com chuva lavará.
E agora eu canto diante de ti.

E, ainda que eu aguarde a longa noite até o raiar do dia,
Meu coração não duvida nem teme; ele no teu poder confia;
Fazei isso, ó semente de Israel, pelo Espírito filhos do céu;
E espera até que Deus apareça.

Sua graça abunda sobre grandes pecados e mágoas que causam dor;
Nossa maior necessidade ela sonda; desconhece limites o seu amor amparador.
Nosso bom e fiel Pastor será também finalmente de Israel o libertador
De todo pecado e sofrimento.

Das alturas da alegria, eu levanto a ti a voz da exultação;

Senhor, volta para mim o teu rosto glorioso; recebe minha adoração.

Tuas misericórdias triunfam em liberdade por meio de Jesus Cristo que veio em meu resgate.

Com alegria, coloco-me diante de ti.

Letra: Estrofes 1-3, 5-6, Martinho Lutero; estrofes 4 e 7, anônimo.

Música: Christopher Miner

Capítulo 17

Ira contra Deus

A maioria das discussões sobre ira não menciona a ira contra Deus. Elas estão certas ao discutir questões como conflitos interpessoais, explosões de fúria no trânsito, vingança ou amargura. No entanto, a ira é explorada apenas como uma experiência interior e um acontecimento interpessoal. De modo geral, a ira contra Deus, uma atitude profundamente significativa, não costuma ser mencionada.

Trata-se de um importante ponto cego. Na realidade, a inimizade contra Deus é uma característica própria dos seres humanos, inerente a eles. Na prática, é isso o que significa quando dizemos que a humanidade está caída. Contudo, essa inimizade constante geralmente se dá em silêncio, em segundo plano. É como a gravidade: raramente notada, mas sempre em ação. Entretanto, quando provocada ela mostra os dentes com surpreendente grau de hostilidade. A Bíblia sinaliza esse tipo de ira diversas vezes. Por exemplo:

Muitas pessoas culpam Deus quando não conseguem alcançar seu objetivo de vida. “A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o Senhor que o seu coração se ira” (Pv 19.3).

Quando os filhos de Deus estavam peregrinando no deserto, ele resumiu a atitude deles da seguinte maneira: “esta má congregação que murmura contra mim” (Nm 14.27). Argumentar com Deus é uma característica humana básica.

Quando as dificuldades parecem ser avassaladoras, Deus costuma ser usado como bode expiatório. Diante da dor inexorável de Jó, a reação de sua esposa foi: “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9).

Quando Deus abençoa alguém que esperávamos ser amaldiçoado, a ira pode

irromper também. Deus teve misericórdia de Nínive, e “com isso, desgostou-se Jonas extremamente e ficou irado” (Jn 4.1).

Muitas vezes, quando homens e mulheres colhem o que plantam, eles julgam com dureza Aquele que os julga justamente. As pessoas “blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras” (Ap 16.11).

Com frequência, a hostilidade contra Deus acaba atingindo seus servos. Por exemplo, Davi e Jesus proferiram estas palavras: “as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim” (Sl 69.9; Rm 15.3).

Deus entrou em cena pessoalmente quando o Filho de Deus foi concebido no ventre de Maria. Então, os Evangelhos testemunham da contínua animosidade que Jesus enfrentou: no seu nascimento, durante todo o seu ministério e na sua traição e morte. “O mundo […] a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más” (Jo 7.7).

A natureza humana não mudou. Há algo instintivo, irracional, compulsivo e virulento na ira contra Deus. Não faz sentido morder a mão que nos alimenta, odiar o Pai que concede e sustenta a vida. Ele é bom, e ele faz o bem. Ele é compassivo, gracioso, paciente, cheio de benignidade e fidelidade. Ele perdoa gratuitamente. Suas misericórdias se renovam a cada manhã. Não obstante, nós o odiamos instintivamente porque ele insiste numa coisa: “Ouça-me”.

Essa insistência insulta nosso orgulho e obstinação. Somos como adolescentes, com alergia a qualquer tipo de autoridade. Como já vimos ao examinar Tiago 3–4, o desejo de autoexaltação é o motor da ira pecaminosa. Ao amar a nós mesmos e ao mundo, nós não damos ouvidos a Deus. Vivemos em inimizade contra o Senhor que fomos feitos para amar.

Entendida desse modo, percebemos que a ira contra Deus não é, em primeiro lugar, um sentimento. É uma postura que assumimos, um comprometimento do coração. Você se lembra que dissemos, muitos capítulos atrás, que as motivações que nos levam a agir como se fôssemos deus subjazem àquilo que chamamos de “explosões de ira” – demonstradas por uma mente crítica, ações conflituosas, emoções acaloradas e corpo agitado? Às vezes, a ira contra Deus eclode na forma de palavras hostis, sentimentos de raiva e ações violentas. É por isso que

muitos salmos oram pedindo proteção divina contra as tempestades de agressão gratuita que Jesus enfrentava continuamente.

No entanto, na maioria das vezes as pessoas que sentem uma ira profunda contra Deus simplesmente seguem seu próprio caminho, construindo um reino centrado em si mesmas. Elas se dedicam a inventar uma realidade virtual. Agem como se meras criaturas humanas tivessem o poder e o direito de definir sua identidade, seu propósito de vida, sua cosmovisão, seu significado, sua sexualidade, seu senso de certo e errado e assim por diante. De modo silencioso e constante, a vida cotidiana suprime o fato de que cada um de nós deverá prestar contas àquele que verdadeiramente define a realidade. As realidades virtuais são castelos de areia, facilmente levados pelas ondas. E, cedo ou tarde, a ira dará lugar ao temor: "Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro" (Ap 6.16).

E, contudo, é somente esse Pai, esse Cordeiro, esse Espírito vivificante que nos pode salvar… de nós mesmos. Nossa resistência constante e persistente a Deus costuma ser um simples estado de loucura. Não obstante, ela é a essência do pecado, a força propulsora do mal. Se é que posso me apropriar de uma expressão pungente de Sigmund Freud e inverter seu significado, o orgulho é a "neurose obsessiva universal"*da humanidade. E Jesus Cristo realiza a única psicoterapia capaz de curar nossa alma.

Suspeito que poucos leitores que chegaram até aqui tenham a ira contra Deus como motivação central do coração. Somos irmãos e irmãs alcançados pelo amor redentor. Porém, ainda assim, lutamos, não é mesmo? Por exemplo, lutamos com nossa inconstância, o instinto orgulhoso que ainda atua em nós, ainda que tenhamos sido humilhados pelas misericórdias de Cristo. Nosso eu verdadeiro almeja entregar-se totalmente à vontade do Senhor, mas que esperança há quando percebemos que as sementes da resistência a Deus ainda estão muito vivas no nosso interior? Ou quando nos sentimos decepcionados e desiludidos porque a vida em Cristo é mais difícil do que imaginávamos? Ou quando nos sentimos indiferentes e apáticos com relação às coisas de Deus? Ou quando alguém nos promete que determinada verdade, determinada disciplina espiritual, determinado relacionamento de prestação de contas ou determinada igreja local é o segredo para fazer com que tudo seja diferente, mas no fim das contas nada muda? Ou quando o povo de Deus nos decepciona e comete abertamente uma injustiça contra nossa pessoa, deixando-nos compreensivelmente irados e fazendo com que nossa ira atinja também o Deus e Pai de todos nós? O que nós

fazemos?

Reflita comigo sobre duas coisas: um pequeno trecho da Bíblia e a história de um dos maiores reis pagãos que já existiu. Mais adiante, na seção de aplicação pessoal deste capítulo, também falaremos sobre uma mãe solteira adolescente que soube lidar com a situação da maneira correta.

Primeiro, considere este pequeno trecho da Bíblia: “Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6). Nós já vimos isso quando consideramos a maneira como Tiago 3–4 fala aos nossos conflitos com outras pessoas. Essa passagem transmite a mesma mensagem de esperança para os casos em que estamos lutando do lado errado, contra o nosso Deus. Ele dá maior graça. Ele chama nossa atenção quando ficamos orgulhosos e irados. E, quando o ouvimos e o buscamos, descobrimos que ele realmente dá graça e misericórdia para ajudar-nos no nosso momento de necessidade.

Agora, considere a vida de Nabucodonosor, um rei muito importante com um longo histórico de hostilidade audaciosa contra o Altíssimo. Deus procurou trazê-lo de volta à realidade muitas vezes. Em determinada ocasião, o rei proibiu seus súditos de adorar qualquer pessoa ou objeto exceto a imagem de ouro que ele fabricara. Três homens desobedeceram, adorando ao Senhor e recusando-se a prostrar-se diante da imagem de ouro. Enfurecido, o rei ordenou que fossem queimados vivos. Todavia, um quarto homem – o Senhor – surgiu no meio do fogo, caminhando com seus leais amigos naquela provação ardente. Nabucodonosor ficou aterrorizado.

Não obstante, ele logo se esqueceu do que havia aprendido. Seu orgulho insano chegou aos céus. Ele atacou o Deus da glória ao proclamar sua própria glória, majestade e grandeza. Então, o céu afligiu-o com um estado mental de loucura. Porém, sete anos depois algo extraordinário aconteceu, do qual o rei deu testemunho.

Eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno. (Dn 4.34)

Sua sanidade e seu reino foram restaurados em sua humildade. “Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalço e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba. (Dn 4.37)

O Rei dos reis é capaz de humilhar aqueles que andam em soberba. No fim, Nabucodonosor tornou-se um modelo de humildade para o próprio filho orgulhoso, Belsazar (Dn 5.18-22). O Altíssimo livra-nos da loucura da nossa inimizade, ira e agressão. Ele tem poder para nos tornar sãos. Nós retornamos à nossa posição correta, de criaturas terrenas e dependentes que reconhecem a glória de Deus.

Quando os conselhos deixam de fora a questão central da ira contra Deus

Nós já vimos o que nosso Senhor diz sobre a ira contra ele, seja na forma “pura” daqueles que vivem em inimizade contra sua pessoa, seja na forma mista que nós, os seus filhos, podemos sentir – e, de fato, sentimos. Qual é a diferença entre o que consideramos até aqui com base nas Escrituras e o conteúdo dos livros cristãos de autoajuda que falam especificamente sobre a ira contra Deus? Os livros tendem a perder de vista o cerne do que realmente acontece na ira, fazendo com que seus conselhos não sejam proveitosos. Os conselhos direcionados àqueles que têm raiva de Deus costumam ser mais ou menos assim:

Lembre-se de que a raiva simplesmente “é” – ela não é boa nem má. Não tem problema sentir raiva de Deus. Ele nos criou com esse sentimento.

Muitas vezes, Deus nos decepciona. De que outra maneira poderíamos explicar as tristezas da vida ou as coisas difíceis que acontecem? Se ele está no controle, poderia tê-las impedido, mas não o fez.

Você pode descarregar sua ira em Deus. Ele age com maturidade, e o amor maduro é capaz de absorver a ira do amado. Não tenha medo de dizer-lhe

exatamente como você se sente e o que pensa. Deus deseja ter um relacionamento sincero. Muitos salmos retratam a ira contra Deus. Se outras pessoas piedosas sentiram raiva dele, você também pode sentir. Não censure seus sentimentos nem suas palavras. Expresse-se da maneira como está se sentindo para não agir com hipocrisia.

Você precisa perdoar Deus. O perdão é o oposto da ira, e você precisa abrir mão da hostilidade se quiser ficar em paz consigo mesmo e começar a construir um relacionamento de confiança com Deus. Perdoe-o por tê-lo decepcionado.

Plausível? Muitas pessoas acham que sim. Coerente? Até que faz sentido. Verdadeiro? Não, essas quatro doutrinas não são verdadeiras. Elas confundem a questão em vez de esclarecê-la.

Como dissemos, uma maneira proveitosa de tratar a ira contra Deus é abordar esse problema específico como qualquer outro caso de ira. Pergunte-se o que é que você deseja, mas não está recebendo. Qual das suas crenças Deus está contradizendo? Quais expectativas foram frustradas? Quais exigências você fez à vida – a Deus – que não estão sendo atendidas? Trate a ira contra Deus como qualquer outra ira. Você certamente encontrará exigências pessoais e dominadoras que foram feitas contra Deus e que até mesmo tomaram o lugar dele. Citando as palavras perspicazes de Bob Dylan, nós tratamos Deus como "um assistente para satisfazer nossos desejos errantes", mas ele se recusa a desempenhar esse papel.1

Às vezes, as expectativas frustradas são simplesmente erradas. Por exemplo, um ateu se ira porque as declarações de Deus ameaçam os fundamentos sobre os quais ele baseia sua vida. Ele insiste na autonomia pessoal e na autoridade suprema da sua própria opinião e obstinação. Quando desejamos controlar o mundo, obter independência daquele de quem fomos feitos para depender, criar nosso próprio sentido para a vida, estamos sendo tolos. Nesses casos, a ira contra Deus é errada porque os desejos são totalmente errados em si mesmos.

Em outras situações, as expectativas frustradas são coisas boas. Por exemplo, uma criança ora pelo pai, que está morrendo de câncer. Ela fica com raiva de Deus quando o pai morre. Afinal, queria que ele vivesse, mas Deus não atendeu ao seu pedido. Uma mulher solteira deseja se casar. Ela se ira contra o

verdadeiro Deus porque ele não lhe deu um marido. Um pai responsável pela educação domiciliar de um adolescente rebelde fica irado com Deus porque esperava que ele transformasse seu filho na pessoa que gostaria que fosse. Um homem se ira contra Deus porque um líder da igreja o molestou sexualmente quando era jovem. Nesses casos, a ira contra Deus consiste de um erro mais sutil. O objeto do desejo é bom: vida, casamento, filhos bem-sucedidos, pastores dignos de confiança. Contudo, esse desejo por algo bom é deturpado quando se torna mais importante do que todas as outras coisas. Algo positivo e desejável substitui Deus, o Doador verdadeiramente bom. Ele é reduzido a um meio para determinado fim.

O Senhor quer que repensemos tanto os desejos maus quanto os desejos bons que se deturparam. O Doador de boas dádivas dá misericórdia e sabedoria, seus tesouros mais excelentes. Quando nos dá misericórdia e sabedoria, quando nos dá Jesus Cristo, ele nos está dando de si mesmo. “Graças a Deus pelo seu dom inefável” (2Co 9.15).

A ira contra Deus pode ser bem razoável. Em 1979, conheci um senhor de 70 anos chamado Armen. Uma ira intensa contra Deus o havia atormentado desde a infância. Seu ódio feroz o estava levando à loucura e ao delírio. Ele era natural da Armênia e imigrara para os Estados Unidos ainda jovem. Durante a infância, Armen testemunhou o genocídio do seu povo. Ele se lembrava vividamente de sua mãe e outras mulheres orando fervorosamente na igreja, pedindo que Deus lhes poupasse a vida. De repente, porém, soldados turcos entraram no santuário e assassinaram aquelas mulheres. Deus deixou de proteger as pessoas justamente no momento em que elas estavam suplicando por proteção.

A ira cega e consumidora de Armen é uma reação humana compreensível? Sim. Ela é errada mesmo assim? Por mais dura que seja a verdade, é. Certamente não é errado implorar por proteção. Certamente não é errado ficar abalado, devastado e desolado diante de atrocidades. Certamente é correto alegrar-se por ter segurança. (Armen foi poupado porque um tio o tirou dali e fugiu com ele para as colinas.)

Deus nunca prometeu proteger-nos de toda violência. O próprio Jesus implorou: “Se possível, passe de mim este cálice”, diante da iminente tortura, violência e ira que teria de enfrentar. Porém, em seguida ele acrescentou a declaração de uma fé mais profunda: “Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. Depois disso, Jesus foi cruelmente assassinado. Muitos outros filhos de

Deus enfrentaram algo que Paulo descreveu de modo bem direto: “Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro” (Rm 8.36).

Nessas situações, Deus promete que, mesmo com o sacrifício da vida, a morte é incapaz de separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. Um propósito maior está sendo realizado por ele. Nós não teremos o céu na terra até que o céu venha a nós.

Inúmeras pessoas enfrentaram uma morte brutal amando o Deus cujo amor é maior do que a morte. O ressentimento que consumiu toda a vida de Armen baseava-se na insistência em algo que Deus nunca prometeu. Uma dor normal, devastadora (em que ainda há esperança) havia se transformado num ressentimento anormal, enlouquecedor (no qual não há mais esperança). Deus prometeu algo melhor do que aquilo que Armen exigia. Ele prometeu não menos, mas mais: a ressurreição dos mortos e a vida eterna. Armen nunca compreendeu a realidade de que nós temos uma herança imperecível, imaculada e indefectível.

A ira contra Deus é errada. (Falaremos sobre os “salmos de ira” logo mais à frente.) Ela abunda em desconfiança para com Deus. Ela adota mentiras sobre como é Deus e proclama-as obstinadamente por aí. Ela procura justificar um grande número de comportamentos autodestrutivos e pecaminosos. No entanto, a ira contra Deus também oferece uma oportunidade maravilhosa para crescimento pessoal profundo por meio do aconselhamento. Quando abordada da maneira correta, ela serve como uma estrada real para o distúrbio sombrio do coração humano. Como qualquer outro erro comum, ela deve ser enfrentada e reconhecida. Nós não sofremos tentação alguma que não seja comum a todos, mas Deus é misericordioso. Ele é fiel para nos ajudar a confessar. Ele é fiel para nos ajudar depois de confessarmos. Pela graça de Deus, aqueles que sentem ira contra ele descobrem (muitas vezes, pela primeira vez) quem ele realmente é e quem eles realmente são.

O Deus da Bíblia é um Deus adulto. A fé é infantil na franqueza da sua dependência. Ela não é infantil no sentido de ter temores supersticiosos ou amuletos mágicos para reconfortá-la. A fé adulta, porém como a de uma criança, é extremamente realista. Jó olhou seus sofrimentos nos olhos e disse: “temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” Depois de perder o marido e os filhos, Noemi disse: “grande amargura me tem dado o Todo-

Poderoso”. Após a devastação de todos os bens terrenos, Etã, o salmista, disse: “Até quando, Senhor? Esconder-te-ás para sempre? Arderá a tua ira como fogo? Lembra-te de como é breve a minha existência! Pois criarias em vão todos os filhos dos homens!”2

A incredulidade culpa a Deus pelas coisas ruins, amaldiçoa-o, afasta-se dele com raiva e põe-se a fabricar outros deuses que possam lhe conceder aquilo que deseja. A fé não tem medo de atribuir a Deus o controle tanto das coisas prazerosas quanto das coisas amargas que nos acontecem – e ela continua a buscar o socorro do Único que nos pode ajudar. Nos vinte primeiros versículos de Lamentações 3, Jeremias agoniza diante de sofrimentos cuja origem ele identifica como a própria mão de Deus.

Ele me levou e me fez andar em trevas e não na luz. […] Edificou contra mim e me cercou de veneno e de dor. […] ele não admite a minha oração. […] Desviou os meus caminhos e me fez em pedaços; deixou-me assolado. […] Fez-me quebrar com pedrinhas de areia os meus dentes […] esqueci-me do bem. (v. 2,5,8,11,16-17)

Essa é uma passagem dolorosa, na qual vemos o profeta tendo um vislumbre do sofrimento subsequente de Cristo. Contudo, Jeremias encontra profundo consolo:

Quero trazer à memória o que me pode dar esperança. As misericórdias do

Senhor

são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade. (Lm 3.21-23)

Isso é remédio de adulto. É isso o que cura sua alma.

Qual é a alternativa?

A alternativa da autoajuda não é boa para você. Vejamos rapidamente suas quatro doutrinas, que já mencionamos: a ira é “neutra”; Deus nos decepciona e trai nossa confiança; precisamos descarregar nossa ira contra Deus; precisamos perdoar Deus.

Em primeiro lugar, nós já abordamos extensivamente o fato de que a ira nunca é neutra. Ela nunca “simplesmente é”. Ela não é uma capacidade neutra – nem boa, nem má. Cada acesso de ira só pode ser certo ou errado (ou, então, misturado e confuso). Logo, o primeiro conselho ignora o dilema moral da ira contra Deus.

Em segundo lugar, será que Deus realmente nos decepciona quando sofremos? Sem dúvida, nós enfrentamos desilusões na vida. No entanto, teríamos muita dificuldade para encontrar uma única evidência de que Deus, de alguma maneira, nos trai. Ele diz o que faz e faz o que diz. Até que o céu venha a nós, este mundo será um lugar difícil para se viver. A fé cristã é explícita ao dizer que a fé não concede imunidade ao sofrimento.

Quando a Bíblia retrata e aborda o sofrimento, Deus sempre menciona as dificuldades que enfrentamos como parte dos seus propósitos maiores. Eles podem até não ser evidentes no momento, mas, em longo prazo, todas as lágrimas serão enxugadas, e nós viveremos num mundo repleto apenas de amor, alegria e paz. Enquanto isso, as pessoas podem nos decepcionar gravemente. Os abusadores traem nossa confiança de modo hediondo, e, se o inferno tiver gradações, as atrocidades que eles cometem merecem o mais profundo abismo. No entanto, isso é pensar apenas nos piores casos. Muitas pessoas sentem ira contra Deus porque sofreram dificuldades mais rotineiras: decepções amorosas, desastres financeiros, doenças com risco de morte ou a morte de um ente querido.

As aflições são difíceis. Os sofrimentos machucam. Entretanto, as pessoas que têm raiva de Deus geralmente sofrem o mesmo tipo de dor (e em grande parte desfrutam das mesmas bênçãos) que as pessoas que amam a Deus. Queixar-se dos sofrimentos (a Deus, tendo fé e esperança) é algo absolutamente justificado.

Mas Deus nunca prometeu livrar-nos das lágrimas, da tristeza, do choro e da dor – nem dos males que os causam – até o grande dia em que a vida e a alegria triunfarão para sempre sobre a morte e o sofrimento.

É curioso como pessoas que não creem no domínio soberano de Deus sobre todas as coisas tornam-se hipercalvinistas amarguradas quando se defrontam com sofrimentos, dizendo: “Deus poderia ter mudado as coisas para mim, mas não mudou. Ele tinha o poder, mas não o colocou em prática. É culpa dele”. Acreditar que Deus governa para a glória dele e para o nosso bem-estar é um alicerce inabalável para nossa confiança e esperança, tanto em meio a tormentos horríveis quanto em meio a dores e decepções mais brandas.

A doutrina de que Deus nos decepciona reforça nosso senso de justiça própria e valida todo e qualquer plano para conquistar alegria terrena. Essa congruência com nossa condição caída torna a ideia plausível e atraente. Porém, isso também significa que, por não identificar a pecaminosidade inerente à ira contra Deus, a autoajuda não pode oferecer esperança verdadeira aos desapontados, desiludidos e irados. O evangelho de um Salvador que carrega os pecados dos seus filhos amados e os livra da condenação, bem como da corrupção dos seus próprios pecados e da dor provocada pelos pecados alheios, não tem lógica para a pessoa que nada vê de errado nos seus sentimentos ruins.

Em terceiro lugar, você não precisa descarregar sua hostilidade em Deus para lidar com ela. Em vez disso, chame seu pecado e sua necessidade pelo nome. Afaste-se do erro. Busque misericórdia em Deus. É de grande proveito compreender as exigências, as falsas crenças e o senso de justiça própria que produzem e impulsionam nossa ira. Nenhum salmo incentiva a expressão da raiva como os livros de autoajuda fazem.

Nos salmos em que os autores supostamente “descarregam a ira”, como Salmos 44, o que está de fato sendo expresso é como a fé – a fé em quem Deus é e no que ele promete – clama ao ser justamente afligida. Não se trata de hostilidade, mas de um clamor ardente por socorro. Basicamente, o que os escritores estão dizendo é: “As coisas não estão indo bem. Na verdade, o que está acontecendo é terrível. Onde estão tuas promessas? Por que estás tão longe da nossa necessidade? Teus inimigos – que também são nossos inimigos – estão nos destruindo. Estamos clamando a ti em meio a desalento, dor, lamentação, perturbação, pesar e ressentimento. Ajuda-nos!” Em Salmos 44, os filhos de Corá estão realmente angustiados com as circunstâncias ruins em que se

encontram. Eles querem muito que Deus intervenha. Porém, o descontentamento deles é o descontentamento construtivo da fé, não uma fúria destrutiva. É um sentimento de necessidade, não de desdém. É esperançoso, não hostil. É fé sendo expressa, não orgulho e obstinação fazendo julgamentos. Os filhos de Corá almejam o bem-estar das pessoas que Deus prometeu amar, das pessoas que se entregaram aos seus cuidados.

Os salmos que revelam uma fé abalada expressam o desejo de que o nome, a bondade e o poder de Deus sejam publicamente demonstrados. Eles desejam que aquilo que está errado seja endireitado. Desejam que ele seja misericordioso conosco. O que a infelicidade – que, não obstante, é repleta de amor – e as lamentações – que, não obstante, são repletas de fé – desses salmos anseiam é que o Senhor, nossa única esperança, elimine o sofrimento que estamos enfrentando. A intensidade das queixas é um mero resultado da intensidade da fé. Elas não contêm maldade, imprecações, mentiras ou depreciações. Trata-se de um apelo por socorro, não de um juízo condenatório. Os salmistas ficam consternados porque sabem que Deus é bom e confiam nisso, porque amam a Deus e porque lutam para conciliar as promessas divinas com a aflição presente.3

Os salmistas aproximam-se de Deus com fé sincera porque necessitam dele e se sentem angustiados com as circunstâncias nas quais se encontram. As pessoas que têm raiva de Deus, por sua vez, empurram-no para longe. Elas não creem nele nem na sua ajuda. Os salmistas desejam a glória de Deus, desejam que o mal se vá, gemem e lamentam em sua fé. E, geralmente, as palavras dos salmistas também demonstram que eles estão conscientes de sua própria culpa e pecado – algo ignorado pelo ensinamento da autoajuda. Uma consciência complexa da nossa responsabilidade coexiste com uma aversão às más intenções daqueles que nos afligem. Quando a Bíblia nos ensina a expressar angústia a Deus, ela ensina um clamor de fé, não um bramido de fúria. A autoajuda não auxilia as pessoas atribuladas a apresentar suas queixas a um Deus que amam.

Por fim, a ideia de que precisamos “perdoar Deus” segue por uma direção completamente errada. O indivíduo que realmente trata o problema da ira contra Deus com arrependimento e fé deixa de ter esse sentimento. Ele sente imensa gratidão porque encontrou perdão, não porque concedeu perdão. Deus é bom. Ele nunca está no banco dos réus como acusado – mesmo quando a ira pecaminosa tenta colocá-lo nessa posição. Qual é a parte que perdoa para que um relacionamento de confiança entre um ser humano e Deus possa ser

reconstruído? Por acaso a misericórdia inicial vem do homem que se sente decepcionado e irado? Ou vem do Senhor, cujas misericórdias são generosas e perfeitamente apropriadas às nossas necessidades complexas?

Os livros de Salmos e Jó não embasam o ensinamento de que temos de perdoar a Deus. A redenção da "ira contra Deus" acontece quando aprendemos quanto precisamos dele, não quando descarregamos em Deus algo que precisamos tirar das costas. Jó, um homem piedoso de fé sincera, arrependeu-se do seu senso de justiça própria. Ele admitiu que errou ao ter culpado Deus e procurado justificar-se.

Aqueles que são sinceros com relação à sua ira contra Deus – e chegam à verdade sobre isso – seguem uma rota diferente daquela prescrita por fórmulas populares. O coração que crê e se arrepende não se contenta com uma trégua instável entre os sofrimentos passados e a disposição presente de tolerar algum tipo de relacionamento com o Deus que o decepcionou. O coração que crê encontra verdade, alegria, esperança e amor indizíveis. O coração que crê encontra Deus.

<< PERSONALIZANDO >>

1. Espero que este capítulo tenha suscitado algumas perguntas do tipo "Mas e quanto a ____?" E também acredito que as frases que lhe saltaram aos olhos, aquelas que você grifou e sobre as quais ponderou o transformarão quando forem finalmente assimiladas em seu coração.

O que mais chamou sua atenção?

2. Pouco depois que Jesus foi concebido, sua mãe, Maria, fez uma das orações de alegria mais memoráveis de todas. Lucas 1.46-55 registra o cântico:

Minha alma engrandece o Senhor,

e meu espírito se regozija em Deus, meu Salvador,

pois ele olhou para a humildade da sua serva.

Pois eis que, a partir de agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada

porque aquele que é poderoso fez grandes coisas por mim,

e santo é o seu nome.

E sua misericórdia é para aqueles que o temem

de geração em geração.

Ele mostrou força com seu braço;

dispersou os soberbos nos pensamentos do coração;

derrubou os poderosos dos seus tronos

e exaltou os humildes.

Encheu os famintos de coisas boas,

e os ricos, despediu-os de mãos vazias.

Ele ajudou seu servo Israel,

em memória de sua misericórdia,

conforme falou a nossos pais,

a Abraão e à sua descendência para sempre.

(Tradução do autor)

Há duas coisas que perpassam essas palavras vivas. Demore-se um pouco nessa oração para observá-las.

Primeira:

Sublinhe todas as palavras e expressões na oração de Maria que exprimam humildade, necessidade, fraqueza e pequenez, fontes de alegria e gratidão. A jovem expressa tudo o que é oposto à ira.

De que maneira ela expõe o orgulho, o cerne da ira contra Deus?

Como ela expressa humildade?

De que modo sua postura de humildade produz alegria?

Segunda:

Sublinhe todas as palavras e expressões que demonstram o entendimento que Maria tinha de quem Deus é e do que ele faz.

De que maneira o Senhor se associa aos humildes? Como ele rompe com os arrogantes?

Nota

* Essa expressão foi empregada originalmente por Freud para definir a religião. (N. do T.)

Palavra final

Percorremos um longo caminho. Ao longo destas páginas, abordamos a ira de muitos ângulos diferentes. Analisamos a ira boa, a ira ruim, a ira boa que se deturpa e a ira ruim que passa a ser boa.

É possível que você tenha se surpreendido com alguns pontos ao longo do caminho. Talvez esperasse que eu dissesse que a ira é ruim e, então, oferecesse métodos para se livrar dela. Porém, em vez disso eu disse que a ira pode ser boa e ofereci alguns métodos para transformá-la. Talvez você esperasse que eu dissesse que a ira não é boa nem ruim; que apenas é. Porém, em vez disso eu disse que a ira é sempre ou boa ou ruim (ou uma mistura das duas) e mostrei como diferenciar os dois tipos. Talvez você esperasse que eu dissesse que a ira é boa e mostrasse como ela é capaz de lhe dar poder. Porém, em vez disso eu disse que a ira costuma ser ruim e ensinei-o a fazer um cálculo moral mais sincero. Ao longo do processo, espero que você tenha encontrado uma visão coerente – fiel à sua vida, fiel à dinâmica da natureza humana e digna de ser aplicada.

Talvez você tenha se surpreendido com o fato de termos falado tanto sobre o bem e o mal, a imagem de Deus, o pecado contra Deus, a ira de Deus e as misericórdias de Deus em Cristo. Talvez você não esperasse que questões tão rotineiras quanto a ira e o gerenciamento da ira estivessem tão ligadas a temas que costumam ser reservados para a teologia – como se estes não fizessem parte do seu dia a dia. Mas eles fazem. Essas realidades são aquilo que você vive. Você não conseguirá acertar a questão da ira enquanto não se acertar com o Deus vivo.

Talvez você tenha ficado surpreso com o que aprendeu sobre si mesmo. Espero que sim. Se você respondeu as perguntas de aplicação pessoal, usou seu marca-texto e refletiu sobre as perguntas MEQA, provavelmente agora vê o mundo sob uma luz um pouco diferente do que quando começou a leitura deste livro. Eu posso dizer que vejo o mundo sob uma luz diferente do que quando comecei a escrever.

Então, o que resta a ser dito?

Há uma “palavra final” sobre a ira. Trata-se de algo a respeito do qual vale muito a pena falar, mas que é difícil expressar em palavras. Espero que eu consiga fazer jus. Você não encontrará isso em livros de autoajuda ou em aulas de psicologia. Salvo pela óbvia relevância das experiências humanas e pelas boas intenções de fazer com que a vida flua um pouco melhor, muito pouco do que você leu aqui pode ser visto nesses outros contextos. Esta palavra final aparece de modo bem evidente no Bom Livro, ainda que seja difícil compreendê-la. Este capítulo é importante. Ele aprimorará seu entendimento da ira. Para dizer a verdade, ele aprimorará sua experiência com a ira.

A palavra final é que a ira está caminhando para determinada direção. Chegará o dia em que ela será aperfeiçoada, e, por fim, totalmente consumida pela alegria.

Ao longo destes capítulos, nos detivemos nos momentos de ira. Vimos as muitas coisas que provocam nosso descontentamento. Vimos diversas maneiras pelas quais as pessoas expressam ira. Exploramos as causas, isto é, as motivações boas e más do coração humano. Observamos o que faz a diferença decisiva no meio do problema. Várias vezes mergulhamos na profundidade das experiências humanas. No entanto, o significado definitivo da ira não pode ser encontrado no calor do momento. A ira está caminhando para algum lugar. Haverá um clímax, e, então, tudo acabará.

Por quê? A existência da ira depende da existência do mal. Onde existe o mal, existe ira – tanto a ira má quanto a ira que se opõe ao mal. Onde não existe o mal, não existe ira – nenhuma possibilidade de ira. Permita-me repetir: onde não existe o mal, não existe ira. Onde e quando há amor, alegria e paz, não há razões para irar-se. É possível que você já tenha vivenciado um pouco disso – por exemplo, nos momentos mais especiais do seu melhor relacionamento ou no dia mais divertido da melhor viagem que você já fez. Essas coisas nos fazem ansiar pelo dia em que não haverá mais ira. O tipo errado de ira não mais existirá. A necessidade de ira justa contra o mal não mais existirá.

Este é um capítulo sobre o futuro da ira, quando ela chegará ao seu auge e, então, será finalmente consumida. Iremos considerar essas duas partes desse momento final.

Você participará da ira de Deus

Quando a ira é pura, ela é determinada a lidar com o mal. Como isso acontece na prática? Não comece tentando imaginar uma emoção específica a ser sentida ou não. Não imagine uma postura específica a ser assumida. É praticamente impossível isolar as associações negativas que fazemos a expressões individuais de animosidade. Em vez disso, comece imaginando a tarefa que precisa ser realizada por um grande grupo de pessoas que trabalham em conjunto para eliminar um grave mal. Qual seria essa importante tarefa?

Deus está comprometido a destruir o mal e transformar seu povo à imagem de Jesus.

Considere a dinâmica disso. Esse é o tema de Romanos, a carta apostólica mais abrangente de todas. O capítulo 12 é um ponto crucial. Depois de entender as misericórdias de Deus em Cristo, nós nos voltamos para as implicações transformadoras dessas misericórdias gratuitas. Deus está comprometido a destruir o mal em nós. Tanto eu quanto você estamos num processo de aprendizado que dura a vida inteira a respeito da "vontade de Deus", a respeito de como nos tornar bons (v. 1-2). Cada um de nós evidencia essa transformação no papel específico que desempenhamos no corpo vivo de Jesus Cristo na terra (v. 3-8). Depois de nos situar nesse contexto maior, os três capítulos seguintes detalham a maneira como a bondade se faz real (12.9–15.13). O primeiro versículo declara a ideia central: "O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem". Você deve amar. Você deve odiar. Você deve ser bom. Devemos ter um propósito elevado com Jesus como nosso modelo, o caráter do próprio Deus. O amor de Jesus é imaculado. Ele abomina completamente o que é errado e está colado ao que é certo.

Paulo retoma esse ponto central mais para o fim da epístola: "sejais sábios para o bem e símplices para o mal" (16.19). Nós já conhecemos muito bem a corrupção e a insensatez. Agora, aos poucos estamos aprendendo a pureza e a sabedoria. Sabemos que, quando Jesus morreu por mim e por você, ele estava voluntariamente morrendo por inimigos (5.6-10). Eu e você estamos aprendendo a odiar o mal – um processo vitalício, com muitos deslizes ainda pela frente. No entanto, esse processo estará completo quando virmos sua face. O descontentamento, a ira e o ódio, nossas piores características, estão sendo purificados e ganhando sabedoria. No fim, seremos bons com a bondade de Deus. Imagine isso. Salmos 126.1-2 capta um pouco dessa experiência:

“Quando o

Senhor

restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha. Então, a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de júbilo”.

Imagine isso.

Vejamos agora o que isso significa para a tarefa que nos define. O processo de transformação não termina quando nos tornamos aptos a viver com Deus e uns com os outros. Não se trata de um projeto glorificado de autoaperfeiçoamento moral. Deus está comprometido a destruir o mal em todo lugar. Ele odeia o mal. Transformar aqueles que ele escolheu amar é um dos aspectos, mas, em última análise, ele está determinado a destruir a raiz do mal. “E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás” (Rm 16.20). Você está se tornando apto para participar da boa ira do Deus que é inteiramente bom.

Ficamos quase sem palavras para descrever algo tão bom. Precisamos de uma definição bastante criteriosa, como procuramos fazer nos casos de questões importantes, de vida ou morte. Definir como você deve “odiar o que é mau” é tão capcioso quanto definir como você deve “amar o que é bom”. Por exemplo, qual seria um amor verdadeiro? O amor por algum tipo especial de doce? A paixão enlouquecedora que sentimos quando estamos “apaixonados”? A atração erótica, ainda que imoral? A generosidade abnegada que busca e leva em consideração o verdadeiro bem-estar do outro? Esses são quatro tipos diferentes de amor. A mesma palavra funciona em contextos que vão do tipo mais puro de bondade até um mal bem comum, passando por diversas coisas entre esses dois extremos.

O mesmo acontece com palavras que descrevem a ira, o descontentamento e o ódio. A maioria das palavras relacionadas à ira é carregada de conotações negativas. Quando eu digo que você participará da ira de Deus, é difícil raciocinar do modo correto. Porém, imagine algo sublime e nobre. Imagine o dia da alforria depois de um longo período de escravidão. Imagine uma honra suprema e um triunfo jubiloso. Imagine algo absolutamente bom há muito

aguardado. É isso o que a ira de Deus produzirá. O mal será erradicado para sempre. Todas as causas de dor cessarão. Não haverá mais mentiras. Todas as lágrimas serão enxugadas. Um dos trechos mais notáveis de O senhor dos anéis é quando Sam pergunta: “Tudo o que é triste deixará de existir?” A resposta é sim.

A palavra mais precisa para definir ira imaculada é indignação. Indignação significa um descontentamento intenso e altruísta pelo que é errado. Acrescente a isso os significados positivos de ira: trazer justiça, verdade e liberdade às pessoas oprimidas por injustiça, falsidade e escravidão. Então, imagine um descontentamento profundo, determinado, duradouro, intenso e altruísta com o que é mau. Imagine um descontentamento que realiza tudo o que mais precisa ser feito em favor dos oprimidos. Imagine a ira de Deus. Em seu processo de transformação à imagem de Deus, chegará um dia em que você sentirá tal descontentamento profundo, determinado, duradouro, intenso e altruísta pelo mal que agirá de acordo com esse sentimento.

Está além da nossa capacidade imaginar como será exatamente “o grande dia da ira de Deus” – dies irae. Este será também o grande dia da salvação. “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9).

Isso é bom. Completamente bom. Mas o que exatamente significa que nós participaremos desse dia de libertação, eu não sei dizer. Até lá, devemos odiar o mal e amar nossos inimigos. Não sabemos quais inimigos podem se tornar amigos próximos. Afinal de contas, Cristo nos amou enquanto éramos seus inimigos. Até que esse dia chegue, a porta da vida está aberta para todos os que quiserem entrar.

A ira de Deus será consumida

E o Dia chegará. A Bíblia nos apresenta imagens vívidas e metáforas, evocando um senso de importância e comoção. Porém, ela não nos dá visões antecipadas dele. Não nos é dado conhecer os detalhes. Mesmo assim, é inequívoco o fato de que Deus opera na História de modo a destruir o mal. As pragas do Egito – répteis, epidemias, insetos, eventos climáticos catastróficos, o anjo da morte – expressaram a indignação de Deus em tempo real contra os tiranos, em razão das

suas políticas genocidas e escravagistas. Deus ouviu seu povo aflito clamando por misericórdia e agiu para libertá-lo: a ira de Deus.

Os exércitos de Israel foram agentes da indignação divina contra a degradante idolatria cananeia, que incluía até mesmo o sacrifício infantil. (No entanto, houve cananeus que entraram pela porta da salvação, incluindo Raabe, que faz parte da linhagem de Jesus.) Os exércitos babilônicos foram agentes da indignação divina contra Israel pela sua insolência, pelo seu desvio e pela sua injustiça. (Porém, Deus nunca desistiu das suas promessas para a linhagem de Abraão, Isaque e Jacó.) Às vezes, a Bíblia nem mesmo menciona as causas secundárias que serviram como agentes da indignação do Senhor. Ela simplesmente declara: "Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer. […] Isso, porém, que fazia [Onã], era mau perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer" (Gn 38.7-10).

Na mente de muitas pessoas, "Deus" não é capaz de sentir ira justa. Para elas, Deus é uma palavra de quatro letras para uma energia vaga e incorpórea, que tudo aceita, sem um único traço de ira. Mas não são essas mesmas pessoas que abominam a crueldade da pedofilia? Elas não odeiam os terroristas que assassinam inocentes? Não ficam enfurecidas quando um motorista bêbado, com diversos antecedentes criminais, colide frontalmente com um carro, matando os pais e deixando duas crianças órfãs? Essas pessoas não ficam transtornadas quando seu cônjuge e seu melhor amigo as traem, cometendo adultério? Ora, será que o poder maior em que acreditam não se importa com o mal da mesma maneira que elas se importam?

O Deus verdadeiro fez-nos para si. Ele sustenta nosso fôlego. Ele detesta os abusadores cruéis e os assassinos imprudentes. Ele detesta os deuses que as pessoas criam para satisfazer seus próprios caprichos. Ele nos fez para si, para que o amemos completamente. Portanto, arde em "ciúmes" – amor e ira em perfeita união – diante das nossas traições e imoralidades. Ele se indigna contra o mal. Ele veio em carne e sangue para amar o bem, odiar o mal, morrer pelos malfeitores e chamar todos ao arrependimento e à vida. Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo. Ele perdoa liberalmente a todos os que buscam misericórdia e age de maneira decisiva contra o mal. Se você o ama, junte-se a essa causa profunda, determinada, duradoura, intensa e altruísta.

Muitas vezes, na boa literatura ou nos filmes – e ocasionalmente no palco da própria História – nós somos atraídos pelo conflito entre o bem o mal. Essas

histórias mexem conosco (muito embora as relações humanas cotidianas e a maior parte da História da humanidade nos deem bons motivos para o pessimismo). As pessoas amam Os miseráveis, Guerra nas estrelas e O senhor dos anéis. Amamos qualquer aventura épica em que o bem vence o mal apesar de todas as dificuldades, em que o mal é destruído no fim apesar de parecer triunfante no início.

Obviamente, a experiência da vida real é mais complicada. Ainda assim, alguns episódios da História podem nos atrair para essa dinâmica. Quase todos os conflitos são casos moralmente ambíguos, mas algumas situações são menos confusas do que outras. Pode-se dizer que a Segunda Guerra Mundial é um estudo de caso bem definido. É positivo o fato de que vários povos se uniram para realizar a tarefa de destruir Hitler e o nazismo. As nações se aliaram porque odiavam o mal que as ameaçava. Depois dos grandes sofrimentos e tantas mortes, o dia da vitória na Inglaterra e nos Estados Unidos foi um dos mais festivos que o mundo já testemunhou.

Para compreender a ira justa, comece pensando na tarefa que precisa ser realizada. Todo ser humano está envolvido na Grande Guerra entre o bem e o mal. O resultado é vida ou morte. A destruição das trevas representa alegria pura. Imagine esse espírito, essa causa elevada que traz liberdade aos oprimidos e destruição aos opressores. A tarefa de indignação não é, em primeiro lugar, uma emoção. Na Segunda Guerra Mundial, o nazismo precisava ser destruído. Podemos dizer que a 101ª Divisão Aerotransportada, a Marinha Real Britânica, o 4º Exército Britânico e a Força Aérea Real (RAF) participaram da “ira de Churchill e Roosevelt”. Isso não foi definido por sentimentos de animosidade pessoal, mas pela seriedade do compromisso deles de extirpar o mal.

Na vida cotidiana, lidamos continuamente com a realidade de que todos os seres humanos são moralmente ambíguos. Aqueles que costumam fazer o bem têm, não obstante, imperfeições e contradições morais. Todos temos pés de barro. E aqueles que costumam fazer o mal têm, em seu favor, qualidades redentoras, boas intenções e circunstâncias atenuantes. Não somos tão maus quanto poderíamos ser. Naturalmente, isso é congruente com as Escrituras. Todos os principais personagens bíblicos nos desapontam: Abraão, Moisés, Davi, Pedro e outros. E, muitas vezes, aqueles que se encontravam fora da aliança nos surpreendem: Rute, Naamã, os ninivitas, a mulher samaritana no poço e assim por diante. Há apenas dois casos puros nas Escrituras: Jesus e Satanás.

No entanto, ao longo do caminho os homens finalmente ora tendem para o bem, ora tendem para o mal. E, do ponto de vista de Deus, o lado que tomarem será determinante e decisivo. C. S. Lewis, no seu famoso artigo “O peso da glória”, capta o que acontece quando todo o amálgama é, por fim, esclarecido. Toda a bondade presente nas pessoas essencialmente más deixa de existir quando a graça comum de Deus é removida. E toda a maldade presente nas pessoas essencialmente boas deixa de existir quando o pecado é eliminado.

Coisa séria é viver numa sociedade com possíveis deuses e deusas, isto é, lembrar-se de que a pessoa mais monótona e desinteressante em seu caminho pode, um dia, ser uma criatura que você se sentiria fortemente tentado a adorar caso encontrasse hoje ou um horror e uma corrupção que atualmente só existem – se é que existem – nos seus piores pesadelos. Durante todo o dia, nós estamos ajudando, em determinado grau, uns aos outros a alcançar um desses destinos. […] Não existem pessoas comuns. Você nunca conversou com um mero mortal. […] São imortais aqueles com quem brincamos, trabalhamos e nos casamos, bem como aqueles que desprezamos e exploramos – eles são horrores imortais ou esplendores eternos.1

Em outras palavras, algumas pessoas estão sendo purificadas: as trevas persistentes, contraditórias à sua fé essencial, serão finalmente dissipadas. Outras pessoas, por sua vez, estão sendo impurificadas: o dom da luz, que contradiz o seu egoísmo essencial, será finalmente retirado.

Você está sendo refeito à imagem de Deus? Sua ira é algo que você lamenta, porque vê como suas irritações e seus ressentimentos são, tantas vezes, desenfreados e egocêntricos? Com razão, a ira é um dos sete pecados capitais e um dos pecados escolhidos para figurar na lista dos Dez Mandamentos. Isso tem importância para você? Caso esteja lutando contra sentimentos ingovernáveis de ira, mas já tenha encontrado a misericórdia de Deus, saiba que, algum dia, eles serão puros e radiantes.

A ira de Deus contra o mal deve ser abertamente expressa porque faz parte da tarefa de endireitar tudo o que está errado. Esse tema está em todo o livro de Salmos. Até mesmo os salmos mais ternos de refúgio e segurança contêm

promessas da ira de Deus contra seus inimigos. Por quê? Porque você só estará a salvo quando o mal for destruído. Se estiver sendo transformado à imagem de Deus, você se unirá a essa batalha para livrar o mundo do mal e participará da ira de Deus. Se não estiver sendo transformado à imagem dele, você é um inimigo e enfrentará sua ira.

Se, no fundo do seu coração, você disser: “não se faça a minha vontade, e sim a tua”, então, para seu deleite eterno, a obstinação contraditória que o domina será finalmente destruída. A humildade triunfará, e sua ira será purificada de toda a maldade, mesquinhez e amargura. Mas se, no fundo do seu coração, você disser: “faça-se a minha vontade”, então, para sua desgraça eterna, sua obstinação finalmente sairá de controle. Você passará a ser seus próprios orgulhos, ódios e maldades.

Veja como C. S. Lewis descreve esse fator decisivo:

No fim, a Face que causa o deleite ou o terror do universo se voltará para cada um de nós, ora com uma expressão, ora com a outra, conferindo glória inexprimível ou infligindo desonra sem possibilidade de cura ou disfarce. Li, outro dia, num periódico, que o mais importante é o modo como pensamos sobre Deus. Pelo próprio Deus, de modo algum! O modo como Deus pensa a nosso respeito é não apenas mais importante, como infinitamente mais importante. De fato, o modo como pensamos sobre ele não tem importância alguma, salvo no que isso interfere no modo como ele pensa a nosso respeito.2

Há muito em jogo. Vida ou morte, liberdade ou escravidão, bem ou mal, a glória de Deus ou nossa vaidade e vanglória. Desse ponto de vista, se Deus deseja incluir-nos na sua causa, nossa participação na sua ira faz total sentido.

Ainda assim, nós achamos a ira confusa, não é mesmo? Nossa experiência é muito ambígua e marcada por um viés mesquinho e egoísta. No entanto, há mais um princípio que acredito ser útil para esclarecer as coisas. Quanto mais trivial a batalha, mais estranha parece ser a ideia de participar da ira de Deus. Quando o problema é simplesmente eu contra meu competidor, eu contra pessoas das quais não gosto, a noção da ira de Deus parece ser ofensiva. Todavia, quanto mais relevante a batalha, quanto mais está em jogo, mais sentido faz participar da

indignação ativa de Deus. Estamos do lado dele ou não. Por natureza, não estamos. É a misericórdia que nos faz mudar de lado. Estamos falando sobre como Deus nos coloca do seu lado, não sobre como nós o convidamos para unir-se a causas que recebem nossa simpatia e inflamam nossas paixões. As complexidades das nossas motivações mistas serão finalmente resolvidas. Podemos nos unir a ele no seu processo de concluir o que começou.

Salmos 149 é o penúltimo por uma razão. Ao longo de cinco versículos, entoamos as seguintes palavras com alegria, contentamento e louvor: “Porque o Senhor se agrada do seu povo e de salvação adorna os humildes” (v. 4). Depois, há outra cena. Os últimos quatro versículos alistam-nos como participantes do julgamento do mundo, descrevendo essa posição como uma honra: “Estejam os altos louvores de Deus na sua boca, e uma espada de dois gumes na sua mão, para executar a vingança contra as nações e punir os povos” (v. 6-7, tradução do autor). Seremos, então, verdadeiramente bons e irados.

É significativo o fato de que o livro de Salmos deixa para revelar somente no fim, de forma sucinta, essa honra peculiar. Não seríamos capazes de lidar com ela antes. Precisamos dos outros 148 salmos para discipular nosso coração segundo as realidades da Palavra de Deus: o caráter do Senhor Deus, o lugar das Escrituras, a impiedade e a piedade, a misericórdia e a justiça, a necessidade e a alegria, o pecado e o sofrimento, a vida e a morte, a redenção e a luta, o caminho e o destino, o Messias. Assim, finalmente, Salmos 149 faz sentido.

Consumido pela alegria

E, por fim, há mais um salmo:

Aleluia!

Louvai a Deus no seu santuário;

louvai-o no firmamento, obra do seu poder.

Louvai-o pelos seus poderosos feitos;

louvai-o consoante a sua muita grandeza.

Louvai-o ao som da trombeta;

louvai-o com saltério e com harpa.

Louvai-o com adufes e danças;

louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas.

Louvai-o com címbalos sonoros;

louvai-o com címbalos retumbantes.

Todo ser que respira louve ao

Senhor

.

Aleluia!

Aqui, em Salmos 150, não há mais conflitos: “[...] se consumou a cólera de Deus” (Ap 15.1). Portanto, Salmos 150 é pura alegria.

E a alegria pura é eterna.

Notas

Capítulo 1

1. SARTRE, Jean-Paul. “No exit.” In: No exit and three other plays. Estados Unidos: Vintage, 1989, p. 45.

Capítulo 6

1. Selecionei itens particularmente relevantes à ira da lista de Marcos 7.21-22.

Capítulo 7

1. CROSSMAN, Samuel. “My song is love unknown.” In: Trinity hymnal, revised edition. Suwanee, GA: Great Commission, 1990, hino 182.

Capítulo 8

1. GOODWIN, Doris Kearns. Team of rivals: The political genius of Abraham Lincoln. Nova York: Simon & Schuster, 2005, p. 679-680.

2. História e citações de: CHURCHILL, Winston. The grand alliance. Boston: Houghton-Mifflin, 1950, p. 457s.

3. Ibid.

4. Para o incidente com o próprio Stalin, consulte: CHURCHILL, Winston. The hinge of fate. Boston: Houghton-Mifflin, 1950, p. 486-487.

Capítulo 10

1. WARFIELD, B. B. “The emotional life of our Lord.” In: The person and work of Christ. Filadélfia: Presbyterian & Reformed, 1950, p. 107.

2. A eliminação do pecado é uma obra que será concluída quando Jesus retornar no dia de alegria e no dia de vida, morte e ira. Veja, por exemplo, Filipenses 1.6; 1Tessalonicenses 5.23; 1João 3.2.

3. Considere Salmos 3, 5, 7, 9 e 10.

Capítulo 11

1. LUTHER, Martin. “Defense and explanation of all the articles.” Segundo artigo, tradução de Lazareth, citado em: BRAME, Grace. Receptive prayer. Chalice Press, 1985, p. 119.

Capítulo 12

1. TOPLADY, Augustus. “Rock of ages, cleft for me.” In: Trinity Hymnal, revised edition. Suwanee, GA: Great Commission, 1990, hino 499, 500.

2. MACDONALD, George. The Marquis’ secret. Mineápolis, MN: Bethany House, 1982, p. 58.

3. Sou grato a Andrée Seu por essa citação.

4. Sou grato a Bob DeMoss por essa citação e pela metáfora no parágrafo precedente.

Capítulo 13

1. Essa estrutura básica de oito perguntas aplica-se a outros problemas além da ira. As perguntas resumem o padrão básico para uma verdadeira compreensão de si mesmo e de como a mudança acontece. Elas podem ser adaptadas, por exemplo, para episódios de ansiedade ou para o uso da bebida e da televisão como maneiras de escape da realidade, entre outras coisas.

2. Caso queira estudar mais sobre o assunto, há muitos exemplos disso na Bíblia. Considere Salmos 73.3-12; Jeremias 50.11; Habacuque 1.15; Lucas 6.24-26; 16.19,25; Apocalipse 11.10.

3. Um verso do hino de Samuel Crossman, “My song is love unknown” (1664).

Capítulo 14

1. Para uma discussão mais completa, consulte meu minilivro: Recovering from child abuse. Greensboro, NC: New Growth Press, 2008.

2. Ibid.

Capítulo 17

1. DYLAN, Bob. “When You gonna wake up.” Slow train coming. Nova York:

Special Rider Music, 1979.

2. Jó 2.10; Rute 1.20; Salmos 89.46-47.

3. Além dos Salmos, Habacuque faz o mesmo com muita intensidade.

Palavra final

1. LEWIS, C. S. The weight of glory and other addresses. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1949, p. 14s.

2. Ibid., p. 10.